

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

WILSON FADUL
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória da saúde pública no Brasil

Entrevistado – Wilson Fadul (WF)

Entrevistados - Cristina M. Oliveira Fonseca (CF) e Anna Beatriz Almeida (AB)

Data - 20/11/1996, 22/11/1996, 26/11/1996, 12/12/1996

Local – Sem informação

Duração – 10h33min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

FADUL, Wilson. *Wilson Fadul. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória da saúde pública no Brasil*, 1996. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 149p.

Data: 20/11/1996

Fita 1 - Lado A

(Obs: A fita não apresenta nada gravado nos primeiros 7 minutos, mas as informações serão recuperadas adiante.)

WF - ... e conhecimentos. E ali ganhávamos experiência, ganhávamos (?) etc e tal. Então todo mundo se empenhava profundamente nisso. E desperta na gente um certo interesse pela cultura de um modo geral. De um modo geral. E... e nessa ocasião aconteceu um fato comigo interessante. Eu tinha... eu... garoto ainda, não tinha sido interno ainda, quando a minha avó – pessoa muito prática, (loira?), bonita inclusive, a minha avó ela recebeu um irmão em casa, Galdino o nome dele. E... ficou aquele alvoroço ali em casa... arrumar as coisas pro Galdino. Quando chegou ao Rio, o Galdino era preto e era irmão da minha avó, né? Pretinho. Aí eu fiquei estranhando, até que dois dias depois as coisas se definiram com o Galdino, era ele irmão da minha mãe por parte do meu bisavô. Era um fato que os grandes fazendeiros daquela época tinham propriedades grandes e... que não havia muita segurança. Eles tinham um convívio com as escravas muito grande, né? E o meu tataravô tinha comprado uma escrava na Bahia que era cozinheira da fazenda, e contratou um capataz português que era loiro, chamava-se José Florêncio. José Florêncio esse capataz. E o Zé Florêncio teve com essa cozinheira uma filha que deu o nome de Flora, que era uma mulata muito bonita. E o meu bisavô que tinha recém casado com a minha bisavó – a minha bisavó era nascida em Arrozal e o meu bisavô estudava medicina em São Paulo, então (???) – na passagem aqui pelo Arrozal, ele se hospedava na casa de conhecidos e ia até parentes. Ele acabou não terminando o curso de medicina e se casando com 17, 18 anos, com essa moça, Amélia Pinto Duarte. E veio a ser, ela parente do último governador do Estado do Rio antes da Revolução de 30. Ele foi deposto na revolução de 30. Chamava-se Manoel Duarte. Ele era parente da minha bisavó. Eu não sei o grau de parentesco qual foi. O fato é que o meu bisavô, ao mesmo tempo em que tinha filhos com a minha bisavó, com a vovó Amélia, tinha filhos com a Flora também. Ele chegou a ter uns 8 filhos com a Flora. E um desses filhos era o Galdino que era preto. Mas ele tinha outros filhos loiros com a Flora. Uma das quais (barulho) morreu recentemente, há uns 3 ou 4 anos e... veio a se casar com um parente do Arthur da Távola. (risos) Ela... chamava-se Raul Monteiro de Barros. Porque o Arthur da Távola se chama Monteiro de Barros. É a Margarida, que era casada com o Arthur(?) Monteiro de Barros. E era uma loira de olhos azuis. Filha da escrava com o meu bisavô também.

CF - Interessante.

WF - É, é. Isso aí me fez assim inclusive muito descrente dessa coisa de raça, compreende? A raça pra mim é o gênero humano. Não quero saber se tem cor preta ou branca ou amarela. Tanto faz. Acho que isso influenciou muito na minha formação como... homem aberto a todas as... as, fora de todas as convenções. Não sou homem de convenções.

AB - Mas isso é uma marca da cultura brasileira, né?

WF - É. Muito posteriormente a gente sabe disso. Mas é engraçado porque a in...

AB - É, porque o sr. viveu isso, né?

WF - ...a influência que exerceu sobre a minha maneira de ver o mundo, né? Porque o casamento passa a ter aspectos diferentes, compreendeu? Ele deixa de ser uma instituição sacramental pra ser alguma coisa socialmente penetrável, em torno da qual você pode discutir, raciocinar, etc. Não é um sacramento (propriamente dito?). O casamento não tem a importância pra mim que tem para as outras pessoas. Nunca teve, mesmo no tempo em que era uma coisa difícil de ser explicada, né? Bom, eu fiz o meu curso lá no Colégio (?), terminei...

AB - Só o sr. ou sua irmã também? Quantos irmãos?...

WF - A minha irmã não. A minha irmã...

AB - O sr. só teve uma irmã.

WF - É, só tive uma irmã. A minha irmã ela estudou pra professora em Barra do Piraí com as outras primas. Meu tio tinha uma fazenda (???), mora (até hoje?) lá. E ela estudou pra professora como era comum, as moças estudavam pra professora. Uma moça médica, advogada, engenheira, era uma coisa difícil naquela época, na altura de (1930?). Não era uma muito fácil. (risos) (ruído na gravação) Então, aí eu fiz o meu exame de admissão para o Colégio Leopoldina. Que era onde vivia a família da minha mãe e etc. Toda aquela região até o ... aquela... toda a Zona da Mata. Por isso mesmo que eu fiz todo o meu curso ginásial em Leopoldina. Que era um ginásio com muito boas referências. É... o curso era um curso diferente do atual porque, além das matemáticas, das ciências exatas, você estudava latim também, o português concordava a etimologia e... você estudava com mais afinco (um pouco?). Havia um pouco de preparo. Eu não era um..., eu era muito vivo, mas não era uma pessoa muito chegada aos estudos, né? Porque levantar às 5 da manhã, sentar numa mesa até às 8 horas da noite, com duas horas que intervalo durante o dia, era um negócio complicado.

CF - Pra uma criança que tem muitos outros interesses, né? (risos)

WF - É. (Eu não gostei disso não?). Então eu gostava de fazer outras coisas e por isso era muito castigado, preso, não saía aos domingos, aquelas coisas assim. E gostava de experimentar também. Fumava e essas coisas assim. Naquele tempo era... E ainda continua sendo. Naquele tempo a gente tinha uma atração especial por essas coisas. Bom, terminei o meu curso e acontece que ... durante o meu curso foi justamente... coincide a minha entrada no ginásio com a Revolução de 30. E a Revolução de 30 estabelece um novo (rumo?), a nova reforma no ensino. A reforma do Chico Campos, que introduziu 2 anos complementares. Era o curso primário, 5 anos de ginásio e 2 anos complementares que correspondia àquilo que seria um intervalo entre o curso ginásial e a universidade. Antigamente terminava o ginásial você fazia o seu exame pra universidade, tá certo? Mas o Chico Campos criou o curso complementar. O curso complementar só durou 2 anos. Ele foi abolido. Mas foi, talvez, a melhor coisa que eu fiz na vida. Porque era um curso extremamente bem feito. Inclusive porque os professores meus eram professores da faculdade. A começar pelo Carlos Chagas, no curso complementar. E... eram todos desse tipo. O professor de química da faculdade era o professor de química da... era... era muito exigente, muito exigente.

CF - Mas esse curso complementar era dado onde? Em algum órgão do governo?

WF - Era dado ali no... Era do governo.

CF - Era do governo.

WF - (O curso?). Ele era dado ali na Praia Vermelha. Mas num daqueles colégios perto da Escola de Química. Eu não sei se ainda existe. Porque ali havia um hospício, que hoje é a reitoria da universidade, depois havia a Escola de Química ou de Agricultura, não sei. E numa dessas escolas era dado o curso universitário. Então a gente entrava às 7 e meia da manhã, saía ao meio-dia e depois tinha aula na Santa Casa de Misericórdia porque havia uma parte de... de... microscopia e etc que era feita na própria faculdade, mas ali nos laboratórios da... do Instituto Anatômico que eram na Santa Casa da Misericórdia, na rua Santa Luzia. (???)

CF - Eu não tô entendendo uma coisa, dr. Fadul. Isso foi antes do sr. entrar pra faculdade.

WF - É, antes de eu entrar pra faculdade. Eu entrei logo...

CF - Mas o sr. já dava... o sr. já tinha algumas disciplinas ligadas à Faculdade de Medicina...

WF - Eu já tinha escolhido medicina porque se você fosse fazer direito você fazia um outro tipo de curso complementar.

CF - Ah, sim! ... Ah, tá! Entendi.

WF - Havia um curso complementar pras ciências médicas, por exemplo, outro pras ciências (jurídicas?). Eu fazia o de ciências médicas. E por isso, engraçado, eu fazia desenho, eu fazia sociologia. Fazia... química, física, história natural e... E era uma física pesada, porque era a mesma física que se dava na faculdade, para os alunos da faculdade.

CF - O sr. teve que fazer algum concurso pro sr. entrar nesse curso complementar, não?

WF - Não, não. Eu saí com o meu diploma de que terminei o curso ginásial e entrei no curso complementar.

CF - Automaticamente entrava na opção...

WF - É, exatamente, todo mundo entrava. E foram só 2 anos. Terminei, quando eu terminei o 2º ano complementar, que fui fazer o vestibular, ...

CF - Acabou.

WF - ...se extinguiu o curso complementar. Não sei porquê, porque era um curso extremamente importante. Ele era o cursinho que se faz hoje, mas 10 mil vezes melhor. Mais sério, mais responsável, com um professorado altamente capacitado que eram os catedráticos da própria Faculdade de Medicina, compreendeu?

CF - Isso foi em que ano, 32?

WF - 38. Isso foi em 38, né? Foi o ano de 38 e 39. 40 já...

CF - Então era a época do Capanema.

WF - É.

CF - Capanema é que era o ministro.

WF - Capanema era o ministro de Educação.

CF - ...Educação.

WF - Capanema era o ministro de Educação. E, terminado o curso complementar eu fiz o vestibular, em 40, pra Faculdade Fluminense. Aí meu pai morava em Macaé, Estado do Rio. Era fazendeiro lá em Macaé, não é? Nós... meu pai já tinha comprado uma outra fazenda aqui no Estado do Rio, que era uma fazenda famosa, fazenda Bela Aliança.

CF - Bela Aliança?

WF - É, uma fazenda que foi do conde (?). Desliga um pouquinho que eu vou te mostrar uma coisa. (pausa na gravação) O que me impressionou muito nessa fazenda é que a parte debaixo nós nunca ocupamos, a parte debaixo. Mas, havia lá umas malas com correspondência do Império, do imperador. Porque o imperador freqüentava essa fazenda. E na sala de jantar tinha – era uma sala muito grande – e todo o mobiliário dela é francês. As poltronas, as cortinas eram francesas. Tudo era francês. No nosso tempo. Toda a prataria era francesa, tudo. E havia a mesa onde o imperador fazia as refeições, cercada por uma corrente de bronze. E a cama da Princesa Isabel, que era uma cama... numa das esquinas da fazenda, assim... dessa parte você olha de frente assim, a ponta à direita ou à esquerda de quem olha, era o quarto da Princesa Isabel e tinha a cama dela com um dossel de seda..., palha – me lembro muito bem – palha e tal, por cima da cama assim dela... nós ocupávamos 2 ou 3 quartos numa fazenda que tinha 18 ou 24. (??) . E tinha um jardim interno, que ela era construída em torno do jardim, a casa.

CF - Que maravilha!

WF - Isso foi uma época. Mas em 32, a revolução de 32, foi praticamente nos terrenos da fazenda, o quartel-general (??). O meu pai era estrangeiro e tal. Também houve umas brigas, umas coisas, pessoais. E acabou vendendo a fazenda, aí se mudou dali pra Macaé e eu fui fazer então, o meu vestibular na Faculdade Fluminense de Medicina... E fiz o meu curso lá.

CF - Agora, só uma coisa, dr. Fadul. Por que... quando o sr. optou pela medicina? Por que o sr. escolheu medicina?

WF - Olhe, é uma das coisas que eu estava outro dia meditando sobre isso. E eu acho... – pondo de lado toda essa questão de modéstia, essas coisas que não têm nada a ver – que eu tinha uma tendência muito grande para abstração, tá? Eu era muito bom em matemática, digamos assim, que é uma ciência abstrata por excelência. E, era capaz de voar naquilo, não tinha nenhum problema de me apegar. A gravidade não tinha muita importância na minha vida (ri). E eu tinha uma tendência a me abstrair das coisas práticas e... a minha profissão devia ser a de advogado. Honestamente, a minha vocação seria essa. Pra qualquer psicólogo, seria isso. Mas acontece que pra contrariar isso, e eu pensei nisso na ocasião, eu preciso botar o pé no chão. E botar o pé no chão significa estudar alguma coisa de material, onde eu puser... isto é, alguma coisa em que a realidade seja muito mais chocante do que apenas esse... esse pairar sobre coisas indecisas ou sem contorno, compreende? E resolvi estudar medicina por essa razão. Bom...

CF - O sr. tinha algum parente médico? O sr. falou que o seu bisavô..., né, tinha come...

WF - O meu bisavô tinha estudado medicina, largou pra se casar.

CF - Além dele tinha mais al...?

WF - Mas nós tínhamos uma família que eram pessoas... Havia no Brasil, no fim do século passado, um senhor... um botânico ilustre, alemão, chamava-se Gustavo (Pekol?). Não sei se vocês ouviram falar nele. Gustavo Pekol tinha 2 filhos. Um era o Waldemar Pekol, que era médico... muito amigo, tinha uma fazenda vizinha da fazenda onde eu nasci. E ele ia muito lá em casa com a senhora dele e tal, e ele fazia muitas festas quando ia lá. Ele era cirurgião otorrino, qualquer coisa assim. E ele era compadre do meu tio. Então havia, dr. Pekol era uma espécie de deus lá na família: "Ah, dr. Pekol! Chegou dr. Pekol!" Teve uma influência, pode ter tido uma influência. E depois eu conheci um irmão dele que era do Instituto Oswaldo Cruz. Chamava-se Oswaldo Pekol, era clínico. Tava lá na Oswaldo Cruz. Ele era do Instituto Bromatológico Brasileiro, que havia esse Instituto, né? E ao mesmo tempo ele trabalhava no Instituto Oswaldo Cruz também. Não era uma pessoa de renome. Era um homem trabalhador, mas não era uma pessoa de renome. As minhas ligações com a medicina eram essas. Mas eu decidi isso, eu acho, é... fugindo um pouco à tradição, vamos dizer assim, é... do bacharelismo brasileiro. Que não se aprofunda muito nas coisas. Sempre... meio delirante, meio poeta, sempre foi um pouco disso. E eu então, acho que decidi por uma profissão que me ativesse mais às coisas materiais. Coisas reais que, de certa maneira, agridem um pouco mais a inteligência das pessoas. No caso a medicina, ela tá vinculada com a presença da morte, da doença, essas coisas assim. Talvez isso tenha tido uma influência grande na minha... Então eu escolhi medicina. E resolvi fazer um bom curso de medicina. E eu fiz um bom curso de medicina.

AB - Só um instantinho. Antes de, o sr. teve uma experiência com esse curso complementar com professores e tal, ligados à Faculdade...

WF - Exatamente.

AB - ...Nacional de Medicina. Em momento nenhum o sr. pensou em fazer na Faculdade Nacional, ou o sr. optou pela Universidade Federal...?

WF - Eu optei pela... por causa da família, né? Era mais fácil pra mim morar em Niterói e tal, minha família morando em Macaé, do que aqui no Rio de Janeiro. Era mais complicado, a vida aqui era... eu tinha tido uma septicemia, naquela época era um negócio fatal.

CF - Seríssimo.

WF - Por acaso um médico que me atendeu, que era amigo da minha família, (ruído) me deu umas amostras de protozil, que foi a primeira sulfa sintetizada na Alemanha. Eu tomava uma injeção, urinava vermelho, da cor dessa coca-cola. E ele me fez umas injeções de protozil e o quadro de septicêmico se desfez. Eu sobrevivi por causa disso. Engraçado, eu nem... já tava me lembrando desse episódio.

AB - E isso o sr. tava fazendo o curso de Aplicação.

WF - Complementar. É, complementar. Bom, mas, nesse complementar eu gostei da química sobretudo, né? A química me atraiu muito. Porque a química era... era uma coisa muito... você manipulava e ela tinha os cálculos, os números. As dosagens não eram feitas por computadores, eram feitas por cálculo matemático, né? E isso exigia muito da inteligência das pessoas e o

interesse das pessoas. E eu gostava de fazer isso. (??)... Não fui um apaixonado assim pela profissão, mas resolvi fazer bem feito a minha profissão. E como na medicina ou você faz bem feito ou não vai ser nunca médico, eu fiz o meu curso praticamente na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Porque desde de o 1º ano eu entrei pra enfermaria do professor Pedro Moura que é dessa 2ª enfermaria da Santa Casa.

AB - Pedro...?

WF - Pedro Maria de Moura. Pedro Maria de Moura era sobrinho do marechal Botafogo. O homem que prendeu... o marechal Hermes da Fonseca em 1922. É o mais antigo... ministro da Guerra era civil. E o Epiácio Pessoa mandou prender o marechal. (??) Então, (??) que era o ministro da Guerra, mandou chamar o marechal Botafogo e mandou prender por (?) o ... (risos) o ... marechal Hermes da Fonseca. E essa é a origem do Movimento de 5 de julho de 22, no Forte Copacabana. O filho do marechal Hermes da Fonseca, comandava o Forte Copacabana. Já havia uma (intenção?) militar de representar a classe média do Rio de Janeiro nessa época. Porque como o (??), o governo... é o representante da classe dominante e governa em função dela. Esse é um fato, não adianta discutir. Eram homens sérios. Não trabalhavam pessoalmente, mas trabalhavam em função da classe. Todos eram cafeicultores. (ruído) Desde o presidente da República até o delegado de polícia do município. Eram fazendeiros de café, também o delegado de polícia. Então, ocorreu que quando o café se desvalorizava no exterior, o governo pra não descapitalizar o fazendeiro, desvalorizava os mil réis, compreendeu? (risos) E com menos dólar ou menos libra, ele fazia a mesma quantidade de mil réis aqui e não descapitalizava o fazendeiro. E isso encarecia as importações. E o Brasil não produzia nada. Eu me lembro que eu usava zefir, todos eles da mesma fazenda. Camisa de zefir, tecido ordinário francês, que a gente comprava na loja.

CF - Tudo era importado.

WF - Tudo era importado. (Alimentos?), de certa maneira mais sofisticado, (azeites?), isso e aquilo. Roupas e porcelanas e móveis. Tudo era importado. E... isso encarecia as importações e a classe média que tava nascendo nas cidades, tava se formando. Sobretudo no Rio de Janeiro, passaram a reclamar contra isto. E essas reclamações foram expressas pelo Movimento Tenentista. O 1º deles aconteceu no 5 de julho de 22, tendo como pretexto, e aí a história esconde os fatos de certa maneira. É muito comum que a história esconda os fatos, né? O que realmente levou ao descontentamento da classe média foi essa política de proteção ao cafeicultor. Que era a classe dirigente, a classe dominante, a classe doná do poder. Que o usineiro de Pernambuco já tava falido há muitos anos, desde que Maurício de Nassau saiu do Brasil, (risos) em 1. 600 e... (??). O fazendeiro ainda não, tava ainda no apogeu da sua... tava começando a sua decadência. Então o Movimento Tenentista não foi porque, por causa da prisão do Hermes, mas a prisão do Hermes foi um pretexto pra desencadear o primeiro 5 de julho e o segundo 5 de julho de 24 foi em São Paulo e a Revolução de 30 logo em seguida que aconteceu e pôs abaixo todo o sistema no meio da crise de (29 e tal?).

CF - Mas aí vamos voltar à Santa Casa. O sr. tava falando da...

WF - Aí... Exatamente. O Pedro Maria de Moura era o chefe dessa 2ª Enfermaria. Era um homem que se formou aqui no Brasil e foi pra Europa e andou pela França. Não gostou da medicina francesa. Disse que não encontrou lá na medicina francesa nada que o impressionasse e ele então foi estudar na Alemanha. E estudou justamente com o professor (??). Fernando (?). Que era o médico de Hitler. Foi depois o médico de Hitler. E ele passou por Viena onde se

especializou com o professor Victor (Blum?). O professor Victor Blum era um grande nefrologista austríaco, com o qual ele fez o curso. E contava algumas anedotas interessantes, entre elas uma que... o Victor Blum fazia um teste de função renal através... é... o teste da água. Tomava tantos litros de água, eliminava tantos e pelo cálculo se sabia se o rim estava funcionando bem ou mal. E já se estava introduzindo aí os testes de (fenoftaleína?). Você injetava fenoftaleína e através da endoscopia você separava as urinas e via qual era o rim que eliminava primeiro a fenoftaleína que era colorida, né? E então o Moura perguntou a ele: “Professor, por que é que o sr. não usa o teste da fenoftaleína?” (ri) Diz que o professor Blum disse pra ele assim: “Ah! Vê-se logo que você é do Brasil! Terra de café, gente rica. Aqui nós somos pobres fazemos assim.” (risos). É interessante esse troço... (interrupção da fita)

Fita 1 - Lado B

WF - ... um homem extremamente correto. Não era brilhante, mas era um profissional muito competente e era aquilo que nós chamávamos de um “pé de boi”. Quando ele chegava na enfermaria... ele já tinha uma enfermaria, ele era livre-docente de Clínica Propedêutica Cirúrgica da Faculdade. E... chegava às 7 horas, ele tinha os internos dele, os internos operavam na enfermaria dele. Por isso que eu procurei a enfermaria dele. Era a única enfermaria da Casa onde o aluno operava. Eu tinha 6 leitos, tomava conta daqueles 6 leitos. O que me aproximou realmente da medicina foi a Santa Casa da Misericórdia. Não foi a faculdade, não foi nada disso.

CF - Em que período da faculdade o sr. tava quando o sr. foi pra lá?

WF - Foi no 1º ano.

CF - Ah, já no 1º ano!

WF - Entrei na faculdade e entrei na Santa Casa. E eu saía de Niterói às 5 horas da manhã porque eu não podia chegar depois das 7 horas. E só podia faltar 3 vezes por ano, na enfermaria. Não tinha carnaval, não tinha velório. 3 vezes por ano! Perdia o lugar se não fizesse isso. Então eu freqüentava assiduamente. E... e o Moura chegava todo o dia, era desses professores responsáveis – que muitos não iam lá, muitos, donos de enfermarias não iam à Santa Casa. O Moura ia à Santa Casa e aí dava a aula em cima do doente. Ele não admitia que um doente tivesse entrado à tarde na Santa Casa e no dia seguinte de manhã não tivesse com, pelo menos sido examinado. Quando chegava: “Tem um doente novo ali.” Então se reunia em torno daquele leito e ele ali perguntava pra um interno daquele, responsável por aquele leito, é...: “De que se trata o caso aqui?” E o ...: “Ah, doutor! Eu cheguei ontem à noite e não sei o quê...” E aí ele dizia assim: “Mas isso não se faz e tal...!” E dava logo uma lição enorme sobre ética médica, sobre comportamento. “Como é que um doente chega à enfermaria às 4 da tarde e no dia seguinte o sr. não sabe, não atendeu o doente, não fez um exame. Não tem se quer uma idéia do que o doente tem!” Ele dava logo uma lição de ética na pessoa. E dali nós partíamos pra examinar o problema. Havia ali na enfermaria dele uma coisa que me estimulou a estudar muita anatomia e muita cirurgia (?). Eu era um fanático pela França. Pela cultura francesa e tal. E então, eu fui pra enfermaria dele onde todo mundo era do lado da Alemanha. Porque ele tinha sido da Formação Integralista Brasileira, ele foi membro da Câmara dos 40, o professor Moura, e eu era o comunista ali da... da enfermaria. (risos) O único! Porque tinha coragem de falar (ri) porque eu sempre fui muito, já disse a você, indisciplinado, né? Era indisciplinado, eu não gostava de muitas regras, de muito constrangimento. Eu emitia minha opinião a favor dos

aliados e todo mundo ali era: “O Hitler tinha ganho... que isso não são favas contadas...” Aquela coisa toda. Eu digo: “Não vai ganhar coisa nenhuma, por isso e por aquilo...” (ri) Aquela discussão era... E o pessoal fazia uma carga contra mim, né? E o Moura (??) “Eu vou perder meu emprego aqui nessa enfermaria.” (ri) Então, resolvi estudar. Então eu lia um (textinho?) ... eram (5 volumes?) deste grosso, e a gente estudava anatomia, mas estudava num textinho pequeno e aquela letra grande, as pequenas a gente não lia. Mas eu não, passei a estudar as letras pequenas, tudo... Eu chegava na hora lá, ele fazia pergunta: “É isso assim, assim... Por quê?” Ninguém sabia. É lógico! Nem era necessário saber, né, porque aí era um curso exagerado. E aí eu sabia. Eu sabia porque a varicocele é do lado esquerdo e não do lado direito, porque a artéria... artéria (?) desemboca no lado, em linha reta, desemboca em favor da corrente sanguínea. Eu sabia de todos os detalhes, né! E chegava a minha vez, eu...! E o Moura foi se interessando por mim até que ele me deu o comando do ambulatório dele. E foi uma surpresa geral pro pessoal eu dirigir o ambulatório do professor Moura.

CF - E isso é ainda no 1º ano, ainda...? No início, já tava...

WF - Não. Já no 4º ano, já tinha sofrido bastante...

CF - Então o sr. ficou usando todo...

WF - ... fiz até me formar.

CF - Todos os anos.

WF - Só saí de lá depois de formado. E...

CF - E sempre na enfermaria dele.

WF - É. E aí eu tinha um projeto realmente maior, era dentro da profissão. Tinha projeto da (livre-docência?), de ser professor e tal. E que eu não consegui realizar por uma série de razões. Mas eu... então eu aprendi muito com o Moura. Ele realmente me fez um médico razoavelmente bom, capaz de usar o meu diploma em qualquer circunstância. Além disso, eu... havia no Rio de Janeiro um concurso famoso aqui, que era o da... no Pronto Socorro do Rio de Janeiro, de Assistência Pública do Rio de Janeiro. Que era o Hospital Souza Aguiar, o Getúlio Vargas... Assistência Pública no antigo Distrito Federal. E... e era um concurso muito difícil. Assim umas 60 vagas. 600 alunos pra 60 vagas, 50 vagas. E eu fiz esse concurso, não sei se em 44 ou 45... Tem a nomeação aí. Eu nem contei esse tempo de serviço na minha vida. Eu passei nesse concurso. Eu fiz e passei. Por sorte. Porque realmente eu não tava preparado pra fazer esse concurso, porque ele envolvia obstetrícia que eu não tinha feito, porque eu fiz no 4º ano esse concurso. Ele envolvia clínica médica que eu não era uma pessoa muito dada a detalhes. Tive bons professores de clínica médica. E... Mas o curso médico era muito exigente. Você fazia um curso muito bem feito porque... me permitiu passar nesse concurso, com aqueles conhecimentos que eu tinha, da enfermaria do Moura que era de permanente debate sobre saúde e tal... a gente acabava aprendendo muita coisa. E o Moura sempre dando estímulo às pessoas, eu acabei passando nesse concurso. E então, foi aí no Pronto Socorro que eu me preparei realmente pro problema do cotidiano também. Era a medicina de urgência, essas coisas assim. (Fala baixo) Medicina no campo da clínica, clínica no campo da cirurgia, (???)

CF - Aí o sr. foi trabalhar aonde, em que hospital?

WF - Aí eu fui designado pro Getúlio Vargas. Tavam construindo a Avenida Brasil nesse tempo. Não tinha a Avenida Brasil. Passava pela Avenida dos Democratas, que é ali atrás da Fiocruz. É. E lá...

CF - Em que ano foi isso?

WF - 45, 46.

CF - É, porque a Avenida Brasil é do tempo do Dutra, né? Eu acho que deve ter sido em 46.

WF - 46. 45, 46. Tavam terminando. 45, 46. O Getúlio começou aquilo e o Dutra tava terminando. E o Getúlio Vargas era um hospital novo, mas os médicos não eram bem preparados. A minha equipe tinha um médico que já faleceu, (??). Era nordestino, chamava-se (Renaut?). O outro era filho de um português aí (?), (Praça?). Da Silva Praça. Um deles tinha muito interesse em medicina e eu então, no meu plantão fazia tudo. Quer dizer, eu que operava, eu (?), eu fazia tudo. Inclusive aconteceu um fato engraçado, porque eu nunca tinha feito um parto e no meu primeiro plantão eu fui chamado pra atender um parto. Vinha escrito na papeleta: “Parto.” Vinha a ambulância, parava na porta e eu aí peguei a ambulância com enfermeiro e cheguei lá era um parto. Era um dia que o Prestes tava fazendo o primeiro comício do Partido Comunista no estádio do Vasco da Gama. (Tava dando pelo rádio?) (risos) (?). 45, eu acho. Aí eu fui fazer o parto e quando eu cheguei lá, o enfermeiro, com 20 anos de prática, ficou gozando o acadêmico, um inexperiente e tal. E a gente sempre fica um pouco preocupado porque lidar com a vida humana é sempre uma preocupação muito grande. Aí... cheguei lá, tinha nascido uma criança, a mulher tava no chão... Uma miséria total! Uma casa sem móveis, a mulher no chão. Tinha nascido uma criança e a placenta não tinha sido expulsa ainda. O enfermeiro se encostou no portal e eu já estava preparado pra completar o parto quando eu vejo um pé – veja você – (ri) havia uma outra criança.

CF - Era gêmeo...

WF - Era um parto gemelar. Sendo que o 2º vinha de cabeça derradeira. Que é sempre um problema sério porque se você não extrai a criança, a criança morre por asfixia, né? E eu sabia de cor, só de cor, eu sabia teoricamente a manobra pra descolar a cabeça da criança, que é a manobra de (Maurissaut?). Que eu nunca tinha feito, (ri) nem nunca visto fazer! Aí eu peguei e fiz a manobra de Maurissaut. Consiste em você introduzir esse dedo na (boca?) da criança, puxar a cabeça pra baixo, pra criança oferecer em menor diâmetro num maior diâmetro da mulher, que é a maneira de fazer (a rotação?). Medicina tem uma lógica, não é? Então não tem negócio de milagre. Aí eu tentei... E aí você encravava a criança aqui nos seus braços, introduz o dedo, puxa a (boca?) da criança, quando a cabeça dela tira completamente, você joga as pernas pra cima da barriga da mãe e aí descola a criança. Aí eu tentei fazer isso e na primeira vez e não consegui, e a criança deu uma respirada, (fala baixo) (aquela respiração de ??), uma coisa... (??). Aí eu fiz uma segunda vez e aí descolei a criança. Foi uma vitória total, eu fiquei muito satisfeito...

CF - Maravilha.

WF - ...com o parto. Foi minha primeira experiência, assim como você vai lidar com a vida, em um minuto você pode deixar morrer a pessoa. E o mínimo de preparo que eu tinha era teórico. Mas havia aquela experiência toda da enfermagem de lidar com a morte pra lá e pra cá, pra sobreviver. Então não tinha aquelas piedades. O negócio era com firmeza. Tem que puxar

firme! Porque senão a criança não... perde a cabeça mesmo. Tem que ser enérgico. O médico “choramingas” é sempre um mau médico, você sabe disso? Ele não pode ser um homem muito sensível. Quer dizer, muito cheio de dedos, porque ele acaba matando o doente por excesso de cuidados. Ele não pode fazer isso. Ele tem que ter firmeza nas suas coisas. A frase “médico choramingas é sempre um mau médico” é de um médico... norueguês, eu acho. Mas, ficou na minha cabeça porque esse episódio...

AB - Uma referência.

WF - ...se eu tivesse pena da criança, eu não tinha salvo a criança. Essa é que a verdade. Bom, aí voltei pra lá... e operava dia e noite. Eu tinha muito cuidado com as mãos de garotos porque estourava muita bomba na mão de criança. E os médicos, porque aquilo dá um trabalho muito grande ou porque desconhecem completamente a anatomia da mão, não sabem que a mão tem uma irrigação muito grande. A mão tem duas redes de irrigação: uma mais superficial e outra mais profunda. Com a vantagem que a artéria cubital ela se junta à artéria radial na mão. Ela faz um (???). Se você sangra uma artéria dessas ela sangra dos dois lados. Não sangra de um lado só. Então há uma irrigação tão grande na mão que você pode aproveitar sempre a mão da pessoa, não deve nunca amputar uma mão por causa de um problema. É um negócio trabalhoso e tal, você... a pele recupera bem porque ela é muito bem vascularizada, muito bem nutrida a pele. Então o meu cuidado era quando acontecia com um garoto desses, eu fazer isso. Ficava 4 horas em cima de um garoto costurando a mão e o médico dizia assim: “Não! Tem que amputar a mão do garoto!” ...

CF - Ai, que terrível!

WF - E eu ficava ali trabalhando naquele troço, horas seguida, por causa da enfermaria do Moura. Porque se não fosse essa minha vivência na enfermaria, eu ia amputar.

CF - O sr. não tava habilitado.

WF - Eu ia pela boca do médico. Mandava amputar, amputava. Ficava aquele negócio terrível. Dedo, mão, essas coisas. Isso é uma coisa fundamental na experiência humana, né? A mão e o cérebro trabalham de certa maneira harmonicamente.

CF - Quer dizer, essa experiência na enfermaria do dr. Moura foi, lhe deu segurança, até pra assumir essas..., né?

WF - Bom, quando terminei o curso, né, no final depois de muitas peripécias, um dia num domingo assim, já estávamos no fim da guerra. A guerra já tava resolvida. Todo mundo andava meio acabrunhado e eu muito eufórico. (risos) É, porque tinha acabado. Eu já tinha sido presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade. Foi. Resolvi! Também eu tinha essa, um lado...

CF - Uma veia política já, né?

WF - ... inclusive o meu lado assim um pouco, né, sei lá... Não sei como dizer.

CF - Como é que foi? Conta um pouquinho isso pra gente, dr. Fadul. Como é que foi essa...

WF - É, tavam lá as coisas... o diretório era um pouco assim, desinteressado das coisas da

faculdade e eu fui e levantei um movimento lá entre os colegas pra gente botar o diretório pra funcionar, pra organizar melhor, exigir melhor certas disposições de custo que facilitassem o aprendizado e tal. Aproximasse mais os colegas dos outros. E aí então, resolvemos que eu seria candidato a presidente. Mas aí apareceu um Arthur Dalmácio que – era da minha turma... não, de uma outra turma posterior a minha, um ano depois – queria também ser candidato. Depois foi ser prefeito de Teresópolis, (???). E chegou na hora ali eu achei que ia perder a eleição, tava difícil. Quando chega um rapaz de Mato Grosso. Até hoje meu compadre, né, até hoje meu compadre. Ele chega lá e aí ele ia votar no Arthur Dalmácio. Aí eu chamei ele num canto e conversei com ele (5 minutos?): “O que é que você espera desse Arthur?” “Não, o meu sonho é fazer uma revista médica, não sei que, pá, pá, pá...” Eu falei: “Então vamos fazer a revista quando eu for eleito. Fazemos a revista.” Ele... (ri) Ele foi então me deu esse voto por causa disso. E eu ganhei por um voto essa eleição.

CF - É mesmo?! (ri)

WF - Isso teve influência na minha ida pro Mato Grosso, vejam só.

CF - Quem é, como é o nome dele?

WF - Arthur Ávila Filho, o nome dele. Ele é fazendeiro hoje. O homem tá bem, é fazendeiro. Votou em mim e eu fiz a revista. Saíram 3 números da revista. Revista Médico-Odontológica. Eu não sei se tenho alguma delas aí. Mas saiu essa revista. Ele fazia odontologia e votava no diretório. E esse voto foi fundamental pra mim porque eu ganhei por um voto. Ia perder por um voto. E daí eu fundei a União Fluminense de Estudantes. Reuni o diretório da faculdade de Engenharia, de Veterinária, Direito, é... Nós não nos elegemos ao mesmo tempo. Eu me elegi na Faculdade de Medicina e o dr. (Cigmaringa?) Seixas, cujo filho é deputado... foi deputado federal recentemente, até agora... ele foi candidato a senador agora... (???) O pai dele então candidatou-se... candidatou-se pra presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito e derrotou o Roberto Silveira...

CF - Ahhh! Ser governador do estado. (ri)

WF - ...que veio a ser governador do estado. Nós derrotamos ele porque o Roberto trabalhava com o Amaral Peixoto. Nós éramos da oposição de esquerda, embora não fôssemos do Partido Comunista, nós éramos contra a ditadura. E o Robertinho trabalhava lá no porão do palácio, um negócio de... comunicação, não sei quê. Propaganda. Alguma coisa de propaganda e tal. Derrotamos o Robertinho e elegemos o Sidney... aquele que foi da Indústria Automobilística...

CF - Não sei quem é não.

WF - É. Fui no Diretório de Economia. E o irmão dele Diretório de Veterinária e tal... E aí fundamos a União Fluminense de Estudantes, que veio a ter uma grande... é... participação naquele movimento do Brasil na guerra. Fizemos vários comícios, fizemos campanha no interior do país para... que o Brasil entrasse em guerra porque nós sabíamos que a guerra iria levar à redemocratização do país, que nós éramos contra a ditadura, a ditadura do Getúlio. E isso... foi um aspecto engraçado porque já tava fazendo política mesmo nessa fase, né? (ri). E aí, o Getúlio...

CF - Já. Pois é. Em que período foi isso, dr. Fadul?

WF - Isso foi em 1942, 43 e 44, que eu fui presidente do Diretório Acadêmico, fundei a União Fluminense dos Estudantes. Fui presidente da União Fluminense dos Estudantes, aí elegi o Sigmaringa presidente e aí depois me reelegi de novo presidente da União Fluminense dos Estudantes. Até há pouco tempo tinha um recibo aí, fazia tudo lá, na União Fluminense dos Estudantes. E com isso nós participamos da UNE também, né, das mesmas lutas e aí... houve um episódio engraçado. Que... que... Tô contando as minhas memórias fica (?) um fato muito engraçado, sabe, que revela o que era o negócio do Tenentismo. Porque o João Alberto foi o ministro da (?) econômica e nós fazíamos uma campanha muito grande contra o governo, né? Então o primeiro convite que eu recebi foi do general (?), comanda a artilharia (contra?), Grupamento Leste que se chamava. A sede era lá em Niterói. O meu colega... um colega muito chegado a mim, lá de Macaé, aqui do Rio de Janeiro de Macaé, foi servir no Q.G. do general (?). E como ele era muito chegado a mim, o general (?) falou: “O que é que esses garotos querem, tão perturbando os (...)?” (ri) Aí ele falou: “Ah, porque isso, porque aquilo...” Aí o general (?) então: “Ah, pede pra esse seu amigo vir aqui.” E eu fui. Cheguei lá tive uma conversa muito estranha com o general (?). Disse pra mim: “Por que é que o sr. tá nessa situação toda. (pra entrar na guerra?)?” Eu digo: “Olha, porque eu não me permito esconder o que eu penso a respeito disso. Eu acho que nós estamos em busca da liberdade.” Foi uma coisa assim que eu falei. Ele... “O regime não nos agrada por esse aspecto, sem entrar em outras considerações. Sabia que era pela (tortura?), pela propaganda e também um pouco daquela boataria toda de que havia desonestidade e tal e não era verdade. Em grande parte não havia porque ele era um homem extremamente correto, extremamente sério. Eu estou acabando de ler o diário dele de 1400 páginas, tá anotado que ele era um homem extremamente sério. E sempre foi tido como um homem sério. Mas, de qualquer maneira, politicamente, era indesejável o sistema. Aí o (?) foi e virou-se pra mim e disse assim: “O sr. conhece um ditado do Rio Grande que diz que a gente não deve mudar de cavalo quando atravessa o banhado?” Eu fui e disse pra ele: “O sr. quer dizer com isto que depois da guerra há um compromisso de mudar o regime?” Ele foi, olhou pra mim, sorriu e tal, e me despediu. (risos) Mas fiquei com aquela impressão de que já havia um intuito de afastar o sistema logo depois que a guerra fosse vitoriosa, até porque, seria intolerável que, vitorioso na Europa, o movimento não tivesse repercussão no Brasil, não é?

CF - Claro. Lógico.

WF - Isso a gente tinha uma noção muito exata e o resultado da campanha da guerra em 42. (???). Essa (?) em 42. Esses episódios assim que mostram como por trás da ditadura do Getúlio tava todo um aparato militar. (???) Eu acho que a ditadura viria com o Getúlio ou sem o Getúlio. De certa maneira ela foi um pouco aquilo que o Golbery, que se considera um general (?), porque ele era (?) aí. O Brasil (???), quer dizer, a Federação é... tinha uma tal força em detrimento do poder central que põe em risco a unidade central, imagina isso. E até, há muita lógica nesse (?), ponha em risco a unidade nacional. Quando o estado é mais poderoso que o poder central, acontece o que aconteceu nos Estados Unidos no século passado, é... a tendência é a fragmentação da Federação. Então havia uma exigência de restringir poder nos estados em benefício da União. Havia a exigência de uma sístole em vez de uma diástole, isso que o Golbery quis dizer, naturalmente, né? Foi isso que a gente entendeu da (declaração?). E (???) medicina... Aí o João Alberto nos convidou pra conhecer o Brasil Central, fomos eu, o Joel Silveira... Tinha... tinha... (E1 fala algo) não tinha ainda. Depois ele foi cobrir a guerra na Europa, né, Joel Silveira. É... um outro rapaz de Sergipe que era secretário-geral da UNE, (Heraldo?) Leme. E nós fomos e tal e eu fui bater lá no Brasil Central. Lá no Rio das Mortes, isso em 1942.

CF - Nossa mãe!

WF - E aí é que eu vi que em Brasília era um negócio diferente porque aqui no Rio você olha aqui e a nossa vista é de repente cortada pelo morro, né? Você não tem visão de distância. Você chega lá naquele descampado assim, você olha e perde, o horizonte é de perder de vista. Então é um mundo inteiramente diferente desse. (???). O João Alberto era um tenente da Revolução de 30, corajoso... Diz o Getúlio que ele era extremamente inteligente embora pouco culto, no diário dele. Mas ele era realmente um sujeito muito interessante. Ele comandou um destacamento na Coluna Prestes. Ele era um dos comandantes do destacamento. Ele protegia um dos flancos da Coluna. Então tinha aquele grupo de oficiais, de soldados, de sargentos... o pessoal todo tava com ele ali, né? Porque a Coluna tinha um (? maior?) central, que era o Prestes e tinha 4 destacamentos, que protegiam os flancos, a vanguarda e a retaguarda. Agora, não dava combate, a não ser quando precisava de munição, essas coisas e tal. A gente conhece bem a história disso. E o João Alberto comandava um desses destacamentos. O Getúlio, quando pegou o Prestes aqui, desencadeou aquela campanha contra o tenentismo, ele... ele... falta... Os tenentes se demitiram, né, na Revolução de 30, né? Que era o elemento, vamos dizer, revolucionário da revolução de 30, era o tenente. Ele se dividiu e foi fácil a gente separá-los. O Prestes ficou pra um lado, o Eduardo Gomes com o Juarez ficou pra outro, ficaram pra outro. E o João Alberto ficou ali no meio sabe? Ele lidava com o Getúlio sem quebrar suas ligações com os outros revolucionários de 30. E por isso o Getúlio fazia vista grossa, no que o João Alberto, na proteção que o João Alberto dava aos seus companheiros. Ele pegava o sujeito que tava ameaçado de prisão e levava pra Goiás. (risos) Negócio do Brasil Central, aquela coisa de... é... mexer marcha pra oeste, era com o João Alberto aquele troço. E o sogro do João Alberto ainda tem uma fazenda (nas Cutias?) na Coluna, que ainda tem fazenda e acabou tendo uma fazenda em (Baús?), lá nas cabeceiras do rio Araguaia, onde ele fez um colégio de criança, de garoto abandonado, sabe?

CF - Ah, é?!

WF - É. O João Alberto é uma pessoa estranha. E eu fui levar numa ocasião, comida pra esses garotos já no fim... de 48, 47. Eu peguei um avião em Campo Grande pra levar alimento pra esses guris e fui conhecer a fazenda que o João Alberto instalou (?) lá. Chama-se (Baús?). Baús é na cabeceira do rio... do rio que desemboca logo acima de Três Lagoas. É num planalto, nasce o rio Araguaia pra um lado e nasce esse rio, que eu acho que é Sucuru, pro lado de cá. Aí o ... eu cheguei numa cidade lá em Goiás com um grupo, tava esse menino, o Joel – eu estive falando com o Joel sobre isso – e de repente fomos recebidos ao hino da Internacional Comunista. (risos) Isso em 42! Uma coisa impressionante. Internacional Comunista, aquela cantoria toda... E eu olhei aquilo: “Mas isso é uma loucura, né?”

CF - Quem era?

WF - Era o pessoal que o João Alberto levava pra lá. Comunista. (risos) Então fizeram (sovietes?). O prefeito era um cidadão que se suicidou na Câmara dos Deputados aqui quando soube que estava com câncer. Ele já era deputado. Esse cidadão era banido pra lá, fugido... O Getúlio tomava conhecimento, quer dizer, “Se vier pra cá eu mando prender.” (ri) Fica por lá então. E esse senhor, eu não me lembro o nome dele, ele era o prefeito e o (Ciro?) Meireles, tenente Ciro Meireles e outros oficiais da... e soldados da, do grupo do João Alberto, que o João Alberto localizou, montou uma usina de açúcar pra dar emprego pra esse pessoal lá. Em Caiapônia ou Rio Bonito, os dois nomes era a mesma coisa. Uma hora chamava Caiapônia outra hora chamava Rio Bonito. E nessa cidadezinha já próxima do Araguaia, no estado de Goiás, ele montou a Usina Santa Helena de açúcar e tal e desenvolveu ali. Mas os comunas ficavam donos

daquilo e acabaram fazendo uma soviète ali. Então fizeram uma festa popular, mesas pela rua, né, e cantorias e a Internacional... e muita bebida e tal. E na volta, quando eu voltei pro Rio das Mortes, e... a visita foi interrompida pela morte da senhora do coronel (Valik?), teve um acidente. Levou um tiro no abdome, não sei por quê. Acho que foi um acidente. Não houve nada demais, era um acidente, ela levou um tiro. E morreu lá. Então interrompemos lá no Rio das Mortes a nossa viagem porque já era, a expedição já tava no rio (Coruene?), já perto lá do Xingu, né? E nós voltamos e na volta foi a mesma festança lá em Rio Bonito. (risos) Os comunas em festa e tal... E o Ciro Meireles conversou muito comigo. Era um sujeito simpático e tal, bem-educado... Conversamos muito, entendeu, o tenente Ciro Meireles. E o Ciro Meireles tinha um irmão médico aqui no Rio de Janeiro que morava na rua Visconde de Pirajá. Chamava-se Hirvo Meireles. Com H. Hirvo Meireles. E ele foi e me pediu pra entregar uma carta pro irmão. A carta não era carta, era um pacote. (risos) Podia ser relatórios e tal! Eu falei: “Eu vou ser estafeta do Partido Comunista.” (???), né? Um estafeta. O que é que eu vou fazer? Vou recusar porque era estafeta? Eu digo: “Tá bem. Bota aí na minha bagagem.” Botei. Cheguei aqui no Rio liguei pro Hirvo Meireles e ele, ele foi e... marcou uma hora, eu fui na casa dele. (???) tá aqui a carta, o pacote do seu irmão que tá lá em Caiapônia, muito bem e tal. Não tem problema nenhum. E me despedi dele e nunca mais o vi. Aí fiz esse favor pro Ciro Meireles que depois, na redemocratização do país apoiou o Eduardo Gomes contra o Prestes. Apoiou o Eduardo Gomes contra o Prestes e depois foi presidente da Fundação (??) Ciro Meireles. É episódio desse tipo assim, na vida de estudante, que vão dando uma dimensão, uma veia política a sua... Você ficar em cima do cadáver, ali examinando e tal. Você fica muito preso aquela coisa. E isso aí dá a sua cabeça uma outra visão do mundo, das coisas e tal. É como as... as... (interrupção da fita)

Fita 2 - Lado A

WF - ... em 42, (risos) no interior de lá é soviète, eu falo soviètes porque eles administravam, né, o prefeito era nomeado por eles lá e eles administravam aquilo com uma paternidade socialista.

CF - Muito interessante.

WF - Socialista no sentido Leninista ou Marxista, porque eles tinham essa idéia de pôr em prática esse troço lá no sertão, no sertão do país.

CF - Muito interessante. (???)

WF - É. Foi o episódio das minhas memórias que eu...

CF - Vai divulgar depois, né?

WF - É. Mais tarde eu vou contar com maiores detalhes. Mas esse é o núcleo da questão. Mas isso de certa maneira, colocava você diante da política a cada passo que você dava. Mesmo dentro da profissão, a cada minuto, você... eu tô fazendo o parto da criança ali, o Prestes tá falando no estádio do Vasco. Eu tô lá no interior do Brasil, lá no fim do mundo – naquele tempo não tinha nenhuma maneira de chegar lá a não ser numa visita oficial assim com toda segurança... Caminhando, caminhando e você dá de cara com um troço desse também. Isso tudo vai enriquecendo muito a sua vida, a sua existência, dando a você uma visão da complexidade

das coisas e de que essa simplificação do que as pessoas definem as coisas não tem nada a ver com a realidade da vida, sabe? Porque simplificar não funciona porque as coisas são de natureza complexa, são inteligíveis, mas são complexas. Elas não são, vamos dizer assim, é... elas não são retilíneas. É como... como a lei do menor esforço, como a água que corre e procura o caminho, a vida também vai contornando as dificuldades. Qualquer projeto que você tenha, grande ou pequeno, pouco importa, que você esteja executando, ele na sua cabeça é uma coisa perfeita. Quando você põe esse projeto em movimento, você começa a esbarrar nas dificuldades, nos obstáculos. E você sem perder o seu objetivo, vai contornando esses obstáculos e tal até chegar lá. Quando você chega lá você se vê diante um projeto realizado. Só que aquele projeto, aquela realização, ele lembra o seu projeto, mas não é igual. Ele é o seu projeto mais as dificuldades que você encontrou para atingi-lo.

CF - A realidade, claro.

WF - Isso é a vida de cada um de nós mostra isso. A minha não é diferente da de ninguém.

CF - Mas isso é importante, dr. Fadul, porque a gente vê, quer dizer, esse seu período de formação acadêmica na Faculdade de Medicina, quer dizer, ele tem dois caminhos, né? Quer dizer, tanto...

WF - (???)

CF - Né? Tanto a atuação na enfermaria, né, do dr. Moura, foi uma coisa importante e atividade política, né, foram se cruzando o tempo inteiro, né?

WF - Pelo tempo inteiro. Nunca separado. Então eu, cheguei num instante – porque falar da autobiografia é um negócio terrível. Dizia o Montaigne com muita razão que... é... que... dizia nas confissões, o Rousseau que não podia fazer uma autobiografia como o Montaigne. Porque na autobiografia as pessoas só confessam os seus defeitos amáveis. (risos) É uma verdade. Então eu não gosto muito de falar, a respeito da vida da gente, porque tem uns momentos de altos e baixos, tem momentos de dificuldades e... Mas pra você dar unidade ao que você escreve tem que passar pelas cumeeiras de tudo isso, né?

CF - Claro, lógico!

WF - Pelas cumeeiras disso. Aí é uma linha de cumeeiras, digamos assim. Não, não... senão você desce aqui, desce ali, você dispersa o seu pensamento, você não dá unidade à sua descrição. Pra dar unidade, pra dar impressão do que realmente é condicionante, principalmente os aspectos que são mais ou menos essenciais pra compreensão dessa dificuldade (que eu falei?) e porque eu fui dar no Ministério da Saúde. Porque aí eu... tudo isso vai dar lá! (risos) Porque quando eu me formei, eu me formei com o objetivo de ser professor, o Moura estimulava isso. Eu estudava muito e o Moura então me estimulava e eu ia fazer a livre-docência de clínica cirúrgica da faculdade de Medicina. Que era a aspiração suprema de qualquer médico. Não era ser funcionário público nem coisa nenhuma, nem deputado, era ser professor na sua atividade. Pra mim, ser professor, ser catedrático da faculdade ou livre-docente, era mais importante do que ser deputado. Porque esse era o meu objetivo. E eu... então..., mas aí o Dutra assumiu e proibiu todos os concursos... fez aquela bandalheira toda... Ele atrapalhou a vida da gente porque ele acabou com os concursos, acabou com tudo. E eu trabalhava no pronto-socorro ainda e estava na enfermaria do Moura. Não tinha tomado uma decisão quanto a minha atividade profissional. Meu pai que sempre foi uma pessoa muito boa e super protetora – era o único filho

e super protegido – ele montou um consultório pra mim e eu não aceitei. Porque achei que dali por diante eu devia cuidar da minha vida. E resolvi fazer a livre-docência. Eu precisava de títulos. Eu tinha uns poucos títulos, esses que eu estava dizendo a você. O mais difícil deles foi o concurso da... concurso da...

AB - Pronto-socorro, é.

WF - (???) Realmente era um concurso muito pesado. Não havia essa facilidade de hoje de você ser residente, nada disso. A sua residência era um concurso pesadíssimo. Então eu resolvi... abriram um concurso pra aeronáutica. Eu então resolvi fazer o concurso pra aeronáutica. E era por especialidade, o que era uma vantagem pra mim. Então eu me inscrevi como cirurgião. Mas pra título! Eu queria título pra fazer o meu concurso de livre-docência, né? Não era pra ficar lá. Mas eu não tinha diploma. O diploma levava 2 anos, era um inferno! Não sei se até hoje é a mesma coisa. Naquele tempo levava 2 anos, pra fazer. Aí o próprio ministério (???) e era o brigadeiro (Trompowsky?). O brigadeiro (Godinho?) dos Santos, Godinho dos Santos. Angelo Godin dos Santos, era o diretor de Saúde da aeronáutica. E um amigo meu que tá vivo até hoje, o dr. Ivan (?), era muito ligado a um ramo da família do Godinho que é Pires de Albuquerque. E, eu queria fazer o concurso porque queria, porque queria, então ele foi lá e falou com o Pires de Albuquerque e o Pires de Albuquerque adiou o concurso por um mês. E...

CF - Pra aguardar o seu diploma.

WF - Pra aguardar o meu diploma. Mas eu não consegui o diploma em um mês! Então ele voltou lá e o Godinho aceitou uma carta da faculdade. Que era...

AB - Como se fosse uma declaração...

WF - ...declaração que tinha feito o curso e tal... O diploma tava em trânsito, eu tinha o protocolo do diploma circulando ali no Ministério da Educação, que era aquela bagunça de sempre, né? Aí ele foi e me permitiu fazer o concurso. Eu não sabia ... Não tinha acontecido a guerra Espanhola, que na Guerra espanhola houve um grande avanço no campo da medicina ligada sobretudo ao problema do sangue. As transfusões de sangue, a separação do plasma, compreende, e o problema das queimaduras que passaram a ser, as queimaduras eram queimaduras gravíssimas, e a partir do plasma separado da parte celular do sangue, você conseguia restabelecer o equilíbrio... do... dos grandes queimados e prolongar a vida deles. E as transfusões de sangue passaram a ser uma coisa banal. Ao mesmo tempo se introduziu nessa época a chamada anestesia por gases, que deu um enorme progresso no campo da cirurgia. Porque a anestesia do (Obedran?), eu era interno por exemplo, eu não operava o meu doente. E quando eu não operava eu dava anestesia do (?). Eu era anestesista. Eu fazia tudo! O médico fazia tudo. Mas usava o (?) que era o clorofórmio, aquela coisa.

CF - Um controle difícil, né?

WF - Um controle difícil! Porque você não aprofundava muito a...

CF - A anestesia era sempre superficial, né?

WF - É. O mais superficial possível, né? E quando o médico exigia porque a tensão abdominal expulsava as vísceras e você é obrigado a controlar a anestesia, você tem que fazer com muito cuidado e com muita atenção e por pouco tempo e tal, pra não perder... nunca tivemos um

acidente mortal lá na enfermaria. Mas porque esse cuidado era levado muito a sério por todo mundo. Então, houve um progresso muito grande com essa anestesia por gás porque se passou a fazer a anestesia com circuito fechado, circuito fechado. Com oxigênio à disposição e entubação que foi o grande..., né? Porque aí nós passamos a usar também esse... esse... Como é que se chama esse cipó aí do índio? Como é que é o nome? ...

CF - Não sei não.

WF - É... é... foi um negócio desses. Até hoje muito usado. É um veneno que paralisa toda a musculatura e inclusive o tórax, o abdome fica silencioso. Você opera com a maior tranquilidade. E... e o doente não morre de asfixia porque pode respirar. Porque você tendo a entubação, você...

CF - Vai bombeando.

WF - ...com o bombeamento, você consegue injetar o oxigênio no pulmão e tal. Faz a expansão do pulmão através do bombeamento. E isso aí... como é que chama esse cipó que os índios usam pra matar peixe, meu Deus do céu?!

CF - Ah, não sei dr. Fadul! (ri)

WF - É interessante. Foi um grande progresso esse troço. Bom, isso foi nessa ocasião. E... como eu lia muito sobre a guerra espanhola, já tava envolvido nesses problemas políticos, eu lia muito sobre a guerra espanhola e o Brasil tinha alguns elementos, um dos quais está vivo até hoje, um rapaz de Mato Grosso chama-se Apolônio de Carvalho. Apolônio está com 84 anos e combateu na Brigada Internacional e tal. Tiveram um problema que sempre despertava a atenção da gente e tal, entusiasmo e até, de certa maneira aplauso pelo desprendimento desses caras que era (??). E a gente... e a parte médica eu... eu... estudava aquilo e eu via o progresso que estava acontecendo já na guerra espanhola que antecedeu a guerra, a guerra espanhola foi de 36 a 39, né? (???) E eu cheguei a um ponto de... o (Ford?) era um livro de cirurgia, eram dois volumes dessa grossura. Eu cheguei ao ponto de decorar aquilo lendo, você sabe? Eu lia tanto aquilo, todo o dia. (???) ficava decorando trechos e trechos daquilo, até os desenhos. Então lá na capa, tava lá...

CF - Se preparando pro concurso.

WF - Não! Eu li a vida inteira! Então eu sabia de cor aquele troço. (risos) De tanto ler aquelas... São livros clássicos da medicina do tempo, né, quanto mais você lesse, melhor. Qualquer coisa você ia ver a dúvida e tal. Decorava até o desenho. Então caiu abcesso sobre (??), esse (??) era uma das questões e eu sabia de cor aquilo. Então desenhei e tudo, botei um corte lá... (risos). Bom, o fato é que eu tirei o 1º lugar nesse concurso e... e fiz o curso de (???) de médico de aviação. Chamava-se (“*fly-servidor?*”). Já tava o americano aí, metido aí, já o nome era “*fly-servidor*”, não era mais médico de aviação. (risos) Então eu fiz esse curso, terminei em 4º ou 5º lugar esse curso. (Tinha negócio de disciplina, não sei quê, regulamento disciplinar??) (fala muito baixo) Tinha que terminar esse curso (??). Aí cheguei me apresentei ao brigadeiro Godinho, pra agradecer a ele o que tinha feito por mim e eu ia tocar a minha vida adiante, e ele foi e fez um apelo pra eu ficar pelo menos um ano, compreendeu? Porque era chato eu ter terminado aquele curso todo e ir embora. E eu podia escolher o lugar que eu quisesse. Tinha o hospital no Rio de Janeiro... E aí eu tive que... um momento de um momento de..., vamos dizer assim, (ansiedade?). Porque não tava no meu projeto isso, sabe? E também não tinha outra coisa

pra fazer no momento. Porque ficar no Rio eu não quero. Porque no Rio hospital por hospital eu tenho um curso que ninguém tem melhor do que o do Moura. Não tinha nenhum curso melhor do que o do Moura. Foi meu colega lá no Moura, o Ramon que é hoje o dono da Casa de Saúde São Miguel. Também foi de lá. Todos eram bons médicos, saíram bons médicos de lá. Aí eu falei... pensei em casa (cheguei a seguinte conclusão?): “O que é que eu preciso mais na minha profissão de médico? Eu preciso ter um contato, uma responsabilidade maior pessoal.” Porque nas enfermarias, nos hospitais, há muita responsabilidade coletiva. Você chega pra um doente, aí todo mundo vai ali, bota a mão, não sei quê, o sujeito morreu. Você dá o atestado de óbito. Não é um problema que te aflija tanto. Porque você assume uma parte disso, sente ou não sente, se sensibiliza ou não se sensibiliza. Mas, parcialmente. Aí quando você chega pra um doente de madrugada, examina o doente e toma a decisão de fazer um negócio que dá tudo errado, o sujeito morre e você tem que dar o atestado de óbito, aí é outra coisa. Então, eu costumo dizer, e acho que é uma coisa importante que nunca deixo... o médico só tira o seu diploma quando ele assina o seu primeiro atestado de óbito. Porque aí ele passou pela prova crítica da profissão. A morte passou pela sua mão, ele viu, teve contato com ela, ele olhou (o rosto da pessoa que?) morreu. Ele sabe o que é que isso. Ele valoriza a profissão, ele vai ter que assumir esse (???) com toda a consciência. Saber se teve o reflexo, o que fez ou que não fez. O que podia ter feito, o que não podia ter feito. Quer dizer, isso é o médico com ética, é um negócio. Ter uma boa formação moral dentro do campo da profissão é um negócio da maior significação. Pois isso eu não tenho. Ali se o sujeito morreu, o Moura é responsável pela enfermaria. Depois cheguei pro Godinho, falei: “Olha, brigadeiro, eu aceito ficar um ano. Mas se o sr. me mandar pra Campo Grande, (ri) uma cidade do Mato Grosso.” Porque eu já tinha conhecido o Mato Grosso pelo Norte, né? Era um estado só, muito grande. Hoje é que são dois. Campo Grande tinha uma base aérea, um destacamento de base aérea, pequena e tal. E onde morava esse meu amigo que me deu aquele voto no Diretório Acadêmico da Faculdade.

CF - Ah, sim! Já estava morando lá.

WF - Não, a família dele era de lá.

CF - Era de lá. Ele voltou pra lá.

WF - Voltou lá. Tinha montado um consultório dental lá. E eu, chego em Campo grande no dia... acho que dia... 24 ou 27 de abril de 47. 1º ... já era 1º tenente. 1º tenente médico. Porque eu fiz o curso como 2º tenente. Terminei. Aí, (???). Cheguei lá e quem dirigia o posto médico de lá era um 1º tenente mais um 1º tenente que não tinha feito concurso. Tinha estagiado durante a guerra. Então eu assumi a chefia do posto e ele ficou como meu auxiliar. Não tinha nada que fazer. Porque a aeronáutica, era nova, (???) era de 41, não é? E, muito bem selecionado o pessoal. Um pessoal muito saudável. Então, (???). (ri) As famílias davam um pouco mais de trabalho. Mas esse meu auxiliar gostava imensamente dessa fofoca de família e cuidava disso. E eu que era cirurgião, no hospital eu tinha uma pequena sala de cirurgia de emergência lá e mais nada. Então, eu não tinha grandes coisas pra fazer. E eu falei: “Bom, eu não posso ficar à toa.” E então esse amigo meu, o irmão dele foi lá fazer um exame de piloto e eu falei: “Como é o teu nome?” Ele disse assim: “Alarico Ávila.” Eu digo: “O que é que você é do Arthur?” “Sou irmão.” Eu disse: “O que é que é do Arthur?” “Tá aqui e tal.” Aí de tarde peguei o carro e fui na casa do Arthur, tava lá o Arthur, num consultório. “Ô, mas que coisa e tal...!” Eu falei: “Arthur, eu preciso de um consultório, eu preciso trabalhar. Não é um negócio de ganhar dinheiro não. Não é bem isso que eu quero. Eu quero... eu quero... aquilo que eu falei (??), aproveitar esse ano que eu vou passar aqui desse jeito.” “Ah, não tem problema não!” Arrumou um consultório pra mim. Montei um consultório e eu passei a trabalhar. Mas, o Hospital do

Exército lá que era um hospital grande, de 120 leitos – porque lá tem uma (guarnição?) militar muito grande, desde a guerra do Paraguai (?).

CF - Ficou, né?

WF - ...Ficou aquele teatro de operações ali vazio, que (oficial de Laguna?) aquela coisa toda e aí depois o (Calógenas?) fez uns quartéis lá e tinha uma guarnição com um general... tinha dois generais em Campo Grande. E... o general, o general era pai do (Fortunato?), tá vivo, meu amigo (Fortunato ? de Oliveira?). General Oliveira, quem atendia ele era esse meu auxiliar. Aí ele me procurou e disse: “O sr. não pode prestar serviço lá no Hospital do Exército? Porque nós só estamos com 3 médicos, são 120 leitos.” Quer dizer, bom, eu tô ganhando do governo, não tô... o meu problema era, realmente... Aí eu falei pra ele: “Olha, eu tenho, mas com algumas condições, né? Pequenas condições. (????) “Eu tenho umas condições.” Os 3 médicos eram muito bons. Um deles parente desse Macedo Soares. Era um ortopedista muito bom. O outro (???) e havia um cardiologista bom, dr. Luís. Eu falei: “Mas eu tenho uma condição, é que aqui em Mato Grosso, Campo Grande, não existe órgão do IPASE. O IPASE era o instituto dos funcionários públicos. E os funcionários civis do Exército eram funcionários civis da União. Então o Exército não os atendia no hospital porque era o IPASE quem era obrigado a atender. Como o IPASE não tinha nenhum órgão lá pra isso, nem médico credenciado nem nada. Quer dizer, eles não eram atendidos. Se o médico era amigo, atendia, se não fosse amigo não era obrigado a atender. Eu pensei: “Eu acho que isso tá errado. Eu vou lá, mas eu não vou me recusar a atender ninguém. Seja civil... desde que seja do Exército, civil ou militar, eu atendo. Se o sr. concordar, eu vou, se não concordar eu não vou. Porque eu não vou discriminar, o sujeito chega lá e tal...” “Ah, pois não! Pode fazer...”. Trabalhar mais ainda, né? (risos) “Posso?” “Pode.” Aí eu fiquei lá no hospital. Trabalhava, chegava na Base às 6 horas da manhã, jogava basquete e tal, conversava um pouco, comia um bife... Naquele tempo ainda era bife. (risos) E de lá eu passava em revista o meu pessoal (?) rapidamente. 8 horas tava no hospital. Aí, operava o meu doente, atendia todo mundo... Quando era um caso mais complicado, eu pegava e botava no meu carro e levava pra Santa Casa, hospital da Santa Casa. Operava o cara na Santa Casa, trazia ele de volta pra casa dele. Fazia tudo isso de graça. E no meu consultório eu nunca tirei uma (conta?). Nunca tirei. Conta. Se o sujeito não quisesse pagar não pagava. O meu objetivo não exatamente esse, mas Mato Grosso, Campo Grande então sobretudo, era uma cidade extremamente rica. Era a, era uma cidade rica e (?). Havia uma aristocracia bovina, dono de boi. Então todo mundo te pagava. E eu acabei, no primeiro ano de (?), acabei comprando uma fazenda aqui em Casemiro de Abreu. (risos) Com o dinheiro que eu ganhei lá eu comprei uma fazenda. Falei: “Pôxa gente, isso é uma mina de ouro!” Ainda tem essa por cima. Aí eu resolvi ficar mais um ano sabe? Até porque fiz amizades e tinha muitos amigos... acabei ficando mais um ano. Sempre com um olho aqui na... no negócio lá... da... livre-docência, mas nunca mais eu (??). (ruído) Nesse meio tempo, houve eleição para prefeito de Campo Grande. E o candidato era um médico colega nosso. Lá da UDN, Fernando Correia da Costa. Cujo sobrinho-neto é muito meu amigo hoje. Ele foi do Partido Comunista até recentemente. (Pedro Celestino?). Fernando era médico... e eu não gostava da UDN porque a UDN, embora eu tivesse ficado muito perplexo quando houve a redemocratização do país, porque eu não queria votar no Dutra porque eu era contra a ditadura. Mas o outro lado, a UDN, era um negócio muito reacionário. Então nós, que já tínhamos uma visão política mais clara das coisas resolvemos fundar a Esquerda Democrática que é o Partido Socialista hoje. E fundamos a Esquerda Democrática, mas nos juntamos, votamos no Eduardo, mas com essa marca. (ri) Veja você, com essa marca. Porque ele era realmente conservador, reacionário. Embora fosse um homem como todas as pessoas, tem qualidades e defeitos. (????) ele era um homem obstinado, era um homem sério, (???) mas um conservador muito católico, cheio de regras, cheio de coisas. E de instinto extremamente ditatorial! Ninguém metia a mão no pudim dele! Ninguém! Nem o presidente da

República! (??) Ele era desse tipo. Se ele chegasse a presidente da República ele ia...

CF - Muito autoritário, né?

WF - ...dar muito trabalho. Aí o Eduardo... Eu votei no Eduardo, mas votei no Prestes pra senador, veja só! (risos) Foi o voto mais louco que tinha, porque não dava pra votar no Dutra. O Dutra era o fim do mundo, né? Bom, cheguei lá, apresentam um candidato lá do PSD que era uma droga. Só havia dois partidos: o PSD e a UDN. O do PSD era uma droga de sujeito, então votei num colega meu, que era da UDN, Fernando Correia da Costa. O Fernando era amigo do (Trompowsky?) e eu não tô sabendo disso. Mas eu (???). Vocês estão dispostas a ouvir a história?

CF - Claro, lógico! (risos)

WF - Isso aí é um negócio muito complicado. Eu... (voz ao fundo: “Vocês querem outro café?”) É.

CF - Não, não obrigada.

WF - Não quer mais não?

CF - Eu não faço questão não. Não. Se o sr. quiser...

WF - Aí o Fernando resolveu ser candidato a governador do estado. E eu, nessa altura eu tinha uma brutal (?). Eu nem sabia o que é que eu representava nesse negócio todo. Porque já tinha mudado de consultório, já tinha 3 salas e não dava, sobrava gente na rua.

CF - Além de todo mundo que o sr. atendia no hospital do Exército.

WF - É! Eu deitava às 11 horas da noite, ia jantar. Tomava banho e ia jantar às 11 horas da noite. Levantava à 5 da manhã... Era uma correria, minha filha! E acontece que Campo Grande era um centro que... era um centro de uma vastíssima região do estado. Era a capital do sul do estado do Mato Grosso na época. E a cidade economicamente mais rica do estado. E... de toda parte vinha gente se tratar em Campo Grande. Então ficava aquele pessoal ali, na porta do meu consultório, até tarde... Eu atendia até a última pessoa, enquanto tivesse uma eu atendia. Atendia até às 11 horas da noite. Então, todo mundo notava aquele movimento ali, aquela confusão... “Esse cara faz uma trapalhada danada!” E eu atendendo os meus doentes. Os outros, os políticos ficavam de olho: “Esse cara tem uma força desgraçada com o povo (???)...” Todo dia esse inferno! Não tinha sábado, não tinha domingo, não tinha nada! Era todo dia aquele problema. E o Fernando então, convidou o Trombowsky pra ir em Campo Grande e dá um jantar pro Trombowsky. E o Trombowsky manda me convidar. Tinha que convidar o comandante da Base e não a mim! Eu já estranhei o negócio, né? Mas eu... recusar isso... um negócio danado. O negócio era pra apoiar o Fernando pra governador do estado. Esse meu amigo que deu o meu voto aqui tinha fundado o PTB lá. Que tinha 300 votos, 400 votos! Que era o partido que estava assim diferenciando as duas castas, porque o PSD era mais assim da classe média e a UDN era da aristocracia rural, a UDN. Dos grandes fazendeiros. Ricos e tal e coisa. Cheio de avião pra baixo e pra cima. Aí eu, disse a ele: “Olha, o sr. me desculpe, mas eu me atenho ao exercício da minha profissão. E se há uma coisa que eu não pretendo ser na vida é cabo eleitoral.” Disse abertamente. “De modo que eu me dou muito bem com o Fernando, gosto dele pessoalmente. Votei nele pra prefeito, posso até votar nele pra governador, não sei.

Mas eu não trato desse assunto (??), já tenho muito o que fazer. (????). E eu acho que ele não gostou e eu também não fiz pra ele gostar. Eu fiz porque eu achei que era um pouco assim de falta de respeito pelas pessoas, né, chegar assim: “Ah, vai ser cabo eleitoral (?). Porque ele era da aeronáutica e eu era tenente. Então não tem nada a ver uma coisa com a outra. É por isso que eu digo, muita disciplina em (velho?) eu não vou aceitar, nunca aceitei. Aí (??) e tal, o negócio transcorreu um pouco... com constrangimento e tal. Passou-se. Eu tinha um chofer que... me atendia, né, levava o meu cliente, trazia o meu cliente, que era soldado meu, depois que deu baixa continuou trabalhando comigo. E o irmão dele ficou tuberculoso. Família pobre, eu consegui que... em São José dos Campos, um sanatório com a mulher do Adhemar de Barros, dona Leonor, uma vaga pra esse rapaz. E lá foi lá e passou uns tempos, eu esqueci do rapaz. E mãe dele muito pobre, era lavadeira, de vez em quando eu dava um dinheirinho pra ela, coisa assim sem significação. Mandava um presente pra ela e tal e esqueci, passou! Depois o rapaz deixou de ser meu chofer também, também me esqueci. Um dia eu tô no meu consultório, depois desse episódio do jantar, eu tô no meu consultório, chegou um rapaz... ele viu aquela confusão, aquelas senhoras... Eu fazia muita ginecologia, obstetrícia. E não era enfermaria de homem porque era de homens, mas inclusive o médico tinha uma informação muito mais profunda do que hoje.

CF - Do que hoje.

WF - Eu cheguei em Campo Grande, passei assim...

AB - Deixa eu só virar aqui... (interrupção da fita)

Fita 2 - Lado B

WF - Eu cheguei em Campo Grande e tinha condições de exercer a profissão, razoavelmente bem. Quer dizer, dificuldade tem por aí com qualquer médico do interior.

CF - Mas tem que tá preparado pra atender qualquer tipo. Não pode se centrar numa especialidade, né?

WF - Exatamente. E aí eu... (??) tinha umas senhoras e tal. Até senhoras de fazendeiros, de adversários meus, que... “Procura o dr. Fulano.”, aquelas coisas assim, né? E lá vinha uma senhora que era mulher do fazendeiro lá e eu atendia e tal. E aí virava comadre também batizava o filho... (risos) aquela coisa toda. E aí então, o rapaz: “Eu quero falar com o sr. um instante.” Eu: “Tá bem, entra aqui.” Eu tava no consultório. Tinha uma porção de gente na sala esperando, ele disse: “Olha, o sr. não se lembra de mim, eu sou o fulano que o sr. mandou lá pra São José dos Campos e aí eu fiquei bom e vim pra cá e me casei com a caseira do dr. Fernando. Casei com a caseira do dr. Fernando e fiquei num problema difícil porque eu lhe devo muito e preciso lhe prestar um favor.” Eu disse: “O que você tem?” “Eu soube que o sr. vai ser transferido pra Santa Casa do Rio de Janeiro. Porque hoje de tarde a dona (Séfora?) Trompowsky, mulher do ministro, escreveu pra dona Lenisa...” – Lenisa era mulher do Fernando – Bocaiúva. Lenisa Bocaiúva.

CF - Ah! Era Bocaiúva.

WF - É. (??) morreu. “Dona Lenisa escreveu uma carta e a dona Lenisa leu a carta lá pras

mulheres lá dos correligionários. A dona Sefora garantindo que o sr. seria transferido pra Santa Cruz, no Rio de Janeiro. E eu vim lhe avisar porque eu falei: “Pôxa, a única coisa que eu posso pagar é dando essa informação pro senhor.” Eu falei pra ele: “Menino, esquece isso. Volta pro teu emprego, (ri) faz de conta que você não sabe de nada. Muito obrigado, até logo e tal.” Aí... (???) um ato... um ato muito covarde, né, depois ele profundamente me choca muito (??) a gente, né? Porque eu sou obrigado a um negócio que a gente... Aí eu fui a esse meu compadre, Arthur Ávila, falei: “Compadre, como é que vai ser o partido aí?” “Ah, tá o partido. Porque o fulano, o beltrano é candidato e isso assim...” Falei: “Olha, eu... eu não sei não, mas eu tô com vontade de me candidatar a vereador.” “Mas por que vereador. Vai ser deputado, tem uma (?) enorme...” – Eu já tinha operado até a senhora dele. Fiz uma cesariana da primeira filha dele – “Não, não quero ser deputado.” “(?????) e aquilo e tal.” Eu falei: “Não tô interessado. Porque eu quero é ficar aqui. Se eu for dizer que quero ficar aqui pra ser deputado em Cuiabá, que é a 800 Km daqui, ninguém vai entender! E não é isso que eu quero. Eu quero é ficar aqui.” E não contei nada a ele. “Você me reserva uma vaga, eu assino a ficha, você tenta uma vaga de vereador. Pode?” “Posso. Mas vai depender de umas tantas coisas e tal.” E aí... eu fiquei observando os acontecimentos. Fui à Base. Por acaso o comandante da Base tinha sido meu colega em Leopoldina. (???) (risos) O comandante era o Alberto (Murati?). E... falei: “Ô Murati, tá acontecendo isso e isso. Se acontecer isso eu vou me candidatar a vereador (??). Então você prepara a minha (fiança?) aí que eu assino na hora.” Ele falou: “Tá bem!” E fiquei pensando assim: “Eu devo ter uma força razoável pra me eleger porque já que os caras fazem tanta questão do meu apoio...”

CF - Claro.

WF - Aí o Alberto falou assim: “Mas os caras já sabem que você quer.” “Já falei.” Quando chegou no dia 31 de agosto... a eleição era dia 3 de outubro. Faltava um mês pra eleição praticamente, entra pela minha sala – eram 7 horas da noite – entra pela minha sala o padre capelão. Era um mineiro de Formiga, o capelão disse assim: “O sr. sabe o que aconteceu?” Eu falei: “Não.” “O boletim rádio da FAB cantou que (??)...” Cantou quer dizer comunicou. “...a sua transferência pra Santa Cruz, no Rio de Janeiro.” ... (risos) “É, então você chegou numa hora boa. Eu vou dispensar esse pessoal aqui... Não tem nada de urgente aqui. Vou pedir pra voltar no dia seguinte.” Peguei o carro, fui com ele até a Base. De lá assinei a minha licença da Aeronáutica. Me afastei da Aeronáutica. Fui lá no Ávila, falei: “Lanço a minha candidatura a vereador.” (Isso num mês, né!?) E eu nem sabia... Vi como é que estava a política local, fui me enfrontar direito da coisa e aí... o meu comício de apresentação foi no dia 2 de setembro. E eu fiz o comício no dia 2 de setembro, e... fiz o meu discurso muito rapidamente. (??) uma coisa qualquer. Só pra dizer que eu era candidato. Porque a minha... eu tinha me casado e a minha mulher tava grávida do 2º filho. E eu tinha... eu calculei que o garoto ia nascer lá pelas 11 horas e me propus chegar às 10 horas no hospital, pra fazer o parto dela. E eu fui e cheguei no hospital às 10 horas, quer dizer, parei às 8 horas e fui pro hospital e então nasceu 15 pras 11 mais ou menos. O meu filho que é médico (??). E aí... fiz aquele discurso e já sei que esse negócio de discurso não vale nada porque o que vale são as relações que a gente tem. Fechei o meu consultório, botei uma pasta debaixo do braço, dispensei o automóvel e gastei o meu sapato. Visitei todo mundo. Todo mundo. Visitei todo mundo um mês inteiro. Fazia um comício lá: “Vamos em tal lugar fazer um comício!” Eu montava o meu consultório ali e atendia um por um no consultório. “Tinha médico. Tem médico aí?” “Tem.” “Tá, então (??) minha mulher tá doente...” “Traz tudo pra cá. Quem for fazer consulta é comigo.” Um mês só!

AB - Assim fez sua campanha.

WF - Já tava feita mesmo, vim saber depois, eu vou ter uns 600 votos mais ou menos e dá pra me eleger. Mas de repente acabou esse negócio da campanha eu fui dormir de madrugada, me deitei e lá pro meio-dia, abriram as urnas – e eu tô dormindo – aí sobe um amigo meu, chegou na porta batendo: “Você é um monstro!” Eu digo: “O que é que houve rapaz?” “Você checou a apuração?” Eu digo: “Não.” “Foi apurada a urna do fórum.” É a urna da UDN lá, sabe? Então tinha 48 candidatos a vereador e aí assim: fulano de tal, 3 votos; fulano de tal, 4 votos; dr. Fadul 48. (risos) Eu falei: “Vai ver que votou o meu eleitorado todo aqui. Não é possível, né?” Ou é maluco. Aí abriu a urna do Colégio Oswaldo Cruz, que fica assim já na beira do (córrego?) assim, sabe? Aí: fulano de tal, 1 voto, 2 votos; dr. Fadul, 49 votos. Aí eu já achei que já tava exagerando. (ri) Eu disse: “Será que isso...” Aí abra a urna do general (Malan?) no bairro do Hospital do Exército, onde eu atendia aquele pessoal do IPASE. Que nem tava pensando em política quando eu atendia, veja. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. A vida se encarrega de arrumar as coisas, sabe? Aí abriram a urna, eu tive 123 votos pra vereador. (???)

CF - Uma força, né?

WF - Resultado, eu tive 20, mais de 20% dos votos do município de Campo Grande pra vereador. Derrotei o Fernando e elegi o adversário dele prefeito com 550 votos. E elegi 5 vereadores dos 9.

CF - 5 dos 9.

WF - É, maioria... Perdi, o PTB ganhou a eleição de ponta a ponta. (tosse) Aí foi aquele estrago, né? Eu vim aqui no Rio, me apresentei no Ministério, declarei que estava afastado da FAB, que (não ia?) pra Santa Cruz coisa nenhuma...E o pessoal ficou uma fera comigo e eu fiquei aqui no Rio até a posse, dia 31 de janeiro.

CF - Aí o sr. tem uma licença formal. O sr. não pediu demissão da aeronáutica.

WF - Não, aí não. Eles eram obrigados a me conceder uma licença e eu podia ser promovido por antigüidade ainda por cima, pela legislação em vigor.

CF - E exercia o seu cargo de vereador.

WF - Mas como o Getúlio tomou posse em seguida e eu não era remunerado, o vereador de Campo Grande não era remunerado, o que era muito bom.

CF - Como não era remunerado?

WF - Não recebia nada pelo exercício da atividade. O vereador...

CF - O sr. recebia o seu salário como médico da aeronáutica. Como é que era?

WF - Não, aí eu já tava afastado da aeronáutica. Aí como havia dificuldade de médico, eles pediram pra eu reassumir o cargo lá na Aeronáutica e eu podia reassumir porque eu não era remunerado pela Câmara. A Câmara não remunerava o vereador. Vereador era um cargo de (?), compreendeu? Era um cargo de honraria, não tinha... fazia o serviço lá e pronto. Era perfeito! Assumi a presidência da Câmara, me elegeram e tal. Eu pedi licença da presidência da Câmara e continuei no meu consultório, ganhando o meu dinheiro. E aí já esqueci o problema do meu sonho de ser...

CF - De ser livre-docente. Aí já seguiu outro caminho, né? (ri)

WF - ...livre docente. Já tinha ido pra outra coisa. Aí eu me envolvi até os cabelos, né? (ri) Porque passei, de repente, a ser conhecido no estado todo. Você chegava lá: “Não, teve um turco lá em Campo Grande que acabou com a UDN!” (risos) Aí vinha aquela história... E eu fiquei famoso. Continuei na FAB fazendo e meu consultório, continuei a minha vida normal, vivendo às minhas custas. Aí, de repente, o prefeito que eu elegi, que era médico, colega nosso. Operava lá no Hospital há muitos anos, família tradicional do estado...

CF - Como era o nome dele?

WF - Ari Coelho de Oliveira. O Ari foi assassinado numa manhã em Cuiabá.

CF - Durante o mandato dele de prefeito?

WF - Durante o mandato. Em novembro de 52. Ele tomou posse em 51 e em novembro de 52 foi assassinado. Ele tava numa polêmica, porque ele era um sujeito muito polêmico. E tava numa polêmica com o governo do estado. E o governo do estado tem sempre esses (alvos?) dispostos a correr qualquer papel. Sobretudo no estado do Mato Grosso. E o Fernando foi um pouco... não conivente, mas um pouco mole na condução do problema político. Não se apercebeu da gravidade daqueles fatos. Eu pego esse amigo meu, Arthur, no dia 19 de novembro, Dia da Bandeira, porque tinha saído um artigo contra o Ari muito violento no jornal de Campo Grande (?). E o Ari respondia, montou um jornal, era aquela confusão. Eu peguei o carro desse meu amigo e fui na casa do Ari. “(?) votou em mim. (No Dia da Bandeira?) ali, o comando da Divisão da Cavalaria que tinha lá, e de lá eu vou pro Aeroporto pra convenção do PTB em Cuiabá. Fazer a convenção.” Eu falei: “Eu vim aqui justamente falar com você sobre isso. Eu acho que você precisa tomar muito cuidado. Porque esses problemas, sabe como é... O nível do debate não tá me agradando. Porque você tá numa posição, (no cargo de prefeito?) um alvo do governo desse jeito. Não tem sentido isso. A linguagem é muito agressiva. Isso aí é um negócio muito...” “É, deixa comigo e tal, não sei o quê...” Aí levamos ele até o palanque da bandeira, subimos com ele lá e tal. Homenageou-se a bandeira. Eu peguei, levei ele pra Base, ele tomou o avião, foi pra Cuiabá. Fez-se a convenção, elegeu-se o diretório do partido... Eu nem fui nessa reunião. Não participava dessa cúpula, não tava interessado muito nisso. E aí o ... Eu tava entregue de corpo e alma à minha profissão, sabe? Já tinha largado aquilo pro lado. Aí... (estoura?) lá na Base... Porque na Base era aquela tranquilidade que eu já falei pra você, era jogar basquete, comia um bife e tal... (ri) tomava banho e aí viam os doentes ali que era só: “Tem alguma novidade?” “Não. Não tenho.” “Assina o quê?” “Tá. Até logo.” E, vinha o meu barbeiro lá fazer a minha barba, aí chegou um rapaz e disse assim: “Vamos a Cuiabá agora.” “Que vamos a Cuiabá coisa nenhuma!” “Pegaram o Ari lá.” Aí eu peguei, como eu tava mesmo ali, peguei o avião com ele e fomos no avião. E chegamos lá em Cuiabá, o Ari tava morto. Aquele impacto (???), na porta de uma repartição pública porque o cara escreveu um artigo violento, eles foram na repartição. Não sei pra quê, se foram tomar satisfações, quando ele abriu a porta o cara atirou. O povo entendeu como uma morte, um assassinato político. Não era natural que acontecesse. Eu peguei, botei no avião. Trouxe pra Campo Grande. Tava o povo lá no aeroporto e tal, tomaram conta. Eu nem fui ao enterro porque essas coisas de cadáver eram meio complicadas. Aí eles foram... o cadáver político que ele era. Suas complicações políticas. E o seguinte, aí começou quem vai... porque ali tinha que haver eleição, porque a morte dele se deu na metade anterior do mandato. Se fosse na metade posterior eu podia assumir como presidente da Câmara, mas tinha que fazer eleição. E eu, era que eu não queria ser candidato, então eu

falei: “Olha, eu vou pro Rio. Vou operar minha mulher lá no Rio.” Negócio de vesícula, não sei o quê... dava uma perturbação cardíaca nela. E trouxe a minha mulher e falei com o Fernando Paulino aqui na Casa de Saúde São Miguel. Fernando Paulino tinha feito a (?) especial, fazia cirurgia torácica e tudo. E o Fernando Paulino operou a minha mulher aqui. Bem, quando ela foi operada, dois dias depois, chegou um oficial aviador lá da Base, disse assim: “Olha, você vai comigo pra Campo Grande.” Eu digo: “Não, não vou. Fazer o que lá?” “Não, porque eu quero você pra prefeito.” “Mas eu nunca (?) prefeito!” Cheguei lá em Campo Grande, menina, tava o povo lá no aeroporto.

CF - Esperando.

WF - Cheio! Candidato com faixa e o diabo. E eu, me reuni com esse meu amigo, falei com ele: “Olha, você é que tem que ser candidato. Você é o presidente do partido. Você tem um avô enterrado aqui em (??), Mato Grosso. Eu não tenho nada com esse troço aqui! Eu exerço aqui a minha atividade por algum tempo, depois vou me embora, não sei pra onde eu vou, ou se fico aqui ou se não fico. Eu não sei por que você não se candidata.” Mas a mulher, a mulher dele que era uma mulher rica, tinha aquele problema da... política (violenta, de muito tiroteio, guerra, que ela quer.?) E ele, ele obedecia muito a mulher e tal, resolveu não... “Não. Vou fazer isso ...”

CF - Tava receoso, né?

WF - É,

tava receoso... E a mulher não queria e tal, talvez até ele pudesse fazer, mas... O povo queria a minha candidatura. E o Filinto Müller que tava sem mandato, veja só, e eu de esquerda, o Filinto Müller logo se apossou da posição de me apoiar. O PSD vai apoiar um candidato do PTB! Porque não tinha chance, ele tinha perdido a eleição pra governador pro Fernando e tava sem mandato de senador, tava no ar. E precisava de uma base de operações que seria eu no caso. Por essas razões todas, eu falei com o Arthur: “Arthur, vamos fazer o seguinte, vamos tentar um acordo aqui nessa história, que seja um acordo decente. Vamos ter uma conversa com a direção da UDN e expor a ela o quadro na realidade. Se ela tiver o mínimo de espírito público ela vai concordar com que a gente escolha um candidato do partido, não é, que pode ser você que é uma pessoa... é um fazendeiro e tal... desde que a UDN não apresente um candidato dizendo que esse mandato pertence ao PTB e por circunstâncias trágicas foi interrompido. Pra poder continuar no partido. É a maneira melhor pra sair dessa encrenca. E é também a melhor pra mim, pra eu não ser candidato.” Então fomos eu, quanto o atual governador pela UDN que é o Wilson Barbosa Martins, que é o atual governador do estado e mais um senhor que tem seus 100 anos ou morreu, eu não sei, Demóstenes Martins também. E eu e o Ávila, fomos e sentamos lá e eu disse: “Olha, eu estou diante de uma situação extremamente delicada, com a qual vocês não têm nada com isso. Eu não quero ser candidato. Por isso eu vim aqui, em nome do partido, propor a vocês uma solução que contente os interesses de todas as partes e que não ponha a sociedade de Campo Grande diante de uma guerra inevitável que vai ser isso. O Wilson que era aquela pessoa muito empertigada... aquela... genro do senador (Vespasiano?) Martins, figura muito respeitada lá no estado... Eu falei, eu aí fiz a proposta. Ele foi e contrapropôs que eles escolhessem o candidato dentro do partido. Porque o partido tava rachado. O Getúlio tava contra mim. Por causa do Filinto. O Getúlio tinha brigado com o Filinto eu não sei por quê. Quer dizer, é... há muitas (??? no final da vida, sabia disso? Ódio.?) E eu já, até então não sabia desse detalhe embora corresse rumores de que o Getúlio já tinha derrotado o Filinto e que tinha apoiado o Fernando Correia da Costa da UDN, em Mato Grosso, como apoiou o João (?) em Pernambuco contra o Agamenom Magalhães. Foram dois políticos do PSD que ele quis derrotar

e (??), num discurso em Campo Grande em 1950, ele diz o seguinte: “Para governador... – o Filinto do lado dele – ...o meu partido não tem candidato.” Assim mesmo. O Getúlio era... E aquilo... eu tava lá periferia do comício, nisso (???) uma restrição. Bom, bastante violento. (?). E eu, eu logo depois, num anedotário sobre essas coisas eu fiquei sabendo do Getúlio o que eu não sabia, a profundidade do ódio que ele tinha pelo Filinto. Então eu disse: “Não. Isso é inconcebível. O partido se reúne e decide qual vai ser o seu candidato. Nesse caso eu não serei candidato.” Aí eu disse pra eles. “Agora, se houver luta aí eu não posso fugir dela e aí eu serei candidato. Por isso eu vim propor a vocês ter essa, fazer essa proposta a vocês.” Aí o Wilson disse assim: “O Wilson é um (??)...” Aquela coisa de (udenista?). Eu falei: “Não. Não é nada de rendição, (não adianta insistir?). E o negócio é o seguinte: eu acho que é um dever evitar um confronto nessa hora. E o confronto só pode ser evitado devolvendo o mandato ao partido.” Não entramos num acordo...

CF - Não conseguiram um acordo.

WF - Não consegui. Eles me lançaram candidato. No dia da minha eleição pra candidato, o Getúlio interferiu, rachou o partido 20 a 20. Eu não estava na convenção, não compareci. Porque eu não queira ser candidato. Porque aí, 20 a 20, o povo invadiu o diretório e quebrou o diretório do partido. Que coisa impressionante, tal ...

AB - Comoção.

WF - ...comoção popular. Quebrou o diretório, aí... (ri) houve outra convocação e eu ganhei no diretório.

CF - Quem era o outro candidato?

WF - O outro candidato era um comerciante lá. Dentro do PTB! Era um tal, eu não sei se chegou a ... Acho que Nelson Borges de Barros. Tenho a impressão que sim, mas não tenho uma lembrança muito nítida. Porque não compareci à convenção, nem sei que tipo...

CF - Quer dizer, vai ter uma outra convenção...

WF - Houve uma outra convenção porque empatou de 20 a 20. E o povo destruiu o diretório do partido, insatisfeito com aquilo. Aí houve a outra convenção, eu saí candidato por unanimidade, também não compareci. Depois fui lá agradecer e tal.

CF - E aí o sr. disputou com quem pela UDN?

WF - Disputei com um deputado federal (Drumond de Andrade?) que era o líder da bancada federal da UDN de Mato Grosso na Câmara dos Deputados. Figura tradicional do estado, político de muitos anos. Ele era troço pra chuchu! E eu... tava lá... eu cheguei lá em 46, veja você, nós estamos falando de 4 anos depois, 4 anos e pouco, né? 5 anos.

CF - 52, né? Foi 52?

WF - É. 52. Tô falando de 52. A eleição foi no dia 20...20... 25 de janeiro de 53. Porque a morte dele foi em 52. E aí houve o diabo! Aí há todo um anedotário, todo...todo um folclore, toda uma história realmente de violências contra ele que não cabe aqui ficar contando a vocês, dizer um negócio assim pra... memória de um político (de província, digamos assim?), não tem nada a

ver com o nosso problema. Mas houve, imagina você, (que eu tinha ódio de?) cheiro de morte e o diabo a quatro. E eu tive uma grande (importância Pública?), pessoal do Exército lá, (?) os oficiais não, (?) oficial. Oficiais que eram meus amigos pessoais, os sargentos que eu atendia e levava no meu carro, operava, (?) e o diabo a quatro. Na minha eleição de vereador eu já tinha sabido que mais de 200 pessoas trabalhavam pra mim sem eu saber que estavam trabalhando!

CF - Espontaneamente, né?

WF - Espontaneamente. Então nesse caso desse episódio aí então, esse pessoal me deu uma grande cobertura e eu andava sempre desarmado porque... O Ari andava armado. Políticos eles matam pelas costas, entendeu? Mas eu não ia andar armado, isso é bobagem, era mais um pretexto que eu tenho. Então andava desarmado, mas muito bem protegido. Agora, tinha que usar de uma energia terrível de prender sargento da polícia que batia no meu cabo eleitoral lá que tava fazendo o meu churrasquinho ali e tal. E eu prendia o sargento da polícia e obrigava o sargento a fazer um churrasco e a bater palma no meu discurso... (ri) (???) essas coisas eu fazia porque senão perdia a eleição. Era um negócio terrível! Foi uma eleição muito tumultuada. E cheia de lances assim desse tipo que são interessantes num livro de memórias, mas não tem nada a ver com a vida de médico, de... projeção política. O fato é que eu ganhei a eleição, o juiz eleitoral que morreu agora esses dias... (?) de Almeida Rodrigues. (Estive?) na missa dele (esses dias?). O (?) emitiu mais de alguns milhares de títulos falsos contra mim.

CF - É mesmo?!

WF - É. Mas o sujeito chegava lá, pegava 10 títulos com o (?) e ia lá em casa. Dizia assim: “Doutor, o (?) me deu 10 títulos. O que é que eu faço?” Eu digo: “Meu filho, usa.” (risos) (???). Assim mesmo. “Ô (!)” Depois eu nomeei o (?), professor da Faculdade de Cuiabá. Ele era desembargador. Aí eu fiz ele desembargador... Coisa... porque ele é parente de um sujeito... ele é primo do Evandro Lins e Silva. (?) de Almeida Rodrigues. Uma família conhecida até. E...

CF - E aí o sr. ganhou essa eleição com...

WF - Ganhei.

CF - ...por quanto? O sr. se lembra?

WF - Ganhei a eleição por mil e tantos votos. E bem...

CF - Diferença grande, né, levando-se em conta...

WF - É, é. Uma eleição boa... o município tinha uns 10 mil eleitores, mil e tantos votos... com toda essa...

AB - Com toda essa disputa, com toda essa...

WF - É. E nós sem dinheiro e tal, sem nada porque não gastava nada em eleição. Essa eleição me custou 80 mil reais, cruzeiros na época, que o Filinto tinha feito uma passeata de carruagem lá, uma mulher, uma senhora lá de um fazendeiro pagou pros carroceiros e tal e depois ficou naquela dúvida se pagava ou não à mulher. Mandeí pagar à mulher. Eu não queria tomar posse devendo nada a ninguém. Foi o que me custou essa campanha. Era na base do puro amor o troço. Eu tomei posse de prefeito. Aí tomei posse de prefeito e... aí o começo... o e... a minha

prefeitura, por eu ter tido a chefia do executivo municipal, ele teve alguns lances interessantes do ponto de vista médico. Normalmente ele era um serviço de assistência médico rural. Em vez daquele pessoal vir pra mim no consultório, eu nomeei médicos, ambulância, dentista... cadeira de dentista... ia tudo na ambulância. Marcava sábado, domingo, no interior dia de semana não pode, sábado e domingo, dia tal em tal lugar; dia tal em tal lugar; ...

AB - Um posto itinerante.

WF - Então era um posto itinerante. Isso me deu muito voto pra deputado (?). Eu tinha dinheiro pra comprar um carro... tinha até a marca: pra comprar um chevrolet e tal (ri) no orçamento. Eu falei: "Não. Eu vou usar o meu carro e comprar um trator. Pra arar a terra pro pequeno produtor porque pra esses fazendeiros não preciso. Comprei um tratorzinho tinha uma unidade pequena lá, da UDN até, plantava arroz. Eu arei 300 hectares de terra pra eles... e triplicaram a produção e tal... Votaram 240 eleitores nessa urna pra deputado federal, tive 240 e votos. Quer dizer, então...

CF - É. Sem querer interromper o sr., porque a gente podia da próxima vez começar a partir daí.

WF - É.

CF - Porque eu acho que seria interessante discutir esse novo mandato com calma... porque eu acho que...

WF - E aí a coisa interessante aí já começa, já engrenei na política de vez...

CF - De vez, né?

WF - ...e passei a ser chefe político lá em Mato Grosso.

CF - Porque é importante a gente ver como é que concilia, como é que o sr. conciliou esse mandato com a atividade...

WF - Com a minha profissão...

AB - (??) em torno da saúde, como o sr. (?).

WF - É.

CF - Porque pra gente isso é importante.

WF - E aí continuei exercendo a minha profissão porque eu vivia dela, né?

CF - Pois é, porque essas coisas pra gente são importantes. Até esse...

WF - Não tinha nada da prefeitura. A prefeitura não pagava nada. Uma quantia que eu deixava na mão da minha secretária pra dar pros caras do nordeste que vinham pedir uma passagem, pedir um não sei quê, pedir emprego... (???) isso não dá voto, não dá coisa nenhuma. É normal o cara que chega... (interrupção da fita)

Data: 22/11/1996

Fita 3 - Lado A

CF - Bom, vamos hoje começar a 2ª entrevista com o dr. Wilson Fadul. Estamos no dia 22 de novembro de 1996. Na presença da pesquisadora Ana Beatriz, Cristina Fonseca e Beatriz Guimarães. Bom, dr. Fadul, a gente vai pedir ao sr. pra gente voltar um pouquinho no tempo, antes da gente retomar da onde a gente tinha parado da última vez. É... porque a gente queria falar um pouquinho mais sobre a Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense. O sr. falou muito da sua experiência na enfermaria do dr. Moura e da sua experiência à frente do Diretório Acadêmico da Universidade. A gente queria saber um pouco mais, quer dizer, além do dr. Moura que outros professores o sr. destacaria como pessoas que teriam influenciado na sua formação... E outra coisa que a gente queria saber também era sobre a relação da Universidade com a Santa Casa. Todos os alunos da Universidade Federal Fluminense passavam pelas enfermarias da Santa Casa também como os alunos da Universidade do Rio de Janeiro? Quer dizer, qual era essa relação que existia entre a Santa Casa e a Universidade Federal Fluminense?

WF - O meu caso era um caso especial porque eu acho que foi da minha turma, eu era o único que freqüentava a Santa Casa. Foi uma opção... sorte minha, quem sabe, de ter encontrado a possibilidade de trabalhar numa enfermaria do dr. Pedro Moura. O Pedro Moura não era vinculado à Faculdade de Medicina Fluminense, ele era da Faculdade Nacional de Medicina.

CF - Sei. E os alunos da Fluminense então, normalmente freqüentavam...

WF - Freqüentavam outros serviços no Rio e em Niterói. Todos eles se formaram freqüentando serviços hospitalares. Do estado lá em Niterói, do governo federal e aqui no Rio de Janeiro os serviços especiais. Cada qual tinha a sua inclinação própria. Eu no caso, ...

CF - Era uma iniciativa individual então, de cada aluno.

WF - Individual, de cada aluno. Alguns nem freqüentavam hospitais. Faziam o curso sem frequentar hospitais. A não ser os hospitais... é, as aulas de clínica e etc, porque eram dadas em hospitais. Fora disso não era obrigado a trabalhar em nenhum serviço desse tipo. Era uma opção do estudante. Sempre foi. Mesmo na Universidade Federal do Rio era assim também. Nem todos trabalhavam em hospitais como eu trabalhei durante 6 anos, acho que todo dia, sem faltar um dia de serviço, durante 6 anos de curso.

CF - E além do dr. Moura, que outros professores assim...

WF - Ah, lá tinha bons professores porque em geral eram professores que, que exerciam a cátedra aqui no Rio e exerciam a cátedra em Niterói também. Eu por exemplo, me lembro do Mário da Rocha Lagoa que era um professor de... anatomia do sistema nervoso. Era um (?) professor. Muito tranquilo e muito competente e muito minucioso. É... com ele também, o outro professor de anatomia era o (?), o Batista. O nome dele todo eu nem me recordo perfeitamente, mas era uma pessoa... o Batista era um anatomista muito bom mesmo. Bom, havia um professor de parasitologia também que exerceu influência do ponto de vista de comportamento pessoal. Era um homem extremamente modesto, mas muito sábio, muito ligado à profissão; que era o

professor Otílio Machado. Não tinha relação com (??), mas ele influenciou muito a geração de médicos da minha turma. Eles eram muito ligados a ele. Ensinava parasitologia. Porque no meu tempo havia o curso básico de medicina. No 1º ano era anatomia e histologia. Eram duas cadeiras só. Anatomia e histologia e depois então, a partir do 2º ano você estudava fisiologia, microbiologia, cadeiras que tinham relação com a chamada saúde pública, digamos assim, né? Havia uma distinção que... até hoje é inconcebível pra mim, mas havia essa distinção entre saúde pública e medicina de um modo geral, curativa. Medicina preventiva e medicina curativa. Isso tava na cabeça de todo mundo, mas não tinha nenhuma razão pra existir, nem hoje nem naquele tempo. Mas existia...

CF - Como isso aparecia? Através das disciplinas específicas existia essa...

WF - Através de um comportamento. O médico de saúde pública que fazia o Curso de Saúde Pública ou se dedicava a isto, ele não fazia clínica.

CF - Já desde o início da faculdade.

WF - Desde o início. Ele não fazia clínica. E o clínico em geral não se interessava pelo problema da saúde pública. Eram problemas de estatísticas, demografia, essas coisas...

CF - Mas essas disciplinas não eram obrigatórias? Eles não tinham que fazer de qualquer maneira?

WF - É. Todos faziam. Faziam microbiologia. Por isso é que o médico tinha uma visão mais ou menos ampla das coisas. Porque tinha aquilo que nós chamamos de uma cultura médica muito vasta e sobre essa cultura médica mais ou menos vasta, ele elegia a sua especialidade. Ele se dedicava à sua especialidade, mas ele era obrigado a todo esse... estágio na, em todas as áreas da medicina, inclusive nessa da... da chamada medicina legal e etc. Essas coisas todas porque eram cursos que você era obrigado a fazer.

CF - O sr. nessa época já tinha algum interesse particular assim pela saúde pública? Já tinha... não?

WF - (???) mais indissociável da política. Engraçado que eu fui me aproximando desse problema a partir da política. E como eu acabei me formando em medicina, eu aproximei uma coisa da outra. E na minha cabeça... e acho que hoje até é um fato comum, essas coisas são indissociáveis. A medicina é indissociável do problema social. Antigamente não! Era uma coisa... as pessoas mesmo se comportavam como se a sociedade pela sua estrutura, pela sua desigualdade, por todas essas razões que a gente conhece hoje, não tinham uma influência na cabeça das pessoas sobre o quadro imunológico das populações. Hoje não! Hoje é um fato comum, todo mundo sabe que a primeira (ruído) condição que tem de vencer é a condição de pobreza, não é? (sirene) É... de habitação, de alimentação... Uma vida razoavelmente aceitável, digamos assim.

CF - Mas isso não se discutia na Faculdade na época, né?

WF - Não, nunca se discutiu. Mas é justamente a formação política que eu tinha de lidar com o problema, que eu me antecipei a isso. (ruído) Eu liguei muito cedo na minha carreira. Eu percebi muito cedo isso. E passei a agir em função disso. E como eu agia nas duas áreas, foi muito fácil consolidar isso como um tipo de pensamento indiscutível. Era até um aforismo. Não precisava

ser demonstrado, compreende? Era um fato... um fato que emergia na realidade. Era absorvível assim de imediato, sem nenhuma preocupação racional.

CF - Que disciplinas, dr. Fadul, na época o sr. identificaria então como as disciplinas mais vinculadas à área da saúde pública?

WF - Olha, era a microbiologia, que... Manguinhos era sobretudo um Instituto de Microbiologia, né, ...

CF - Uma referência fundamental.

WF - ...importante, né? Era a microbiologia, a parasitologia, né, e eram os assuntos ligados às doenças endêmicas no Brasil. Doenças de, que hoje, se chama doenças de massa, mas que são doenças que são doenças tropicais, mas na verdade, de tropical elas têm muito pouca coisa, né? Essas eram as cadeiras que tinham por referência, os professores eram geralmente... oriundos do Instituto Oswaldo Cruz, né?

CF - Ah, é?!

WF - ... Tanto (?) tanto microbiologia. O ... o ... antigo Machado não era ligado ao Oswaldo Cruz. Era ligado à saúde pública de um modo geral. Essas cadeiras eram tidas como cadeiras básicas para a chamada medicina sanitária.

CF - E o vínculo então entre a Universidade e o Instituto Oswaldo Cruz...

WF - Era por aí.

CF - ...viria através dos professores, né?

WF - Era por essas cadeiras. Por essas cadeiras, era. A gente não... quem fazia saúde pública acabava no Oswaldo Cruz em função disso. Porque era a única referência no Rio de Janeiro, em toda essa região. Afora isso... não se conhecia outra escola. A escola do nordeste, a escola da Bahia, teve muita influência na saúde pública também, né?

CF - Tem a faculdade de Medicina da Bahia. Isso eu li.

WF - E era inteiramente estranque da realidade do Rio de Janeiro. Se bem que o catedrático da Faculdade Nacional de Medicina, tinha vindo da Bahia. Ele fez um concurso, ele era professor na Faculdade da Bahia, ele fez um concurso aqui na faculdade... era um professor muito competente, né, na cadeira. Mas os (?) eram muito tênues entre as várias faculdades. Porque nós tínhamos naquela ocasião seguramente no máximo, acho que 12 ou 14 faculdades de medicina, no Brasil todo. E todas elas eram oficiais. Não havia faculdade de medicina particular, que eu conhecesse. Eu acho que (???) (ruído). Foi justamente a partir de 64 que se multiplicaram as faculdades de medicina pelo país inteiro. E até recentemente eu tinha feito um exame desse caso e havia 74 faculdades de medicina. Eram faculdades que deixavam muito a desejar, porque o quadro docente não era de categoria muito garantida e porque era recrutado do Rio de Janeiro. De cidades que são próximas daqui: Teresópolis, Valença, Vassouras, etc. Faculdades de fim de semana. O professor vinha e só tinha um fim de semana livre, ele ia dar aula no fim de semana. Isso... eu acho que isso... houve uma degradação nesse momento em função disto. E por outro lado, isso criou uma dificuldade que foi justamente uma formação

muito grande de profissionais fora é... das chamadas “necessidades” ou melhor dizendo, da indisponibilidade de serviços. Quer dizer, nós formávamos 2500, 2000, 2500 médicos por ano, nessas 12 ou 14 faculdades de medicina. Passamos a formar 10000 novos médicos. Então essa mão de obra lançada no mercado e de certo modo com um preparo menos cuidadoso digamos assim, acabou...

CF - Prejudicando, né?

WF - ...promovendo uma pressão pra baixo no salário do professor. Mas quando as origens da degradação do nível salarial profissionais de saúde no Brasil, resultou muito disso, dessa pressão exercida sobretudo (ruído e voz ao fundo) no sentido de redução do salário. Por causa da disponibilidade de mão de obra...

CF - (Ao mesmo tempo) Sim, a disputa, né, no mercado de trabalho...

WF - ...sobretudo pela qualidade de médicos, independente das atividades no campo da saúde, de médicos sobretudo. Porque... a multiplicação das faculdades. E todas eram particulares. Quer dizer, passou a ser um (*merch?*) como outro qualquer, no qual se ensinava alguma coisa, mas na verdade, o objetivo não era tanto o ensino, mas era nem de formar médico nem preparar pessoal, nada disso. O objetivo principal era justamente o negócio. Era um meio de ganhar dinheiro. Quer dizer, fazer dinheiro através da educação. No campo da saúde isso foi desastroso, né? (ruído)

CF - Dr. Fadul, só pra gente recuperar aqui um dado que pra gente é importante. O sr. terminou a faculdade em 1945, né, o sr. ingressou então em...?

WF - 40.

CF - Em 40?

WF - 40.

CF - Ah, sim. É pra gente ter idéia.

AB - E da turma das pessoas que estudaram com o sr., o sr. destacaria algum nome dela? As pessoas seguiram mais o caminho da clínica? Teve pessoas que acabaram se destacando na carreira universitária...?

WF - De um modo geral, não é, da minha turma, alguns de destacaram relativamente. Alguns no campo da fisiologia... Naquele tempo, o rapaz que foi dono daquele sanatório... no Alto da Boa Vista, Xavier... Xavier do Prado. Era Xavier do Prado? Quem mais... Logo ali, logo ali depois do Largo do Alto da Boa Vista tem um sanatório que agora não existe mais. Acho que não existe mais. (ruído) Ele foi diretor por algum tempo e tal. Mas o que se destacou realmente foi o pessoal que trabalhou pelo Moura. E que foram meus colegas de plantão na Assistência Pública do Rio de Janeiro. Por exemplo, na minha turma tinha 5 acadêmicos oficialmente, né, 5 acadêmicos que tinham feito concurso e estavam nomeados auxiliares acadêmicos da Assistência Pública do Rio. Dos 5, veja só, um é o Aloísio Prata que é professor de medicina de doenças tropicais no Paraná – se não me falha a memória era catedrático professor acadêmico – Aloísio Prata; o segundo era o Adalberto Café, que foi almirante junto à Marinha, foi almirante e foi diretor do Serviço de Saúde da Marinha. O terceiro foi o Hélio (Angoti?) que

era um cirurgião que era muito respeitado em todo Triângulo Mineiro e... era um cirurgião bastante audacioso, competente e tal, porque a cirurgia é um pouco agressiva mesmo, né? E a clínica é mais distanciada assim da agressão, mas a cirurgia é uma atividade agressiva.

AB - Hélio... Hélio como?

WF - Hélio Angoti. Hélio Angoti. Esse cara era também meu colega também lá no pronto socorro. O outro foi o Adelmo. O Adelmo foi o que se destacou menos. Mas ele morreu cedo. Teve um derrame morreu cedo. Ele foi um coronel da Aeronáutica. Ele era um bom obstetra, um bom ginecologista. Ele se dedicou a essa área. O outro era eu, que por circunstâncias... independentes da medicina, ligadas a ela de qualquer maneira, por essa mistura que eu conquistei na época era..., era inevitável que um médico fizesse política no interior. Dada a influência que eu exercia na sociedade. conhecimento grande, relacionamento muito amplo, né? E...

CF - Quer dizer, esses... os 5 passaram pelo... pronto socorro.

WF - Pelo pronto socorro. Todos os 5. Mas todos 5 foram pessoas que tiveram, mesmo no campo da pesquisa, o Aloísio Prata chegou a fazer os primeiros ensaios da (?) da esquistossomose através da filtração sanguínea etc. Ele era uma pessoa muito competente o Aloísio Prata. E os outros fizeram uma carreira razoavelmente acima da média, acima do comum, né? Agora, da minha turma mesmo, uns poucos se dedicaram ao ensino... eu não tenho assim uma relação muito grande porque me afastei logo da turma, fui pra Mato Grosso, fiquei... longe, depois eu os via de vez em quando, uma vez ou outra. É... um dos meus colegas de turma é o pai do Gilson, esse que foi secretário de Saúde de Niterói (hoje?) ...

AB - (??).

WF - ...que foi uma pessoa bastante competente no quadro da administração de Saúde, né? É um rapaz muito competente. E que se dedicou... montou a Casa de Saúde de Niterói... fez a profissão dele lá. E muitos outros. (ruído) Mas tudo numa média sem grande destaque. Os destaques mesmo foram esses que eu tô dizendo porque tavam ligados à atividade profissional 24 horas por dia. Porque isso é uma coisa muito... sem... nada cai do céu gratuitamente. Quer dizer, o seu esforço é que pode produzir esse tipo de resultado. Pode até não produzir nenhum, mas geralmente sem esse esforço você não consegue atingir um nível de atividade profissional ra..., vamos dizer assim, acima da média. O esforço está... o gênio... dizem que 90% do gênio é suor mesmo, né? (risos) É capaz, é verdade. Esse negócio de gênio tem que trabalhar e muito, senão não vai ser...

AB - Dr. Fadul!

WF - Agora, esse é o quadro, o quadro em geral do ensino médio do meu tempo era um quadro sério. Os cursos eram levados muito a sério, tanto pelos alunos como pelos professores. Havia poucas faculdades então havia uma concorrência muito grande nos vestibulares, essa coisa toda.

CF - E o currículo era semelhante, né, ao da Faculdade Nacional de Medicina, entre a Universidade Fluminense...

WF - É. O currículo era o mesmo currículo.

CF - A mesma coisa, né?

WF - Porque o currículo quem... o currículo era determinado pelo Ministério da Educação. Os parâmetros do curso eram dados pelo Ministério da Educação para todas as faculdades, portanto era uniforme. E os professores eram geralmente (alguns deles?) é.

CF - Ainda mais a proximidade, né?

WF - Os daqui do Rio davam aulas em Niterói, os de Niterói davam aula aqui no Rio. E eram, tinham muito acesso aos institutos todos que eram oficiais. É... vamos dizer assim, naquele tempo se chamava de filantrópicos. A Santa Casa, (era filantrópica?), sempre muito ligada ao ensino da medicina no Brasil, porque a Santa Casa já vai fazer 500 anos de existência. Então, também é um patrimônio histórico. Por ela devem ter passado todas as gerações de médicos...

CF - (Todos eles formados, né? ?)

WF - ...formados (??). Porque a Santa Casa é realmente uma grande instituição sobre esse (??). No meu tempo ainda era filantrópica, hoje eu não sei como as coisas estão organizadas, como estão estruturadas, porque (governo?) sofreu um processo de privatização no plano da saúde muito grande. E instituições que antigamente eram filantrópicas, hoje são instituições realmente privadas, particulares, dedicadas ao lucro, etc. Que tem sido incentivado por governos sucessivos. E cujo balanço, sobre se foi bom ou se foi mau esse desdobramento, eu acho que talvez eu não tenha uma idéia muito clara a respeito, mas eu acho cedo ainda para uma avaliação definitiva disso. É, eu tenho impressão – e tenho dito escrito isso – que há uma certa incompatibilidade entre os objetivos da medicina e os objetivos da empresa privada. Quer dizer que... essa incompatibilidade é posta muito claramente, quando você considera que o objetivo da medicina seria, no limite, ter um hospital muito bem equipado, muito bem aparelhado, com um pessoal altamente qualificado, mas vazio... que a doença não existisse. Isso seria o ideal na medicina. Ao passo que, para o indivíduo que explora a medicina com o... objetivo de lucro, o ideal dele é outro. É um hospital nem tão bom, (risos) com um pessoal nem tão bem qualificado, mas com a casa cheia. (??), com a casa cheia. Então, no fundo, no fundo de tudo isso, está um incentivo à doença, compreende? Porque a doença realmente, é... compensa...

CF - É lucrativa, né?

WF - ... é um grande objeto de lucro (pra medicina?). Então há essa incompatibilidade do ponto de vista assim, vamos dizer, do ponto de vista... do ponto de vista filosófico. Da filosofia da medicina há essa incompatibilidade. Por isso eu tenho uma opinião formada sobre isso. Mas eu, eu me reservo o... porque nós tamos vivendo uma fase em que, ao contrário disso, o que se fez... o que se continua fazendo, é se incentivar a terceirização da medicina. É o incentivo a que o governo pague os seus cofres, os serviços prestados por terceiros à população de baixa renda, que tem sido a grande política da saúde pública do Brasil nos últimos anos. É... quando você imagina que deve ser 70% dos recursos destinados à internação no Brasil, são transferidos do governo para iniciativa privada, você sente que a política de saúde no Brasil é essa. É promover uma saúde lucrativa. Ela não tá assim tão preocupada, realmente, com aqueles objetivos fundamentais da saúde pública, digamos assim. Que é de prevenir, de evitar, de melhorar as atuais condições de vida da população no que diz respeito à saúde. Eu acho que esse assunto é um assunto que tem sido um assunto disfarçado, encoberto pela mídia, ela não tem levado em consideração isso porque não há interesse nisso. Os grandes... as grandes empresas de saúde... porque hoje são grandes empresas de saúde, não só pelo campo do seguro saúde como no campo

do exercício dentro da atividade profissional, as grandes empresas elas exercem um poder de... sobre os meios de comunicação de maneira a evitar o debate, aprofundar essas questões. O que só é feito em meios muito restritos.

CF - Vamos aproveitar que o sr. tá tocando nesse assunto, pra gente dar um pulo agora, desse período da Faculdade de Medicina de Niterói pra... pra Mato Grosso. O sr. falou muito sobre a sua experiência quando o sr. foi pra Mato Grosso, do seu trabalho no Hospital do Exército, das suas atividades políticas... Agente queria saber um pouco, até pegando o que o sr. tá dizendo agora. O sr. foi pra lá em 46, não foi isso?

WF - 47. Abril de 47.

CF - 47. Como era a participação do governo federal na área da saúde, especificamente lá em Campo Grande? Quer dizer, existiam órgãos federais de saúde atuando, prestando serviços de saúde à população? Como era esses serviços? O Departamento Nacional de Saúde atuava lá?

AB - Campanhas...

WF - Olha, sempre foi muito precária a ação do governo no interior do país. O que era visível mesmo era nas capitais e assim mesmo no Distrito federal aqui no Rio de Janeiro. (??). Na verdade, existia uma Delegacia Federal de Saúde lá em Mato Grosso e a sede em Cuiabá, porque era na capital. E havia um... uns... uma repartição lá que nós chamávamos... que era o DNERu. Departamento Nacional de Endemias Rurais.

CF - Ah, do DNERu. Mas o DNERu é de 56.

WF - É, de 56. Mas ele se ins... lá, quando eu cheguei em Campo Grande, existia um posto de saúde do estado que não funcionava. Porque a saúde pública no Brasil realmente não tinha... não tinha nenhuma estrutura permanente, capaz de funcionar ininterruptamente. Não existia isso.

CF - Os postos...

WF - O que existia lá era o ... eram as Forças Armadas, tanto a Aeronáutica quanto o Exército tinha um serviço de saúde organizado. O estado tinha uma Secretaria de Saúde que funcionava em Cuiabá e um Posto de Saúde em Campo Grande. E rigorosamente mais nada. Havia uma...

CF - No Departamento Nacional de Saúde não tinha nada porque era um órgão federal?

WF - Não tinha nada, nada. Nem... nem dos institutos de Previdência. Nada. Tinha uma Santa Casa precária. A Santa Casa estava terminando. Estava sendo terminada a construção de uma maternidade. Só existia (?), ali no Hospital do Exército e havia esse posto de saúde da Aeronáutica que eu me referi antes, que tinha internação, um pequeno centro cirúrgico, (?) e mais nada.

CF - Dr. Fadul, sabe por quê, nessa época, o Departamento Nacional de Saúde, ele tinha vários órgãos. Tinha o Serviço Nacional da Peste, da Tuberculose, do Câncer... Quer dizer, esses serviços nacionais eles atuavam nos estados em função de determinadas epidemias, né, eles... eram até serviços que acabavam chegando em algumas regiões do interior. Na sua experiência lá em Campo Grande não havia nada. Presença nenhuma...

WF - Nada. Não e vou dizer mais, uma experiência que eu já tinha observado, isso se restringia às capitais dos estados. Era restrito às capitais. Na capital tinha, tinha hospitais até em excesso, tinha os institutos, compreendeu? Que... havia ociosidade de equipamento, de pessoal e de... todo equipamento médico em geral nas capitais de estado. Dali não... isso não se difundia pelo estado todo. Sobretudo num estado como Mato Grosso que era um estado de 1 milhão de quilômetros quadrados. E de densidade de população muito escassa, né? Então era um pessoal bem nutrido, um hábito das pessoas que eu notei lá é que você podia operar de urgência um doente e eu nunca tive um caso por exemplo, de complicação por desproteinização por exemplo. Anemia, digamos assim. Compreendeu? Quer dizer, a cicatrização se fazia com muita, com muita regularidade. Porque o pessoal bem alimentado... comia-se muita carne, coisa que faltava no resto do Brasil, né? Então isso é uma coisa interessante de observar porque a população era hígida (ri) por causa das condições de vida da população. Tinha uma certa higidez. ...

CF - A população rural era atendida onde, então? A que vivia em torno da cidade de Campo Grande.

WF - Na Santa Casa de Misericórdia.

CF - Só.

WF - Só. Que era uma instituição... é, era uma instituição filantrópica sem... que não visava lucro, dirigida por uma associação de pessoas importantes (?). Não havia mais nada além disso. Poder ter, mas eu sei que quando eu cheguei lá não havia, por exemplo, anestesia por gases. Não havia transfusão de sangue, não havia transfusão de sangue, não é? (vozes ao fundo)

CF - Desliga aí um instantinho. (pausa na gravação) Pode voltar dr. Fadul. O sr. tá falando que no Brasil não havia uma estrutura permanente.

WF - É. O que me impressionava era que não havia... a partir das minhas observações locais, depois com a minha atuação política no plano nacional, verifiquei que não havia uma estrutura permanente de saúde pública no Brasil. E essa inexistência de uma estrutura permanente saúde que pudesse ser... exercer a rotina de saúde pública, é que foi (substituída?) (ruído) pelas campanhas. A campanha não é nada (ruído) mais do que a negação da estrutura permanente. Por isso quando aparecia um problema qualquer você criava uma campanha. Pra resolver um problema você criava uma campanha. Então pra vacinar contra a varíola você criou a campanha nacional de vacinação anti-variolica. E você criou a campanha de tuberculose, você criou a campanha pra todas as doenças existentes. O que prova evidentemente que essa estrutura não existia. (interrupção da gravação)

Fita 3 - Lado B

CF - Pronto.

WF - Porque a despeito do fato que em alguns estados houvesse maior interesse... num atendimento à população de um modo geral do interior sobretudo, o fato é que essa rede, essa assistência permanente, era uma... uma omissão terrível no (território?). Daí que ela foi substituída por esse tipo de coisa que eu tava dizendo, que é em vez da estrutura permanente,

funcionando permanentemente, que é o que nós desejamos até hoje, ...

CF - Um sistema preventivo eficiente, né?

WF - É. Passou-se a se utilizar de campanhas para... emergencialmente, dominar certas, certos surtos de doenças que ocorressem aqui ou em qualquer outra parte do território nacional. As doenças chamadas regionais mais em evidência eram: a esquistossomose, a doença de Chagas por exemplo, né, tavam ligadas principalmente a um problema social. Todas duas. Uma ligada diretamente ao problema de saneamento, a outra ligada diretamente ao problema da habitação. Não é verdade? Essas duas doenças é que eram as mais... atingiam áreas muito extensas do nordeste, sobretudo das áreas pobres de Minas Gerais e do norte de Minas Gerais. E que se disseminou pelo resto do país. Foi encontrado essa doença inclusive, no Rio Grande do Sul, (ruído) (???) disseminação, essas coisas, onde havia um padrão de vida razoável, muito bom, que defendia a população dessas... dessas mazelas todas. Mas...

CF - Voltando um pouco então a Campo Grande, dr. Fadul, até pra gente entender como é que estava a situação de saúde, nessa região, na época que o sr. assumiu a prefeitura. Né?

WF - É. O problema na saúde da população era razoavelmente boa, porque eu estou lhe dizendo por causa de razões que (ruído) não têm nada a ver com a ...

CF - Com a estrutura de saúde que existia.

WF - Nem com a assistência. Havia em Campo Grande além disso uma Casa de saúde particular com dois ou três médicos e mais nada. Foi a partir dessa... de 1950 sobretudo, que começou-se a cuidar melhor da saúde da população. E também nessa época começava a chegar lá em... disseminar pelo mundo, né, todas aquelas práticas que decorriam do desenvolvimento... tecnológico a partir da 2ª Guerra Mundial. Se disseminou pelo mundo inteiro e no Brasil com muita... com muita rapidez. A mortalidade caiu brutalmente no Brasil, nesta época de lá pra cá, de 45 em diante. Ela caiu, por quê? Ela caiu por causa das facilidades... dos chamados... antibióticos (ruído) utilizados a baixo custo, sem receita médica qualquer podia adquirir, comprar o antibiótico. E... os inseticidas de ação residual passaram a ser empregados pelo Ministério da Saúde, sobretudo a partir de 58, depois da (ruído) (vacinação?) da campanha nacional da malária, a erradicação da malária que é um dos, um dos problemas sérios de saúde pra o Brasil e que foi encaminhado por essa via, por pressão inclusive desses (?) ao Brasil. Porque a erradicação da malária é um dos problemas difíceis, (??) no Brasil. Sobretudo porque havia sempre o problema da Amazônia, (com 4 ou 5 milhões de quilômetros quadrados?) onde... a erradicação da malária é um sonho, até hoje, irrealizável, né? Até hoje irrealizável. Não há como você resolver. Você não pode erradicar a malária (na Amazônia em tantos quilômetros quadrados?) Mas a campanha nacional da malária... essa é a vantagem, mostrar que não funcionava a estrutura sanitária. E quando você vê o saneamento da Baixada Fluminense, esse saneamento resolveu o problema da malária na baixada. Se resolveu em termos, porque... suponhamos que tenha caído assim de 30 mil casos em certa região, pra 9, 10 casos por ano. Só o saneamento da Baixada. (??) engenharia sanitária, sem nenhuma... E aí também a introdução de medicamentos mais modernos no combate à malária como (?), (cloroquina?), essas coisas assim, você realmente resolveu o problema da malária na Baixada Fluminense. Praticamente resolveu. O que existe hoje, são alguns casos de malária resistente que são difíceis de tratamento.

CF - Que tipos de doenças eram mais comuns nessa região? De Campo Grande.

WF - Olha, por incrível que pareça, eu vi apenas um ou dois casos de malária em Mato Grosso (barulho de sirene), em 5 ou 6 anos. O Pantanal que seria o campo ideal de desenvolvimento desse tipo de doença, não dá malária.

CF - Por quê? ... Engraçado.

WF - Olha, eu vou lá até hoje. Passo lá 10, 15 dias pescando na beira do rio e nunca peguei malária em Mato Grosso. Peguei duas vezes no estado do Rio, malária.

CF - É mesmo, dr. Fadul?!

WF - É. É incrível, né?! Aqui! Aqui no Rio de Janeiro. (risos) Um em Angra dos Reis e outro em Macaé. Eu passei em Mato Grosso tantos anos e no meio do mato, pescando e tal. Vi um caso de febre amarela silvestre. Eu tive um doente. Eu vi não, eu tive um doente com febre amarela silvestre, que morreu em 3 ou 4 dias. Logo depois que (?), já estava em estado muito avançado, já estava numa fase... quase terminal, né, tanto que morreu 3 dias depois... Um caso de febre amarela.

CF - Isso na época em que o sr. trabalhava como médico lá.

WF - Eu exercia a profissão de médico. Foi na altura de 1950... Em julho, julho de 50 eu tive esse caso. Foi um caso que me ficou na memória porque o rapaz era um professor de ginástica, um sujeito forte, saudável. E ele passou uns dias numa granja lá e acabou com essa... surgiu com essa icterícia muito grande, com esse quadro. De imediato me ocorreu... e depois os exames confirmaram que ele estava com febre amarela. Mas aí ele tinha falecido. Nós estávamos usando já, começando a usar a vacina anti-(malária?). Então foi fácil vacinar a população toda e eu não tive mais caso de febre amarela lá. Ela deve existir ainda porque existiu em todo Brasil febre amarela silvestre. Mas casos isolados, não há nenhuma possibilidade hoje porque, por causa da vacina sobretudo, de... que aconteça um surto de doença de febre amarela. Eu não sou um especialista em saúde pública. Eu sou mais político do que outra coisa.

CF - Mas o sr. comentou com a gente da última vez, que logo que o sr. assumiu a prefeitura (ruído) o sr. implantou um programa pra área rural.

WF - É. Havia o problema de que essas... é, as populações foram sempre muito abandonadas, né? Não tinham assistência nenhuma. Elas vinham até à cidade. E como Campo Grande era um município muito grande... Mato Grosso as dimensões são muito grandes... era um estado com 1 milhão de quilômetros quadrados, com população de 200 mil habitantes, 250 mil habitantes. Então havia áreas muito rarefeitas de população. Mas a população era saudável de um modo geral, mas as doenças ocorrem em toda parte. E então esses doentes iam para a cidade. Geralmente pra Campo Grande que era o centro mais importante, né, da região. Onde tinha médicos mais capacitados... Alguns das Forças Armadas que faziam... eram médicos que (?) cidade trabalho e etc. E havia 2 ou 3 médicos locais muito bons. Um deles... o avô da Ruth.

CF - Ah, sei!

WF - (?) Martins, ele já era senador, mas ele exercia ainda esporadicamente a profissão. Mas o ... o Fernando Correia da Costa que veio a ser governador do estado, era um médico também de maior clínica em Campo Grande na época, embora ele fosse ginecologista e obstetra. Porque

o irmão dele era um grande obstetra aqui no Rio. Não sei se você... (?) Correia da Costa. Ele era catedrático de obstetrícia da faculdade. (Clóvis?). Não sei se era Clóvis. Clóvis Correia da Costa, acho que era esse o nome dele. Não tenho certeza. Era Correia da Costa. Ele... – por influência do irmão, certamente – o Fernando era um, operava e outras coisas, mas ele era sobretudo ginecologista. E havia o ... mais uns dois ou três médicos de relativa competência, que trabalhavam bem, eram bons médicos. Mas o equipamento era muito precário. Como eu disse a você lá não tinha transfusão de sangue, né? Não tinha serviço de anestesia por gases. Isso foi introduzido depois da minha chegada. Isso facilitou muito o meu trabalho porque realmente era o equipamento que eu estava acostumado a trabalhar aqui no Rio.

CF - E quem leva isso? Via Exército, foi...

WF - Bom, eu criei... eu criei... Eu cheguei lá em Campo Grande e encontrei aquela famosa... aquela famosa coisa... subitamente incompreensível. Era um desperdício total. Eu tinha... eu tinha um, uma farmácia que era uma coisa extraordinária pra Mato Grosso. Ninguém tinha nada parecido com isso. E em poucos lugares do Brasil existia. Por causa, durante a guerra, os americanos distribuíram muito e nós tínhamos muitos medicamentos americanos lá na Base, inclusive o plasma seco que você dissolvia em soro fisiológico pra injetar na veia, plasma sanguíneo seco. E havia um apartamento cheio desses troços. E parado lá.

CF - Na Base da Aeronáutica.

WF - Na Base, é. E eu então, conversei com o comandante e disse: “Olha, isso daí vai se perder aqui. Vamos botar isso à disposição da sociedade aqui. Que, se um menino queimado aqui precisar de soro, não tem. Se precisar de transfusão, não tem. Tem que pegar o avião pra ir pra São Paulo. Nem todo mundo pode fazer isso. A população não tem condições de fazer isso.” Então ele concordou e eu ofereci à Santa Casa, pra não discriminar médico nenhum, ofereci à Santa Casa. Todos colegas, que eram poucos, eram uns 12 médicos em Campo Grande mais ou menos, é... ofereci a todos eles esse (?). E me ocorreu a idéia de selecionar um grupo de doadores de sangue, na Base mesmo. Porque eram pessoas saudáveis e tal. E realmente eu selecionei um grupo de 20 doadores de sangue e estabeleci então, um serviço de transfusão, através da... eu extraía o sangue do doente e fazia a transfusão quase que de imediato através da... de umas ampolas com vácuo, extraía o sangue e depois, na hora, ia fazer aquela transfusão direta braço-a-braço, que era o que existia. Inclusive aqui no Rio, em muitos lugares se adotava esse negócio. Eu extraía o sangue e depois fazia a transfusão. Então, eu... Esse serviço era fundamental pra mim porque não é possível serviço de cirurgia... perfeito sem que você tenha à sua disposição um serviço de transfusão de sangue. Porque qualquer acidente... a transfusão é fundamental, né?

AB - Isso foi uma coisa que o sr. conseguiu instituir na Base.

WF - Na Base. E aí espalhei isso. Passei a usar...

AB - Conseguiu espalhar.

WF - ...na minha clínica particular também quando eu precisava. E também quando os colegas precisavam de uma transfusão, eu... eu providenciava a transfusão. Depois criou-se lá então... serviços especiais e os anestesistas também se formaram, formaram um serviço especial de anestesia. E tudo isso se desenvolveu a partir de 1950. Quando eu cheguei na prefeitura o quadro era esse que eu tô contando pra vocês. Não havia serviço nenhum, fora da cidade de Campo

Grande, no município. Não havia. Acho que nem médico, nem médico existia fora da cidade. Então eu, já tinha discutido isso com o meu antecessor, que tinha tomado as primeiras providências pra instalar um serviço itinerante de assistência médica. Havia certas dificuldades porque era uma novidade, nem existia no Brasil. Não conhecíamos nada parecido no Brasil. Nós então, instituímos isso a partir de... nomeamos alguns médicos, com o compromisso mais político do que financeiro, né, de atender sábado e domingo e feriados a população da periferia, no município. Que alguns distritos ficavam a 100 quilômetros de distância da sede. Campo Grande era um município enorme, né? E... seguindo a tradição de Mato Grosso porque, Nioaque que hoje é uma cidade que quase ninguém conhece, não sei quem se interessa por história do Brasil ou guerra do Paraguai. Nioaque foi ocupada pelo Paraguai e incendiada em 1864. A Nioaque é a cidade mais antiga do sul de Mato Grosso. Então era a única comarca que tinha registros de nascimentos, de casamentos, essas coisas. Então, a pessoa nascia na fronteira de Goiás com Mato Grosso – nós estamos falando aí em centenas de quilômetros ...

CF - Tinha que atravessar...

WF - ... ele ia a cavalo pra registrar o filho em (Nioaque?).

CF - Nossa mãe!

WF - Em Nioaque se usava, no fim do século passado, fraque. Meio-dia é um calor terrível! (risos) (??). Era a única comarca da região, desde a barranca do Paraná até as barrancas do Paraguai e do Apa. Nós tamos falando aí em alguns milhares de quilômetros. Era a única comarca existente. Então havia essa tradição. E Mato Grosso foi se desmembrando em função disso. Os estados foram formando os municípios e Campo Grande era um município grande. Então, nós fazíamos uma escala. A população era avisada que... dia tal, sábado, em tal lugar, às 8 horas da manhã... tava uma ambulância com dentista, com médico, com aparelhagem pros exames e etc e tal. E assim, percorremos num mês todos os distritos do município. E isso deu um grande resultado porque, não só atendeu muitas pessoas que não procuravam médico porque as dificuldades eram muito grandes: a distância, recursos, etc, como também educou...

AB - Fez um papel preventivo, né?

WF - Teve um papel pedagógico de ensinar a pessoa a se cuidar e a procurar um médico quando necessário. Então se desenvolveu muito esse espírito, essa exigência de ter uma assistência médica, compreendeu, à altura da população. Teve um papel importante, não só do ponto de vista prático do exercício da atividade profissional, do atendimento às necessidades da ocasião, como criou no espírito da corporação a idéia de que havia... uma certa obrigação dos órgãos públicos de propiciar uma assistência adequada à população, entendeu? Isso do ponto de vista pedagógico. E eu notei isso *a posteriori*, mas na ocasião o meu objetivo era em vez de fazer o sujeito vir até à sede do município, levar até ele, até o distrito ou até a povoação, povoado... uma assistência uma vez por mês pra que ele pudesse ali... E em casos graves, a ambulância transportava o sujeito até a sede do município e ele era atendido. Essa idéia de descentralizar, ficou na minha cabeça durante... praticamente até a minha ida pro Ministério. Quando me ocorreu, na ocasião, (ruído) (??) problema da minha passagem pelo Ministério, né, (ruído) (???) ocorreu no (?) das reformas. O apogeu da luta pelas reformas. E... é uma pergunta muito freqüente “Na saúde não se faz nada e tal?”. E realmente não se fazia rigorosamente nada, né? O Ministério da Saúde era o Ministério das barganhas políticas. Quando você queria atrair um governador pra apoiar o governo federal, você oferecia o Ministério da Saúde. E ele então... Isso fazia com que (?) funcionavam alguns órgãos porque estavam à margem (dessa política

local?) de pesquisa, embora precariamente funcionava bem. O Evandro Chagas funcionava em Belém e o Oswaldo Cruz funcionava bem aqui. Mas de um modo geral, os serviços careciam de uma... de uma política nacional de saúde pública. A independência das pessoas, o prestígio pessoal das pessoas. (?) se o Aldo quisesse alguma coisa da tuberculose, ele podia conseguir em função de conhecimento pessoal dele, não é? Mas não é isso que se pretende de um serviço de saúde. Se pretende é que ele funcione! Independentemente das pessoas, do prestígio que elas possam ter junto à autoridade pública. (??).

CF - O Ministério... o Ministério foi criado exatamente durante a sua gestão na prefeitura, né? O Ministério da Saúde.

WF - O Ministério foi criado em 1954.

CF - Pois é. O sr. não ficou até 55 na prefeitura?

WF - Não. É... eu fiquei, fiquei até fim de 54. O Ministério foi criado durante a metade... no último ano da minha gestão na prefeitura.

CF - E não teve nenhuma... nenhuma interferência na...

WF - Não. Porque o Ministério da Saúde é uma coisa estranha. Ele foi criado, você sabe a (história do?) Brasil, acho que tá desde 1920, né, (pigarro) a criação do Departamento Nacional de Saúde. Depois em 30, o Ministério da Educação, fundiu os dois departamentos de Educação e Saúde. Departamento Nacional de Educação com o Departamento Nacional de Saúde. Depois disso, o outro grande acontecimento foi a criação Ministério da Saúde em 54. Mas ele não foi criado, eu acho... principalmente pelas necessidades no campo da saúde, foi mais um problema político. E eu tava com a idéia de criar mesmo e já...

CF - Desmembrar o da Educação, né?

WF - ... (a saúde estava exigindo?) a Educação. Eram coisas que tinham tomado proporções muito grandes, e o governo tinha realmente que criar um órgão próprio pra isso. Mas a idéia básica era dar o Ministério para o candidato ao governo do estado Rio de Janeiro, sabe? Que no caso era o dr. Miguel Couto Filho. O pai foi um grande médico, historicamente falando. Ele era um clínico respeitado. É... Mas o filho não tinha nenhuma inclinação. Eu conheci o Miguel Couto, fui convidado... Criei até um “Grêmio Miguel Couto”, né, (ri) na faculdade quando eu era estudante. E convidamos o Miguel Couto pra ir presidir a solenidade. E tive um contato com ele extremamente desanimador, sabe? Ele... não tinha nenhum interesse pela medicina. Ele morava num edifício ali no Morro da Viúva. O edifício até é Edifício Miguel Couto.

CF - Ah, é?

WF - É. Ele morava ali. A minha impressão foi muito ruim. Ele também era um homem afastado da profissão, ele não exercia a profissão. Ele não tava obrigado a ser brilhante em medicina, né! Eu dou essa justificativa. Mas a mim me impressionou o desinteresse dele pela atividade médica. Isso foi quando eu era estudante. De repente... cria-se o Ministério da Saúde e ele é nomeado ministro da Saúde. E eu vim a saber que ele era o candidato do... ministro Amaral Peixoto, Comandante Amaral Peixoto, ao governo do estado do Rio. E de fato ele foi candidato ao governo e foi eleito. Por isso o Ministério nasce com um defeito capital. Ele se desmembrou em dois pedaços. A parte de representação – parte do ministro – ficou desmembrada da parte

técnica. Por isso se criou o Departamento Nacional de Endemias Rurais. Porque aí que ele foi criado.

CF - Foi em 56, né?

WF - É o Departamento de Endemias Rurais, foi criado logo em seguida! Mas ele foi criado por isto! Porque o Ministério... o Miguel Couto cuidava apenas da representação e da sua candidatura a governador do estado do Rio... porque ele foi ministro uns 8 ou 10 meses enquanto não houve eleição. Houve eleição ele desencompatibilizou e foi ser candidato e se elegeu governador do estado. Mas criou-se o DNERu, e o DNERu tinha uma característica muito interessante, é que ele embora, o diretor do departamento fosse nomeado pelo presidente e referendado pelo ministro, ele prestava contas diretamente ao Tribunal de Contas. Como se não fosse um órgão do Ministério!

CF - Ah, é?

WF - É! Como se não fosse um órgão do Ministério. O que me, o que me levou a me fixar na idéia de que realmente era verdade o fato de que o Ministério tinha servido mais à eleição do Miguel Couto pra governador do estado do Rio, do que aos interesses da saúde pública no país, compreendeu? Por causa disso.

CF - E o Departamento Nacional de Saúde, que ele continua a existir dentro do Ministério.

WF - É. Exatamente.

CF - Mesmo depois da criação do DNERu.

WF - E quando eu assumo o Ministério... eu encontrei este quadro. que não foi modificado! Porque de lá pra cá, o Ministério passou a ser um objeto de barganha política e nunca ninguém apresentou no Ministério, uma solução pra problema nenhum. Eu tenho aqui a carta do Miguel Couto... é do professor Maurício Medeiros, que foi ministro (do Juscelino?) indicado pelo Adhemar de Barros, e... ele mostra claramente que não tinha nenhum... não passava pela idéia nenhuma reforma no Ministério, nenhuma... reconstituição do Ministério, uma reestruturação que fosse do Ministério. Não passou pela cabeça dele isso. Ele até...

CF - Por isso...

WF - ...estranhou muito que tivesse proposto isso, escreveu o artigo em função desse... Ele achava que o governo federal pela sua própria existência através de decretos, resolveria todos os problemas de saúde do país, independente de uma estrutura que fosse capaz de levar adiante essa política preestabelecida. Ele não tinha, absolutamente, nenhuma noção disso. Embora fosse um homem extremamente preparado, culto e respeitado, homem sério. Ele não tinha essa visão reformista. Porque a visão reformista vem com o crescimento do PTB. Que (???) que era revolucionário. Tinha outras idéias a respeito. E no fundo, podia até ter razão, mas e se era inaplicável ao Brasil por uma série de circunstâncias, inaplicável aqui. Então a política que... possível, era a política do PTB. Depois daquela (?) do Getúlio... daquela preocupação... é emocional com o Getúlio, depois daquela coisa toda, é... o PTB passou a ser um (país?) ideologicamente (formado?). Você vê que na eleição de 64, 80% das cassações do Congresso atingiram os deputados da parte do PTB. Porque eles eram... reformistas mesmo! Queriam reformar o país! Era a idéia. E isso tomou conta do Brasil todo! Então quando eu vou pro

Ministério é com esse objetivo, de fazer essa reforma, compreendeu? E a ... o centro da reforma era a descentralização. Quer dizer, era a mudança da estrutura, então como o Ministério é um órgão essencialmente normativo e a execução das tarefas de saúde ficavam sob toda a carga do município e dos estados, só isso. O governo federal não tinha nenhuma coisa, nada a fazer, a não ser no campo da pesquisa, no campo das doenças regionais brasileiras que não pertenciam a nenhum município, pois eram problemas de natureza nacional, e da representação exterior: os convênios internacionais (?). É essa, é esse o que tinha na cabeça. Agora, o objetivo era criar uma rede permanente, que fosse capaz de funcionar, dia e noite, sem nenhuma interferência de ninguém. Que ela fosse, vamos dizer assim, auto-aplicável, funcionasse por conta própria. Apenas... em função da estrutura montada para esse fim.

AB - Mas voltando um pouquinho rápido pra essa época na prefeitura, esse princípio da descentralização e (?) dessa coisa itinerante, o sr. conseguiu aplicar mais alguma coisa assim efetivamente, criar postos... dar uma descentralizada mais efetiva...

WF - Sim. Aí eu criei... é. Aí eu fui construir, quando eu construí o ... arquivo, que era o prédio da Secretaria de Saúde do Município, não é?

CF - Porque não existia até então.

WF - Não existia. É... quando eu... contratei lá um rapaz, eu era muito fiscalizado. O que era muito bom porque eu não era de lá. (?) Não tinha família por lá. Não era conhecido. Assumo a prefeitura, chego lá em 47. Em 52 já era prefeito da cidade. De maneira que é um negócio... Depois de ter sido vereador, com uma votação estúpida e inexplicável, né, não se podia explicar. Só tinha explicações, aquelas que eu dei aqui, pelo meu trabalho (ruído) (???) não da política. Eu tava lá pra (outros fins?) e de repente aconteceu isso. Eu contrato... a construção desse ... desse... dessa Secretaria de Saúde. E contrato isso e teve um acidente desagradável porque o sujeito faliu, coitado. Porque ele pediu uma revisão do contrato que eu não podia fazer porque a oposição não deixava, né, que eu fizesse. Ele até faliu, suicidou-se por causa disso.

CF - Nossa!

WF - Aí eu terminei. Eu terminei o ... Eles chamavam aquilo... que era o (?)... o calor da paixão, né, dizia aquilo era o... – Como é que chama? – era o... eles deram o nome (ruído) “túmulos do faraó”. Porque achava um absurdo fazer...

CF - Construir uma Secretaria de saúde...

WF - Secretaria de Saúde (????). Porque a Secretaria era para centralizar todo esse serviço que tinha tomado um vulto muito grande, compreendeu? Passou a ser obrigatório pra prefeitura atender esse serviço itinerante de saúde. Quer dizer, isso tem tais resultados... e sobretudo eleitorais visíveis... E isso ninguém ousava sequer propor a extinção disso. Então, eu criei a Secretaria pra centralizar isso e desenvolver esse serviço. Hoje eu, Campo Grande é uma cidade hoje com quase 1 milhão de habitantes, por aí, que é uma cidade moderna, uma cidade bonita. Mas era uma cidade bem traçada já nesse tempo. E ... clima muito bom. Pessoal rico. Muito trabalho, não havia desemprego. Não havia favela em Campo Grande. Hoje tem várias. Lá não tinha favela nesse tempo. Havia bairros pobres e bairros ricos. (???) e o padrão de vida era razoável pra todo mundo. Não havia pobreza como há hoje. Então era um ambiente muito favo...

Fita 4 - Lado A

WF - Um ambiente muito favorável. Tava na minha mão decidir sobre o futuro da saúde pública no Brasil, como depois aconteceu, né? Mas...

CF - Quantos... quantos candidatos do PTB. Como é que ficou o PTB depois dessa eleição?

WF - Depois da eleição fiquei, eu como deputado federal, nós... a coligação, eram... eram 8 deputados. ... Eram 8 deputados, eu acho. Nós, a UDN elegeu 5 deputados, nós elegemos 3. (ruído) Mas o contrato foi executado na minha gestão. E era pra ser pago em 2 anos. 50% da verba orçamentária, quer dizer, da arrecadação do município, era destinada a esse serviço de pavimentação. Eu ficava com os outros 50% pra pagar pessoal e realizar todos os serviços municipais. É... eu gastava mais ou menos, uns 28% do orçamento com pessoal. E com o resto dos recursos eu mantinha esses serviços... e ampliava inclusive, e... não tinha nenhum município de Campo Grande, uma criança sem escola, em idade escolar. Todo mundo era atendido. Só quando... praticamente o estado tinha ginásio lá, o estado tinha algumas escolas estaduais... é... poucas, mas o grosso da população era ensinada em escolas do município. Sobretudo na zona rural, a zona onde a gente atendia com mais cuidado porque a cidade sempre tem, o estado sempre temia as grandes cidades de maneira mais... Mas as cidades pequenas eram inteiramente abandonadas. Então a prefeitura se encarregava de abrir estradas e... melhorar as condições de vida da população através de ... de (?) de toda natureza. E isso tudo era feito com os recursos da prefeitura. E esses recursos davam. O engraçado é que hoje não dão pra nada. Evidentemente que como eu disse a população era hígida e isso exigia pouco, não é? Não são as exigências carenciais de hoje que são quase que... impossíveis de ser atendidas com recurso da própria União. As exigências são muito maiores do que a capacidade de atendê-las. Isso é um dos dramas do caso da saúde, mas de outros setores também da administração pública. O no caso da saúde é evidente que o ... tá a briga do Jatene, não é, ressentido de recursos. Embora eu, pessoalmente, ache que antes de se aumentar as verbas destinadas a esse tipo de assistência que tá aí, era preciso desviar a indagação pra outro ângulo. Isto é, primeiro verificar se os resultados obtidos com esse sistema, correspondem aos investimentos feitos nele. Quer dizer, se nós estamos gastando uma quantia e essa quantia está sendo, produzindo os resultados que deviam produzir, correspondentes a ela. E eu respondo que não, que há um defeito grave no sistema, acho que os recursos podiam ter melhor, produzir melhores resultados. E... e acho que essa opinião tá mais ou menos hoje, tá bem difundida no seio da categoria. Porque os médicos mais conscientes, mais responsáveis, eles sabem que o que se está gastando em saúde no Brasil, hoje... é, talvez fosse necessário, mas ela não tá produzindo os resultados esperados. Se é por que privatizaram a saúde e transformaram tudo isso num grande negócio, não é? Que já não é tão grande assim, parece. Os custos são muito baixos. O governo qualquer dia vai ter que encampar essa rede privada, porque esse é o destino da nossa terra... se o empresário entra em dificuldades o governo absorve isso. Não é? Se o negócio tá mão do estado e tá dando lucro, então o sujeito privatiza esta empresa. Então são as duas vertentes que no fundo no fundo, elas... elas... são conduzidas na mesma direção. O que tá ruim na mão do estado, continua no estado. Tá bom, então vamos privatizar. Mas aquilo que está ruim na mão do particular deve ser então estatizado. Foi o que aconteceu no Brasil nesses últimos anos. Quer dizer, nas empresas estatais, vamos dizer que 10 ou 12 são empresas que o estado promoveu. A siderurgia... a eletricidade... Tá na moda a vale do Rio Doce, por exemplo. Agora, as outras 600 empresas que estão na mão do estado, são empresas de particulares que o Estado comprou, pra de certa maneira evitar um desastre financeiro, familiar, qualquer coisa desse tipo. Essas o governo pode até dar de presente. Então no campo da saúde (ruído) não ocorre esse, esse problema. Há uma rede privada

conveniu-se com o tesouro público (continua o ruído no gravador) e desviou dele durante muito tempo. Quando os recursos não davam saudavam-se os recursos. Isso é público e notório, acho que não há nenhuma dúvida sobre isso. Que não se refere a ninguém, é o sistema em si que eu tô falando, não faço referências pessoais porque não é... primeiro do meu auxílio e não acho injusto porque o sistema é esse, o sistema difundiu-se dessa maneira e foi justamente através da previdência social que aconteceu isso. Porque os primeiros convênios feitos foram com a previdência e isso tá na origem da falência previdenciária ao meu ver. Quer dizer, os institutos de assistência, os IAPs, eram institutos de previdência e não de saúde. Eles gastavam 60, 15% da sua arrecadação... com a saúde. Porque eles arrecadavam muito e gastavam pouco. Não tinham muitos aposentados. Então resolveram distribuir um certo dividendo pra população associada, através de saúde. Então a IAP(?) comprou ali o Hospital da Lagoa, foi um negócio feito com a Sul América. Talvez mais em interesse da Sul América do que dos bancários, mas de qualquer maneira comprou seu hospital. O IAPM fez o hospital dele. IAPM é aquele do Andaraí. Quer dizer, mas para os seus associados, que é os que contribuía. Porque o instituto não é um... a previdência não é um negócio assim que você diz assim: “Pertence a todo mundo.” Não! O instituto é por categorias sociais e cada um contribuía de acordo com a sociedade pra isso. Acontece que a partir de 64, criado... fundidos os institutos, não, criado o Ministério da Previdência, o Ministério passou a convênios hospitais, casas de saúde pelo Brasil inteiro, pagando com os recursos da previdência. Ora, quando você abre uma torneira desse tamanho, é evidente que a tendência é escoar-se por ali o patrimônio da instituição. Foi o que aconteceu no Brasil. Quer dizer, todo mundo queria, através do deputado, senador ou do general, compreendeu, gerais e tal... realmente é o apogeu da sua carreira, né? É... você conseguia um convênio, o ... a ... o grande objetivo era fazer um convênio com a presidência. Então a saúde no Brasil... Olha, houve um momento em que se você fechasse o Ministério da Saúde não acontecia rigorosamente nada no Brasil. Porque todo mundo tratava da saúde com a previdência social. Porque lá é que tava o dinheiro! Não era bem a saúde que interessava. Era o dinheiro. Mas de qualquer maneira ninguém ia ao Ministério da Saúde porque não tinha verba. Então eu disse numa ocasião num curso aqui em Curitiba isso. Em plena ditadura, disse lá: “Se fechar o Ministério da Saúde não acontece nada. Agora, não pode fechar o da Previdência porque pára a saúde no Brasil.” Não é verdade? Isso vocês assistiram isso.

CF - Claro.

WF - Não é novidade pra vocês isso. Então essa crítica que não foi feita ainda com a profundidade que eu julgava necessária e confundiu-se... confundiu-se de certa maneira aquilo que se chama seguridade social, une com saúde pública, ficou tão confuso o problema que até hoje nós não conseguimos desembaralhar isto de um modo...

CF - Separar um do outro. São conceitos que tão (?).

WF - ...Separar um do outro de modo a dizer: “Olha, isso aqui é saúde, isso aqui é previdência social.” Não se conseguiu até hoje. E há ainda quem lute! E pessoas até que eu reputo pessoas sérias, lutam com convicção. Para o fato que a seguridade social deve abarcar tudo isso e não deve ser dividida. Eu não sei como resolver bem o problema, mas eu acho que precisa definir, definir certas prioridades que competem à saúde, e a seguridade social tem outras características. Embora elas tenham aproximações, elas têm distinções respeitáveis que precisam ser levadas em conta na colaboração de uma política no setor. Essa é a minha opinião pessoal, eu acho que é a opinião mais... mais equilibrada e está na cabeça das pessoas em geral, embora não tenha sido formulada por não precisar é... necessário.

CF - Dr. Fadul, vamos voltar um pouquinho só pra gente não perder algumas informações importantes. O sr. começou a falar na época ainda da sua prefeitura, o sr. tava na prefeitura em Mato Grosso, dos postos de saúde.

WF - É. Isso, isso.

CF - O sr. até falou da construção do prédio da Secretaria e aí o sr. construiu postos de saúde?

WF - Não, não construí. Eu não tive tempo. Eu fui prefeito 1 ano e 11 meses. Eu fiz uma carreira meio esquisita, porque em 50 eu fui vereador. Em 52 fui eleito, 53 em janeiro, fui eleito prefeito. E em 54 fui eleito deputado. Eu fiz uma carreira assim, em 4 anos eu saí de nada a deputado federal. E saí daqui do Rio pra passar 1 ano em Mato Grosso, passei 6 anos, voltei deputado federal.

AA - Quer dizer, esse tempo da prefeitura...

WF - Foram 1 ano e 11 meses.

AA - ...1 ano e 11 meses. O sr. destacaria a construção da sede...

WF - A construção... Exatamente. Do... da... desse serviço itinerante que passou a funcionar com uma certa regularidade. Eu levava muito a sério isso. E às vezes, pessoalmente, fazia isso. E... porque eu não tinha essa coisa de prefeito, prefeito tinha que dar um duro danado. Porque eu era sozinho contra o mundo inteiro, né, e eu não tinha jornais, não tinha nada. As grandes famílias todas eram contra mim. Embora educados, eu tinha uma convivência civilizada, mas era difícil pra eles, tolerar uma pessoa como eu que tenha chegado lá em 47 e em 53 tinha... era prefeito da cidade. E com um prestígio crescente no Estado todo, quer dizer, era o único... e fazendo uma oposição. Embora educada, mas muito ferrenha ao governo do estado. É...

CF - E o sr. tinha aliados do PTB lá na...

WF - Eu tinha. Eu no PTB, o PTB passou a crescer comigo. Passou a crescer.

CF - Hum, hum. Isso é importante.

WF - ... o partido, assumi... Depois de prefeito eu assumi em junho a presidência do partido no Estado todo. E passei a organizar o partido no Estado todo também, além de toda aquela trabalhadeira eu ainda essa aquela coisa de organizar o partido pra disputar as eleições de 54, não é? Então eu me elegi presidente do partido na convenção do partido em junho ou julho de 53. Esse foi um momento muito tumultuado com alguns episódios muito importantes... é, quer dizer, pra mim pessoalmente. Mas que eu acho que tem alguma configuração nacional. Porque a minha entrevista é um pouco política... (campainha)

CF - Sim! Claro! Lógico! (ri)

WF - ...porque não pode deixar de ser.

CF - Não pode.

WF - Eu acho que a política tá em toda parte, não adianta você dizer: “Eu não quero nada com

a política!”, mas a política requer sempre alguma coisa com você. (risos) Aqui não adianta! Porque nós todos somos animais políticos por definição e não temos como fugir a isso.

CF - Claro. (ri)

WF - Eu, como eu disse a você, eu fui candidato a prefeito e o meu partido rachou no meio por influência do próprio Getúlio. O Getúlio era contra a minha candidatura. Porque o Filinto apoiava a minha candidatura, o Filinto Müller. O dr. Filinto não tinha como... (barulho de avião) (voz ao fundo: “Já tô aqui tá?) Ok! Como não tinha como deixar de me apoiar. Porque ele, Filinto, tinha perdido as eleições pro governo do Estado. Tava sem mandato de senador. Então ele tava no ar. E o único sujeito de ... ele não podia se eleger por outro partido que não pela oposição. E quem detinha o cargo mais importante no Estado, da oposição era eu. E quem fazia a oposição mais... mais... vamos dizer assim, mais consistente ao governo estadual era eu. Embora fosse amigo pessoal do governador. Amigo, colega e tudo. Mas, com uma certa distância e tal. Pensava diferente, agia diferente. E o Filinto então, apoiou a minha eleição. O Getúlio não gostou. Através de caminhos... amigos pessoais dele, o general Lutz que era uma pessoa, era um oficial muito distinto e meu amigo pessoal. Mas ele era muito amigo do Getúlio. Foi diretor da Noroeste do Brasil, quando o Getúlio, no 1º governo do Getúlio. Então o Getúlio agiu por intermédio dele. O fato é que houve uma cisão no partido que foi resolvida daquela maneira que eu contei. Mas eu não sabia até aonde ia essa disposição do presidente. (ruído) Quem eu não conhecia, eu não conhecia o dr. João Goulart, porque como eu disse a você, eu era da esquerda democrática, eu era socialista. A minha entrada no PTB decorreu daquela circunstância das minhas relações com o ministro da Aeronáutica, que num certo momento me levaram a essa posição. E como, era um partido com um mínimo de ligações, vamos dizer, com a minha maneira de pensar, foi por aí que eu entrei. Então, de repente quando eu me elegi prefeito (campanha) eu recebo um recado, em abril de 53 – eu tomei posse no dia 22 de fevereiro de 53 – em abril de 53 eu recebo um recado do dr. João Goulart para vir ao Rio. Que eu não conhecia o dr. João Goulart. Como eu lhe disse o prefeito anterior tinha sido assassinado em plena convenção do partido. A convenção tinha elegido o diretório de Cuiabá, mas não chegou a eleger a executiva do partido, porque o rapaz foi morto. E ficou parado aquilo ali. Então recebo um recado do dr. João Goulart pra vir ao Rio. Pego o avião e venho. Chego aqui e me encontro com ele, eu o conheci na sede do partido, era ali na Av. Rio Branco. Cheguei me apresentei a ele, ele foi e disse: “Nós vamos a Petrópolis.” O presidente tava reunido. “O... o dr. Getúlio quer falar com você.” Eu a princípio estranhei porque realmente não tinha nada a ver o prefeito lá de Campo Grande tomar posição com o presidente da República. Mas não me passou pela idéia, jamais, que houvesse do presidente algum interesse encoberto, em torno disso. Ele me trouxe de carro. Ele mesmo dirigindo. E muito simpático, o dr. Jango era uma pessoa muito afável, muito inteligente e muito simpático. Eu não o conhecia, ele perguntou umas coisas sobre Mato Grosso e eu conversei com ele sobre todos os detalhes, não tratamos de nada importante. Chegamos lá no Rio Negro, ele abriu uma porta, me disse... era um salão comprido, sabe, e tinha uma mesa branca no fundo (ruído) e o dr. Getúlio tava sentado na mesa com um monte de papéis de um lado – Vou te contar um episódio histórico. É pessoal, mas é histórico. Eu nunca contei pra ninguém não. – um monte de papéis de um lado, processos do lado esquerdo dele. Ele virado pra mim. Os processos que estavam à esquerda ele pegava, aí o Jango, dr. Jango abriu a porta e disse assim: “Espera um pouco aí. Dr. Getúlio vai lhe atender.” Eu, então, sentei-me num sofá, tava encostado na cadeira... “Olha, lá no fundo da sala!” Fiquei com aquela impressão meio esquisita de que ela já fez de propósito pra impressionar um pouco as pessoas. Mas não levei aquilo em consideração e achei que ele tendo mandado me chamar, sendo presidente ou não, pouco importa, a ele competia me receber. Mas, como a gente vem lá do interior, o presidente tinha uma presidência muito grande na vida do país. Ele tinha uma

estatura de uma pessoa na base de estadista e tal. Proclamado e verdadeira em muitos aspectos. Eu me sentei ali e fiquei esperando. Ele pegava o processo, lia, despachava, assinava e botava no lado direito dele. E assim ele fez. Ele levou uma meia hora nisso. Quando ele terminou de despachar ele se levantou e deu a volta e encostou-se na mesa com o charuto na mão, e aí eu me levantei, me aproximei dele e ele me fez uma pergunta. Eu olhei... era uma pessoa... o aspecto eu já imaginava dele, não houve nenhuma surpresa. Fotografia dele muito difundida pelo país inteiro. Eu já tinha visto num comício em 50 e tal. Ele foi virou-se pra mim e disse assim: “Prefeito, até aonde a morte do seu antecessor refluíu na sua eleição?” A primeira pergunta que ele me fez. Eu fui e disse a ele: “Presidente, eu quero lhe dizer que a morte do prefeito foi a eleição. Isto é, não há nenhum mérito pessoal meu nessa campanha. Qualquer um teria se eleito. Porque a morte do prefeito nas circunstâncias em que ocorreu, criou um clima emocional de tal ordem que teria que se refletir inevitavelmente na campanha e foi o que aconteceu.” Ele foi e disse assim: “E como vão as suas relações com o governador?” – O governador era o Fernando que era da UDN. Eu estranhei o negócio porque dá a impressão de que o Getúlio... ele não era linear nas coisas políticas e aliás, com muita razão, política não propicia esse tipo de comportamento estanke assim, assim rígido, né, é muito difícil. – Aí ele: “Como é que vão as suas relações com o governador?” Eu disse: “Olha, pessoalmente... – e frisei a palavra pessoalmente. Já com um pé atrás. (risos) A conversa estava se dirigindo pra um caminho meio esquisito. – Eu disse: “Pessoalmente eu mantenho com ele relações muito boas. Civilizadas, cordiais. Ele é meu colega. E nós nos encontramos no hospital. Portanto temos uma convivência... bastante razoável.” E fiquei por aí, né? Ele foi disse pra mim: “Isso é muito bom!” E eu não entendi nada, né? “Isso é muito bom! Porque ele lhe oferece um bom acordo.” Nessa altura é que eu me dei conta que o presidente da República tava diante de um prefeito lá do interior, que não tinha nenhuma expressão política a nível nacional, nem a nível estadual... e oferecendo um acordo como intermediário de um governo que oficialmente era contra ele. Entendeu? Aí me dei conta de que havia qualquer coisa de estranha no meio disso. Porque ele oferece um bom acordo. Eu era jovem, tinha uns 30 e poucos anos. Tava... cheio de mim mesmo né, não precisava do mundo pra nada. (risos) Ele disse assim: “Ele oferece um bom acordo. Oferece a Secretaria de Educação, que pra você deve ser muito bom.” E aí sorriu e tal, fez uma pilhéria sobre as professoras, as moças e tal. (ri) Eu quieto assim, e ele disse assim – e aí falou sério – “E lhe oferece a Secretaria de Terras.” Aí falou sério e olhou bem pra mim. A Secretaria de Terras era uma secretaria que enriquecia os políticos em Mato Grosso. Porque um Estado daquele tamanho, com 1 milhão de quilômetros quadrados, com 200 mil habitantes! Cheio de terras férteis e devolutas que o estado vendia, por exemplo, 1 cruzeiro o hectare. O sujeito vendia no dia seguinte por 100 mil, 1 hectare de terra. Era esse o preço. Então... podia requerer até 10 mil hectares. E o governo dava, praticamente despachava. O sujeito apresentava um mapa topográfico, assinado e tal, pá, pá, pá... Assinava. O governo assinava aquilo. No dia seguinte o sujeito negociava aquilo. Então era o que enriquecia. (ruído) E todo mundo! (ruído) Aí ele fez essa proposta e eu parei e disse... e eu fiquei numa dificuldade, né? Porque eu tô sabendo até aonde ele queria chegar, mas eu... eu achei que era natural a minha resposta, que era naturalmente compreensível a minha resposta. “Sr. presidente, a proposta é realmente tentadora, mas (ruído) infelizmente, eu não posso aceitar porque as circunstâncias em que eu me elegi, não me permitem fazer um acordo desse tipo. Que resposta, que explicação eu posso dar pra um acordo político mesmo independente dos interesses pessoais em jogo, depois de ter assumido a prefeitura nas condições em que eu assumi pela morte do meu antecessor, assassinado numa repartição do governo estadual de manhã cedo? A proposta é tentadora... mas em face das explicações que eu dei ao sr., eu não tenho condições de, no momento, pensar se quer numa proposta dessa.” E pra mim, eu achava que isso era o suficiente! Qualquer pessoa diria: “Perfeitamente, tá certo.” Né? O Getúlio não. Aí foi a minha grande surpresa. Também, surpresa porque desvelou todo aquele mistério. Ele pegou o charuto, (ri) deu uma tragada no

charuto e olhou pro teto. Olhou pro teto e o olho dele era frio como se fosse uma navalha. Eu notei um certo ódio, uma coisa terrível. Me assustei com aquilo, porque pôxa, não tinha sentido aquilo pra mim! E ele levou assim 1 minuto nessa brincadeira. Aí ele se dominou e disse pra mim. Disse assim: “E o prefeito? Precisa de alguma coisa?” Aí, eu não sei se passou pela cabeça dele que eu tinha algum problema pessoal a ser resolvido e tal. Eu fui e disse a ele: “Não presidente. Não tenho nenhuma reivindicação a fazer.” (ri) Nessa altura! Aí ele foi, estendeu a mão e me despedi dele. Aí o dr. Jango me pegou e nós viemos de carro. E no caminho decidimos... O Jango não tomou conhecimento disso, eu não troquei uma palavra com o Jango sobre isso. Não falei nada! Porque eu achei a entrevista extremamente, é... vamos dizer assim, tensa. Por todas as razões eu não tinha ainda parado pra pensar um pouco sobre ela mais profundamente. Então, disse... Jango falou: “O que você acha do diretório lá em Mato Grosso? É... não convém dissolver esse diretório e fazer outra convenção?” Eu fui e disse: “Eu acho que não. Porque o diretório já foi eleito, houve esse problema todo...” “Mas o diretório não é homogêneo, tem muitas divergências.” Eu digo: “Mas isso não é ruim, porque havendo divergências a gente sempre concilia, a gente dialoga, a gente acerta. É mais fácil fazer isto do que eleger um outro diretório. O partido tava organizado, portanto, por que fazer outra convenção? É até um ato de desrespeito à memória do rapaz e tal.” Ele falou: “Você é capaz de organizar então a eleição do (?)?” Eu digo: “Eu posso tentar!” “Então você faça isso. Eu vou reconhecer o diretório e vou marcar a data da convenção do partido pra julho.” “Tudo bem.” Marcou a data da convenção do partido em julho, o presidente do partido era o irmão do Filinto, o que fazia com que o Filinto exercesse sobre o PTB uma influência muito grande nas decisões do partido. E uma das coisas que eu queria fazer era afastar essa influência. Porque a despeito deles terem me apoiado e eu não ter outra saída senão uma coligação com ele pra fazer oposição ao governo, eu não queria que ele, que isso fosse uma consequência da vontade dele mas sim da vontade do partido, compreende? E por isso eu manobrei no sentido de... de afastar. Mas o candidato do irmão do Filinto era eu e a minha dificuldade era muito grande por isso. Então eu fui conciliar o negócio com os outros, o deputado federal era contra e eu acabei acertando com ele umas coisas lá e umas dificuldades, mas por fim eu saí presidente por unanimidade. Há detalhes aí de natureza política que não vêm ao caso citar aqui. Um negociações de todo tipo, sempre muito trabalhosas, muito difícil, envolve a vaidade, interesse e tal. Eu consegui fazer isso porque eu escolhi a executiva toda menos o presidente. (ruído) E uma vez estando eleito por unanimidade, né, chegou na hora do presidente, todo mundo ficou naquela situação de ter que me indicar e eu acabei então... e eu preparei meu trabalho. E os tempos se passaram e em fevereiro de 54 portanto, quase um ano depois dessa entrevista no Catete... Aí eu percebi que o que o Getúlio queria era derrotar, afastar o Filinto da vida pública do Estado e do país. Não sei se ele tinha razão porque ele não me consultou, não me disse nada, eu não tava obrigado a executar aquilo que ele considerava do seu interesse político. Se ele me dissesse: “Olha, a Nação depende disso, daquilo, daquilo outro.” Eu podia considerar. Mas não ia ser nada... não tinha por quê... Em fevereiro de 54 houve a inauguração da Base Aérea de Campo Grande, que já tinha dado um grande trabalho pra nós lá, porque a Camargo Correia construía a Base e fazia a pavimentação da prefeitura e aí misturava as coisas e havia problemas de natureza, vamos dizer assim, moral no caso e eu pagava a minha parte e recebia também da Aeronáutica, porque tinha um contrato de administração com a Aeronáutica.

AA - E, a prefeitura pagava... (ruído)

WF - Ele levava uma coisa qualquer lá pra Base e faturava aquilo pra a Aeronáutica, recebia...

AA - ...recebia...

WF - Aquilo e depois descia com a pedra, pavimentava e tudo. Eu não tinha nada com isso, eu pagava a minha parte.

CF - Um contrato que já tinha sido feito antes da sua gestão, né?

WF - Pelo Fernando, é. Mas eu ficava muito revoltado com essa coisa e fui ao comandante da Base, conversei com o comandante da Base e comandante da Base mandou abrir uma sindicância, ele descobriu que havia realmente uma falcatrua. Ele escreveu uma carta reservada ao Ministério da Aeronáutica. Isso deu um galho muito grande e deu foi no afastamento do comandante... (interrupção da fita)

Fita 4 - Lado B

WF - Mas então a ... Enfim a Base foi construída e...

AA - Aí teve a sua (?)...

WF - ... Eu durante esses 2 anos não recebi nada, nem do governo federal nem do estadual. O Getúlio não me deu nada e eu também não pedi. E o governo estadual também não me pagava nem os fundos a que estava obrigado a pagar. E eu mantive a administração a duras penas, com o próprio orçamento da prefeitura. Pavimentei a cidade, paguei a pavimentação em 2 anos. Liquidei tudo e fiz o que eu pude fazer em matéria de administração de um modo geral. Não nomeei um funcionário, porque era uma coisa que eu resolvi não fazer, né? Eu não nomeava funcionário, sobretudo de natureza política. E... aí o Getúlio foi inaugurar a Base Aérea de Campo Grande. Quando foi inaugurar, o governo se deslocou pra lá com seu secretariado e senhoras e tal e coisa. Foi uma festa Udenista. O Getúlio, a bancada da UDN de Mato Grosso apoiava o Getúlio na Câmara, né? O Getúlio fazia... Tudo que acontecia em Mato Grosso era em função da UDN. O Getúlio fazia tudo pela UDN. Quer dizer, ele não queria nada com o meu partido e nem eu o procurava. Quando chegou na inauguração...

AA - Nesse momento da inauguração.

WF - Eu fui à inauguração, convidado pela Aeronáutica e tal, lá fui eu. Fui no meu carro... Ah, eu não quis comprar carro oficial também! Em vez de eu comprar, eu tinha lá, em vez de eu comprar um carro oficial, comprei um trator pra arar a terra e fiquei com o meu carro pessoal. Eu mesmo dirigia, era jovem, não tinha esse problema. Deitava à uma hora da manhã, levantava às 4. Pra mim era a mesma coisa. E a dona Consuelo, que era mulher do Filinto, dizia pra mim: “Mas você dormiu (?)!”. (ri) Tinha reunião às 3 da manhã, às 5 horas eu tava de pé, atendendo clientela, vendo obra e o diabo. Ela dizia assim: “Você dormiu, você tá parecendo que passou a noite na cama e tal, depois veio assim...” Aí eu, chego na Base, olho, tava todo o governo da UDN lá. Governador, secretários com as respectivas senhoras... e eu a única pessoa do PTB. Eu e meu secretário que é hoje funcionário, quer dizer, aposentado, do Tribunal de Contas do Estado. Eu e ele no carro. Aí eu descí... botou o governador, fui eu e o secretariado. O Getúlio desceu, cumprimentou um por um. Depois desse episódio, dessa descida do Getúlio, havia um coquetel, coisa na, na Base pela inauguração. Eu resolvi ir embora. Eu digo: “O que é que eu tô fazendo? Sou um estranho nesse troço aqui. Aqui não tem nada do meu partido, isso aí e tal... Como o governador dá assistência a ele, já vim aqui cumprimentei e dou por encerrada a minha participação nesse negócio.” E peguei o meu carro pra ir embora. Quando chega o ajudante de

ordens do Getúlio e diz assim pra mim assim: “O presidente quer falar com o sr.”

CF - O sr. não tinha estado com ele mais depois daquela vez.

WF - Só nessa aí...

CF - Só essa visita no Catete.

WF - Nós não tínhamos rela... Porque ele não me dava nada, nem me perguntava se eu queria! Eu também não me... Eu tava em plena oposição e não queria mudar de posição, não tinha por que procurá-lo. Só se fosse pra dizer: “Eu tô a fim de aceitar aquele emprego que o sr. disse que tinha aí de secretário.” Então eu cheguei lá e falei: “Vou me embora.” Aí veio o secretário e falou: “O dr. Getúlio quer falar com o sr.” Eu digo: “Pois não.” E me dispus a ... “Não, não. Ele não quer falar agora com o sr. não. Ele está lhe convidando pra ir à casa do general Lutz.” Que era uma fazenda que tinha assim a 10 quilômetros de Campo Grande. Era bonita e a senhora dele, chamava-se dona Graziela, uma senhora muito simpática e tal. “Ele vai jantar no general Lutz e tá lhe convidando pra estar lá às 6 horas.” Eu digo: “Tá bem.” Aí peguei meu carro e fui embora trabalhar e tal. Mas eu fiquei pensando: “Se eu for sozinho, eu...” O ambiente era o seguinte: o Getúlio ia me dar uma prensada e insistir comigo num acordo e tal. De tal maneira que eu não resistiria. Seja que a UDN fazia entender. Eu fui, levei o meu secretário – tá vivo – foi testemunha desse encontro, e levei o deputado federal do partido que era a favor do entendimento, sabe? Ele era a favor. Eu era contra ele era a favor.

CF - Quem era o deputado federal?

WF - Era o deputado Licio Borralho. Era um gaúcho antigo, da fronteira, da região de Ponta Porã. Um sujeito... bom sujeito, mas... faltava um pouco de firmeza nas coisas, não é mesmo? Balançava um pouco. Mas eu não tinha nada contra ele, pessoalmente sempre me dei bem com ele. Falei: “O Licio, vamos lá, o Getúlio me convidou pra esse jantar, eu talvez nem jante, mas pelo menos eu tenho que comparecer lá. Eu não sei o que é que ele quer – Não contei também a história do Rio de Janeiro – mas seria bom que você fosse. Você é deputado federal...” A minha intenção era evitar um atrito com o Getúlio, compreendeu? Então levava o meu secretário e levava o Ulissio comigo. (barulho de alguém mexendo em papéis) Quando eu cheguei lá, a dona Graziela me atendeu e o Getúlio não estava. Ele... Mas quando eu entrei a sala tava cheia. Era toda a UDN de Mato Grosso. Era o governador, as senhoras, e aquele falatório, *whisky* pra cá e pra lá... E aí eu cheguei – era uma festa udenista, completamente udenista...

CF - Aí chega só o sr. ... (risos)

WF - Eu..., mas isso aí já foi surpresa pra eles, porque eles não contavam que eu ficasse sozinho ali naquele, naquela cova dos leões. (risos) Eu cheguei e cumprimentei à distância e... dei boa-noite ao governador, de longe. Não me aproximei porque aí teria que falar com todo mundo. A coisa já estava muito tensa. Cumprimentei, dei boa-noite, aí a dona Graziela me levou pra um sofá. Sentei eu, o Ulissio à minha esquerda o meu secretário à direita. E o Getúlio tava vendo uns bois, umas coisas, todo de bombacha. Em seguida foi lá dentro, se lavou e veio com um copo de *whisky* na mão. Sentou-se na minha frente e disse assim: “Então prefeito, como é que vão as suas relações com o governador?” (risos) Era a mesma pergunta que ele tinha me feito. O Getúlio é terrível, né! Eu fui e dei a mesma resposta. Ele foi e disse: “É muito bom, porque ele lhe oferece um bom acordo.” Aí repetiu a mesma coisa.

CF - Tudo de novo.

WF - Na frente do Lício. E o Lício era a favor do acordo. Eu fui e dei a mesma resposta. “Presidente, a última coisa no mundo que eu gostaria de fazer, e é verdade era contrariar o sr. Eu preferia renunciar à prefeitura a ter de contrariar o sr., a ter de fazer alguma coisa contra a sua vontade. Mas por todas as razões que o sr. conhece, pela situação do partido aqui no estado, da população da cidade, das circunstâncias em que eu me vi envolvido nesses episódios todos, eu não tenho a menor condição de levar ao meu partido, de explicar ao meu partido que de repente nós vamos dar uma guinada de 180 graus e mudar de posição sem nenhuma explicação plausível. Eu não tenho condições de fazer isso. Então eu lhe pediria encarecidamente, que a gente passasse a um outro tempo da conversa.” (risos) (ruído) Puxa vida. Você nem imagina. O Getúlio se levantou e me estendeu a mão. Eu fui e não tive outra saída a não ser: boa-noite a ele. E estimei que ele tivesse uma noite muito tranqüila... Saí. E atrás de mim, o Ulissio e o meu secretário. Tomamos o meu carro e o Ulissio me disse assim: “Você não podia tratar o velho dessa maneira.” Eu falei: “Olha aqui Ulissio, esse velho que tá aí... se algum dia precisar de alguém aqui em Mato Grosso, não vai contar com ninguém desses que estão aí. Só vai contar comigo. Por outras razões não é nada de pessoal! Razões políticas. Mas com esse pessoal ele não conta. De modo que se você tem alguma coisa a oferecer a ele, vai e ofereça agora porque o meu assunto tá encerrado.” Então ele ficou quieto. Peguei o carro e fomos embora. Ele... Se eu aderisse a esse acordo o Filinto Müller sairia da política, porque ele era candidato a senador. E eu já num acordo com ele nessa altura era candidato a deputado federal. Porque na prefeitura, a despeito de todas essas preocupações de natureza pessoal: no campo da medicina, no campo da saúde pública, no campo da administração da prefeitura, no campo da política local; eu me vi diante do seguinte dilema: “O que é que eu vou fazer agora? Ou sigo ou encerro isso. Como é que eu vou encerrar nessa altura dos acontecimentos? Como é que eu vou largar esse povo todo na rua, que eu certamente conduzi até esse ponto, aos ‘trancos e aos barrancos’, né, numa luta terrível, contra o governo do Estado, o governo federal, contra todo mundo. Contra toda fazenderama rica daqui que é uma aristocracia bovina...” Era uma aristocracia bovina, negócio de boi. O Fernando usava um boi de ouro aqui na lapela. Era um negócio terrível! E...

CF - Deixa eu só entender uma coisa, dr. Fadul. Quer dizer, o sr. fazendo acordo com a UDN, o Filinto perderia força política no Estado.

WF - Perderia.

CF - Mas ele poderia continuar a tentar sair como senador. Mas...

WF - É. Exatamente. Mas pra terminar o negócio é o seguinte aqui. Aí aconteceram umas coisas, aconteceu o episódio de agosto, né, em seguida, fevereiro, março... O Getúlio continua a pressionar violentamente e eu continuei resistir, né? Continuamos aquele jogo. Ele não intervinha na prefeitura, mas também não dava nada. E o estado pressionava também...

CF - O sr. chegou a encontrar com o dr. Getúlio outra vez? Não?

WF - Não. Nunca mais. Quando aconteceu o episódio de agosto, eu tomei posição ao lado do Getúlio. A UDN tomou posição contra. Exatamente aquilo que eu disse na reunião, porque a política não tem muita coisa. Política é uma coisa racional, não é futebol. Futebol não fez o gol porque não sei quê. Na política não, as coisas acontecem racionalmente. Há certos fatores que ocorrem à revelia da sua vontade. Mas ela tem uma racionalidade própria a política. Ela resulta de conflitos e esses conflitos, eles têm... as forças que predominam nesses conflitos, determinam

o rumo da política. Então ela não segue a sua vontade, ela segue a vontade desse... da resultante desses conflitos. Como se fosse um paralelogramo de forças, compreende? As forças que dominam fazem a política se inclinar numa certa direção. Se acontece o oposto a política se inclina pro outro lado. Quer dizer, então ela tem a sua racionalidade própria como o rei no dizer da história. A história a mesma coisa, ela tem a sua própria racionalidade. Ninguém conduz a história pelo cabresto: “Vou levar aqui!” Não leva. A história tem a sua racionalidade, ela... e a política é um pouco isso. (ruído) Se você tem alguns elementos em torno dos quais você possa construir uma hipótese, vamos dizer, plausível, você tem condições de levar adiante. Então eu construí a hipótese dessa luta de derrotar a UDN de qualquer maneira. Porque a mim não convinha a UDN no poder por 2 anos, por 2 mandatos consecutivos. Nem ao PSD também. O meu partido crescia na divergência entre os dois, que eram 2 partidos que não podiam se entender nunca. E me permitia, portanto, um espaço de manobra muito grande. Que era reduzido em função da minha ascensão política nas circunstâncias em que ela ocorreu. Então, o meu apoio ao Filinto decorria disto, da necessidade que eu tinha politicamente de derrotar o partido majoritário no estado. Eu já tinha feito um acordo com o Filinto de uma coligação PSD-PTB, etc, quando houve o negócio de agosto e eu tomei a posição do Getúlio e de fato nós íamos resistir lá, né? Resistir... as forças militares lá majoritárias estavam com Getúlio, como aqui no Rio também estavam. O Getúlio não quis resistir. Mas eu não podia ficar em Campo Grande, porque Campo Grande era a sede da região militar, cujo comando era de um primo do brigadeiro Eduardo Gomes. General Tinoco. Eu então, peguei um avião, pequeno, ... ele descia em Ponta Porã que é o regimento mais poderoso do Estado. Era na ocasião! O (?) mais poderoso do Estado. E tomei esse regimento, quer dizer, os oficiais desse regimento, eram meus amigos, e ficaram solidários comigo e nós levantamos o regimento de Ponta Porã. E eu dormi lá. Porque a idéia era, que se houvesse resistência, eu tinha que ocupar Campo Grande de fora, não podia ficar lá dentro. Porque...

CF - Claro. Sim.

WF - ...senão ia ser preso lá. Mas quando chegou meia-noite, uma hora, eu tive a intuição de que o Getúlio não ia ficar vivo. Eu... Pelas declarações, do noticiário, pelo rádio. Noticiários militares também. Nos boletins reservados do Exército que passavam pela mão do comando... Eu vi que o Getúlio não ia sobreviver, que ele não ia resistir. Então eu falei com o pessoal: “Eu vou dormir e vou amanhã, às 7 horas, pegar o avião da Real que sai às 7 horas. E quando eu tava me dirigindo ao aeroporto às 7 horas da manhã – que lá é uma hora mais cedo do que aqui. Lá é 7 horas aqui é 8. É o fuso horário... – eu ouvi pelo rádio da caminhonete a morte do Getúlio. Aí cheguei no aeroporto pra tomar o avião, mas pousou um avião da FAB, (ruído) o comandante do avião era muito meu amigo e insistiu pra que eu fosse com ele. E eu tava cheio com a FAB nessa ocasião. Digo: “Não! Não quero ir com vocês, quero pegar outro avião! Não, não!” Eu acabei vindo no avião dele. E vim na cabine, disse o diabo naquela cabine e eles ficaram ouvindo quietos (ri). Eu desci em Campo Grande e encontrei Campo Grande em pé de guerra, o povo na rua, revoltado. E a tropa do general também lá. Aí eu... nesse intervalo ocorreu um fenômeno engraçado. Porque eu fui tudo em Mato Grosso, de repente eu era presidente de tudo, sabe? Era o clube, o diabo! Porque todo mundo procurava ser tudo. E eu tava em casa, num dia tranquilo – já tinha ocupado a prefeitura há um mês antes, tinha tomado posse – chegou o coronel Pinto Guedes que... e o coronel Pinto Guedes que é uma figura muito respeitada e tal, acompanhando o brigadeiro Francisco Teixeira e disse assim: “Você vai ser candidato à presidência do Círculo Militar aqui da 9ª Região.” (ri) Eu falei: “Mas eu! Por quê?” “Não, por que não sei quê, nós temos que recuperar o Clube Militar e vamos começar...” “Mas eu não tenho nada... Eu sou prefeito, sou... O pessoal vai dizer que eu vou acabar tomando conta do país. Eu não quero saber disso.” (risos) “Não! Você tem de ser porque só você pode ganhar

essa eleição.” “Mas eu não vou ganhar essa eleição. Vou perder. E não quero! Eu não quero ser presidente do Círculo.” “Mas tem de ser você.” “Mas eu devia tanto a esse pessoal, porque na minha campanha, esse pessoal – como eu lhe disse, foi uma campanha debaixo de tiro e tal – ele deu uma cobertura enorme. Então eu não podia negar nada a eles. Eles trabalhavam contra o comando da região, né, contra o general Tinoco. Então eu falei: “Ó, eu vou ter que aceitar porque eu não posso recusar. Mas eu não vou fazer campanha. Eu vou chegar no dia lá, vou votar... Eu posso pagar qualquer preço, posso perder. A oposição vai dançar em cima da minha derrota e tal, mas eu não me incomodo com isso. Porque é a minha função... é até agora eu não sou um profissional de política, de modo que eu não tenho programa. Vocês fazem então...” “Não, pode deixar por nossa conta!” De fato, eu não fiz campanha. Era um dia chuvoso, como hoje assim, eu cheguei lá no Círculo Militar, o meu adversário – lançado pelo general – era o chefe do Estado Maior do Exército. ... Coronel magro e alto, cuiabano, um sujeito muito educado, simpático... Pinto de Figueiredo era o nome dele! Aí ele trouxe... falou: “Vamos tomar aqui uma coisa, mas dessa vez você vai perder.” Aí eu olhei a platéia ali que ia votar, porque votar era uns 500 oficiais mais ou menos. Tudo gente conhecida. Tinha até gente do Partido Comunista! Tinha até pessoas ligadas a mim. Porque embora o Partido ficasse contra mim na eleição pra prefeito eu sempre, nunca discriminei contra o partido. Eu sempre dei ao partido um tratamento especial. Porque sempre dá no futuro. O futuro havia de levar a gente a um encontro qualquer, né?

CF - Por que eles não foram, não apoiaram o sr. na prefeitura?

WF - Não sei. Porque eles tinham aquela coisa contra o Filinto, da turma do Prestes.

CF - Ah, sei.

WF - Tinha o problema do Getúlio, da ditadura do Getúlio. Embora eles não tivessem briga comigo, eu nunca comentei isso em Campo Grande, conversei. Nunca me utilizei disso pra conseguir adeptos ou pra explicar ao partido Comunista. (Ana Beatriz fala ao mesmo tempo) Pra eles era isso e ficou por isso mesmo. Mas tinha gente lá do partido que ia votar em mim não ia votar no gorila e tal.

CF - Claro.

WF - E eu vi todo mundo ali. Porque o Pinto Guedes também tinha suas ligações na área, tinha um pessoal que era do Exército que também era comunista e tinha feito lá o trabalho que tinha que fazer. Fizeram um trabalho bem feito! Eu fui olhei pro Pinto, falei: “Olha Pinto, você faz o seguinte: vamos tomar esse conhaque e deixa pra pagar depois. (ri) Vamos ver.” Daí, de fato, eu ganhei por 25 votos a eleição. E assumi a presidência do Círculo Militar. E o general teve que aceitar isso e a convivência foi até muito razoável, eu recebia o pessoal do Estado Maior, fazia o meu discursinho e o general... Então quando eu cheguei em Campo Grande nesse dia, tava aquele tumulto ali.

CF - Depois da, um dia depois da morte do Getúlio, né?

WF - É. Eu já era (???) (ruído) a coisa não tinha nenhuma influência maior. É, a minha importância era política realmente, era o governo da cidade. E eu vi aquela briga ali, eu fui direto ao comando, fui direto ao general. E falei com ele: “Olha general, esse assunto tá encerrado, com a morte do presidente. O sr. tira a sua tropa da rua e eu me encarrego de evitar qualquer tipo de incidente na cidade. Ele falou: “O sr. faz isso?” Eu: “Faço.” Ele disse: “Então

eu vou tirar a tropa.” De fato, ele retirou a tropa dele e eu reuni aquele povo todo diante lá do diretório e disse o seguinte, fiz um pequeno discurso lá: “O assunto tá encerrado. O presidente tá morto e a nossa resposta não pode ser dada na rua, tem que ser dada nas urnas, porque tá próximo dia 3 de outubro...” Aquela conversa de político. Na verdade, era um pouco isso mesmo, né? Mobilizar todo mundo pra uma resposta que era a única possível, que era resposta política. E aí começamos a campanha política... da eleição de 54. E aconteceu um fato engraçado. O Filinto me deve duas vezes a vitória nas eleições. Deve pela minha resistência ao Getúlio. Como no dia 6 de setembro eu me encontrei com ele na cidade de Rio Verde. Ele vinha de Cuiabá e eu fui a Rio Verde encontrar com ele. Fizemos um comício. (Dr. Fadul pergunta a alguém: Quer ir ao banheiro? Sabe onde é? É ali à esquerda). Aí eu... Fizemos um comício em Rio Verde, ele veio – tomou o carro em seguida do comício, veio pra Campo Grande – eu fiquei umas duas horas ainda em Rio Verde – é uma estrada longínqua, uma estrada de terra, difícil – mas eu tinha que estar em Campo Grande às 8 horas pro desfile do dia 7 de setembro. Então, lá pela meia-noite, meia-noite e pouco, eu peguei o meu carro e botei na estrada, com o irmão do meu secretário, que era também candidato a deputado estadual. E cheguei em Campo Grande 6 horas da manhã, tomei um banho, fiz a barba e tal e lá fui pro palanque. Cheguei lá no palanque, tava o general, o pessoal, cumprimentei e tal e aí desfilaram os alunos da prefeitura, aquelas coisas todas. Um desfile natural, aquelas comemorações e eu sem dormir, tava ali e tal. Quando eu recebo um recado do Filinto pelo ex-senador Canalli. Chegou pra mim e disse: “O general – ele chamava o Filinto de general – o general quer falar com você.” Canalli era da minha idade mais ou menos. “Quer falar com você. E é urgente.” E eu: “Mas eu não posso sair daqui agora.” “Mas é muito urgente.” Eu falei com o general: “O sr. me dá licença um instante que eu tenho um compromisso pra eu atender e daqui a uma hora eu tô de volta.” E saí. Quando eu cheguei lá no hotel – ele ocupava um apartamento no hotel, perto lá do desfile – ele estava numa posição... Vocês não são médicas não. (ruído) (??). É, aquela que fica sem muita respiração. Respirando com extrema dificuldade e eu boto a mão no pulso dele e era aquela loucura, sabe. (??), uma disritmia muito grande, (sirene) E ele me disse o seguinte... Porque o Filinto era muito leal, a despeito de toda essa fama dele, que eu não discuto porque acho que realmente a ditadura propicia esse tipo de coisa, de torturas e todo tipo... não acho que ele pessoalmente fizesse, mas acho que ele é responsável. Sempre achei. Não sou capaz de ser tão amigo que esconda certas coisas ou tão inimigo que incubra a qualidade do adversário. Acho que isso não leva a nada! Então eu... ele foi pra mim e disse: “Olha, dr. Fadul – ele me chamava muito de dr. Fadul – dr. Fadul, eu vou viajar agora pro Rio de Janeiro, às 11 horas da manhã, pelo avião da Cruzeiro. E lhe chamei aqui porque no estado em que estou não posso mais continuar a campanha e dou a minha eleição por perdida (ruído). O sr. assume por favor o comando da coligação que era dele. Ele é que era o comandante da coligação PSD-PTB que era o partido maior e tal. Era pessoa também de maior tradição, tinha sido senador, chefe de polícia e o diabo a quatro. Ele tinha a maior tradição, mais idoso, o partido dele era muito maior, tinha presença no Estado todo. O meu era muito mais no Sul do que no norte. Aí ele foi: “Eu queria que o sr. assumisse o comando da presidência. Mas sem uma responsabilidade quanto à minha eleição que considero perdida”. Aí você vê que coisa terrível, né, como os acontecimentos explodem na cara da gente sem dar o menor aviso, sem aviso prévio... (risos) (??). Chegam e... (barulho de como batesse as mãos) Aí eu fiquei pensando: “Eu brigo com o Getúlio, faço esse estrago todo, rompo com todo mundo e coisa e tal... e agora me vejo diante...” Pra mim ser presidente da coligação não era uma coisa tão ruim porque isso capitalizava votos pra minha eleição de deputado, compreende? Mas do ponto de vista do projeto político, estrategicamente falando, era um desastre. Porque isso quebrava os pés da coligação, fazia a UDN vitoriosa por voto majoritário, destruía todo o arcabouço que a gente tinha montado ao longo do nosso... Porque eu pensava em política 24 horas por dia, né!

CF - Claro. Isso é normal.

WF - Dia e noite, só pensava nisso. E aí eu disse: “É realmente um negócio bastante complicado.” Eu fiquei pensando assim comigo: (ruído - a gravação fica muito baixa) “(???)”. Eu acho que o senhor não devia viajar, porque se transpuser essa parede a notícia que o sr. tá nessa situação o sr. já perdeu as eleições. Então se o sr. viajar (?). Eu acho que nós temos que pensar um pouco nisto. O sr. tá submetido a uma tensão muito grande há 4 anos.” Embora ele me escrevesse cartas dizendo: “Vou falar com o presidente...” O Getúlio nunca o recebeu. E eu sabia e nunca cobreí dele. Porque era muito desagradável cobrar dele sabendo que ele não tinha... “Ah, vai haver uma festa no Corpo de Bombeiros aí eu vou falar com o presidente.” Eu nunca cobreí nada dele. Eu sabia da situação dele em relação ao Getúlio então eu já conhecia a verdade, porque o Getúlio já tinha até me posto pra fora de um jantar, não é! Eu já sabia a situação como era. “Você tá sob tensão muito grande há 4 anos, sem mandato... Isso é natural, isso estressa muito as pessoas e no seu caso então deve ser uma coisa muito dolorosa. Além do mais o sr. tá fumando muito: fuma 2, 3 maços de cigarro por dia.” Porque essa tensão nervosa... uma coisa leva à outra, né? “O que eu acho é que o sr. devia ficar aqui 24 horas repousando, tomar um tranqüilizante, trancar essa porta, não deixar ninguém entrar e dormir 24 horas. Amanhã, se o sr. não tiver melhorado, o sr. viaja. Aí já é o assunto... a natureza é mais forte do que a vontade da gente. Mas se o sr. estiver bem o sr. fica aí. Porque eu acho que o seu quadro ...” Ele tinha, e eu sabia, um problema cardíaco que era um bloqueio do ramo de veia esquerda. Sistema de enervação do coração. Tinha... não é uma coisa grave, compreendeu, é perfeitamente superável. E ele viveu até os 80 anos. E não é que não tinha..., não explicava que ele. “O sr. fica e aí a gente resolve amanhã. Mas eu não quero que o sr. pense que eu tô pensando... se eu estou me alheando das suas dificuldades quanto à sua saúde, quanto à sua dor. E pra evitar que a gente tome uma decisão precipitada, vamos chamar dois cardiologistas amigos nossos, vão examinar o sr. e se eles concordarem com o meu ponto de vista, que é um ponto de vista apenas racional, quer dizer, abstrato, não tem nenhum dado concreto a não ser as minhas observações ao longo do nosso trato, né? Se eles concordarem comigo, o sr. fica 24 horas aqui. Se não houver risco pra sua saúde. Se houver risco o sr. viaja.” E ele era um sujeito bastante corajoso. O Filinto não era covarde. Então, tá bem! Depois chamei três médicos: dr. Silvio de Andrade, o dr. Zé Maria Muniz... e o dr. – um japonês – dr. (Akhi Yamaqui?). Eram três médicos de confiança, e disse a eles: “Olha, a situação é essa. Vocês examinem com toda a isenção, sob sigilo absoluto e declara se o senador pode ficar aqui 24 horas. Se ele não puder, ele viaja, se puder, ele fica. Porque tá em jogo isso, isso e isso...” (sirene) Ele, não em relação a mim propriamente, mas do ponto de vista geral, está em jogo todo o processo político de longo prazo. É um projeto de 10 anos. Não é brincadeira. A idéia era ocupar o governo do estado 10 anos depois. Aí ele... eles examinaram e disse: “Não. Você tem razão. Pode ficar aqui. Toma aí um tranqüilizante. Dormir 24 horas. A dona Consuelo fica aqui na porta de guarda...” (ruído). No dia seguinte eu cheguei lá ele tava perfeitamente bom. (risos) Pois bem, a despeito de tudo isso – e aí é que eu digo que ele teria sido excluído da política se não fossem todos esses incidentes – sabe por quantos votos ele ganhou a eleição de 54 pra senador? 1900 votos! (ri) Quer dizer, com o meu apoio! Com tudo isso ele ganhou por 1900 votos. A derrota dele era... indiscutível. Ele ficou na política por causa desse incidente. Então... era isso que o Getúlio não queria. E o Getúlio deve tá me cobrando isso até hoje. (risos) Foi justamente, eu acho isso muito engraçado. No mundo em que a gente... (interrupção da fita)

Fita 5 - Lado A

WF - Na verdade essa eleição marcou o início da ascensão do partido. Porque embora só tivesse eleito um deputado federal que fui eu, eu organizei o partido em todo no estado e projetei o partido no estado todo. Depois aconteceram alguns... eu, eu me elegi deputado federal e a vitória do Filinto foi creditada ao apoio nosso. Compreendeu? O Filinto ficou muito preso a esse compromisso. Ficou nos devendo isto. E... embora a luta política seja uma luta cheia de nuances de idas e vindas, não é, isso ficou claro pra população, que foi a nossa posição, eh... intransigente de oposição ao governo de estado. Resistindo inclusive à pressão do próprio Getúlio que... fez a vitória da UDN, do Filinto sobre o candidato do Fernando. Isso já prenunciou o resultado das eleições de 55. Que eram as eleições de governador, porque elas não eram coincidentes. A eleição de senador foi em 54 e a de governador foi em 55. E eu já entrei em 55 deputado federal, compreende? E já entrei me estreando na Câmara, fazendo uma... trapalhada na Câmara. Na verdade, eu era muito discreto, mantinha muito boas relações com todo mundo. A primeira vez que eu estreei na Câmara foi... sobre o... inquérito contra o Juscelino Eu não conhecia o Juscelino pessoalmente nem nunca me interessei muito em conhecer. Nunca fui à posse de ninguém, nunca participei de nada... Onde tem muita gente eu tô fora. Então eu...

AB - Fizeram uma CPI em torno da questão de declaração de bens dele...

WF - É. A CPI foi criada pelo Adalton Cardoso que se elegeu deputado federal naquele ano também aqui pelo Rio de Janeiro. E nós nos encontramos na Câmara, eu vindo de Mato Grosso... provinciano e tal, essa coisa... Embora eu fosse aqui do Rio de Janeiro. E a maioria das pessoas não sabia disso. E o Adalton que era aquele... – o apelido dele era ‘dr. Jacarandá Branco’ – mas ele era um cara muito simpático, muito sério, muito austero... muito religioso e tal. O Adalton apresentou como aquela..., mas não apresentou aquela, aquela... o pedido de Comissão Parlamentar de Inquérito, ela começou como um ato político para obrigar o Juscelino a aceitar um acordo nacional, o Café Filho tava exigindo dele que aceitasse uma, um governo neo-nacional. Isso era uma imposição que o Juarez fazia com o chefe da Casa Militar, o Café Filho. E o Adalton da Comissão de Inquérito era pra tumultuar a Câmara evidentemente. Ela não tinha nenhum objetivo, mas era pra apurar os bens do Juscelino. E era aquela discussão, todo o dia o Adalton ia pra tribuna e levantava lá a voz: “Sr. presidente, porque a Comissão está automaticamente constituída e vamos apurar a origem da fortuna do sr. Juscelino Kubitschek...” Aquelas coisas que nunca levam muito bem porque o ambiente era diferente do atual. Hoje os políticos são um pouco mais vulneráveis. Lá havia um, sempre tem, no grupo, pessoas... Mas em geral os políticos de todos os partidos eram pessoas mais ou menos sérias, não se deixavam levar. Como o próprio Adalton, tava fazendo aquilo politicamente, mas ele era uma pessoa séria. O Adalton era um homem sério. Ficou meu amigo até o fim da vida, sabe? Aí eu um dia cheguei lá, sabe, eu tava meio não sei por quê... ele tava na tribuna, o Adalton. (??). Porque eu cheguei aqui eu estava num bagaço, pra falar a verdade eu tô (??) (ruído) Ministério da Saúde. Eu tava com 55 quilos de peso, com 7 de pressão arterial... depois dessa briga toda sem parar eu tava assim... Então eu cheguei em casa, na hora do almoço, abri uma cerveja... deitava, dormia.... Tomava uma cerveja (?) depois e tal. E a minha pressão regulou com a cerveja porque é melhor que qualquer tratamento. (risos) Aí eu falei: “Eu tô vindo de Mato Grosso. Se eu pretendo fazer alguma coisa aqui, eu tenho que aprender algumas coisas. Porque eu vou chegar no meio de um pessoal preparado, não é, já feita a vida política e a vida parlamentar. Então eu tenho que decorar a Constituição e o Regimento Interno da Câmara. São os dois instrumentos de muita importância. Fazer isso. O que é que eu vou fazer lá! Não tem nada, fico como um deputado como qualquer outro que passa aqui, que não tem nada pra fazer. E eu não fui eleito nem pra isso, eu tô numa luta muito maior no meu estado que não tinha nada a ver com a capital da República.” Então resultado, (ruído) decorei a Constituição e decorei o Regimento Interno.

Com esse negócio da pressão deu nisso. Aí eu tô vendo aquele debate e ninguém se mexia, eu um dia cheguei lá e o Adalton lá na tribuna: “Sr. presidente – o presidente era o dr. Carlos Luz. O dr. Carlos Luz era um homem... que o filho dele foi meu colega de ginásio, em Leopoldina. Ele era daqui do sul de Minas, e foi pra Leopoldina nomeado promotor. E lá casou-se com a filha do dr. Ribeiro Junqueira que era o senador da Zona da Mata, Minas Gerais, um homem prestigioso e tal, e rico. E o Carlos Luz então fez a sua vida em função desse casamento. Ali ele se elegeu deputado e não sei o quê. E eu vim encontrar o Carlos Luz deputado, ele que tinha sido o meu professor lá. Quer dizer, ele tava saindo do professorado quando eu entrei na faculdade. Encontro o Carlos Luz aqui, deputado e já conhecido e tal. E eu fui lá, falei com ele e ele me tratava muito bem. E eu tratava... chamava ele de professor: “Não é professor?” Ele “Ah!”. Tudo bem. Aí eu pedi a palavra pela ordem. Ele foi interrompeu a exposição do Adalton, eu ia falar pela ordem. Eu fui e disse a ele: “Sr presidente, eu... minha questão atual se baseia no artigo da Constituição Federal. O artigo exige dois requisitos fundamentais pra se instalar um Comissão de Inquérito. O primeiro é que 1/3 da Câmara assine o requerimento – o que foi de fato feito – o segundo requerimento é que haja um fato determinado sobre o qual a Comissão se deva pronunciar. Neste caso o requerimento não atende às exigências da Constituição. Porque ele quer apurar os bens do sr. Juscelino Kubitschek em termos gerais, e o que se discute aqui é a palavra determinada, que significa: limitado, circunscrito, concreto. É preciso que haja um fato concreto sobre o qual a Comissão se pronuncie. “Aí foi aquele... (risos) aquela bagunça. Ele lá, conversou na mesa, falou: “Mas esse assunto já está superado, está resolvido, porque e tal...” “E eu indefiro a questão de ordem de vossa excelência.” Aí o Adalton quis continuar o discurso, eu disse: “Pela ordem senhor.” Ele falou: “Vossa excelência tem amanhã uma hora – tá nos anais do Congresso isso, né? – amanhã uma hora pra discutir a decisão da mesa.” Eu podia falar uma hora contra ele no dia seguinte. Eu falei: “Não sr. presidente. É outra questão de ordem que eu quero debater.” “Então tem a palavra.” (risos) “Agora a minha questão de ordem, sr. presidente, se baseia no Regimento Interno da Câmara dos Deputados, cujo artigo tal, assim, assim, assim...” E li: “Declara: em questão de ordem, baseada na constituição, em caso de indeferimento pela mesa, cabe recurso para Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados. Então em acordo com o texto do regimento e eu em desacordo com a decisão de vossa excelência, requero da sua decisão para a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara.” Aí não houve,...

CF - Nossa mãe!

WF - ...houve aquela confusão e ele foi e disse: “Vossa Excelência tem razão e eu submeto o requerimento à Comissão de Constituição e Justiça da Câmara.” Isso me deu um..., pôxa, um negócio que você nem imagina. De repente...

CF - Uma repercussão.

WF - (ri) Por causa da minha idéia de decorar o Regimento. A repercussão... Eu não era de falar, discutir, debater... Não participava daqueles negócios não. Ficava acompanhando aquela coisa. Mas nessa ocasião eu resolvi interferir aí, o Juscelino naquela... já tinha, já tinha demonstrado a sua própria fraqueza quando ele aceitou um convite do Café Filho pra ir a palácio discutir a União Nacional. E quase que ele aceita! Ele não aceitou por um triz. Então, eu resolvi fazer aquela confusão porque realmente eu não tava de acordo porque – diz o Tancredo Neves que a ditadura militar era o Estado Novo da UDN. – E de fato é verdade isso. Porque a UDN não tinha mais nenhuma perspectiva de poder e a única perspectiva de poder era através dos quartéis. E foi o que ela fez a vida inteira, foi bater nas portas dos quartéis pra conseguir poder. Até que conseguiu em 64. Mas nesse episódio... eu tive uma grande vantagem, porque eu faço

a campanha, né, do Juscelino e chamo o Filinto e digo: “Filinto, você quer ser governador do estado? Você... é a sua hora, você vai ganhar a eleição. Eu vou lhe apoiar. Porque o meu partido não tem condições de pleitear o governo do estado agora.” Aí o Filinto que tinha lá as idéias dele, falou: “Não, mas o candidato agora vai ser o dr. (Ponci?) de Arruda.” De uma família ilustre lá de Mato Grosso, do Norte. “Vai ser o dr. Ponci de Arruda e tal.” Eu digo: “Filinto você sabe que eu estou lhe oferecendo isso com toda... sem nenhuma preocupação de esconder nada. Porque daqui a 5 anos eu não sei se posso fazer a mesma coisa em relação a você. Eu digo que é a sua vez porque daqui a 5 anos pode ser que o meu partido resolva ter candidato.” Porque a idéia minha era ocupar o governo do estado em 10 anos. Ou o partido caminha pra isso ou não tem razão de existir. Então deixei ele com toda a franqueza. Ele disse: “Não, daqui a 5 anos o candidato vai ser do PTB.” Eu falei: “Olha, Filinto, eu não vou escrever o que você tá dizendo porque nenhum político pode fazer uma afirmação dessa, com 5 meses de prazo quanto mais com 5 anos.” “É que eu não...” “Você vai se lembrar do que você tá dizendo daqui a pouco.” E elegi o Ponci a duras penas! Porque o Ponci tinha acabado com o território de Ponta Porã, na constituição de 1946, e o povo não... – de Ponta Porã, daquela região da fronteira – não aprovava o Ponci...

CF - Tava contra, né?

WF - ...nem recebia o Ponci lá. Eu peguei o Jango aqui de manhã, às 3 horas da madrugada, botei num avião (ruído) (???). Peguei o Ponci, fazia embarcar com ele em Ponta Porã senão ele não chegava em Ponta Porã. E (olhe que o?) PTB tinha metade do eleitorado em Ponta Porã, né, era um partido forte lá. E o Ponci acaba ganhando a eleição (??). (ruído) Mas o Juscelino também ganhou. Ganhou! Ele tinha um acordo do PTB nacional com o Juscelino, pra mim tava pouco interessado se o Juscelino ganhou ou perdeu. Queria ele cumprisse o acordo dele lá. Eu não fui à posse dele, nem passei telegrama nem nada. Nem tomei conhecimento. Eu tava na Câmara um dia quando o Juscelino toca o telefone... porque na Câmara não tinha, quer dizer, na Câmara não tinha – veja você as diferenças, porque isso aí foi na política de saúde, viu? – a Câmara não tinha, os deputados não tinham gabinete. Não tinham secretários. Não tinham nada. Ou o sujeito sentava na mesa e redigia o seu projeto ou ele não aparecia! Porque ele não tinha ninguém pra fazer isso pra ele! Compreendeu? Então o deputado tinha que ser um cara mais ou menos preparado pra fazer um projeto de lei, pra discutir um assunto... Tinha que estudar, tinha que perder tempo com isso porque a Câmara tinha 900 funcionários, hoje tem 10 mil. Pra você ver a diferença. (??) a vida pública no Brasil nesse ponto virou um negócio de (?).

CF - O que o sr. destacaria como projetos importantes que o sr. teria apresentado durante o seu mandato?

WF - Pois é. A minha posição era mais política do que outra coisa, viu? Eu apresentei um projeto... é... criando uma usina de eletricidade, Usina de (Rio Casca?), que depois foi superada pelo... foi aprovado, depois superado pela Urubupungá que foi feita uma usina muito maior. Não no rio Pardo, mas foi feita no rio Paraná diretamente, etc. Quanto a minha atividade, eu era... eu transitava muito facilmente pelas bancadas todas. De todos, participava de todos projetos ali, todas as lutas políticas e tal. Mas eu não me interessava muito por apresentar projetos eleitoreiros não. Por exemplo, eu tinha uma influência muito grande no meu estado. É... nada acontecia em Mato grosso sem passar pela minha mão. Porque os deputados lá eram muito inoperantes. Eram geralmente fazendeiros ricos. Usavam a política como classe dominante e não como... como nós entendíamos a política, como instrumento popular de agitação, de solução de problemas de maior envergadura. E muito pouco preocupados com o problema nacional. Eles digeriam muito bem os problemas locais, os problemas dos seus

interesses, das suas fazendas, dos seus bois. Mas não tinham interesses nacionais. Então eu aparecia muito nesses debates, não... é, parlamentar, mas nos círculos fechados das comissões, onde... Eu não quis fazer parte da Comissão de Saúde. Porque a saúde no Brasil – como eu já disse a você – não tinha a menor importância se a Câmara discutisse saúde pra lá ou pra cá. Eu fazia parte da Comissão de Constituição e Justiça. Que era uma Comissão da qual, eu não era advogado, mas aprendi muito, coisa que eu não ia aprender na saúde nem tinha influência nenhuma. Porque o Ministério era isso, o Adhemar de Barros era o que indicava o ministro e que... e o que tinha que fazer isso. Então eu tinha muito pouca relação com ele.

CF - O sr. nessa época já era uma pessoa descrente com relação, à política com relação à saúde.

WF - Não. Aquele quadro... o Ministério da Saúde não tinha... Eu conhecia, sabia que eu não tinha nenhuma atuação fora de certos núcleos onde ele realmente tinha importância. Alguns núcleos do Ministério tinham importância por si, pelas pessoas que ocupavam postos ali. Mas como estrutura, o Ministério não tinha nenhuma atuação no Brasil importante. Nenhuma.

CF - Deixa eu lhe fazer uma pergunta que eu acho que junta a coisa do Ministério com a questão política. É... como é que o sr. vê a atuação da Fundação SESP? Nessa época não era nem fundação, era SESP ainda: Serviço Especial de Saúde Pública.

WF - É, Saúde Pública. Engraçado, havia uma polêmica em torno da Fundação de Saúde Pública. Eu quando ministro, ocupei a presidência do Conselho. Era o ministro da Saúde aqui, era o presidente do Conselho. Ela prestou um grande serviço ao Brasil. Porque ela descentralizou muito, ela funcionou muito de acordo com os municípios. Sobretudo na região norte e na Amazônia, né? Ela tinha muita atuação. No resto do Brasil, não. Mas nas regiões do norte e nordeste, ela teve uma influência muito grande.

CF - Lá em Mato Grosso o SESP não tinha...

WF - Lá em Mato Grosso ela não tinha absolutamente nada. Porque Mato Grosso era um estado rico, como eu disse a você, embora pequeno e aparentemente pobre, sabe? A população era uma casta de fazendeiros ricos, mas o povo ganhava bem, comia bem, morava razoavelmente... não era um povo pobre. A pobreza chegou lá quando o Getúlio (ruído) criou a Colônia Federal de (??) e começou a desembarcar os nordestinos lá. Então chegou um momento em que (Dourado?) era um desses problemas assim insólitos no Brasil. A cidade tinha 5 mil habitantes e a colônia tinha 26 mil! Compreendeu? Quer dizer, a zona rural...

CF - Cresceu...

WF - ...era mais importante. Quando eu, em 62, fui com o presidente da República entregar os primeiros títulos de terras já definitivos aos colonos – isso tá no livro, esse inci... essa ida nossa tá no livro do João Pinheiro Neto sobre (???). O livro é um pouco... o Pinheiro era muito novo naquele tempo, (era um pouco superficial?) mas ele conta esse fato. Nós chegamos juntos lá. Eu pra distribuir os títulos e o Jango também. A Colônia já produzia... já, é... o produto da Colônia era duas vezes o orçamento do estado de Mato Grosso. Você vê o que é que é uma reforma agrária? O pessoal não tem noção do que é isso! Naquele tempo, o cara chegava sem nenhuma assistência do governo, sem nenhuma assistência da prefeitura do estado, e pegava... media 1200 metros de testada na linha demarcada pelo governo federal, que era uma linha. Media 1200 metros e ali derrubava, construía a sua casa. Já fazia um cemitério porque já morriam (??) (voz ao fundo). E já havia um túmulo, uma cruz, um troço qualquer... uma cifra

como diz o Pablo Neruda no livro dele. Uma placa que o vento balança e uma cifra que era um número do morto, não tem nome. Era isso. Pois essa, esse pessoal desamparado, desiludido, desesperado, chegava lá em cima de caminhões e tal, esse pessoal no fim de... A Colônia foi fundada nos finais da década de 40 e levou anos sem assistência (pública?) e tal. Em 1900... no final da década de 50 essa Colônia produzia duas vezes mais em valor de mercado do que o orçamento do estado do Mato Grosso. Veja você, uma coisa impressionante!

CF - Um crescimento, né?

WF - E tinha mais população do que a cidade, que por isto eu fiz o prefeito três vezes seguidas ser eleito. Eu perdi na cidade por 1500 votos e já soltava foguete. Quando abri a área da Colônia... (era uma festa?) (risos) Porque aí, aí era negócio do Getúlio, né? O Getúlio foi quem criou a Colônia e tal e coisa.

CF - Uma herança, né?

WF - É. Uma herança do Getúlio. Quer dizer, eu apenas administrei a herança. (ri) Afinal de contas o Getúlio me devia alguma coisa. E foi essa realmente uma das coisas que ele fez (de bom?).

CF - Mas vamos voltar ao SESP um pouquinho, dr. Fadul, é importante pra gente...

WF - O SESP teve uma importância grande, sabe por quê? A meu ver. Mas pode dizer o que você ia dizer.

CF - Não! Pra gente é importante saber a sua opinião sobre o SESP.

WF - Porque o SESP introduziu naqueles municípios, que eram poucos! Não eram muitos. Porque o SESP não se difundiu porque, veja só, havia um antagonismo com o Ministério. Porque o SESP substituía o Ministério da Saúde nas áreas onde ele atuava. Essa é que é a verdade. Havia, portanto, algumas vozes no Ministério – e eu assisti isso – que criticavam acerbamente o SESP, como uma influência inclusive estrangeira, ligada a grupos americanos que financiavam algumas das iniciativas do SESP. Com o que eu nunca concordei. Porque o SESP, na verdade, ele se substituía, ele substituía o Ministério da Saúde, onde o Ministério não existia. E justamente junto às prefeituras, porque ele fazia convênio com as prefeituras municipais e aí instalava às vezes: água, serviços de saneamento que nenhuma prefeitura se interessava em fazer, compreendeu, e fazia o atendimento médico das populações. Ele exercitava uma medicina global nas áreas onde ele atuava. Tanto no campo curativo como no campo da medicina preventiva, da medicina de saúde pública digamos assim ou sanitária e tal. O que pra mim a mesma coisa porque eu só penso na saúde como um todo, não quero reparti-la em dois pedaços porque não tem sentido. Então por isso o SESP era importante e eu dei essa importância ao SESP. Porque veja só, eu tirei o diretor do Departamento Nacional de Saúde e nomeei-o diretor do SESP.

CF - Quem era na época?

WF - Era o (Bichat?) de Almeida Rodrigues.

CF - Ah, de Almeida Rodrigues.

WF - Compreendeu? Eu falei ao Bichat: “Você é o diretor do Departamento Nacional...” Ele: “Não, eu quero sair, eu não quero ficar.” Eu disse: “Mas você então vai pro SESP. Porque é um outro Ministério.” Falei pra ele assim mesmo!

CF - E o que...

WF - Ele tá vivo ainda. Tá no Paraná! Paraná. (ri) Isso aí é um outro Ministério, porque aí o Ministério jamaiz vai chegar lá. Vai levar muitos anos pra fazer esse serviço, que o SESP faz. Então dentro da nossa...

CF - O que é que mantinha, dr. Fadul, o que é que mantinha o SESP com essa autonomia dentro do Ministério? Porque isso é uma coisa que intriga a gente. Por que...

WF - Primeiro porque... era uma estrutura criada realmente à parte do Ministério. Uma estrutura criada à parte do Ministério. Ele não estava, não tava... ele tava submetido ao ministro, não ao Ministério da Saúde. Começa por aí.

CF - Ele é incorporado ao Ministério em 60, não é Bia?

AB - (???)

CF - 60. Ele entra pro Ministério só em 60. Durante toda essa década de 40 e 50, ele tá, ele tem autonomia.

WF - Tem autonomia. Ele continuou com essa autonomia porque ele ficava resp..., ele... o ministro era o diretor da, era o presidente da... do Conselho, mas ele tinha um diretor nomeado pelo ministro e atuava dentro de critérios e orçamentos próprios que não tinham nada a ver com o Ministério da Saúde. E exercitava, portanto, com liberdade, essa política descentralizada de convênios com os municípios.

CF - Mas as atividades do SESP elas não se não se contraporiam com as atividades do Departamento Nacional de Saúde e com as atividades do DNERu, por exemplo?

WF - Se eles funcionassem, sim. Mas como eu disse a você não havia uma estrutura permanente no país. De modo que o SESP substituía essa estrutura inexistente. E foi um dos exemplos, embora na Conferência, a 3ª Conferência tivesse havido vozes discordantes em relação ao SESP, ...

CF - Críticas.

WF - ... isso não contou com a minha, aquilo foi administrado por mim de maneira muito... (porque lá tava?) o Mário Magalhães da Silveira, que tinha uma idéia muito crítica em relação ao SESP, justamente porque o SESP subtraía a influência do Ministério. Porque não era interesse pessoal, o Mário Magalhães era um homem muito respeitável. Ele, mas ele tava errado nisso. Porque aquilo só podia ser consertado quando o Ministério adotasse uma política que tornasse o SESP dispensável. Compreendeu? Mas enquanto não acontecesse isso, o SESP exercia uma função muito importante no Ministério da Saúde, e em relação sobretudo, à saúde pública no Brasil. Ele foi o primeiro exemplo, na prática, de que era possível funcionar descentralizadamente com base nos convênios municipais de saúde. Embora ele tivesse uma administração centralizada aqui, ...

CF - Uma estrutura hierárquica muito forte.

WF - Era muito forte. Ele funcionava é na extremidade. É lá na periferia. O Ministério não, funcionava no centro só. Na periferia ele não tinha nada. Daí foi possível a uma convivência não amigável, mas tolerável entre as duas estruturas. Que elas realmente não tinham nenhum sentido num país que tivesse um Ministério da Saúde que funcionasse! (Porque não fazia sucesso?) porque não tinha nenhuma razão de ser, não é verdade? Existia e funcionava e o Ministério tolerava a sua existência por causa disso. Porque ele, Ministério, não tinha condições de exercitar a atividade que o SESP exercitava nas áreas onde ele atuava. E atuava com muita eficiência, diga-se de passagem.

(WH?) - Agora, era representativa a atuação dele, era assim em termos de Brasil todo na...?

WF - Não. Era muito restrita a alguns municípios no norte e nordeste e no norte de Minas Gerais. No resto do país eu não conheço – pode ter existido em algum ou outro município – mas eu não conheço nenhum.

CF - É. Teve no Rio Grande do Sul mesmo...

WF - Hem?

CF - Rio Grande do Sul ou Paraná, né, Bia? Teve um convênio ou outro isolado.

AB - (???) (Fala ao mesmo tempo que CF)

WF - É. Isolado. Coisa assim sem nenhuma significação. Em áreas desse, do sul, o SESP não tinha muito sentido. Mas no Nordeste, naquela miséria do nordeste, ... Porque é preciso compreender que o SESP se instala no Brasil numa época em que também se inicia o êxodo rural. Então a população rural concentrada naquela zona, é... sobretudo o Nordeste que é pobre e mais o Norte que é uma área de difícil acesso, onde a saúde tem dificuldades de implementar programas de soluções de problemas da Amazônia por exemplo, que é uma província fluvial. Isso, aí eu aprendi isso posteriormente, sobrevoando a Amazônia. É uma província fluvial. Ali sem navio você não faz nada. Não tem o que fazer na Amazônia! Então, a saúde não tem como se disseminar por essa área nem de fazer nenhum serviço de importância. Porque veja você, o Pinotte inventou o sal cloroquinado porque não tinha acesso às populações sujeitas à malária na região Amazônia. Ele não podia chegar lá, o sal chegava. Então ele inventou o sal cloroquinado por causa disso. Pela dificuldade que ele tinha de atender essas populações. Isso aí mostra a importância do SESP...

CF - As críticas, por exemplo, que o dr. Mário Magalhães faz, entre elas, uma crítica que o dr. Mário Magalhães fala, sobre o alto custo dos serviços do SESP.

WF - Sim. É possível que o Mário tenha razão... nesse... Porque como se tratava de uma exceção, não é, o SESP desenvolvia projetos específicos, ele podia se houvesse uma estrutura nacional capaz de fazer isso na ocasião. Evidentemente que os custos seriam menores. Compreende? Deviam ser menores. Agora, porque se eu... entregasse ao município realmente, um serviço de água e esgoto funcionando, que o município administrasse e a União se retirasse com seus recursos pra fazer e repetir esse projeto em outros municípios, você difundiria pelo Brasil inteiro toda uma gama de programas que tão na base mesmo da saúde pública. Sem os

quais você não pode falar em saúde pública. Você não pode falar em saúde pública sem saneamento.

CF - Claro.

WF - O saneamento, com habitação, com alimentação, são (!)! O resto é conversa! Quer dizer, se eu vou dar mais remédio ou menos remédio, isso não tem a menor importância. Salvar uma pessoa é um problema importante do ponto de vista humano, mas do ponto de vista político-sanitária nós estamos falando em nível de saúde de populações. De coletividade, não de pessoas. Então eu acho que podia ficar mais barato, mas o Brasil não tinha nenhuma: nem cara nem barata, aí o SESP então. Quer dizer, avaliar o custo disso é uma... (ruído) é um exercício que eu acho (perfeitamente?) inócuo. Não tem nenhum significado. A crítica que o Mário fazia – eu conversei muito com o Mário, Mário era um sujeito muito arestoso. Acho que a única pessoa com quem o Mário tinha assim... Com o Celso Furtado ele tinha relações muito particulares, estreitas. Um era economista, o outro era demógrafo e um sanitarista e tal. Agora, comigo que era político, ele não gostava muito de políticos. Em geral o Mário era arestoso. Comigo ele tinha muita... porque eu tinha habilidade de pegar o Bichat e conversar com o Bichat separadamente. Conversar com o Mário separadamente. Depois encontrar uma solução que ajustasse a posição dos dois, de maneira a conduzir, a que a coisa funcionasse. Porque eu tinha um outro objetivo que não era discutir a importância do SESP na ocasião. A minha função era criar a política nacional de saúde, que englobasse o SESP o Ministério e tudo mais. Mas é que a minha função era outra. Então eu tinha que administrar esses problemas, ia almoçar com o Mário, conversava com ele, batia um papo e... com a dona Nize eu não tenho grande... Eu almoçava na casa dela e tal, mas ela era dedicada ao problema lá do Jung, daquelas coisas dela – muito respeitada, diga-se de passagem, e eu gosto dela, acho ela uma mulher extraordinária sob certos aspectos. Mas eu não tinha... (ri) meu negócio com o Mário era discutir negócio de saúde, né, de mostrar a ele que a intransigência paralisava o nosso (?). Porque ele era empolgado com o negócio da municipalização. Tanto que ele era o relator da tese, você sabe. Ele é o relator da tese. Mas o Mário, ele era muito arestoso. De repente ele destrambelhava por um caminho e... botava em perigo todo aquele negócio da Conferência. Aí eu tinha que parar tudo rediscutir tudo e tal, mostrava a ele que ... (interrupção da fita)

Fita 5 - Lado B

WF - ... e mostrar a ele que aquela intransigência paralisava o nosso projeto maior. E ele era um homem inteligente, diga-se de passagem. O Mário além de ser um homem extremamente sério... neurastênico, né, (risos) porque ele era meio... homem muito sério. Ele era a alma da municipalização. Ele era a alma daquele troço. Ele é que defendia com um rigorismo técnico digamos assim, o programa da municipalização. Eu era o político que conduzia à solução do problema, mas ele era o técnico disso. Por isso na apresentação que eu faço pros anais, eu coloco isso como um projeto coletivo em homenagem aos sanitaristas e à evolução do seu pensamento (ruído) a partir de 1940. Já no final do governo do Barros Barreto no Departamento Nacional de Saúde, porque o Barros Barreto era um homem altamente centralizador. Muito competente... por acaso eu tava vendo o negócio do álbum...

CF - Vilas Boas.

WF - ...Vilas Boas, sobre o Barros Barreto, tava me lembrando. O Barros Barreto era um

homem muito respeitado, muito competente e realizou muitas coisas, mas ele era muito centralizador. Compreendeu? Ele (??) ele conduzia aquilo com mão de ferro. De modo que...

CF - A gente percebe isso. Estudando o Departamento Nacional de Saúde durante a gestão dele, fica bem claro essa política centralizadora.

WF - É. Exatamente. Isso era a crítica que... a respeito das homenagens que a gente prestava ao Barros Barreto, era a crítica do ponto de vista técnico, mas não do pessoal, não tem nada de pessoal nisso. Aqui a gente cita os nomes porque é uma obrigação moral se respeitar a posição da pessoa, mas... não se trata de... A evolução do pensamento de saúde pública se fez justamente a partir do momento em que o Barros Barreto vai deixando o governo do Departamento Nacional de Saúde, no final da ditadura Vargas, compreendeu, e se começa o pensamento vai um pouco mais elaborar uma outra preocupação em relação à saúde pública no Brasil e por que ela não funciona. O porquê das suas frustrações em tantos setores e através de tantos anos, de tantos problemas... de tanto esforço realizado pelos técnicos. E alguns de muito alto valor. Compreendeu você? ...

CF - É, porque a gestão dele, eu acho que ele conseguiu realizar uma série de coisas importantes, o dr. Barros Barreto durante a gestão dele.

WF - Exatamente.

CF - Né? De alguma forma eu acho que o Departamento Nacional de Saúde se tornou presente em várias regiões do país. Né? Com...

WF - É verdade. Ninguém discute isso. A única coisa que... a estrutura, quando ele saiu, a estrutura não tinha. O que tava feito, tava feito, mas não tinha nenhuma estrutura que tornasse aquilo... uma política nacional definida nos seus contornos, compreendeu? Não existia esse troço. Então o que se discutia era o seguinte: “Por que dessas (frustrações?) todas?” O país não tem uma política nacional de saúde. Não tem. Tem alguns vultos importantes que em determinados instantes...

CF - Realizam.

WF - ...realizavam certas coisas. Tem o Carlos Chagas, o Oswaldo Cruz, Barros Barreto e tantos outros. Mas não tem uma estrutura na qual a gente pudesse se apoiar pra revisar. E que continuasse esse trabalho ao longo do tempo. Por isso essa foi... essa foi... a preocupação primordial.

CF - O sr. ... Só pra não perder, porque eu cortei o sr., senão o sr. acaba perdendo a sua linha de raciocínio. O sr. tava falando que o sr. foi recuperando, quer dizer, o pensamento... a saúde pública... começou a se mudar a interpretação sobre saúde pública a partir da saída do Barros Barreto, né?

WF - É. Eu vou dizer o seguinte, que sempre se discutiu muito no Brasil esse problema, mas isso eram modismos, né? A partir da 1ª Guerra, a partir do final da guerra, é que esse pensamento de saúde pública no Brasil, reúne um grupo de técnicos, uma massa crítica de técnicos capaz de elaborar e começar a elaborar um pensamento, pensamento consistente sobre a saúde pública no Brasil. Isso esbarrava numa estrutura ineficiente. Daí a crítica inevitável que tinha que se fazer a essa estrutura. A estrutura era uma espécie de muro que se opunha à

realização...

CF - Dessas propostas, né?

WF - ...(?) política, né?

CF - Quem seria, quem faria parte dessa massa crítica? Quem que fez essa crítica?

WF - Ah! Aí fazia parte todo aquele pessoal, todos os sanitaristas... Na relação que nós temos aqui, dos que participaram da 3ª Conferência, deve ter pelo menos uns 200 e tantos nomes, né? Deve ter. E a maioria deles ali eram pessoas muito qualificadas. Independente daqueles que não participavam da Conferência. Eu (???). E já havia uma massa crítica em torno, se desenvolvendo em torno desse problema. E lutando para responder a certas perguntas, certas questões que tinham sido até então, deixadas sem resposta. E uma delas era por que a saúde pública no Brasil era aquela calamidade que era? Porque não havia uma estrutura sanitária. Mas se você levantar a história da saúde pública no Brasil, desde o desembarque do D. João VI aqui e até antes, não é? E até antes. Mas foi sobretudo com o desembarque do D. João VI que ele transfere pro Brasil, assim abruptamente, a estrutura sanitária de Portugal. E aí pode-se dizer que começa, de fato, a história da saúde pública no Brasil. Começa por aí. Porque antes, colônia, colônia... é como o Darcy disse: “Pra fornecer carvão pra queimar na máquina do capitalismo, né?” (risos) E a verdade é essa mesmo. Porque colônia é pra isso. Pra que é que serve colônia? Então... (ri) aí o Darcy tem toda razão porque eu realmente, eu sempre disse isso. Se é o carvão que move a máquina é... do capitalismo moderno a partir da Revolução Francesa, a partir de Napoleão... o que move isso tudo é o sangue da colônia. E o Brasil fornecia esse sangue. E mais do que sangue, ouro entre outras coisas mais, pra um país como Portugal que não tinha nenhuma vocação... Portugal transferia essa riqueza para a Inglaterra e ficava com 10%. (CF fala algo) Essa é que é a verdade. Portugal era uma colônia inglesa, era um (assunto?) colonizador. O tratado português-inglês de 1703... proibia Portugal, Portugal abria mão de se industrializar... em troca de alguns favores ingleses como o consumo do vinho português e a defesa dos territórios portugueses. Que a Inglaterra nunca defendeu. No caso do Brasil, trocou por uma letra de câmbio de 5 mil libras. 5 milhões de libras esterlinas. Foi o preço que a Inglaterra cobrou pra reconhecer o governo do Brasil. Mas ela não defendeu o Império Português. Quer dizer, que é como se faz com o colono, não tinha esse negócio, não tem outra maneira de tratar. Colono é colono. Então o ...

CF - Vamos voltar um pouquinho, dr. Fadul, a gente deu uma volta danada.

WF - (ao mesmo tempo) Aí começa a história da saúde pública.

CF - É.

WF - Aí começa a história da saúde pública.

WF - A gente tava discutindo o seu mandato como deputado federal, aí voltamos à relação... Como o sr. tava falando da questão da saúde, que o sr. acabou participando...

WF - Hoje vocês vão ter que botar ordem nisso. (risos)

AB - Mas é assim mesmo, vai puxando pela memória...

CF - O sr. não quis participar da Comissão de Saúde, a sua opção foi pela participação na Comissão de Justiça.

WF - Comissão de Justiça, é. Porque achei que lá tinha que aprender alguma coisa e eu tinha essa visão da saúde no Brasil. Lidei como prefeito, é... numa ocasião como prefeito eu cheguei lá na sala do Ministério da Saúde quando eu estive aqui no Rio uma vez e tava o Mário, Mário Magalhães espinafando a política da saúde no Brasil. (ri) É, eu não o conhecia! Eu conheci o Mário nessa vez, eu tava esperando o ministro e ele fomentando o negócio... que aquilo era uma coisa terrível. Que o governo não sabia como gastar os recursos e gastava mal. Não atendia às populações, não tinha estrutura nenhuma... que tudo era feito na base da política, do interesse imediato. Foi o caso do Miguel Couto que eu já contei. E isso com o Miguel Couto não é nenhuma injustiça não. Verdade, ele não tinha nenhuma vocação pra saúde mesmo, ele nunca exerceu a profissão. Não é segredo. Ele tinha outras qualidades certamente, mas essa ele não tinha. E ninguém exigia que ele tivesse porque isso é uma vocação, não é uma exigência nenhuma. Então eu conheci o Mário aí e foi justamente... fiquei observando, não sabia quem era. Depois eu soube que era o Mário. Aí quando eu cheguei ao Ministério, aí é que eu me aproximei dele mais, né?

CF - Como é que foi essa sua participação nessa Comissão de...de...?

WF - De Justiça. Foi boa a participação. Eu comecei com essa questão de ordem que eu levantei lá no plenário da Câmara. E todo mundo me tolerava lá como médico, não é, que eu simpaticamente me dava com todo mundo. E participava da Comissão, não ousava dar parecer a juristas lá do tipo do Nilton Campos, né? Oliveira (Brito?), Vieira de Melo, (????). Não tinha nenhuma razão pra tá opinando. Todo mundo opinava, aprendi. Aprendi muito. Pedro Aleixo, que foi meu amigo pessoal. Embora um adversário intransigente e tal, mas meu amigo pessoal. Aprendi muito com eles. Aprendi sobretudo política, que ali... o pessoal de Justiça é que elabora toda política. Naquele tempo elaborava-se a política, porque hoje o chefe político é o Inocêncio de Oliveira. Não é? Que aliás é o nosso colega, conspícuo, né? Mas é também conveniado com a previdência social, agora com o ... com o INANPS, né? É um desses... hoje é o que elabora a política nacional, mas antigamente era a Comissão de Justiça, que pensava politicamente no país no que diz respeito ao Congresso. Mas o Juscelino depois desse episódio que eu tive lá e tal, quando ele assumiu a presidência ele... .. Um dia o telefone toca lá e eu tava contando que a Câmara não tinha, o deputado não tinha secretária, nada. O telefone toca, (???): “Tá tocando o telefone lá pro senhor lá na ‘folha da onça’. ‘Folha da onça’ é aquela sala que tem lá no fundo da... (??) (AB fala algo) É. Eu fui lá atender, era o Juscelino. Disse: “Dr. Fadul, eu queria falar com o senhor.” Eu digo: “Pois não., presidente. Quando é que o sr. quer?” – Eu não tinha ido à posse dele, né? – “Amanhã às 3 horas tá bem?” “Tá bem.” Eu cheguei lá ele vira-se assim pra mim e diz assim: “Dr. Fadul, eu lhe devo um obséquio.” Falei: “A mim?” “É. E eu faço questão de lhe pagar.” E se referiu àquela questão de ordem, né? Eu falei: “Mas presidente, eu não tenho na cabeça nenhuma solicitação. Porque eu tenho metade do seu governo no estado de Mato Grosso.” – E tinha mesmo. Mandava na metade do governo dele lá. Que era a minha parte no acordo, tanto estadual quanto federal. Eu fazia o que eu queria, né? Evidentemente que eu respondia pelo que eu estava fazendo. Eu criei o diabo lá. Instalei, o que não tinha em Campo Grande eu instalei. Porque não tinha nada! Não contei que eu fazia o serviço contra a vontade do general? E instalei lá o (?), instalei o diabo lá. Fiz tudo. Botava tudo na conta do PTB e tal. – “Quer dizer, eu já tenho o suficiente, eu já tenho demais que ...” (ri) “Não, mas eu faço questão. Eu gosto. Eu faço questão. É uma questão de honra.” Eu falei: “Então o sr. me dá 24 horas pra pensar, porque...” – Ele pensou que eu ia reivindicar alguma coisa pessoal: “Nomeia o meu tio pro Supremo tribunal Federal...” Qualquer coisa assim. (risos) E eu não tinha nada

disso na cabeça. Falei com o presidente: “Eu vou pensar, amanhã retorno aqui.” Aí comecei a pensar nas coisas. Eu como disse a você, o Filinto interferia na área do PTB, né, interferia através do irmão. E tinha uns diretórios do partido no leste de Mato Grosso, que era aquela região do rio Araguaia, em Guiratinga. Região de garimpos e tal. Mas eram uns 13 ou 14 diretores do partido que obedeciam mais ao Filinto do que a mim. E quando chegava nas convenções do partido eu sentia, que eu tinha que manipular a coisa porque eu sentia a resistência. Então, eu falei: “Eu preciso liquidar isso aí.” Embora me dando muito bem com o Filinto... quer dizer, eu queria que o partido fosse independente, então...”

CF - É. Neutralizar a força dele, né?

WF - É. Não, e fazer as coisas em interesse do meu partido e não dos interesses dele, que podiam coincidir ou não.

CF - Claro.

WF - Aí eu... no dia seguinte cheguei lá, falei: “Presidente o sr. me ofereceu, eu então tive pensando, há uma área lá do meu estado, eu sou um homem político, eu não tenho interesses pessoais nesses troços, nem quero (??). Eu... eu tenho uma área no meu estado que eu quero desenvolver, que tenho interesse, é uma região muito atrasada, muito pobre, (??). E eu só poderia fazê-lo se eu nomeasse o presidente da Fundação Brasil Central. E pra isso eu procurei um nome que fosse de certa maneira isento e capaz. E escolhi um engenheiro da Aeronáutica pra dirigir esse serviço. Em vez de entregar a um político qualquer, entrego a um engenheiro da Aeronáutica. ... Cujo nome é fulano de tal, o sr. manda ver se tem condições de o sr. ...” Aí, ele anotou, chamou o Penido, que era o oficial do gabinete, mandou anotar e lavrar o decreto. Eu agradei a ele e fui-me embora pra Câmara. Aí passou-se uma semana, passaram-se duas semanas e nada da mudança. O que é que eu pensei? Porque o político não precisa de muita coisa pra imaginar, né, imaginava com facilidade. “O Filinto foi lá e botou o dedo em cima, é natural.” Perfeitamente admissível. (ruído) Nomear aquele cara era desmontar um pouco o poder dele. Ele botou o dedo e criou um problema pro Juscelino, porque o Filinto era uma figura importante no PSD. (Segurou ele?) no PSD. Eu falei: “Bom se eu...” eu resolvi tomar uma decisão. Eu resolvi o seguinte. Eu pedi uma audiência ao Juscelino e telefonei pra ele. Telefonei pra ele e pedi uma audiência, ele marcou. 6 horas da tarde. Passei no Palácio, cheguei lá coloquei a questão da seguinte maneira: “Presidente, há 15 dias atrás o sr. me chamou aqui e me ofereceu, espontaneamente um cargo, e eu sugeri fulano de tal. A quem comuniquei, etc, etc. Mas eu acho, que com essa indicação, eu lhe criei um constrangimento. E eu vim aqui retirar a minha indicação... e lhe dizer que desse episódio não resta nenhuma consequência. Nenhum gravame, nenhum agrave pessoal, o sr. pode ficar tranqüilo que não tem problema nenhum. O sr. nomeia quem o sr. quiser e faz de conta que o sr. não me ofereceu nada, que eu não indiquei ninguém.” E me levantei pra sair. Eu não tinha nada que dizer, se eu dissesse ao Juscelino: “O sr. prometeu, não fez...!” essa coisa de garoto, quer dizer, ele ia dizer pra mim: “Ora, vá plantar batatas!” É ou não é? “Porque eu faço e tá acabado.” Mas se eu o pusesse em brios, eu me saía bem e ele podia nomear ou não, era secundário pra mim. Não tinha pedido nada a ele. Cheguei e disse isso. Devolvi a liberdade total dele fazer o que ele quisesse. Porque ele tava preso a um compromisso, que ele assumiu. Espontaneamente.

CF - Claro.

WF - Aí ele se pôs em brios: “Penido! Traz o decreto!” Quando ele falou: “Traz o decreto.” eu vi que realmente... ele já sabia, o decreto já tinha sido discutido 10 vezes ali, né, com certeza,

né? Aí o Penido trouxe o decreto, ele nomeou e assinou. Ele assinou, o rapaz assumiu a chefia e a primeira coisa que eu fiz foi desmontar os 15 diretórios daquela região e nomeei gente toda nova, fiz outro partido lá. Daí pra diante, quer dizer, o primeiro ano do governo Juscelino, eu passei a ter um controle decisivo sobre o partido. Aí foi fácil depois elaborar o projeto, tocar pra adiante. Mas antes tive que mostrar ao Filinto que ele não se elegeria sem o meu apoio. Foi o que aconteceu em 1960. Ele... em 60... (?) em 60, no dia... às vésperas do Natal, ou 27 de dezembro de 59, em pleno governo Juscelino, prestigiado senador por 8 anos. Veja só! Ele tava em outra posição, independente de mim pra qualquer coisa. Ele... eu já tinha elegido o Ponci – que cumpriu o apoio em relação a Mato Grosso – eu nomeei o secretário de Agricultura do estado, indicado pelo diretório de Ponta Porã, que era justamente onde ele não tinha voto, né? Diretório, eu achei que o diretório devia ser prestigiado. Porque ele ganhou por um voto em Ponta Porã graças ao partido. Então, o diretório indicou e eu nomeei.

CF - Quem era o governador nessa época?

WF - João Ponci de Arruda. Foi eleito junto com o Juscelino em 55.

CF - Ah, tá!

WF - O Ponci cumpriu o compromisso direitinho, eu nomeei... Ele não tinha... não falava muito com o Filinto. O Juscelino me chamou e disse: “Dr. Fadul, eu quero lhe dizer que vai haver eleição agora em 60, né, ...”. Antes disso houve um episódio que me tornou, você perguntou sobre a minha atuação na Câmara. Só pra dar um exemplo, porque a gente não pode citar tantas coisas. Eu vou citar um fato pra você interessante, que acho que foi inédito na Câmara. Em 1957... em 56, nós elegemos o 1º secretário da Câmara dos Deputados, que foi um deputado do Paraná, (Zivongi?) Cortes. Tinha do Paraná, (??) do Paraná?

CF - Não.

WF - O Zivongi Cortes era deputado do Paraná. E ele foi eleito pelo partido e indicado numa chapa conjunta com o PSD para a 1ª Secretaria da Câmara dos Deputados. O 1º secretário é tão importante quanto o presidente. O presidente da Câmara é uma personalidade que administra a Câmara, o que se comunica com o presidente e com os ministros, é tudo através da Secretaria, da 1ª Secretaria. E nós elegemos o Zivongi com o compromisso de haver num ano um, no ano seguinte seria outro deputado do partido. Mas quando chegou a ocasião o Zivongi resolveu que ele... (??)... o 1º secretário faz coisas, empresta carro, faz o diabo. Porque ele tem gabinete com 30 funcionários, ninguém tem gabinete, né? Se um deputado precisa bater um ofício vai lá.

CF - Claro, poder, né?

WF - É poder, essas coisas. Mas o Zivongi achou e tal que ele devia ser reeleito. Aí o partido se revoltou contra isso, eu não tomei posição... e o partido se reuniu, disse que não. Pra perder ou pra ganhar o Zivongi concorreria às eleições de qualquer maneira, apoiado pela UDN lá na casa. Aí o partido se reúne e o Jango me chama lá e disse: “Olha, você vai ter que ser candidato a 1º secretário.” Eu digo: “Mas por que eu?” Quando é a hora de tá todo mundo de acordo é ótimo, na hora que tem que brigar eu vou ter que ir pras eleições, correr o risco de perder uma eleição e ainda com o partido dividido.” Ele falou: “É. Mas não tem jeito. Porque o pessoal se reuniu e acha que você é o único que tem trânsito suficiente pra...” O trânsito tava muito bem pela UDN, em toda a parte. Não eu dei a mínima a esse negócio da candidatura. Mas fiquei candidato do partido e achei que era obrigação e naquele tempo, mesmo sem a lei de

(atividade?) partidária, ninguém trocava de partido. Porque trocar de partido era a morte, né, suicídio e acabou. E independente disso fica mal, não tem explicação. Chegava lá: “Pôxa, pedi o voto pra UDN agora tá pedindo pro PSD!” Ficava difícil. Agora, hoje não. O sujeito troca de partido...

CF - Rapidinho, né?

WF - ...(?) não tem problema. Não havia esse troço não. Aí o partido exigiu e eu acabei tendo que aceitar a candidatura. Eu não fiz campanha não, não me interesse pelo problema. O fato é que eram dois escrutínios: elegia-se o presidente da Câmara e depois se elegia o resto da Câmara, os seus secretários. O vice-presidente e o secretário. O candidato foi o Ulisses Guimarães, em 52?), foi a 1ª presidência que ele ocupou na Câmara. Foi eleito. Indicado pelo PSD e apoiado por nós, se elegeu. Aí veio... veio a eleição seguinte, o outro escrutínio que era do secretário, aí acontece um fato inédito: eu tenho 137 votos e o (Zivongi?) 137.

CF - Empatou! (risos)

WF - Empatou. Você vê que coisa... Empatou e por sorte minha, (ri) e aí é que a sorte influi. O Regimento não mandava decidir na base do mais idoso. Mandava repetir o escrutínio e no 2º, sim, se houvesse um novo empate, então o mais idoso ocupava o cargo. Então no 2º escrutínio que era de um dia pro outro, que era no dia seguinte, aí eu resolvi mobilizar as minhas amizades inclusive na UDN, né? E uma das pessoas que eu utilizei foi o ... o ... o dono daquela usina (?)... (?) Edberto Figueira de Castro. Que era o cara que financiava a UDN. Financiava o (brigadeiro?). Ele era até descendente do Visconde de Araruama, uma família um pouco aristocrática. E o irmão dele era o meu companheiro de farras, desde de garoto (??) e tal, tinha os meus 17 anos. E gostavam de mim pessoalmente e eu também me dava bem com eles. Aí peguei o telefone, liguei pra ele: “Olha, não vai deixar eu perder essa eleição! (risos) Eu sou de Mato Grosso, mas sou lá de Macaé afinal de contas, né?” Aí ele foi e saiu em campo, mas eu falei com o Seixas (Dória?) que tinha sido o meu companheiro na fundação, naquela luta pela fundação da União Fluminense de Estudantes. O Seixas Dória depois veio a ser governador de Sergipe, né? Foi deposto em 64, ele era deputado também. Eu telefonei pro Seixas Dória e pra alguns deputados do estado do Rio, e no dia seguinte eu ganhei a eleição por cento e tantos votos de diferença. (risos) Só com esse (?).

CF - Com diferença.

WF - É. E aí assumi a 1ª Secretaria da Câmara. Ficou famoso porque com o empate, os jornais...

CF - Deram destaque, né?

WF - ...transformaram aquilo num acontecimento, entendeu? E aí eu fiquei famoso e como eu ganhei a 1ª Secretaria, o último secretário de Mato Grosso que a Câmara possuiu foi Pedro... Aníbal de Toledo, eu acho. (ruído) (???) em 1917! Nós estávamos falando em 57, portanto... 40 anos depois. E o partido só tinha um deputado pro Mato Grosso que era eu. Quer dizer,...

CF - Isso fortalecia, né, a sua...

WF - ...tudo isso foi discutido na imprensa e tal e aí fiquei... Foi um episódio engraçado pra mostrar como é que eu tinha uma ... eu circulava bem (no âmbito?), fui escolhido por causa disso. Porque o Zivongi ganhava na certa porque não podia... o 1º secretário fazia muitos

favores, tinha muitas coisas a cobrar dos colegas, então... E o único que podia se contrapor a ele era eu. E aí...

CF - O sr. conseguiu.

WF - É. Fui o 1º secretário na 1ª gestão do Ulisses como presidente da Câmara dos Deputados. E aí geri a Câmara por... durante um ano e pra mostrar aquelas diferenças que existem de lá pra cá, nós tínhamos exatamente 914 funcionários na Câmara. Os deputados não tinham absolutamente nenhum privilégio. Não tinha secretário, não tinha nada. Hoje, eu calculo que a Câmara tenha em torno de 10 mil funcionários. E quem nomeia não sei quantos assessores, tem gabinete e tem o diabo. (ruído) Essa é a diferença que existe entre a Câmara... quer dizer, o que a Câmara perdeu de substância como poder da República, ela ganhou em suntuosidade, em tamanho. E em aquele negócio faraônico que tem lá e aquelas coisas todas. Prédios e mais prédios. E isso corresponde exatamente ao que ela perdeu de substância... no que se refere ao poder político da República, que é o Congresso. Há uma compensação material pra isso. O que não resolve o problema, porque cada vez o privilégio, desse tipo... O privilégio não é aposentar o deputado. Porque isso é muito natural, que no mundo inteiro existe que o deputado seja aposentado. Tem importância nenhuma que o deputado seja aposentado. (Coisa agora que o deputado é contra?). O privilégio é esse de nomear 16 funcionários pro gabinete, ter chofer, o cozinheiro é nomeado. Quer dizer, isso é que é um negócio vergonhoso. O fato do deputado que trabalhou 10, ou que seja um mandato, trocou a sua atividade profissional, não pode regressar à sua atividade antiga e tudo, isso é (a circunstância?). Foi até por causa de um cirurgião como eu. Ele deixou a profissão, como é que você vai voltar cirurgião, 12 anos depois? Fui eleito, reeleito 3 vezes deputado federal. 12 anos depois, vou pegar meu cliente lá, onde é que eu vou achar...? É um negócio, realmente a Câmara tem uma obrigação. Não é um favor, não é um privilégio pagar 1/30 por um ano de mandato. É uma besteira isso, não vale nada. É o mínimo que ela pode fazer pra evitar que o cara se associe a uma quadrilha de assaltantes aí e vá assaltar o Banco do Brasil, que é o que acontece normalmente. Quer dizer, isso é uma bobagem. O privilégio não está aí, está na transformação do Congresso nessa, nessa caixa de vantagens pessoais lá dentro...

CF - Uma rede que se forma, né?

WF - ...de negócios e de *lobbies* e não sei o quê... Nunca ouvi falar nisso, quando eu era deputado! Nesse negócio de *lobby*. O deputado que queria alguma coisa ia lá falar comigo vinha abertamente. “Eu quero isso...” “Eu não posso fazer e não faço.” Não é verdade? Não tem nada a ver, isso não é privilégio. Privilégio é outra coisa, é isso que tá lá. E que ninguém fala em... ninguém fala em... coibir de nenhum modo. “Nós vamos tirar a previdência dos congressistas, pode se assegurar.” Bota onde quiser! Bota onde quiser. Pouco importa. Agora, isso que tá lá não pode continuar. Porque eu não posso nomear 16 sujeitos pro meu gabinete. A minha cozinheira não pode ser paga pelo Congresso Nacional. (??), essa é que é a verdade. Porque (???) ou o chofer dele é pago pela Câmara, o cozinheiro é pago pela Câmara, faxineiro é pago pela Câmara... Quer dizer, isto é uma bandalheira. Isto não chama nem privilégio mais. Isso não (?). Eu acho realmente que a diferença que existe entre o Congresso daquele tempo que era um congresso político com todos os defeitos que a política tem, mas com as vantagens da política ter a ... pelo menos o brio de realizar-se publicamente, compreendeu? Porque não havia como esconder nada. Hoje não, hoje tudo ao contrário, é escondido. Quer dizer, e ninguém discute. A mídia não discute, a imprensa não fala nada. Quer dizer, sobre esse assunto ninguém diz nada. Mas sobre o valor do deputado receber 2 mil reais porque foi deputado 4 anos, isso ah, não pode! Eu acho que isso é discutível, eu acho que pode. E ele pode até depender das

circunstâncias. Muitos até nem precisam, mas muitos precisam. Porque eu vi em 64, deputado cassado, que a mulher teve que montar pensão em Brasília pro sujeito sobreviver. Porque não roubava, não tinha tirado proveito ao mandato e tal. Quer dizer, e tem outros que não precisam, pode até se discutir isso. (??). Mas isso não chega a ser um escândalo, não chega a ser um privilégio. Escândalo é isso que eu estou dizendo, é multiplicar por 10 a quantidade...

Data: 26/11/1996

Fita 6 - Lado A

CF - Bom, vamos começar a 3ª entrevista com o dr. Wilson Fadul. Estamos no dia 26 de novembro de 1996. Na presença das pesquisadoras: Ana Beatriz Almeida, Cristina Fonseca e Beatriz Guimarães. Bom, dr. Fadul, é... (voz ao fundo) a gente tinha parado, a gente tinha discutido um pouco com o sr. o 1º mandato como deputado federal pelo Mato Grosso. Agora, como a sua trajetória é muito rica na área da política e a gente tem que ficar fazendo paralelos entre questões importantes que a gente quer discutir da área da saúde e ao mesmo tempo toda a sua trajetória política, questões da história da política brasileira que isso é importante pra gente poder interligar e até compreender melhor a política de saúde no Brasil. Né? A gente queria voltar só um pouquinho, sobre uma polêmica que ocorreu é... num período um pouquinho anterior à criação do Ministério da Saúde. Porque essa discussão, ela é importante, que antecedeu à criação do Ministério da Saúde, ela é importante pra gente entender questões que vão acompanhar as propostas pra saúde pública no Brasil ao longo desse período, né? Houve a formação de uma comissão interpartidária pra discutir uma proposta de reforma de criação do Ministério. E essa comissão interpartidária foi criada, foi formada por senadores, deputados federais, ela acabou sugerindo a criação de um Ministério de Serviços Sociais, em vez de um Ministério da Saúde. E essa proposta ela tinha intenção de juntar o serviço de saúde pública com assistência médica. Na realidade, esse Ministério de Assistência Social, seria um Ministério que juntaria as funções da Previdência Social e da Saúde Pública. Essa proposta acabou sendo derrotada pela proposta de criação do Ministério da Saúde, houve um apoio dos sanitaristas ao Miguel Couto Filho e acabou saindo vitoriosa a proposta do Ministério da Saúde. A gente queria saber inclusive, quer dizer na época, alguns representantes do PTB que participaram dessa comissão, eles foram favoráveis à criação desse Ministério de Serviços Sociais. Então a gente queria saber, eu não sei até que ponto o sr. acompanhou essa discussão porque na época o sr. ainda estava em Mato Grosso como prefeito, né? Agora, qual seria a sua opinião sobre isso? Quer dizer, sobre essa proposta de unir, né, a Saúde Pública e a Previdência num Ministério só, tentando juntar assistência médica e a saúde pública num... sob a supervisão de um determinado órgão, né, específico?

WF - A minha opinião sobre esse assunto é, como você diz, é opinião. Tem que levar em consideração o fato de eu estar afastado dessa área de decisão que era o Congresso Nacional. Posteriormente essa discussão tem sido objeto de reiteradas é... abordagens. Na ocasião pareceu que a mediada mais simples, mais adequada à realidade do momento era a criação pura e simples do Ministério da Saúde, que transformava um órgão já existente que era o Departamento Nacional de Saúde em Ministério e com aquela situação anômala de separar, praticamente, a execução da política de saúde propriamente dita da... das funções do ministro que passaram a ser mais representativas do que realmente executiva no Ministério. Ficando a execução dessas tarefas (barulho de obra ao fundo) de saúde pública no DNERu, que abarcou praticamente todo o Ministério. O DNERu era o órgão mais importante executivo no Ministério. Havia o Serviço de Tuberculose, o Departamento Nacional da Criança..., mas era um órgão, a política sanitária propriamente dita era executada pelo DENERU. E o DENERU prestava contas diretamente ao Tribunal de Contas da União, tal a independência do órgão. E o ministro ficou com representação muito... nesta área. No executivo muito pequena. O fato...

CF - O sr. era favorável, o sr. acha que era importante que a saúde pública se mantivesse

autônoma, desvinculada (?). (falam ao mesmo tempo)

WF - É, eu... Na ocasião eu achava mais simples isso, embora à distância eu considerava que o problema social tava sendo... ainda tava em evolução. Nós tínhamos acabado de criar a Lei Orgânica de Previdência Social. Isso foi mais tarde, né? Então a coisa tava evoluindo pra uma discussão de unificação desses institutos de previdência, que eram... eram por categoria profissional. Se discutia a unificação disso que foi levado à prática é... já na época da ditadura com a criação do Ministério da previdência, a unificação desses institutos. A unificação tinha problemas muito graves porque havia categorias melhor remuneradas que, portanto, tinham melhores condições de aposentadorias e categorias mal remuneradas que tinham condições de aposentadoria mais... mais frágeis, não é? E poder também mais frágil. No caso dos bancários, que era um instituto rico que o salário médio era maior e os industriários onde o salário mínimo prevalecia, etc, etc. Essa discussão levou décadas! Juntar o Ministério da Saúde a esse problema em discussão, me parecia na época, complicar a situação em vez de resolvê-la. Então era melhor transformar o Ministério, dar a ele uma certa organicidade e elaborar uma política nacional de saúde e a questão da seguridade social... seria examinada, deixaria que ela evoluísse normalmente à base das discussões então travadas na época. Essa... eu acho que isso foi o bom senso prevaleceu nessa (coisa?). Mais tarde...

CF - O sr. chegou até a comentar, alguma entrevista... acho que na 1ª entrevista, que o sr. via uma diferença entre seguridade social e previdência social.

WF - É... Não é diferença, é que são compartimentos, né, próprios. Eu... a realidade brasileira, embora a discussão (?) abarque tudo isso, é... teoricamente no Brasil os institutos de previdência foram criados como institutos de Pensão e Aposentadoria. Não tinha nada a ver com saúde.

CF - E prestação de assistência médica, né?

WF - Nada! É... esses institutos que arrecadavam muito e gastavam pouco, porque o pessoal tava contribuindo não tinha condições de (?), não havia aposentadoria a pagar praticamente, a arrecadação era muito alta, resolveram aplicar uma parte desses recursos em assistência médica para os seus associados. Então o IAPB tinha pros seus associados, o IAPI tinha pros seus associados, o IAPM pros seus associados e etc. Isso, não saía dessa esfera da categoria profissional, que era quem sustentava os... é... Evidentemente que isso depois que se fez, se juntaram, juntaram num só organismo, nós já tínhamos uma Lei Orgânica dos institutos de previdência feitos em 50 e..., no final da década de 50. Depois eles foram aglomerados num único instituto e criou-se o Ministério da Previdência. Aí houve a criação do INPS, pra gerir... basicamente, os problemas médicos da previdência social. E foi através do INPS, que se resolveu dar... que os institutos dessem cobertura... à população de baixa renda nesse serviço público dentro saúde. Só que isso era uma intromissão nas áreas do Ministério da Saúde, sem que entre os dois ministérios houvesse um órgão que, vamos dizer, que administrasse essa... esse problema.

CF - É, acaba havendo superposição.

WF - É. E até...

CF - Duplicação.

WF - ...duplicação de funções isoladamente, quer dizer, sem nenhuma coordenação entre eles.

Isso foi extremamente prejudicial à saúde no Brasil, porque faliu a previdência e começou a ... eu não tenho dados aqui que mostram que durante 10 anos, por exemplo, nos Estados Unidos enquanto o custo de vida subia 74% em 10 anos, a saúde subia 300%. Isso aí que é comum nos países desenvolvidos, porque todos já dominavam a tecnologia, mas não é só isso não, também tem muito desperdício, alguma desonestidade junto, tudo isso faz com que os custos subam muito nos países... é... onde o lucro prevalece sobre a idéia da solidariedade social. Na Inglaterra por exemplo, onde a saúde é socializada, o custo de vida subia por exemplo 12% e a saúde subia 14, 15... (ruído). Não era essa desproporção enorme. Tanto que a própria Margareth Thatcher, ela não foi capaz de privatizar a saúde na Inglaterra e nem quis tratar desse assunto. Porque a privatização da saúde gera um aumento de custos muito alto. Em toda parte. Essa é a prática. As razões você pode citar muitas. Nós, aqui no Brasil, podemos citar: a desorganização administrativa, a desonestidade com que opera o sistema, quer dizer, a falta de ética, o lucro acima de qualquer interesse. Quando você sabe que um leito vazio custa 66% de um leito cheio e você não pode desativar o hospital porque ele deve tá preparado pra atender as pessoas em quaisquer circunstâncias... Uma empresa privada não pode certamente, manter um leito vazio porque isso é um prejuízo certo, o estado deve fazê-lo. O ideal era ter um hospital muito bom e vazio. Isso é o ideal. Ao passo que pro empresário de saúde não, ele pode ter um hospital que custe cada vez menos a ser mantido, mas que produza uma rentabilidade maior e, portanto, deve estar sempre mais cheio. Essa é uma incompatibilidade que gera esse tipo de coisa. Esse tipo de divórcio entre o crescimento do custo da prestação da assistência médica e o crescimento do custo de vida que é uma desproporção muito grande. Tornando a saúde portanto, difícil de ser mantida pelo estado. Esse, essa discussão ainda, até hoje ela no Brasil tá presente. Porque quando você sabe que uma grande parte dos recursos públicos são destinados à empresa privada, através dos convênios e agora através do SUS, pra dar assistência à população sobretudo de baixa renda, o que ocorre é que você terceirizou a saúde. O estado não faz, mas paga pra outros fazerem. O custo disso ninguém conhece, nós sabemos que é muito alto. E... inviabilizando a rede pública de saúde. Porque quando você transfere 80%, 70% que é o que se calcula... da... dos recursos destinados à internação dos doentes pra iniciativa privada, você tem que fechar os hospitais públicos. Porque você não pode manter duas redes, nem tem sentido, uma pública e outra privada. E ambas sustentadas pelo Tesouro Público. Isso, quando o INPS, ainda no tempo do Ministério da Previdência, quando o INPS pertencia ao Ministério da Previdência, começou a fazer os convênios iniciais, na altura de 1965, por aí... a gente já sentiu que aquilo ali ia ser um grande negócio da década. E criaram-se casa de saúde por toda a parte. Qualquer... e precariamente essas casas de saúde, precárias. Verdadeiros... verdadeiros botequins de saúde, digamos assim, na verdade era isso. E faziam convênio com a Previdência, por interesses políticos de qualquer maneira. E a Previdência exauriu grande parte dos seus recursos pagando isto. Chegou a ser...

CF - (???)

WS- É. Chegou a ser 30%, eu acho, dos recursos da Previdência. Por isso é que quando se discutiu na Constituição de 88 o financiamento, a proposta era de que o INPS continuasse a bancar junto ao Ministério da Saúde 30% da sua receita. Compreendeu? Coisa que se viu logo ser incompatível com a sobrevivência dos institutos de Pensão e Aposentadoria, ou seja, da própria Previdência Social. Esse é um debate ainda em curso, se bem que as posições estejam claras, só que a imprensa não discute muito isso, porque ela quer privatizar cada vez mais seja o que for, inclusive a saúde. E nós queremos desprivatizar a saúde e fortalecer a rede pública como única solução correta pros problemas de saúde no país. Essa é a nossa posição hoje. Quer dizer, a posição... que o bom senso indica como correta. Não é nem uma questão pessoal, não tem nada a ver com isso. Eu acho que a maioria das pessoas do campo da saúde no país, pensam

assim. E aliás, esse projeto da municipalização foi feito com a idéia de fortalecer a rede pública sem criar nenhum entrave à medicina privada, esse é um assunto que cabe à iniciativa privada resolver, não através dos cofres públicos, cujos recursos devem ser destinados à assistência médica pública. E aí você pode cobrar do Estado que ele faça bem, melhor do que está fazendo. Porque hoje cobrar do Estado um serviço melhor que é feito por terceiros, eu acho que é um contra-senso, uma tolice! E é, não leva a lugar nenhum. É apenas uma maneira de botar um manto em cima dessa realidade que é profundamente desagradável pra qualquer profissional de saúde. E pra qualquer pessoa de bom senso que examine a questão! Esse... esse foi o desdobramento dessa idéia ao longo desses 40 anos.

CF - Vamos voltar aqui só um pouquinho, dr. Fadul? Quer dizer, pelo que eu entendi do que o sr. falou, quer dizer, a partir da criação do Ministério da Saúde se tem uma separação entre um ministro que seria, né, o poder executivo do Ministério, se politizaria essa posição e o DENERU que seria o órgão de execução, técnico. Isso que o sr. tá dizendo é interessante, é importante pra gente porque a gente vê que a maioria dos discursos dos sanitaristas que defenderam a criação do Ministério da Saúde é um discurso de autonomia e de separação entre atividade técnica e atividade política. Como se a atividade de saúde pública não fosse uma atividade política, fosse uma atividade estritamente técnica. Essa é uma idéia que a gente vê presente em vários médicos sanitaristas dessa época, né? Inclusive em médicos da Sociedade Brasileira de Higiene, que foi um órgão importante, né, da categoria dessa área de saúde pública, da categoria de médicos sanitaristas, foi um órgão de atuação, né? E pra gente isso é importante até pra gente conseguir entender como um médico que tem uma atuação direta com, na área da saúde, consegue perceber como que essa atividade ela fica desvinculada da área da política, entendeu? Porque na prática elas estão sempre juntas. Você não...

WF - Esse era um argumento que usava inclusive... que o próprio Maurício de Medeiros, eu acho, que foi muito comum na época, o município não tinha o direito, embora estivesse na Constituição de 46 que cabia ao município organizar os seus serviços próprios, inclusive o de saúde portanto. Que os municípios não levariam a cabo essa tarefa a contento porque a política influía no município. Eu, a resposta minha, já daquela época tá escrita, nunca... – tá até nos anais da Conferência – nunca se pôde em tempo nenhum, em lugar nenhum separar a política da administração. Se a política é um mal no município, deve ser pior no estado e muito pior ainda na... na Federação, na União. Porque ao contrário, a política tomada no seu sentido próprio, é um instrumento poderoso pra você resolver problemas ou abrir caminho, solução de problema técnico. Como foi a decisão política de fazer essa reforma na saúde que abriu caminho pro quadro atual que é realmente, embora necessitando de profundas reformas e sobretudo na sua execução, do ponto de vista teórico tá tudo muito bem, ninguém discute, mas do ponto de vista da execução disso é... o que se quer, o que se exige, é que se transfira realmente para os municípios a tarefa de executar essas medidas de saúde, entre outras, né, de saúde é o caso que nos interessa, que não se transferiu até hoje e que a União se retire da execução disso... entregando ao Estado, do ponto de vista de regionalizar certos atendimentos que não são possíveis em certos municípios, não é? E entregue ao município aquilo que basicamente ele pode fazer com uma economia muito grande. O que tem entravado justamente a implantação definitiva de um sistema descentralizado no Brasil, é a terceirização dos serviços. Porque a União é que repassa as verbas, essas verbas passam por mil alquimias e interesses os mais extravagantes, alguns não têm nada a ver com saúde, né, a gente tá vendo todo dia isso. E o programa não anda, não caminha e o município não assume a sua responsabilidade. E a população local que tem melhores condições de fiscalizar e acompanhar, exigir e discutir problemas locais, porque ela tá vivendo esses problemas, ela não participa porque o sistema não foi implantado. E uma das razões que impedem a implantação é justamente o negócio do

pagamento do... da iniciativa privada como delegada do Estado pra executar essas tarefas.

CF - Como é que era a atuação do DNERu nesse sentido, quer dizer, ele era um órgão estritamente técnico?

WF - Ele era um órgão estritamente técnico. Ele tinha um... núcleo espalhado por todo o país, ele realmente funcionava, mas sempre centralizadamente, a função dele era restrita à distribuição de verbas, que em geral atingiam muito as cidades grandes, as cidades ricas, as capitais sobretudo, mas não atingiam o interior. Mas o DNERu se espalhou por todo o Brasil, montou é... escritórios em todas as grandes cidades do país e executava as tarefas que lhe competiam e dava de acordo com as necessidades locais, ele criava os seus programas próprios. As doenças infecto-contagiosas que prevaleciam numa certa região, tinham certa... privilégio em relação às verbas disponíveis, o que era natural. Quando um problema estava preocupando uma comunidade qualquer, o DNERu assumia essa... ele vacinava, ele fazia as vacinações e tal. A ...

CF - As campanhas. Eram formatos de campanhas?

WF - Não. Ele executava quando acontecia algum fato insólito porque como eu disse a você, e repito, não havia uma rede permanente em funcionamento. Não havia uma rede permanente em funcionamento. De modo que quando acontecia um fato, não é, como uma doença qualquer, entendeu? Aparecia uma doença que podia de certo modo comprometer a higidez da população local, o DNERu entrava em ação, com um certo retardo porque havia toda aquela discussão burocrática, verbas... Nunca tinha verbas, essas coisas assim. Porque a coisa tá centralizada aqui no Rio de Janeiro, pra atender o Brasil inteiro. Essa é uma das razões de que a descentralização, era absolutamente necessária. Porque a autoridade local mobiliza recursos com muito mais facilidade e mantém a rede permanente funcionando. Precariamente ou não, mas mantém. E ela não existia. Por isso o DNERu sofria dos mesmos males que todos os outros órgãos de saúde. Eles funcionavam precariamente nas capitais. Precariamente nas capitais.

CF - Na realidade não atingia as áreas rurais.

WF - Não, não atingia as áreas rurais e nem, e a população de, mesmo as populações das grandes cidades eram mal atendidas. Porque eram geralmente populações que tinham mais recursos, o estado também tinha seus serviços locais nas capitais. Mas no interior não existia nada disso. O Brasil carecia de uma rede permanente de assistência. Que fosse universal, isto é, que atendesse todo mundo, que desse acesso a todas as pessoas. Ela tinha que ser permanente e universal. Pra atender todo mundo e... (?) sempre que necessário. Essa é a característica fundamental de uma rede de saúde pública, né?

AB - O sr. acha que as delegacias federais não conseguiam fazer esse papel de (?)?

WF - Era puramente burocrático. O delegado federal de saúde era um burocrata. Ele não era um... ele não, e geralmente não era no interior, um técnico de nomeado. Era um sujeito que fez um curso de sanitarista com muitas deficiências na época, né? Ele não era, ele era um burocrata. E depois não tinha recurso nenhum, pra fazer nada, pra fazer uma viagem sequer. Ele não tinha recurso pra isso. Ele ficava na capital, como delegado federal de saúde e só. Convidado pra uma festa aqui, outra ali...

CF - Mas na prática não conseguia executar...

WF - Na prática...

AB - Não conseguia executar essa integração.

WF - É. Essa é que era a razão básica que tava a exigir que o Ministério uma vez criado, tivesse promovido a organização dessa rede. Como ele não organizou, e não foi por culpa. Quer dizer, ... o Brasil vivia muito em torno da capital federal. Vivia muito em torno do governo central. As verbas disponíveis, os recursos disponíveis, tudo isso é... emanavam do poder central. De modo que a rede não podia existir apoiada no vazio. Ela tinha que ter toda uma vasta concepção de... e em que apoiá-la, justamente na célula administrativa da nação que é o município. Porque diziam... uma das críticas que eu ouvi dizer, que o município além da política influir, o município não tinha condições de realizar nada. Bom, ora se o município não tivesse condições de realizar nada então pra que a sua existência? É uma das perguntas que eu fazia. Isso seria eliminar da estrutura nacional essa célula administrativa que é o município. Ele tem que fazer, ele é obrigado a fazer, pra isso ele se forma como município, compreende? Ele deve atender a um mínimo de exigência dos seus municípios. Ou seja, escola primária, por que não pra um município fazer? Ele que se encarregue de fazer isso. A escola primária é de todos os problemas um assunto que o município faz muito melhor do que qualquer outra pessoa. Há municípios ricos que podem até ter universidade! Como é o caso de Campinas por exemplo, entre outros. Tô citando Campinas como exemplo. É... e há municípios mais atrasados que talvez tenham um serviço de saúde precário, não tenham médico ou uma pessoa habilitada com um curso às pressas como tem por aí, capaz de realizar certas tarefas básicas. Mas ele está permanentemente ali. Compreendeu? E é mais fácil transportar um doente de um município que não tenha uma certa assistência pra um município vizinho do que transportar o governo federal lá pra esse município pra resolver um problema local! Não tem sentido uma coisa dessas! Essa discussão passou, transitou depois de muitas lutas. E nessa Conferência ela ficou clara. Ela ficou muito clara na Conferência. A Conferência foi – agora vou falar um pouco sobre a Conferência, né? – porque a origem de tudo isso tá nessa Conferência. O debate tá em torno, tá aí. Os anais são esses aqui. Há um erro de paginação (ruído) porque isso aqui é, isso aqui foi feito, tem um erro de paginação que foi feito pela prefeitura de Niterói, sem nenhum apoio da União, etc... E depois de muito sacrifício e 25 anos depois da Conferência. Eu apresento aqui e digo isto porque a minha apresentação é curta, é de uma página, mostrando por que... que depois de... que o fato se explica por si. A ditadura nunca teve interesse em reformas. Isso é parte das reformas como tá naquele recorte. Foi declarado isso, isso é parte das reformas de base que o país necessitava em 60, na década de 60. Quando tinha 75% da população vivendo no campo, compreende, com todos os problemas agravados da (desassistência?) em todos os sentidos que a população sofria, né?

CF - Deixa eu só falar uma coisa, dr. Fadul, eu queria interromper o sr só pra gente ver...

WF - Não, pode interromper quantas vezes...

CF - ... pra gente compreender a conjuntura da 3. Conferência seria importante a gente mapear um pouco a trajetória política do PTB nesses anos que antecederam a 3ª Conferência. Eu acho que é importante pra a gente entender esse momento político que é um momento político muito rico, né? E como o sr. teve uma trajetória política no PTB nesses anos, durante todos esses anos na década de 50, acho que a gente queria conversar um pouquinho sobre isso antes de chegar na 3ª Conferência, porque fica melhor até porque fica mais rica a discussão.

AB - O que tem dela dentro dessa conjuntura que o sr. falou (??)...

CF - O sr., quando o sr. foi eleito pra deputado federal no seu primeiro mandato, é um momento que a gente entende como um momento importante na história do PTB porque é exatamente após a morte de Vargas. Então esse é um dado significativo, né?

WF - É. O Vargas tinha morrido em agosto e nós, a eleição foi em outubro, dois meses depois. É, aí me elegi deputado federal...

CF - Qual foi o impacto da morte do Vargas no partido? No PTB, na história do PTB?

WF - Não, o ... o ... o presidente Getúlio Vargas, a despeito daquelas coisas que eu contei na...

CF - Na outra entrevista.

WF - É, que não tem nada a ver com isso, não é pessoal. Ele foi realmente o grande estadista desse século. Ele se pôs à frente de uma revolução que... o Getúlio não era um revolucionário porque ele era chefe de uma oligarquia também, a oligarquia riograndense. Só que era uma oligarquia diferente da oligarquia paulista e da oligarquia mineira. Como houve uma dissidência entre as oligarquias dominantes que era a de Minas e a de São Paulo, a oligarquia do Rio Grande entrou nisso aí... na que... é exatamente por causa dessa decisão dessa diferença política entre os dois estados, entre São Paulo e Minas, a obstinação do Washington Luís de fazer seu sucessor o (??), reafirmando a hegemonia paulista sobre (??), a vida nacional e descumprindo o acordo que tinha... (interrupção da fita)

Fita 7 - Lado A

WF - ...É, no meio da dissidência entre as duas oligarquias dominantes, entrou a oligarquia no Rio Grande chefiada pelo Getúlio. Que fez a frente única, reuniu a política do Rio Grande numa frente única, pra fazer de lá a sua candidatura à presidência da República, derrotado... eh o ambiente revolucionário que já vinha desde 22, 24, agitando o país, e a situação quase que intolerável... E a crise, da crise de 29... uma crise econômica de profunda recessão no mundo inteiro. Tudo isso junto, produziu a Revolução de 30. (o som do gravador não está bom) O elemento revolucionário da Revolução de 30 era o 'tenentismo', que já entrou na Revolução dividido em duas parcelas: o Prestes ficou de um lado e o grupo do Juarez, do Eduardo Gomes... ficou de outro lado. Com essa divisão, foi mais fácil pras oligarquias... tomarem a situação e impedirem de certa maneira a radicalização do processo revolucionário. E o Getúlio que era um conservador, mas um homem lúcido e de uma outra oligarquia marginalizada durante toda a República Velha, é... o Getúlio se propôs um projeto de reforma nacional. (telefone) E fez, ele fez a reforma nacional e começou um processo de industrialização. E como o operário era mal... preparado pra esse processo... o operário tinha pouca força... E nem existia! Porque a rigor não existia indústria no Brasil, o Getúlio criou também a legislação do trabalho, porque ele favoreceu aos industriais, aos futuros industriais, o acesso à capital, transferindo através do confisco cambial do café, dinheiro da agricultura pra indústria, subsidiado. Mas como você sabe, o comerciante, o industrial... o homem de empresa, ele não tem limites na sua ambição de ganho. Então ele explorava também o trabalhador. Como o trabalhador não tinha como se defender, o Getúlio foi percebendo a necessidade de criar uma legislação que protegesse o trabalho, embora ele também financiasse o empresário para que ele montasse uma estrutura

industrial no país. E o estado foi fazendo a sua parte. Isso aí responde a uma questão do nosso meio político muito interessante, que é a questão do paternalismo. E a questão do paternalismo e a questão do populismo. O populismo de Vargas não reside nisso. Ao contrário, se ele não tivesse criado, se antecipado e criado as leis de proteção ao trabalho, nós teríamos que ter os sindicatos poderosos que a Inglaterra começou a formar no princípio do século passado e chegando a ter aquela grande luta sociais: o Cartismo e etc., como aconteceu lá. É... onde o operário não tinha nenhuma, mas nenhuma proteção, então o industrial explorava as vantagens de seu poder e explorava também a mão de obra do operariado europeu. Aqui era um desastre muito grande, porque o estado é que tava financiando o empresário. E o operário entrava absolutamente desarmado pra luta. Então o Getúlio criou essa legislação do trabalho, foi criando, ele não inventou isso, ele não previu, isso surgiu da necessidade de proteger o operário, pra poder até, em favor do industrial, melhorar aquilo que se chama o “consumo interno”, base de toda sustentação do processo de industrialização. Bom, isso... esse... O Getúlio é uma grande figura nacional portanto, não era uma figura qualquer. Ele não dominou o país 20 anos porque ele foi... era filho do rei não. Ele se fez... presidente por 20 anos porque ele realmente tinha algumas idéias na cabeça, das quais nós vivemos até hoje. Em boa parte. De repente, quando o Fernando... o presidente da República, atual, Fernando Henrique disse: “Acabou a Era Vargas”, ele não sabe o que é que ele tá dizendo. Porque ele... primeiro há uma continuidade nisso tudo e em segundo lugar, ele precisa botar alguma coisa no lugar, dessa Era Vargas. São 40 ou 50 anos que de 30, construiu durante esses 50 anos, 60 anos, construiu o que tá aí! Em matéria de infra-estrutura, siderurgia... tudo que você imaginar: eletricidade, petróleo; tudo foi feito, por aí. Quer dizer, dizer que a Era Vargas terminou é uma frase evasiva, sem sentido. É uma... uma (ri) tolice aliás, pra dizer a palavra exata. Por quê? Primeiro ele não tem o que botar no lugar. Ele não tem o que botar no lugar. Ele tá imaginando coisas que vêm de fora e que lá fora são muito discutidas também até hoje, ainda hoje. E... nada muito nítido. É tudo pouco confuso, né? Um pouco confuso e muito, muito... criando umas situações de muito pouca estabilidade no país. Seja política, seja econômica. De modo que, essa frase realmente (não tinha sentido, não?) tinha uma grande influência. Quando Getúlio morreu, ele... pode ter havido alguma influência na eleição. Mas as eleições foram muito difíceis, porque o Juscelino fez um acordo com o PTB e ganhou por 400 mil votos a eleição. E ganhou essencialmente, porque o Adhemar de Barros também foi candidato. E essa votação do Adhemar, a gente não sabe exatamente como é ela se distribuiria se ele não tivesse mantido a candidatura até o fim. Então foi uma vitória apertada. Mas na verdade, o que aconteceu com o PTB, é que a partir de 46 o PTB foi crescendo. Eu tenho ali um livro, (?) de história, que é um livro de um tal de Pernambuco, que dá o quadro do crescimento de deputados federais do PTB. O PTB começou com cerca de... 2, 4 ou 5% da Câmara, já tinha 33% da Câmara em 60...60... em 62. Elegeu 33... E como aquele crescimento era constante, de eleição em eleição, o quadro é muito nítido nisso... a análise... do autor do livro é muito nítida e mostra a distribuição a cada eleição o PTB crescia em detrimento dos partidos conservadores. Seja a UDN seja o PSD. E a previsão era de que o partido fizesse a maioria da Câmara em 66. E eu acho que esse é um dos motivos do golpe, da aceleração do golpe de 64. Compreendeu? Que era inevitável que aquilo... o programa que o PTB trazia do... O PTB era um partido emocional em 46, elegeu meia dúzia de deputados no Brasil. Acho que foram uns 12 ou 13. Não tenho o número exato, mas deve ser por aí.

CF - Mas foi mais ou menos em torno disso, foi por aí.

WF - Em torno disso. Exatamente. E aí esse pessoal era pura emoção getulista. Não tinha nada na cabeça. Basta dizer que aqui, no Rio de Janeiro, se elegeram um deputado federal com 400 votos. Porque o Getúlio foi candidato a deputado federal pelo Rio de Janeiro. Também. E porque a lei permitia, ele foi candidato a senador por vários estados, deputado federal. E aqui

no Rio, candidato a deputado federal, elegeu o Barreto Pinto com 400 votos.

AB - Conseguiu carregar, né?

WF - Carregou a legenda. E elegeram-se 12 deputados desse tipo. Não sei se havia uma exceção ilustre, talvez tivesse. Mas eu não me recordo. O fato é que daí até atingir 33% da Câmara dos Deputados é um crescimento muito grande. O que revela que as idéias que o partido, é... pregava, alcançava cada vez mais amplas camadas da população brasileira. Não só a dos trabalhadores... que eles chamam de (?), o que fosse, mas também das classes médias e até dos industriais progressistas, de São Paulo sobretudo, que o Getúlio tinha financiado. Inclusive a Votorantim, (??) do José Ermírio de Moraes, que foi senador pelo PTB em Pernambuco. Quer dizer, o partido tinha uma ampla penetração. O socialismo puro, aquele do (João Mangabeira?), era de gente da melhor qualidade: o (Hermes Lima?), o João Mangabeira e mais outros. Eles não tinham voto. O partido (do Juarez?) lançou um candidato a presidente da República... teve 9 mil votos na eleição, numa dessas eleições presidenciais. Pra ver o que é que era... e tinha gente da melhor qualidade, mas o PTB porque tinha todas essas ligações na sua prática, ele era um partido de esquerda, mas ele era um partido de massas também, por força dessa herança getulista. O partido realmente crescia rapidamente em todos os meios. Em 63 nós elegemos então 33% dos deputados e desses deputados, 70% foram cassados em 64. Porque todos eles eram ideologicamente já formados. É... com muita nitidez. Quer dizer, o partido tinha evoluído não só em número, mas qualitativamente muito mais ainda! E justamente foi aí, nesse crescimento do partido que se colocou perante o país as necessidades das reformas de base.

CF - Deixa eu só perguntar uma coisa pro sr. antes, dr. Fadul. Quer dizer, a partir de 55 e 56, não ocorrem uma série de disputas dentro do PTB? Não tem várias linhas diferentes, algum grupo que apoiava o Jango? O Francisco (Ferrari?) não se opôs ao Jango, não teve uma dissidência...

WF - Fernando Ferrari.

CF - Fernando Ferrari, né?

WF - Não, não há propriamente isso. É... as dissidências desapareciam no curso da 1ª eleição. Porque o partido tava unido em torno. Havia divergências... do ponto de vista, como em qualquer coletividade. Trocava... quando o partido fechava uma determinada questão... ninguém pensava em trocar de partido porque a gente tinha definido um ponto de vista diferente. O partido tinha ainda 30% de deputados que eram mais conservadores. Mas 70% dos deputados já eram ideologicamente homens de esquerda, de pensamento... Quando eu falo de esquerda é outra tolice que se proclama. Não existe mais direita e esquerda! Olhe, isso é uma tolice muito grande porque direita e esquerda... são posições. Porque a esquerda sentava à esquerda do presidente na Convenção Nacional na França, né, Convenção de 1789; e à direita era conservador era Girondina e a outra era do Robespierre, né, era os Jacobinos e etc. Bom, isso aí foi apenas pra fixar apenas uma coisa, é que o que define esquerda e direita em política, não são posições... vamos dizer assim, no espaço não. É o problema da igualdade. Quando você defende desigualdades em privilégios, você é homem de direita. Quando você defende a equalização dos direitos pra todos, você se coloca à esquerda do estepe político. Politicamente é uma definição desse tipo, não tem negócio de espaço (ri). E a questão é que a esquerda daquela época sentava à esquerda do presidente e a direita sentava-se à direita. Então foi mais fácil juntar o problema espacial ao problema das idéias. Mas o que o Robespierre defendia era a revolução radical. Era o grande revolucionário de 89. O Girondino não! Os Girondinos eram

mais chegados à realeza, mais chegados ao conservadorismo. A mesma coisa ocorre isso, os privilégios, as desigualdades. Então quando você defende igualdade você tá defendendo uma posição de esquerda. Como se defende as desigualdades, como ocorre freqüentemente, você tá de... Então eles querem... porque isso fica muito visível e coloca as pessoas num alvo fácil de ser atingidas, eles fazem essa confusão de que não existe mais ideologia. Que não existe mais direita nem esquerda. (ri) Tudo... como diria o francês, é tudo igual. Não tem nenhuma importância ser de direita ou ser de esquerda. O que é realmente uma tolice sem sentido. As pessoas podem ser de direita, ser respeitáveis, etc, e defender os seus pontos de vista. Mas pode ser de esquerda também nas mesmas condições. Não tem nada com as pessoas isso. São posições políticas. Tem que ser definida claramente! Mas é que isso vulnera muito a direita na hora que você tá combatendo privilégios. Tanto é que... você tá querendo suprimir desigualdades. Sejam regionais, sejam sociais. Nessa hora você não pode dizer que é de direita e tal, aí não tem direita. Esse é um problema que precisa ser bem entendido pra que você não fique perdido com essas, com essa propaganda que visa encobrir certas questões fundamentais na sociedade e proteger as pessoas que defendam interesses que não são exatamente o interesse da maioria da população. Então no PTB havia essas (Alguém fala ao fundo) ... havia, mas o partido tomava posições que geralmente, tomava posições é... que abarcava todo o (?), todo (?). E à medida que o partido foi crescendo e ia assumindo posições no poder, é...: vice-presidência da República sem o qual, sem cujo apoio o presidente não se elegia, tendo que repartir funções de governo, compreendeu, o partido foi se aglutinando cada vez mais! Porque o sujeito saía do partido, saía do poder, essa é que é a verdade! Então mesmo esses conservadores, esses 30% de conservadores, onde a tendência é conservadora, se mantinham no partido porque fora do partido eles não tinham vez. E a gente exigia que o partido seguisse aquela linha. (Foi nesse bojo que?) dessas coisas e com o fator partido comunista... não ter podido se desenvolver, mesmo eu acho que o Brasil não comportaria uma solução ideologicamente tão radical quanto essa, entendeu? O partido comunista tinha conosco relações..., mas não... ele tinha algum domínio em áreas sindicais e a gente discutia algumas questões que eram do interesse coletivo. E ele se fazia às vezes, representar através do PTB. Minoritariamente, casos isolados. Um desses representantes é o pai do dr. Fernando Henrique Cardoso, o general Leônidas Cardoso que era um... foi meu colega na Câmara, era uma pessoa extremamente correta, extremamente digna, extremamente decente. E que eu levava pra casa às vezes de carro comigo. Porque ele era uma pessoa de seus 70 e poucos anos e morava perto de mim. A Câmara terminava a sessão, eu levava... Então, eu pude ver que o velho Leônidas Cardoso era um homem muito firme. Nacionalista, defensor da campanha do petróleo. Era um homem eleito pelo partido comunista dentro da legenda do PTB em São Paulo. Uma pessoa extremamente séria! Nada... sobretudo do ponto de vista da política, né? E ele cumpria rigorosamente... porque o partido seguia uma linha de tendência de esquerda. Ele acompanhava o partido. Discretamente. Ele se mantinha sempre firme naquelas posições. Eu tô dando um exemplo que por acaso, eu não tô citando por acaso. Porque o presidente tem uma postura e eu tô citando um caso típico em que o partido serviu de... Lá em Mato Grosso, o PC ficava contra mim, pessoalmente. É, politicamente. Pessoalmente não, me dava muito bem com eles. Mas do ponto de vista político era, por causa do Filinto. O Filinto com toda aquela coisa de... de perseguição aos comunistas aqui no Rio, sofria e até com certa razão, um processo de discriminação pelo partido. E como o Filinto era parte importante do esquema que eu desenvolvia no estado pra ocupar o governo do estado do Mato Grosso, o partido... veio a só concordar comigo, já... na campanha de 62. Aí o partido já aceitava esse jogo político mais... mais, menos rígido, digamos assim, mais flexível e que tivesse um objetivo à frente a ser atingido. E que você de certa maneira tem de contornar obstáculos pra chegar até lá, esses... e essas, essa, não chega a ser uma habilidade, mas essa flexibilidade em contornar esses obstáculos pra atingir o objetivo que é a coisa mais importante, o partido passou a entender e até nos apoiou lá em algumas ações. E acho até que votou, se não

votou no Filinto, não fez nenhuma campanha contra na eleição de 62, quando o Filinto se elegeu pela 2ª vez senador, com nosso apoio. E já nessa altura, nós tínhamos 27% dos votos do estado do Mato Grosso. O PTB.

CF - Tinha crescido.

WF - Tinha crescido. O Filinto, o partido do Filinto tinha 33% dos votos e nós tínhamos 27. Quer dizer, como o partido tinha crescido e a UDN...

AB - E a UDN tava...

WF - ...estava lá embaixo. Já tinha perdido a eleição. Por isso é que pra eleger o Filinto em 62, não é, ele me ofereceu a Senatória e eu recusei, porque a proposta envolvia eu indicar o candidato a suplente dele e ele indicar o candidato a suplente meu. Ora, como eu exigi o apoio dele pra 65 pro governo do estado para o partido, que era o projeto que a gente tinha traçado 10 anos antes, ele... ele ficaria com dois senadores, porque ele indicaria um senador dele, um candidato dele pra ser meu suplente. Eu ia pro governo e o partido perdia um senador em favor do PSD. E como eu era um homem extremamente partidário, eu recusei a Senatória. Recusei a Senatória porque me elegia com meus próprios votos independente dele, elegi a ele senador em troca do governo do estado. Que foi o que nós combinamos junto ao presidente da República e a família dele, todo mundo reunido, a decisão foi essa. Então, eu era o candidato imbatível ao governo de Mato Grosso em 65, já nessa altura. Quando eu fui cassado em 64. Por causa desse, dessa armação toda. Então o ...

CF - O sr. acompanhou diretamente esse fortalecimento do PTB, né? Estava diretamente...

WF - Pois é. Eu fui crescendo no estado por causa da... evidentemente reflexos de fora do estado, mas também porque eu era um político muito operoso, eu trabalhava muito, eu fazia coisas em Mato Grosso, eu levava coisas pra lá. Criei delegacias de saneamento. Fiz muitas coisas em Mato Grosso. Não nomeava muita gente, mas criava órgãos, compreendeu, que funcionavam ou na capital ou fora da capital... No sentido a lei me obrigava a criar na capital do estado, mas eu criava em Campo Grande. Criei duas delegacias em Campo Grande.

CF - Que delegacias eram essas? Delegacias de saneamento?

WF - Não. Delegacia do... de... Saneamento que tinha, passou a ser uma autarquia...

AB - Obras de seca?

WF - Não. Quanto à seca ainda existe até hoje, eu acho. Mas... o órgão de saneamento era um órgão do Ministério do Interior. Aí, nós, eu fui muito responsável por isso, transformamos isso numa autarquia. Obra de saneamento. Só saneamento. Uma autarquia pra dar uma certa importância a esse, um certo desenvolvimento a essa zona. Porque o país não tinha água encanada, não tinha esgoto, como não tem até hoje em grande parte do país, né? Mas lá era muito pior! Então esses órgãos, essas delegacias de saneamento eu criei em Campo Grande, não criei em Cuiabá. Embora, (?) da lei. Porque a distância em Cuiabá é muito burocrático, ficava difícil você dinamizar a atividade do órgão. Eu então... como também criei delegacia do SAMDU em Campo Grande. SAMDU era um órgão da previdência social que fazia medicina de urgência. Entendeu? Então eu criei e montei em Campo Grande. Mas montei um posto em Cuiabá, em Dourados, montei em Corumbá, nas quatro maiores cidades do estado. Cada uma

tinha o seu postozinho e tal. Funcionava dia e noite, eram órgãos existentes, isso pago pela previdência, porque o SAMDU era um Serviço de Assistência Domiciliar de Urgência. (sirene) É... era o nome do SAMDU. Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência.

CF - O sr. até participou, né, aqui a gente tem uma referência que o sr. participou de uma Comissão de Inquérito sobre irregularidades tanto no SAMDU como nos (SAPs?). O sr. lembra de alguma coisa sobre isso?

WF - Não, eu acho que eu...eu... não sei se... não me lembro de ter participado dessa Comissão de Inquérito, nem sei o resultado dela. Eu não me lembro desse detalhe. Eu... o Laranja, lembra que o Laranja foi lá da Fiocruz? Francisco Laranja, foi o diretor do SAMDU. Sabe disso, né?

CF - Não. Não sabia não.

WF - Não? O Laranja... era um sujeito muito acessível e depois o outro diretor do SAMDU que tava ligado, posteriormente ligou-se à Fiocruz, foi o ... o Gentille. O Gentille de Melo. Também era muito meu amigo e tal, e também foi fácil então trabalhar no sentido da gente descentralizar um pouco esse serviço aqui do Rio de Janeiro pra certos... E eu tinha uma força muito grande no Congresso devido à minha importância, era (rixa?). Negócio de discurso era muito bonito, a gente fazia uma vez por ano, mas na verdade, esse trabalho era muito mais importante porque tinha uma enorme repercussão porque no interior não tinha nada. Qualquer coisa que você instalasse tinha uma enorme repercussão no estado. E aí eu passei a ser um deputado assim... com muita influência. Porque os deputados em geral do Mato Grosso, alguns dos quais são meus amigos até hoje, embora adversários, eles eram em geral, com exceção do pessoal do PSD, mas em geral pessoas ricas, fazendeiros ricos. Que não tinham nenhum interesse em fazer nada porque a eleição já tava determinada pelo 'coronelismo' herdado da república Velha. Então eu, eu fazia tudo! Eu fazia qualquer coisa. (??) era comigo. Então eles mandavam pra mim eu ia resolvendo os problemas e não cobrava nada. O sujeito ia me agradecer eu dizia: "Não. Vá agradecer ao fulano que ele me pediu." Quer dizer, outro deputado, alguém, não sei dizer e assim por diante. Mas o fato é que o partido foi crescendo e eu também porque o partido me propiciava as condições pra realizar tudo isto. Compreendeu? E eu voltava...

CF - Aí tem uma coisa importante, dr. Fadul, o PTB ele era antes do seu 1º mandato, era um partido que ele tinha muito mais força nos centros urbanos, né? E isso também não foi uma coisa importante? Quer dizer, o PTB começou a ...

WF - Era um partido de massas.

CF - ... a ter mais, mais penetração nas cidades do interior?

WF - No interior. É exatamente o que acontece. Quando eu assumi o PTB em Mato Grosso, o PTB era um partido que mal elegia um deputado federal... 3 mil votos por aí, 2, 3 mil votos. (??). Quando eu saí, quando eu fui cassado, o PTB tinha 27%, teve na eleição de 62, 27% dos votos do estado e tinha 6 ou 7 deputados estaduais de 28. E eu elegi o senador em 62! Porque eu indiquei um senador que era um... deputado estadual do partido. Muito pouco conhecido no estado, porque ele era de Corumbá e Corumbá é um estado quase... é um município quase que boliviano. Porque o rio Paraguai, né, ali ele... – são questões históricas – a barranca da margem direita do Paraguai é alta. Onde tem as minas de urucum, de manganês, de minério de ferro, de urucum. E, mas a parte esquerda é puro pantanal, tá cheio d'água permanentemente. Então, os portugueses montaram a cidade de Albuquerque (tosse) em homenagem ao... ao governador de

Mato Grosso que era o Príncipe da (Beira?), que era Don Luís de Vasconcelos de Albuquerque e Cáceres, era o nome dele. E fundou o Forte Príncipe da Beira e a capital da província de Mato Grosso era Vila Bela, hoje é uma população... quando eu conheci era uma população de 200 negros, não tinha nenhum branco, na beira do rio Guaporé. Dali ele desceu e fundou Corumbá. Fundou Cáceres, São Luís de Cáceres, em homenagem a Luís de Vasconcelos de Cáceres. Ele fundou Cáceres, ele fundou Albuquerque, é... e Coimbra, fundou o forte Coimbra em 1875, logo abaixo onde as duas fronteiras do Paraguai e da Bolívia também se juntam à fronteira do Brasil. E ainda fundou o Presídio Militar de Miranda também, subindo o rio Miranda em 1700... 85, 88... Então Corumbá, a fronteira em vez de ser o rio Paraguai que é um rio de alguns quilômetros de largura, a fronteira do Brasil com a Bolívia é um riacho, você atravessa a passo. (risos) Você dá um pulo e atravessa. Veja que coisa engraçada. Então Corumbá fica muito isolado, tem 300 quilômetros de pantanal até Campo Grande, compreende? E o Pantanal isolava Corumbá. Corumbá tinha muito mais acesso...

AB - (???)

WF - E mais também com a Argentina e o Paraguai e com o Uruguai. Porque você desce o Paraguai, porque a única batalha naval que o Brasil diz que teve foi fluvial, (risos) não foi naval. Foi no rio Paraguai. Foi a Batalha do Riachuelo. Foi no rio Paraguai. O rio Paraguai é um braço de mar que avança pelo interior do continente brasileiro. E navegável, por navio de grande calado. E Corumbá é uma cidade onde chegavam navios ingleses no princípio do século. O último navio que aportou em Corumbá, veio da Itália em 1911, trazendo... Ia à Europa comprava o navio com... enchia de mercadoria e trazia pra Corumbá. Compreendeu? Corumbá era uma cidade isolada. Depois... eu peguei o deputado estadual porque, por acaso era vice-presidente do partido, falei: “Você vai ser senador.” Ele disse: “Mas eu não me elejo!” “Vai ser senador!” E ganhou por 2 mil votos a eleição no meu lugar. E eu elegi o Filinto. Porque no caso de eu ter de sair pro governo, ele continuava e o partido não perdia.

AB - Não perdia a vaga.

WF - Senador. Eu...

(??)- Quem era ...?

WF - Vicente Bezerra Neto. Advogado e era deputado estadual. E ele não foi cassado, ele continuou no Parlamento. Mas sem uma influência... não foi capaz de dar continuidade àquele trabalho que a gente tinha iniciado e que se não fosse o episódio de 64 teria resultado no cumprimento de uma decisão tomada por nós de fazer o governo no estado em 10 anos. Que ia ser feito em 65. Isso foi em 54. Pra 65 tava dentro do prazo que a gente tinha concebido. E a 2ª eleição do Filinto, sai daí... na coligação com o PTB. Ele se elegeu, aí, já dessa vez, por 9 ou 10 mil votos. Mas nós já tínhamos 23% do, 27% do eleitorado em Mato Grosso. E elegemos um senador junto com ele. Então o partido cresceu muito, né? Cresceu bastante lá. Cresceu porque ele se infiltrou realmente pelo interior adentro. Ele desenvolveu a sua política que era mais facilmente factível no meio urbano, mas que nós... estávamos de certa maneira dominando o panorama político. Então, ...

CF - E isso que aconteceu no interior do Mato Grosso aconteceu em outros estados? Tem essa penetração do PTB...

WF - É... quase todos estados.

CF - ...pelo interior?

WF - Quase todos estados. Fizemos uma bancada com 33% da Câmara dos Deputados, tinha deputado... (interrupção da fita)

Fita 7 - Lado B

CF - ... repete pra gente. Isso aconteceu em outros estados...

WF - ... no Amazonas por exemplo, que era um estado muito mais difícil do que Mato grosso, nós fizemos o governador do estado, que era o deputado Gilberto Mestrinho. Se elegeu deput... é, governador do estado. E assim por diante. Em todos os estados o partido cresceu. E cresceu de um modo homogêneo no Brasil inteiro. E foi justamente nessa época em que o partido conseguiu ser canal através do qual se começou a propor a reforma, as reformas de base, que não eram reformas no campo da saúde. As reformas faladas eram as reformas: agrária, a reforma tributária, a reforma bancária, é... reformas desses tipos, né? Econômica e sobretudo... social no que se referia ao campo. E também começamos a discutir problemas da educação, em torno da Lei de Diretrizes e Bases, a educação se estabeleceu uma polêmica muito grande. E nesta ocasião, que o presidente conversando comigo, sobre... me convidou pra ministro da Saúde. Eu... eu não aceitei, em janeiro de 63. Por questões que a gente... eu falei: “Não, presidente. Não é o momento exato.” Mas discutimos o problema das reformas no campo da saúde! Então expus a ele o meu pensamento sobre o problema.

CF - O sr. tava envolvido então com o projeto das reformas, né?

WF - É, é. Da reforma de um modo geral. Porque no campo...

CF - Aí o sr. não quis assumir o Ministério...

WF - É. Eu não quis porque aí havia o problema de ruptura com o PSD mineiro, coisas difíceis de resolver, que se deu o Ministério ao Paulo Pinheiro Chagas. Mais uma vez o Ministério foi negociado. Mas, indicado pelo PSD, o Paulo Pinheiro Chagas que era médico, mas escritor. Pessoa muito simpática e tudo. É... como nós tivemos que resolver um problema lá em outras pastas, tirar um indicado pelo PSD já criava um problema... – mineiro ainda por cima – criava um processo de ruptura difícil da gente resolver, da gente recompor mais tarde. Então, quando chegou em junho, o presidente me chamou e disse: “Olha, nós vamos impulsionar o programa das reformas, porque... chegou na hora, o ambiente era...” – interessante que toda a imprensa discutia, os quartéis discutiam, os sindicatos discutiam, os estudantes discutiam... Todo mundo só falava em reforma, reforma de base porque era um aumento das reformas. Era... se tivesse um momento na história do Brasil nesse século pra se fazer a reforma, era 60, a década de 60. Você tinha 75, 80 % da população no campo. Porque essas reformas não foram feitas na época própria, esse quadro mudou drasticamente. Porque hoje você tem 80% da população na cidade e só 20% no campo. Falar em reforma agrária hoje não tem a importância que tinha em 60... 64. E a repercussão que tinha em 64. Não só pela posição radical dos proprietários rurais, os grandes latifundiários que investiam pesadamente em terras e faziam da terra um estoque de estoque de capital, digamos assim, como também a grande massa de trabalhadores rurais que começou a se despertar pro problema da posse da terra. Então esse era o momento das reformas.

Então o presidente me perguntou sobre a saúde, eu fiz uma análise mais ou menos ampla da questão. Disse que se havia um Ministério que estava fazendo reforma, era o da Saúde. Até por causa das circunstâncias que ele tava operando e etc. Então ele me deu essa incumbência, veja só, porque eu não tinha muito interesse de ir pro Ministério, porque a minha vida... convergia muito ao problema da sucessão do estado de Mato Grosso. Porque era a missão de todo político, honra de todo político, orgulho... era ser governador de seu estado, né? O estado que ele representa, isso era... E isso contribuía muito mais pro partido do que eu ser ministro. Mas em face dessa questão das reformas que estava no apogeu, tava na... grande momento, debate nacional por causa disso... o país tinha se dividido e grande parte da população apoiava as reformas e pressionava o governo pelas reformas. E o governo também insistia na necessidade de fazê-las. E como tava no governo um... um homem como o dr. João Goulart, que era um grande latifundiário, um grande homem do campo... um capitalista rural, (ri) (?? dizer isso?) porque ele negociava com boi, fazia o diabo antes de ser político. E era uma pessoa muito acessível, muito bem educada... Diziam até que ele era um pouco humilde, mas era muito educado no falar com as pessoas e tal. Quer dizer, ele era uma garantia não só para os trabalhadores de que a reforma podia ser feita porque tava obrigado pelos compromissos políticos que ele tinha. Como também ele era uma garantia pros proprietários rurais, de que a reforma, não seria radical, compreendeu? Não prejudicaria a organização rural existente no país na medida em que ela cedesse espaço às reformas. Então havia todo um condicionamento favorável a que as reformas fossem feitas. Então no campo da saúde eu fiquei... embora estivesse envolvido em outras coisas, eu fiquei com essa incumbência. Por isso que no meu discurso de posse, eu tomei posse no dia 27 de junho de 63, eu em 6 meses eu fiz a conferência. Que é a Conferência criada por lei em 37, obriga o Ministério a fazer uma conferência de 2 em 2 anos. A 2ª Conferência foi feita em 1950. Então, fazia 13 anos da última conferência. E não tinha sido uma conferência das quais, eu não conheço nem dados da 2ª nem da 1ª conferência. Eram apenas avaliações, simples avaliações e muito superficiais, viu, do problema...

CF - Não tiveram a conotação política que a 3ª Conferência teve.

WF - Pois é. Aí... eu... eu já entro no Ministério praticamente, convocando a Conferência. Acho que as primeiras medidas que eu tomei pra convocar (ruído) são de... são de julho... (barulho de papel). Ah! 19 de julho de 63. É a mensagem ao presidente da República de um... é... pedindo a convocação da Conferência.

CF - O sr. assumiu em junho...

WF - Dia 27 de junho. Menos de um mês, menos de um mês, eu tava pedindo ao presidente da República que convocasse a conferência de (?). “A Lei 378, de 13 de janeiro de 37, prefixou a convocação periódica da Conferência Nacional de Saúde patrocinada pelo Ministério, ao qual compete executar a política federal no campo médico-sanitário. É... com apreciável êxito aí, uma homenagem póstuma, né, já se realizaram no passado dois desses conclaves, cumprindo-se adequadamente os altos objetivos (?) a reconhecer aqui. Decorridos 13 anos da realização da última conferência, considero de alta relevância a mobilização de esforços visando a promoção de novo certame, desse jeito que permita ao Ministério da Saúde ação administrativa à luz das transformações que se operam nesse período da vida brasileira.” Então eu já entrei com essa coisa da reforma na cabeça, compreendeu? E... ... “Uma análise realista e tal das dificuldades, a definição das novas diretrizes da política de saúde fundamentadas nas recomendações aprovadas pelo XV Congresso Brasileiro de Higiene a que se referiu, e nos princípios anunciados no plano trienal, etc, que foi feito pelo Celso Furtado...” – aí eu peço o presidente pra convocar. E o presidente então convoca a 3ª Conferência. Você vê, menos de um mês depois

da minha posse. (ruído) Já no meu discurso eu (??). Quando chegou aí eu me obriguei a fazer uma entrevista mostrando a necessidade de fazer uma reforma sanitária descentralizando. E colocava porque municipalização, pra dar ênfase ao processo de descentralização, embora a reforma não fosse só isto, tivesse outro... Mas aí eu fazia nesse processo de descentralização. Então eu chamei de “municipalização de serviços básicos de saúde”. Foi aí que surgiu a carta do Maurício de Medeiros, o artigo do Maurício de Medeiros, que me obrigou àquela resposta que... que eu mostrei a vocês. E depois da outra carta, teve um outro artigo dele publicado no Diário Carioca.

CF - O argumento dele era para que, era o argumento de que municipalizando a política interferia...

WF - Interferia e que o município não tinha condições de realizar e que só o governo federal podia fazer isso, fazer aquilo... Muda tudo! (ruído) que o município não seria (?). Eu não cheguei a levar em... eu não cheguei a esse exagero na minha resposta, mas a levar em consideração o que ele tava dizendo, a única maneira, a consequência lógica daquilo era suprimir o município. Pra que município então? É ou não é verdade? Porque não tem necessidade do município então, era um argumento portanto vazio de sentido. (ri) Era inimaginável por um político. Inimaginável suprimir o município. Imagina fazer uma declaração que vai suprimir os municípios do estado do Rio de Janeiro. Você é apedrejado de saída. Não há como escapar disso. E até com justa razão porque isso é uma absoluta tolice.

CF – Dr. Fadul, qual foi a participação da Sociedade Brasileira de Higiene para a realização da 3º Conferência?

WF - É. Como eu digo aqui na apresentação disso...

CF - Quer dizer as propostas que foram discutidas, no Congresso da Sociedade, o 5º, o 15º, né?

WF - Isso.

WF - 15º Congresso. Eu digo aqui... ... “A 3ª Conferência revestiu-se de especial significado porque ela propõe uma reforma profunda na estrutura sanitária do país. Sob esse aspecto, ela se constituiu num marco importante da história do pensamento dos sanitaristas brasileiros. – Não é coisa pessoal – No processo de elaboração desse pensamento – digo eu aqui – sobretudo a partir de 1940, foi tomando corpo a idéia de que a saúde é inseparável do processo nacional em desenvolvimento. Apresentando-se os indicadores dos níveis de saúde estreitamente relacionados ao grau de desenvolvimento econômico, social, político e cultural da comunidade. A partir daí, foi possível repensar criticamente a organização sanitária brasileira, com a consequente correção de dois vícios, que ele reduziu ao alcance e eficiência, a insuportável centralização que deixava desprotegido um grande contingente da população e a atitude de passividade com que eram aceitas muitas medidas estranhas à nossa realidade.” Vinha um sujeito lá da Europa, vinha dos Estados Unidos, fazia um curso de 3 meses lá, chegava aqui: “Ó, o problema aqui é americanizar tudo isso aqui.” Ou “Vamos botar tudo à francesa”, conforme o menu do dia, compreende? Ora, nós tivemos grandes frustrações por isso, porque você transferir uma estrutura que é adequada a uma certa realidade econômica e social, pra outra inteiramente diferente, você está construindo um grande e monumental fracasso. Então, essas... esses dois vícios, nós devíamos abolir, não criar dentro dos princípios gerais que norteiam a saúde aqui ou nos Estados Unidos ou na França, criar uma estrutura adequada à nossa realidade. E a custos suportáveis pela Nação. Porque, pela 1ª vez aqui no Brasil, nós

apresentamos 4 teses nessa Conferência. A 1ª foi um estudo... um estudo que demonstrava o estado sanitário da população brasileira.

CF - Uma avaliação do quadro.

WF - É uma demonstração com dados precisos sobre o estado sanitário da população brasileira. (Como estava?).

AB - E essa tese foi elaborada, foi construída por técnicos do Ministério.

WF - Lá no Ministério. As reuniões nossas, eu presidia as reuniões e ia pela noite adentro. Porque nós mesmos, convocamos isso em 19 de outubro, eu tomei posse em junho, até tomar conta de toda aquela burocracia do Ministério, e mais as medidas que você era obrigado a tomar em várias áreas, é... medicamentos e mais isso e mais aquilo... (pigarro). Tudo isso e realizava uma conferência dessas com 4 documentos essenciais, oficiais. Convocar todos os estados, sem discriminação política nenhuma, com direito a voto pra discutir sobre essa questão. Quer dizer, foi uma coisa absolutamente democrática, né? Aberta a todos. A discussão foi inteiramente aberta. E nós...

CF - Pra formar a Comissão que organizou a Conferência, foram os técnicos exclusivos do Ministério, o sr. chamou representantes de cada órgão? Como é que foi?

WF - Não, eu... Tá tudo escrito aqui. Você vai ter um plano completo aqui disso. Eu... eu... ao mesmo tempo que eu dirigi ao presidente essa mensagem, solicitando a convocação, eu... já tinha feito o regimento da 3ª Conferência, né, em seguida. Esse regimento aqui é de... Foi publicado já em...

CF - Setembro.

WF - Não, isso aqui...

CF - Foi publicado no Diário Oficial em setembro de 63.

WF - A Comissão – tá aqui – organizadora. Quem é que eu escolhi? Eu escolhi o (?), que era o presidente, era o diretor do Departamento Nacional de Saúde, que era o mais alto órgão do Ministério. O Mário Magalhães da Silveira que era o diretor também de Educação Sanitária e era, de todos eles, o motor... o grande motor da reforma.

CF - Da descentralização.

WF - Da descentralização. O Celso Arcoverde de Freitas, você conhece, deve ter...

CF - Nós entrevistamos já.

WF - ...entrevistado. O Nilson dos Santos de Freitas Guimarães que depois foi ser presidente...

AB - Da Sociedade de Higiene.

WF - ...da Sociedade de Higiene, não é? Isso. E... e o outro, o dr. (?) Pimentel Pantoja, que faleceu recentemente. Essa comissão...

CF - O dr. Pimentel Pantoja estava em que cargo, o sr. lembra? Nessa época?

WF - Não. Ele tava trabalhando acho que no estado. Embora ele fosse do Ministério ele estava no estado do Rio de Janeiro. Agora, a Comissão era presidida pelo dr. (?), que era o diretor do Departamento de Saúde Pública, que tinha como secretário geral o Mário Magalhães da Silveira. Porque realmente eram as pedras fundamentais dessa Comissão. Com os quais a gente tinha debatido a tese durante um mês e tanto, todos esses documentos que já estavam elaborados.

AB - E a documentação com certeza que foi produzida no XV Congresso Brasileiro de Higiene...

WF - Como?

AB - Esse Congresso que teve em Recife, o XV. Essa documentação toda deve ter sido... decorrente, né...

WF - Ah, sim. É por isso... Por isso que eu digo aqui que isso era um pinçamento dos sanitaristas que tava sendo elaborado a partir de 40. A partir da Guerra. Desde o tempo do Barros Barreto, a gente vinha examinando isso, quer dizer, esses sanitaristas. Não era o meu caso. Eu era político, eu tava fazendo política, né? Então... e eu tava acompanhando esse debate e tava sentindo apenas necessidade de organizar alguma coisa que desse um mínimo de cobertura à população inteiramente desassistida. Porque não tinha médicos beneméritos ali, o sujeito não podia ter... a não ser pago, né? E assim foi... (sirene)

CF - Eu já li também, dr. Fadul, referências à Conferência de (Alma Ata?) que também teria sido uma precursora...

WF - É, mas com a Conferência Internacional da... da... uma conferência importante, que botou em relevo essas questões do desenvolvimento e do pauperismo...

AB - Pobreza...

CF - Em relação à situação econômica (??)...

WF - É. Mas no Brasil isso não tinha sido tratado. E me baseava muito mais na do que na Comissão de Alma Ata, na intervenção do Mirdal na... numa... numa das assembléias da Organização Mundial de Saúde. Não se foi a 5ª, mas acho que foi na década de 50. O Mirdal que tinha feito trabalho sobre desenvolvimento econômico no Egito, ele publicou até trabalho sobre desenvolvimentos regionais, não é? Parece que...

CF - É uma referência clássica, essa do Mirdal.

WF - Do Mirdal. Pois é.

CF - Essa questão do desenvolvimento. (falam ao mesmo tempo)

WF - Me baseei muito mais no Mirdal e nessa... do que na Conferência de Alma Ata porque o Mirdal sintetizou bem essa coisa. Mas no Brasil, ninguém nunca tinha cuidado desse negócio!

Isso aqui era lá pro estrangeiro. Aqui nós estávamos metidos... Depois eu incluí aqui também na Comissão Organizadora, o dr. Limaverde, né?

CF - Ele foi seu chefe de gabinete.

WF - Foi meu chefe de gabinete, e mais algumas outras pessoas. À medida em que o trabalho foi se desenvolvendo, tava exigindo a participação de outras pessoas. Se tivesse... teve contato comigo ali, pra se discutir, resolver todo direitinho. Depois eu mandei pro governador de estado um aviso no qual eu declaro que a conferência ia ser instalada e ia resolver esse problema e antecipo algumas das teses e convido o governador a se fazer representar e tal, o que foi feito. E mandei pra todos os secretários de Saúde dos estados também, independente de eu... Aí foi o (?) que assinou, que já estava em funcionamento todo o organograma da Conferência. E aqui tá a relação dos delegados da 3º Conferência Nacional de Saúde.

CF - Então, vamos recuperar um pouquinho, dr. Fadul. Então o sr. estava falando de quatro teses principais (?)

WF - A 1º delas foi justamente essa. É... o estado sanitário da população brasileira. Aqui, tese A, tema A: situação sanitária da população brasileira. Pela 1ª vez na história do Brasil, se coloca aqui o problema do desenvolvimento econômico e dos índices de saúde. Eles são estreitamente... Eu já tinha feito um discurso lá naquela... – eu dei pra você agora – sobre essa correlação...

CF - Conferência Nacional de Doenças Tropicais.

WF - Mas aqui nós pusemos em gráficos, né? Pusemos em gráfico, tivemos que definir o que é que é país subdesenvolvido, o que é que não é. E nos fixamos sobretudo na renda per capita, que é, embora seja socialmente injusta, ela revela em conjunto o grau de desenvolvimento no país. E estabelecemos aqui então, mapas e ... aqui, Brasil, Bolívia, Estados Unidos... Tudo comparando com de... a esperança de vida ao nascer. Com esses dois, com esses dois... Aqui tá por exemplo: “Esperança de vida ao nascer, razão de mortalidade proporcional e coeficiente de mortalidade geral por mil habitantes. Mortalidade infantil por mil nascidos vivos. Mortalidade por doenças transmissíveis, por 100 mil habitantes, em alguns países da América.” Então vem aqui: Estados Unidos – América não – Canadá. É... esperança de vida: 70 anos. Estados Unidos: 71. México: 54. Brasil, aproximado, estimado em 50.” Veja só!

CF - Diferença.

WF - E assim fomos... O saldo disso, de todo esse grupo aqui tá incluído entre os países desenvolvidos. O resto... nos países subdesenvolvidos, porque a renda per capita que foi o dado mais importante que nós nos fixamos pra definir o que é subdesenvolvimento ou não, o que é país subdesenvolvido, isso aí... casa perfeitamente com os índices de saúde da população. A tal ponto que se você disser, sobre esses itens aqui de saúde, você me dá os números eu posso dizer qual é o nível de desenvolvimento daquele país. E se você me der os números do país, da renda per capita, etc e etc (??)... Eu sou capaz de dizer: “Bom, esse país tem uma saúde dentro desses parâmetros.” Quer dizer, há uma perfeita combinação. Isso nunca tinha sido discutido no Brasil! Esse... esse trabalho aqui, coloca pela primeira vez a questão, além de depois... discutir doença por doença transmissível, não é, ele faz um mapa realmente da (losologia?) brasileira da época. Não é? Quer dizer, esquistossomose, de tudo. Todas as doenças transmissíveis. Aqui... e vai por aí afora.

CF - Aí a 2ª tese (??)...

WF - A 2ª tese foi... uma preliminar... a municipalização, que era definir a competência, em matéria de saúde, dos vários níveis da administração nacional: federal, estadual e municipal. Quer dizer, que tinha que definir isso pra dizer o que compete ao município e o que compete ao estado. Aí o 3º item...

CF - Isso implicaria em rediscutir a Constituição, né? Porque isso já tava definido na Constituição e aí...

WF - Não, porque a Con...

CF - ... ia ter que redefinir as atribuições dos municípios...

WF - Iam dar clareza ao problema. Porque a posição inclusive de que o município devia assumir as suas responsabilidades e organizar os seus serviços locais.

CF - O estado, é, o governo federal só interviria em caso de calamidade pública...

WF - Só pra ajudar. Aí só (tem tema?) da Conferência, que: “Distribuição e coordenação de atividades médico-sanitárias, nos níveis: federal, estadual e municipal. Isso foi o tema B. Apresentado por nós! Na discussão em plenário. Compreendeu? Por causa das Comissões que todo mundo participou. (??). E o 3º tema, tema C, é municipalização do serviço de saúde. Quer dizer, descentralização do executivo o que é que significa isso? Descentralizar ações executivas de saúde... pelo menos, as... ações primárias. Aquelas que o município pode fazer, e nós definimos aqui o que é que o município pode fazer: uma série de coisas. ...

CF - Como é que era a receptividade dos prefeitos, dos governadores a essa proposta?

WF - Olhe, dos prefeitos... dos governadores e dos prefeitos, não é, os que eram mais afeitos ao problema, eles todos apoiavam. De um modo geral, todos apoiaram isso. Mas nem todos tinham a consciência exata da significação disso. Porque não eram médicos, não estavam afeitos ao debate... Esse é um debate que até então estava restrito à área dos sanitaristas. Era o problema da reforma sanitária. Quer dizer que era um negócio específico. Então não era uma questão ampla, não estava no bojo das grandes reformas como a reforma agrária, que se discutia em qualquer lugar. Nos diretórios acadêmicos, nas faculdades, na aula, no botequim, por toda parte se discutia a reforma agrária. A reforma de saúde não. Era uma coisa mais técnica, exigia maior conhecimento e foi preciso então, começar da estaca quase zero. Mas em geral não houve nenhuma manifestação contrária, a não ser esta...

CF - Do Mário Magalhães.

WF - Do Mário Magalhães, que foi uma restrição, digamos assim. Não era uma ação contra, mas uma restrição. E eu então, dei a resposta na hora e defini, dei maior clareza às idéias, porque isso aí sempre teve, a Conferência foi em dezembro e olhe que eu tinha tomado posse em junho, fim de junho. Bom, e ainda fiz mais. O 4º tema era uma tentativa de estabelecer, viu, de estabelecer um plano, um plano de saúde, com programas definidos e tal. Fixação de um Plano Nacional de Saúde. Que era uma ambição um pouco... exagerada para época, não é? Porque até hoje não pode se fazer isso no Brasil, eu acho.

CF - Por que, dr. Fadul? Porque o sr. acha ...

WF - Porque um plano é um negócio muito detalhado. Pra cobrir toda a vastidão do território nacional, com as diferenças enormes que existem: econômicas, sociais e políticas. Com as enormes desigualdades regionais que nós tentamos cobrir com a municipalização. Porque se o município Amazonas é igual ao Rio Grande do Sul, ele tem a liberdade de organizar o seu sistema de saúde de maneira adequada às suas necessidades, compreende? Isso dava uma flexibilidade muito grande à reforma. À reforma. Agora, um plano é outra coisa, tem de traçar... aí a Comissão encarregada desse estudo chegou à conclusão, depois de fazer uma série de considerações teóricas sobre o plano, que era mais fácil estabelecer metas pra determinadas doenças que eram mais, abrangiam maior número possível de pessoas numa área maior da, do país. Então são metas setoriais.

CF - Segundo determinada doença.

WF - É. Metas setoriais são várias: sobre esperança de vida, qual é a meta a ser atingida, não é? Metas globais, metas globais, etc. Um plano de metas foi o que surgiu daquela pretensão de um Plano Nacional de Saúde que significa, 1º: você verificar as fontes de recursos, os problemas, as necessidades perfeitamente detalhadas da população, eh... das populações locais e depois estabelecer então um plano pra executá-lo. Você vai executar um plano! Então isso era uma pretensão um pouco descabida pra época. Nós não tínhamos, e acho que hoje não temos, muito menos hoje, porque tá meio bagunçado o setor.

AB - O fornecimento de dados precisos.

WF - É. Tudo difícil. Nós não tínhamos demografia e o Oswaldo Cruz... a demografia, quer dizer, a estatística é a bússola da saúde pública. Nós não tínhamos nem registros de óbitos a não ser nas capitais! Quer dizer, havia problemas enormes, difíceis. Então, justamente isso era uma pretensão, quer dizer, é uma esperança que a gente tinha de estabelecer o Plano Nacional de Saúde. E chegamos à conclusão que a descentralização ia, com o tempo, resolver esse problema. Porque organizado localmente, o sujeito levantaria as estatísticas, as necessidades e tal... Aí sim, o plano seria possível depois! E tanto que a Conferência convoca uma reunião dos secretários de estado pra 6 meses depois do fechamento da Conferência. Que era justamente pra estabelecer com eles um projeto uniforme, de levantamentos... vamos dizer, sistemático dos municípios. E verificar nessas cidades locais, os recursos disponíveis, compreendeu, e que permitissem executar um determinado plano. Não o ideal, mas aquilo que as circunstâncias permitissem. Sobre esse assunto, esse projeto aqui começa dizendo: “Nós queremos elaborar um Plano Nacional, uma política de saúde. Diferente de plano. Plano implica em se mudar, e rigorosamente, um determinado programa. A ... meta era estabelecer uma política nacional de saúde, que fosse flexível o bastante pra se adequar ao país com essa imensidão territorial e com desigualdades regionais gritantes e muitas (?) suportável. Porque como nós fizemos depender – e isso eu acho que é hoje um fato que ninguém contesta, quer dizer a saúde e o desenvolvimento caminham juntos – deslocar recursos arbitrariamente na saúde como nós fazemos hoje, às vezes, é... necessários em outras áreas prioritárias que vão mais tarde influir na melhoria das condições da população, é um erro que não se deve cometer. Porque... eu não sei se foi a Nova Guiné... que... adotou, construiu um hospital tão moderno, tão cheio...

WF - ... o hospital, era preciso fechar todos os postos de saúde do país. Porque não havia recurso pra manter um hospital desse tipo. Então era preciso não ter o hospital e manter os postos de saúde, porque a assistência precária que fosse, era muito mais útil e os recursos pra manter esse hospital seriam destinados a saneamento e outras... Porque o Mirdal dizia uma coisa nessa Conferência de Saúde, se bem me recordo. Ele dizia o seguinte: “Todos os recursos investidos em saúde só produzem resultados se você simultaneamente investir em outras áreas, sobretudo nas áreas sociais: no saneamento, habitação, condições de vida, alimentação, etc...” Isso é do Mirdal. Então, baseado nisso, eu sempre achei que a saúde não pode se arrogar o direito de se apropriar do orçamento da República e dizer: “Não! Vamos atender à saúde da população.” Porque não vai atender. Vai ficar nisso que tá aí. Piorar. E piorou. Compreendeu? E você vai conseguir cada vez mais recursos que se destinados a outros setores...

CF - Indiretamente você tá comprometendo...

WF - ... vão reproduzir na saúde, repercussões muito maiores e muito mais favoráveis. Essa era a tese fundamental que tá aqui nesse (?). Isso aqui é de 1963. Fazem o quê? 33 anos. 1/3 de um século, tá aqui. Tá escrito aqui! Quer dizer, pra mostrar como essa Conferência foi realmente, ela aprofundou...

CF - Dr. Fadul, isso é uma coisa importante que o sr. tá mostrando, quer dizer, além... – que a gente, todo mundo sabe, isso já é conhecido – quer dizer, a proposta de municipalização de serviço de saúde, né, que de alguma maneira se tenta botar em prática hoje, ela estaria diretamente ligada aos serviços de saúde. Quer dizer, como é que a 3ª Conferência discutiu essa relação entre outros serviços que seriam importantes, né, o município implementar...

WF - Nunca vi...

CF - ...pra poder (?) a saúde.

WF - É. Nunca vi no Ministério da Saúde, numa Conferência Nacional da Saúde, discutir por exemplo, o problema da educação no município. Não tinha nenhum sentido.

CF - Não, mas saneamento, por exemplo?

WF - Mas... o ... a ... o saneamento é parte integrante do processo... da qualidade de vida da população, em se pensar numa saúde, a defesa da saúde da população. Isso aí... isso aí tá expresso e implícito nesse trabalho. Todas essas, esses investimentos em saúde... propriamente dita, aquilo que nós entendemos como saúde: hospital, não sei quê... desde que não esteja acompanhado por medidas nessa área, como diz o Mirdal...

CF - São muito limitados.

WF - Mais do que limitados. Eles não produzem respostas satisfatórias. Não melhora o nível de saúde da população. Sobre... eu atender uma pessoa e salvar uma vida, é uma coisa muito... muito importante. Do ponto de vista humano e etc. Mas importante mesmo é saber se o nível de saúde de uma população melhorou! Esse ato individual que tá... é... uma, uma... quando eu digo nesse artigo aqui...

CF - A resposta (??)...

WF - (??) Vestibular.

CF - Ah, do vestibular!

WF - Digo ali. Relação entre o médico e o paciente era, era uma relação quase que sagrada, né? Entre um sacerdote e... um fiel. É uma relação... imbuída desses princípios. Não é só de ética não. Havia... à medida que você vai laicizando isso, você vai tornando profana a atividade digamos assim, você começa a perceber que essa relação individual é muito importante com as pessoas, mas que há certas medidas de natureza geral que se não forem tomadas o nível de saúde da população não melhora. Eu salvo uma pessoa, isso não influi na estatística. Eu preciso é criar uma rede permanente de assistência e de investimento na área de saúde, capaz de melhorar o nível de saúde da população como um todo! Esse é o grande problema, a grande resposta. Não há de ser médico, ter um consultório e começar ali, começar a atender, acalmar as pessoas, tirar a dor, fazer tudo aquilo que... é, essa auréola com que a medicina se veste ao longo de todos os séculos. Não é? Isso é importante. Mas é muito mais importante você tomar medidas dessa natureza pra você melhorar o nível de saúde da população. E o nível de saúde da população só melhora quando melhora o nível de riqueza da Nação. Por isso você não deve arbitrariamente carrear recurso pra saúde... em detrimento de áreas fundamentais ao processo de desenvolvimento do qual a saúde é indesvinculável. Você não pode desvincular a saúde do problema. Você não vai ter saúde na África, na Guiné, na Ruanda, em lugar nenhum, enquanto aquele povo não tiver condições econômicas razoáveis pra atender às suas necessidades básicas, inclusive de alimentação! É uma tolice pensar que você pode ter um hospital de ouro lá na Nova Guiné e resolve o problema. Não resolve, você entendeu? Essa é... é... o fundamento filosófico dessa questão que tá aí. É preciso pensar na sociedade, na coletividade. E quem pensa na coletividade é o município. Onde as famílias se conhecem, conhecem as suas necessidades e tal. Não é um município como Rio de Janeiro, como São Paulo, que são municípios... são verdadeiros Estados, não é? Então as coisas ficam mais complexas (?) descentralizar aqui. Tem que botar na periferia uma série de serviços, não só de saúde, mas também nessa área de saneamento, de habitação e etc. Mas no grosso dos municípios do Brasil, um serviço médico dirigido pelo município, ele melhora inevitavelmente os níveis de saúde da população local. Crescem e são muito favorecidos por isso.

CF - Como... em cima do que o sr. tá falando, dr. Fadul, como as propostas que saíram da 3ª Conferência Nacional de Saúde, poderiam influir em outras medidas que não estavam vinculadas diretamente ao serviço de saúde, entendeu? Quer dizer, como interferir para que não se descentralizasse só os serviços de saúde, que se efetivamente a prefeitura atuasse na área de saneamento...

WF - Assumisse todos, é. E em educação também. Por exemplo, nessa ocasião, logo depois dessa Conferência já, durante o período da ditadura, eu... eu... chegamos a publicar um trabalho do Lauro de Oliveira Lima. Porque eu fundei uma editora quando eu fui cassado, você sabe, né? Fundei a Editora Paz e Terra. Eu, o Ênio Silveira e o Moacyr Félix de Oliveira. Você conhece o Moacyr?

CF - Não, não. Só de nome.

WF - Moacyr era um poeta, ilustre e tal. Fundamos uma editora chamada Paz e Terra. E essa editora, ela... essa editora, teve uma grande influência e tal e nós publicávamos... tinha uma

revista bimensal chamada Revista Paz e Terra. Depois do AI-5, porque aquilo não tinha finalidade lucrativa, mas foi uma editora que teve uma influência enorme naquela geração. Você ia lá em Botucatu, tava lá os garotos lá com aquela revista debaixo do braço. Porque nós publicávamos uma revista específica: sobre educação, sobre poder negro, essas coisas assim. É só sobre aquele assunto! E... numa dessas revistas, eu não sei se foi nessa, só sei que elas eram, o Ênio era Presidente da Associação Brasileira e nós tínhamos fundado a Paz e Terra, mas tínhamos relações muito estreitas, publicamos um trabalho do Lauro de Oliveira Lima, que é um grande educador, não sei se você conhece? O Lauro dizia o seguinte: “Que... a única maneira de alfabetizar o brasileiro era municipalizar a educação.” Ele aí explicava por que. Não é que o Estado não pudesse fazer isso, mas tinha que... era muito mais difícil. E aí sim, que as condições políticas atuavam de maneira negativa. Quer dizer que vinha um deputado pra nomear uma professora pra um município de Minas lá do... dos confins de Minas Gerais. Então o governador nomeava a professora por influência de um político local ou de um deputado estadual da região. A professora assumia o seu lugar. De repente a professora, por uma necessidade qualquer ou até por cálculo, ela pedia a sua transferência do município pra capital. Que era o objetivo de todo mundo morar na capital. Ou pra educar os filhos ou por motivo de saúde ou qualquer coisa assim. Ela acabava... ela transferida, ela fechava uma escola. Porque ela... você tem que criar uma vaga de professora pra nomear outra! Então, se a escola fosse municipal e a professora quisesse ir para capital, ela tinha que abandonar a vaga pro prefeito nomear outra professora. Ao passo que ela sendo estadual, não. O deputado ia lá, o deputado tinha nomeado o professor... “Ah, aquela fulana quer ir, quer ir pra capital...” e tanto ele insistia e se ele era um sujeito prestigioso como acontecesse normalmente com os deputados, ele acabava transferindo a professora pra capital. Então dizia o Lauro: “É impossível alfabetizar nessas condições! Então a municipalização é a única maneira de resolver esse problema.” (ri) Você vê como isso foi... isso já foi escrito em 68... 69, qualquer coisa assim ou na década de 70, esse trabalho do Lauro. Eu me detive nele por causa desse aspecto, na... no campo da saúde. E começou isso aí, começou também uma discussão. Já havia uma... uma certa exigência de que os municípios fossem melhor assistidos, porque se criava município no Brasil com muita facilidade, é... pra aumentar a cota de participação na... nas... na distribuição federal dos recursos. Havia um recurso destinado aos municípios, que era global para um Estado. É, mas se eu aumentasse o número de municípios, esse estado passaria a receber mais da União. Então, criou-se muitos municípios no Brasil em função disso. E municípios que não tinham muitas condições de auto governar-se. Então havia uma demanda muito grande por orientação, apoio em todas as áreas. Não só na saúde, mas em outras áreas: educação, saneamento e tudo isso. Então, havia essa coisa pairando no ar quando surgiu esse debate. E aí isso de certa maneira cristalizou o problema e começaram a se desenvolver associações de municípios etc e tal, tomar impulso essas associações e a carrear recursos pro município, o município passou a ser importante. O prefeito passou a ser importante. É... a situação do município passou a ser discutida, não só nas eleições municipais, mas o deputado estadual e federal que ia fazer campanha naquele município já queria se inteirar dessas coisas. E era solicitado a usar as suas prerrogativas de parlamentar junto ao poder federal para garantir a solução de alguns problemas locais importantes. E esse debate se cristalizou em torno dessa Conferência que tá aí. Porque essa colocou no papel, realmente, a função específica do município que é cuidar dos problemas locais da comunidade. Inclusive, eu tô falando em saneamento, em água e esgoto, posto de saúde... preventivo e curativo, porque não há distinção pra nós, e deve ser simultânea, compreendeu, etc. Condições de habitação e etc, tudo isso. Isso aí compete ao município organizar. E ele organiza melhor, compreendeu? Você vê que esse negócio de água e esgoto em alguns municípios, isso aí fica difícil. O Estado pode fazer, pode fazer redes municipais, convênios com o município... tal como o SESP fez em alguns municípios do Amazonas.

AB - Criando serviços de água e esgoto, né?

WF - De água e esgoto. Tinha. Era... era ... além de alguns hospitais que ele montou, fundamentalmente o SESP era um serviço de saneamento. Ele fazia, ele se interessava muito mais por dotar a comunidade de água potável e de esgoto sanitário do que mesmo de hospitais e de assistência médica. Ele foi levado à assistência médica por exigências, é... distância, dificuldade de atendimento à população... O SESP foi organizado com o objetivo claro de trabalhar na área de saneamento. Mas o município...

CF - Nesse sentido as propostas do SESP elas são coerentes, né?

WF - São.

CF - Quer dizer, né, ideologicamente se a gente for pensar, quer dizer, a preocupação...

WF - É, havia aquela coisa de que americano que (?), não havia coisas importantes. Sendo outra vez o negócio do SESP. E isso coincide exatamente com o nosso ponto de vista. De que ... o município pode cuidar disso. Se ele não pode cuidar sozinho, o Estado lhe dê uma assistência. É mais fácil o Estado dar uma assistência ao município do que ele realizar...

AB - A parceria aí é fundamental...

WF - É. Do que realizar ele e administrar daqui, compreendeu, um problema que afeta uma comunidade restrita lá e que só afeta a ela, compreendeu! É muito mais fácil. Então todos esses problemas foram...

CF - Agora, dr. Fadul, como...

WF - ...colocados em função dessa Conferência. Você pode olhar a bibliografia anterior a isso que tá aqui, não existe! Não tem...

CF - Ah, não, é porque de uma certa forma se institucionalizou isso, né?

WF - ...isso aqui. É.

CF - A 3ª Conferência, ela formaliza isso no âmbito do governo.

WF - Ela coloca o problema e define, no campo da saúde, ela define com clareza as atribuições do município. Ele tem todas as atribuições no campo de saúde. Todas que ele puder realizar. Há um mínimo que ele pode realizar, qualquer município pode realizar. Um mínimo! Pode vacinar contra varíola? Pode. Porque qualquer enfermeira vacina. Não precisa ser médico. Não precisa ter um serviço médico com doutor na frente. Não é isso! Pode ser até uma pessoa até, faz um curso de 6 meses aí no Instituto Oswaldo Cruz, vai pra lá e assume o serviço de saúde e faz vacinação, atende parto... Encaminha o doente quando for o caso, quando ele não puder resolver. Quer dizer, toma providências em relação à comunidade. Isso o município mais atrasado do país pode ter! Então, ele... Aí, a partir daí, acontece uma coisa interessante. Na medida em que o município se desenvolva, que é a tendência geral de todas comunidades, o serviço de saúde se desenvolve com ele. Aí no dia que tiver 50 doutores, uma universidade, tudo ótimo! Mas se não tem, há um mínimo que ele pode fazer e deve fazer. E é obrigação dele fazer. Se ele não pode fazer esse mínimo ele não pode também ser município. Acho que isso

resolve.

CF - Dr. Fadul, agora como se discutiu na 3ª Conferência, como controlar a execução por parte do município dessas questões? Quer dizer, o governo federal ia repassar verbas ao município, o município executar o serviço...

WF - Não, o município... isso aí foi uma questão que a gente discutiu nos seguintes termos, é... normalmente o governo federal gastava, tinha no orçamento 12% do orçamento destinado à saúde.

CF - 12%.

WF - É, mais ou menos. Em torno de 12% do orçamento era destinado à saúde. Os estados em geral, gastavam 7% do seu orçamento pra saúde. E os municípios gastavam 4% (?). Essa era média. A média. Um gastava mais, outro gastava menos, mas a média era essa. E da União Federal eu levantei, em 63 que era isso, tava em 12% mais ou menos, isso eram 40 e poucos bilhões na época ou milhões, eu não sei. (?) num país como o nosso, tem que fazer os cálculos pra ver...

CF - (ri) É, senão a gente perde...

WF - (ri) Quantas OTNs está. Mas então, é aí que... não se podia diminuir isto. E isso era pra mim separado da Previdência. A Previdência gastou no ano de 62, eu acho, 15% dos seus recursos, é... da sua arrecadação em saúde. Isso tá separado. Isso se gastava com os seus beneficiários. Era um problema quase que de administração própria deles. Não tinha nada a ver com o programa de organização sanitária que era outro assunto.

WF - Desses 12% do orçamento do Ministério, quer dizer, ele... ia, parte ia pros Estados e Municípios?

WF - Não, não. A parte dos municípios... é... não... os deputados colocavam no seu, suas emendas... para instituições... filantrópicas. A gente, quando o município precisava, o Ministério deslocava recursos. Se solicitado. Agora, essas instituições filantrópicas eram ainda controladas pelo Serviço Social do Ministério da Educação. E quando se separou o Ministério da Educação da Saúde, o Serviço Social ficou no Ministério da Educação. Então, eu mandava pagar a verba que tava no orçamento que o deputado tinha colocado, se o Serviço Social do Ministério da Educação declarasse que a verba anterior tinha sido gasta de acordo com a lei, tinha sido verificada, etc. Se ele me dava esse atestado, eu liberava a verba que o deputado estava solicitando, incluída no orçamento...

CF - Para os serviços locais...

WF - ... para os serviços locais, seja... geralmente eram pra Santa Casa, pra serviços de assistência médica. Porque eles cuidavam muito de maternidade... Nada de saneamento, essas coisas. Saneamento era o grande problema que a gente... de âmbito nacional, não é? De âmbito nacional. Eles não tinham essas preocupações. Quando um município precisava de recursos numa emergência, a gente resolvia. Por exemplo, houve um – não sei se nós já falamos sobre isso, sobre esse negócio do incêndio do circo aqui em Niterói. Isso nós falamos nisso.

CF - Não, o sr. falou, mas não tava gravando. O sr. comentou esse assunto...

WF - É. Houve um incêndio num circo em Niterói e o Hospital Antônio Pedro estava fechado. O hospital era da prefeitura. Então eu resolvi recuperar o hospital, reconstruir o hospital. Quando eu assumi o desastre do circo já tinha começado, tavam discutindo se abriam ou não abriam o hospital... Foi quando eu decidi recuperar o hospital. Mas ao mesmo tempo eu chamei o prefeito aqui e disse o seguinte: “Eu vou recuperar o hospital, mas você não vai ficar mais proprietário do hospital. Porque é a terceira vez que o hospital fecha e a prefeitura não tem recursos pra manter um hospital desses, numa cidade como Niterói que era... até 60, a capital do Estado do Rio de Janeiro. Então vamos fazer o seguinte, você transfere a propriedade disso para a universidade e vai ser um Hospital Universitário, e eu, o ministro da Saúde, o ministro da Educação, o governador do Estado e a prefeitura vamos manter o hospital para a universidade. Você não vai manter sozinho. Você fica livre desse problema e ganha universidade com hospital de pesquisa, ensino, etc. E tem condições de mantê-lo através desse convênio.” E assinamos um convênio transferindo a propriedade. Era uma solução. A outra, quando eu assumi, o meu antecessor fez um discurso, na hora da posse. Disse: “A grande epidemia do Ministério, do Brasil, é a falta de verbas.” Eu na minha resposta, que foi de improviso, disse o seguinte: “A saúde é uma mercadoria, tem um preço que precisa ser pago. Pela comunidade, mas tem que ser pago. Esse preço tem que estar adequado à realidade econômica do país, não pode ser mais do que o que o país pode pagar. Que o nível de desenvolvimento do país crie riqueza suficiente pra pagar. Quanto mais riqueza criar, melhor.” Foi a minha resposta, pura e simplesmente. E quando chegou na reunião do Ministério, isso é que (?) reunião do Ministério, o Darcy... acho que o Darcy. É esse aqui. Não... O Darcy tá aqui. O Darcy tá aqui... ... eu nem sei onde eu ando aqui, sei lá. Aqui está o Jurema. Aqui está o Ministro da Aeronáutica, o Presidente da República. Aqui tá o Carvalho Pinto que era o ministro da Fazenda... Eu acho que estou por aqui. Sou eu esse aqui. Eu digo o seguinte, todo mundo se queixa de verba, de falta de verba, disso e daquilo. Eu fui e disse o seguinte: “Eu vou fazer uma crítica do que foi dito aqui, fazendo uma declaração um tanto insólita. Eu não sei se eu tenho verba demais ou de menos, porque eu não sei exatamente como é que essa verba tá sendo gasta. Eu pra dizer que preciso de mais dinheiro, eu preciso definir aqui o que é que eu estou fazendo com esse dinheiro que me está sendo destinado. Se essa quantia, grande ou pequena, que eu recebo no Ministério da Saúde, aplicada pelo Ministério, tá tendo respostas que correspondam a essa quantia empregada? E eu não tenho resposta pra essa pergunta, hoje. De modo que eu posso até estar recebendo mais dinheiro do que eu preciso, pode até acontecer isso. Então eu não tenho nenhuma reivindicação nessa matéria. O que eu quero é o apoio de todos pra realizar uma tarefa importante. Que é levantar as necessidades dos municípios e verificar se essas verbas tão tendo aplicação correta. Porque se não tiverem tendo aplicação correta, quanto mais verba se colocar no Ministério, pior fica! Pior pro país, pior pro Ministério.” Bom, terminado esse troço, eu vou pro meu gabinete aqui no Rio e recebo à noite um telefonema do ministro da Fazenda, Carvalho Pinto.

AB - Que era o ... Carvalho Pinto.

WF - Carvalho Pinto. Sabe o que é que ele me disse? Ele falou: “Olha, eu fiquei muito bem impressionado com o que você disse. E acho que você é capaz de gastar bem o dinheiro. Eu vou lhe mandar 400 milhões, uma verba extraordinária, pra você aplicar conforme as suas necessidades.” Foi com essa verba que eu fiz uma parte dessa Conferência. E mais, sobraram 380 milhões desse dinheiro, que ficaram no meu gabinete à minha disposição e que eu resolvi deixar como uma verba pra emergências. Porque acontece, uma enchente aqui, um desastre acolá... Uma emergência desse tipo. E não mexi nesse dinheiro. Quando me chegou é... o Secretário de Saúde de Pernambuco que era o Ferreira Lima e me disse o seguinte, que ia parar a construção do hospital, do pronto-socorro do Recife porque não havia mais recurso pra

terminar o hospital. Eu falei: “Então quanto é que você precisa?” “Eu preciso é... de uns 400 milhões.” Eu falei: “Eu tenho 380 milhões vou dar pra você.” Tava em novembro já, dezembro. Pra que esse dinheiro aqui, né? Melhor aplicar, terminar o hospital do que... e uma das coisas que eu cito no meu discurso aqui, são as obras inacabadas do Ministério da Saúde. Desperdício dos recursos. Eu cito aí tudo. Porque eu não faço elogio da estrutura. A estrutura era a pior possível. Os indicadores globais eram até razoáveis: tantos leitos por mil habitantes, tantos médicos não sei por que... Mas quando você descia ao detalhe dos indicadores que detalhavam as condições sanitárias do país, era um desastre! Porque você ia encontrar um raio “X”, empacotado lá numa cidade em Goiás que não tinha energia elétrica. Tava lá, encaixotado! Pra ser montado. Esperando construir a hidroelétrica ainda. Quer dizer, havia coisas desse tipo. Então, quer dizer, havia um desperdício muito grande. Então obras inacabadas eram de monte! O sujeito começava, o outro não terminava, começava outra obra. Então eu falei: “Vou terminar pra você.” E terminei um hospital no Recife com esse dinheiro que o Carvalho me deu. Foram 380 milhões que eu mandei pra ele. Tanto que quando o Arraes reclamou... O Arraes hoje continua líder de Araripe. Diz: “Eu sou Miguel Arraes de Araripe, do Ceará.” (risos) É, deu uma entrevista, o Miguel Arraes disse, ele reclamou pra mim: “Se o Dr. Jango fazia restrições a ele e que tinha transferido o Castelo Branco... pro 4º Exército pra aqui, pro Estado maior do Exército. “Porque o Castelo Branco era amigo dele. Ele tava redondamente enganado a respeito. E eu tava jantando com ele porque eu tava vindo de Belém, foi quando eu visitei o Evandro Chagas. Aí de Belém e passei um rádio pela... quando eu entrei em Pernambuco, passei um rádio de bordo pra ele, dizendo que... cumprimentando o governador. “Cruzando a fronteira do seu estado. Um abraço cordial e tal.” E quando eu posei em Recife tava lá o Arraes no aeroporto, era governador do Estado. Aí ele me convida pra jantar com ele. E eu tava com uma comitiva a bordo do avião, especial e tal... pedi ao pessoal que tivesse paciência, (ri) eu não podia levar todo mundo: “Vamos jantar com o Arraes!” Então eu fui. Aí passou na universidade e me obrigou a fazer uma palestra sobre o negócio da indústria farmacêutica. Eu, nunca me recusei, discuti lá com os meninos, uma hora e meia. E passamos no Palácio, e lá no Palácio ele me disse: “O presidente... fazia restrições a ele.” Eu fui e disse a ele que: “Não. Você tá enganado porque se tivesse restrições eu não tinha dado isso pra você.” Aí mencionei, porque eu nunca menciono essas coisas...

AB - Fez referência a verba do...

WF - É. Se o presidente dissesse: “Não dê nada pro Arraes!” Eu não ia dar. Falava, podia até achar que o presidente tava errado. Ele nunca fez a menor restrição! Tanto que eu, a verba que eu tinha no meu gabinete pra uso próprio, que eu podia gastar até... tanto de maneira... duvidosa, digamos assim, eu dei toda ela praticamente. Gastei 20 mil nesse negócio aí dessa Conferência. Passagem pra lá e pra cá, tantas pessoas. Mas, sobraram 380 milhões e eu passei integralmente essa verba pra Secretaria de Saúde de Pernambuco.

CF - E aí terminaram o hospital.

WF - E terminaram o hospital que é o Hospital Pronto-Socorro de Recife. Esse foi feito com essa verba que o Carvalho Pinto me deu. Por causa desse discurso feito nessa reunião do Ministério. Eu disse: “Eu não tô interessado em fazer reforma!” Quando eu vi agora, por exemplo, as discussões sobre IPMF, né – sem entrar no mérito da questão e sem fazer qualquer restrição ao ministro Jatene, que é uma pessoa visivelmente honrada... não tenho condição de fazer uma crítica pessoal a ele, não é nada disso – é que eu acho que o sistema tá funcionando de uma maneira que quanto mais recurso você puser nele, pior será pro país. É preciso resolver o problema da destinação dos recursos públicos da área de saúde antes de se injetar mais recurso

no sistema. Você tá compreendendo? Porque veja só, se eu vou botar mais recursos pra pagar hospitais particulares, que até agora são campeões de fraude em toda a parte... no interior, em toda parte. E sobretudo porque eu trabalho com a mercadoria nobre que é a saúde, né, que é uma mercadoria de tal ordem que eu não posso medir nem pesar. Se um médico me diz que fulano de tal chegou aqui no hospital e foi internado com pneumonia porque o médico disse que era, e se ele tinha apenas um resfriado, uma gripe qualquer... eu não posso contestar isso porque eu não posso medir, pesar isto. Não há como! Isso tudo a posteriori, não há a menor condição. Quer dizer, então por isso que o serviço público atende melhor porque você pode morrer no serviço público por omissão, pode. Eu acho raro. No meu tempo era muito raro porque havia um certo cuidado com as pessoas, né? A gente aprendia nas escolas a ser, do ponto de vista médico, muito cuidadoso. E assinar um atestado de óbito era um problema. Foi a razão... (interrupção da fita)

Fita 8 - Lado B

WF - Então eu dizia que é possível que um doente morra por omissão no serviço público. Coisa rara! Eu não considero isso comum nem uma coisa inteiramente improvável, é possível de acontecer, por omissão do médico, omitiu-se. Mas é muito diferente de um doente morrer por excesso de tratamento que é o caso que acontece, que pode acontecer provavelmente, nas clínicas particulares. O sujeito ser internado sem necessidade, ser operado sem necessidade. Apenas porque tem um leito vazio e aquele leito vazio pesa no balanço final da empresa dele. Que é isso que acontece. Porque uma empresa médica, como qualquer empresa, tem que ser lucrativa ou fecha. E pra ser lucrativa o sujeito faz... pratica todas as artes, é ou não é? Inclusive essa de super medicar. O Ivan Ilich num livro dele – você conhece o livro dele? – ele diz: “A medicalização da saúde.” Que é justamente isso! Você não trata o doente, trata o são. Porque o problema é cifra, é lucro, não tem nada a ver com saúde! Por isso que eu acho que sem definir essa questão e onde se aplica as verbas públicas e como elas estão sendo aplicadas. Qual é a resposta que elas obtêm do ponto de vista da satisfação das necessidades da população. Não se pode pensar em aumentar assim, aleatoriamente, os recursos destinados à saúde, até porque os orçamentos são inelásticos, não há de onde tirar recursos. Então não se pode fazer isso, porque isso vai prejudicar outras coisas. A menos que seja absolutamente necessário, mas tem que demonstrar. E eu acho que esse quadro que tá aí, é multiplicador das necessidades de verbas sem correspondente satisfação das necessidades públicas em matéria de saúde.

CF - Mas o sr. tá falando de uma coisa, dr. Fadul, ...

WF - Não sei se ficou claro isso.

CF - ...que eu acho, o sr. tá tocando num ponto que é importante, eu acho que é ir voltando pra 3ª Conferência, que... que é a questão do controle sobre o uso das verbas. Né? Quer dizer, se discutiu durante a 3ª Conferência como se ia controlar o uso dessas verbas por parte dos municípios, não?

WF - Não. Essa parte não foi discutida lá.

CF - Mas se pensava sobre isso? Quer dizer...

WF - Ah, sim, claro! Porque é... havia toda a idéia de que auditorias próprias funcionassem e

as verbas fossem entregues ao município, ele usasse e que fosse dada publicidade a essas... esses recursos. E que o prefeito respondesse pela aplicação dessas verbas como é comum na administração pública. Não é uma novidade que...

CF - Quer dizer, o Governo Federal, ele iria fiscalizar o uso dessas verbas?

WF - Havia...

CF - Via Ministério.

WF - ...havia auditoria própria que ia fiscalizar principalmente os estados, mas o governo federal tinha... – tanto que eu digo aqui, que o Ministério – no meu discurso de posse digo assim – que o Ministério devia ser um órgão essencialmente normatizador e... fiscalizador. Tá aqui, ó!

CF - Não executor.

WF - Não executor. Ele executava certa... Aqui tá o meu discurso aqui. Eu não vou... (?) vocês aí, depois vocês vão ver... É... eu digo aqui: “A idéia... era...” (barulho de papel) Tá aqui, eu digo: “Seria inteiramente ocioso levantar argumentos em torno da insuficiência dos recursos destinados à saúde. Atitude válida seria indagar se a percentagem de despesas corresponde aos níveis impostos pela estrutura de gastos peculiar aos países em (?) estar em desenvolvimento. E se seria possível carrear arbitrariamente maiores dotações para o setor saúde, sem comprometer de maneira irremediável os outros considerados prioritários. Nesse passo a questão se desloca para outro gênero de indagação que induz a investigar-se partindo da hipótese da inelasticidade dos meios se estarão eles tendo a correta utilização.” (ri) Quer dizer, se não tiver (?) agora, não adianta você botar dinheiro nisso. Aí eu... tem um instante aqui, que eu digo que o Ministério deve ficar com aqueles... principalmente com duas coisas: com Instituto de pesquisa e o Instituto Nacional de Saúde que eu me refiro aqui. Porque eu tenho aqui comigo, o primeiro projeto da reforma da estrutura do Ministério pra poder realizar isso, essa política. E uma dessas... nesse documento, consta exatamente que... é... que o Ministério gastaria seus recursos com pesquisa, o Instituto Nacional de Saúde, estaria na, seria criado o Ministério, ia funcionar uma escola, um posto de saúde pública. A Saúde Pública ia funcionar num prédio novo que eu tinha construído. (???)

AB - E era com essa perspectiva normalizadora, né? Quer dizer, a normalização...

WF - É. Exatamente. Instituto de Saúde mais fiscalizar e normatizar, só isso. Normas e fiscalização. A norma é essa. Foi feito? Não. Então aí você... pune o administrador. Porque não cumpriu a norma. Isso aí seria uma legislação própria, oportuna. Não se podia fazer tudo ao mesmo tempo, né? Aí... ..

CF - Aí após a 3ª Conferência então, Dr. Fadul, houve... se começou a discutir um projeto de reforma da estrutura do Ministério...

WF - Exatamente.

CF - ...pra executar...

WF - A partir disso aqui nós elaboramos... um projeto de reforma administrativa pra execução,

mas já assinado e tal, tava tudo direitinho. Que era justamente no que diz respeito ao Ministério da Saúde que era a minha responsabilidade, não ao Estado não ao município, ao município influiria uma legislação própria, criando serviços de saúde no município. A própria Conferência sugeriu um projeto de lei municipal criando que a autonomia do município tem que ser respeitada. Então ele criava os seus serviços de saúde. E nessa lei, pra eu obter recursos da União, eu não podia gastar mais de 40% do volume global de recursos destinados à saúde, em pessoal. 60% era o que do estado efetivo a execução das tarefas de saúde. 40% era destinado ao pessoal que devia ser bem remunerado, isso era suficiente pra remunerar bem um médico municipal... Quer dizer, isso era uma legislação sugerida por nós. Mas no que diz respeito à saúde, nós elaboramos a estrutura do novo Ministério. De que o Ministério ficaria, inclusive criaria o Instituto Nacional de Saúde que era pra os estudos das doenças regionais brasileiras. Era um estudo de pesquisa! Porque, de pesquisa no leito! Porque você internava o doente no Instituto, compreendeu você? E acompanhava a evolução e pesquisava o doente dentro do próprio Oswaldo Cruz que era ali. Era ali que ia ser feito o exame, era um hospital de pesquisa. Um hospital modelo de pesquisa, isso é o que nós íamos fazer. Com toda a aparelhagem técnica pra exames de toda a qualidade... Era, na nossa idéia, eram as doenças que de certo modo incidem sobre uma população numerosa, uma doença de chagas por exemplo, atinge milhões de pessoas, deve ser por aí. Não deve ter melhorado grande coisa. E também a esquistossomose e outras doenças... Malária... (também tivemos a idéia de partir pra uma vacinação?) de anti-malária, todas essas coisas que até hoje ainda estão em discussão. Ainda estão em discussão. Essas pesquisas das doenças assim de massa, digamos assim, não é? Isso aí seria feito nesse Instituto Nacional de Saúde. Então, nós formulamos um projeto sobre a estrutura do Ministério. Não do Estado porque não competia a nós. O município que era a maior preocupação nossa, não era o Estado, era o município...

AB - Era o ponto de chegada, né?

WF - Era o ponto de chegada. E nós sugerimos essa... legislação. E eu até tinha há pouco tempo a cópia desse projeto de lei municipal, que o município votaria e aí o Ministério começava a injetar recursos dentro daquela sistemática de apurar resultados e etc, conforme o que nós tínhamos imaginado. A nossa parte nós, já tínhamos iniciado a fazer. Em seguida à Conferência! Eu fui presidir a Delegação Brasileira, a XVII...

CF - Pra... Assembléia Mundial, né?

WF - É. Organização Mundial de Saúde, onde diz o Mário que a gente – Mário foi comigo. Fizemos barba, cabelo e bigode com o Mário. (ri) Porque nós apresentamos um projeto lá, uma emenda... não, um projeto, em que... sugeríamos recursos desviados da corrida armamentista para desenvolver... para ajudar, auxílio aos países em desenvolvimento, né? Não só no campo da saúde, mas de qualquer maneira se for auxílio ao desenvolvimento o isso sempre acarrearía conseqüências favoráveis à saúde. E os americanos se opuseram brutalmente a isto. Uma oposição total, radical, terrível! E nós é... fizemos uma reunião com os Ministros de Saúde presentes lá em Genebra, da África e da Ásia. Eu tenho até um... é... tenho fotografia cumprimentando a Ministra da Saúde da Indonésia, sabe? Todos! E ali eu fiz uma exposição. Que... fiz uma exposição sobre nosso objetivo, que era criar uma frente de países subdesenvolvidos na área da Saúde na Conferência. E dizer um não às imposições seja de quem fosse. Aí essa ministra levantou e disse que... – tava em princípio de acordo comigo – mas que era um pouco romântico e isso e tal. Eu disse: “A gente tem que começar por algum lugar. Se nós estamos aqui e não podemos resolver o problema do mundo, resolvemos o nosso, que tá imediato. A minha proposta é simples. Se a gente cruzar os braços aqui por que lutar por outras

coisas lá fora, se aqui tá dependendo de nós?” Aí, fomos pra lá... aí por..., aí chamei o representante de Portugal. É... Portugal tava com um problema de guerra lá em Angola, naquela região já tinha grandes dificuldades, e... aí eu disse a ele que se Portugal... não votasse conosco nós nos desobrigaríamos de votar a favor de Portugal em relação ao problema da colonização da África. Falei claramente pra ele. E disse mais! Houve uma proposta minha de... de... excluir... de excluir... e que ia propor a inclusão da China, porque a China tava excluída da Conferência. Sabe disso, né? Nessa ocasião a China tava excluída. Por que deixar fora da Conferência Mundial de Saúde 1/3, 1/4 da população mundial? Qual é o objetivo que tem isso? Então propus que a China fosse incluída. Pois olha, o americano apresentou 17 emendas a esse projeto e nós, nós ganhamos todas as votações. Tanto que no dia 12 de março, a Conferência ainda ia se estender por mais uma semana, eu peguei um avião pro Brasil. Já tava tudo resolvido, tudo votado. Eu vim pro comício do dia 13, teve o comício do 13 aqui de março. É... eu vim no dia 12 de março de 64, cheguei aqui no Brasil dessa Conferência.

AB - Quer dizer, de base, as diretrizes da 3ª Conferência foram defendidas e vitoriosas?

WF - Vitoriosas. Eu tenho, eu tinha até... eu tinha até pouco tempo os dados das Nações Unidas, as atas da Conferência que o Mário trouxe com ele. Mas não sei onde eu botei esse negócio. Mas são dados que são passíveis de ser verificados. É... a nossa moção, era uma moção que abrangia, que contrariava os interesses dos Estados Unidos. Contamos com o apoio da Rússia e dos países do Leste Europeu e de todos os países da África e da Ásia. Então a vitória era assim: 40 a 8... (???) (ri)

CF - Uma diferença absurda.

WF - Era um negócio terrível. E isso nunca me perdoaram esse troço aí, (??)...

CF - O sr. lembra quais eram as principais questões defendidas pelo grupo ligado aos Estados Unidos? Quer dizer, o que...

WF - O problema deles era sempre evitar que se discutisse. Porque a Rússia, pelos interesses políticos dela, independente de qualquer ideologia, ela patrocinava a organização dos países do 3º Mundo. Existia mesmo uma associação que o Nasser tinha fundado no Egito com os países da África e da Ásia, que era uma Conferência do 3º Mundo e tal e coisa, que tinha uma grande importância política e contrariava muito os interesses americanos. E a Rússia... é favorecia essas organizações. Então ela votou conosco essa moção que era uma moção típica de frear a corrida armamentista e que os recursos destinados ao armamento fossem em parte desviados para auxílio aos países subdesenvolvidos da África, da Ásia e da América Latina. Do mundo de um modo geral, né? E isso o americano não queria, então apresentou emenda de todo tipo. Mas todas as emendas dele foram derrotadas. Nós fizemos... aí na votação final, a nossa emenda passou... – houve uma alteração, que foi uma emenda eu acho que da Romênia. Mas uma emenda que não alterava em nada, pra nós não significava nenhuma...

AB - Não alterava no conteúdo nada.

WF - Conteúdo, é. Apenas um detalhe qualquer que eu não me recordo qual foi. E a Romênia apresentou essa emenda em aprovado (barulho de carro) não discutimos mais o assunto, aprovamos tudo. O americano não gostou. Ficou uma fera, reclamou... Mas, não dei nenhuma importância, isso foi em 64, né?

CF - Os Estados Unidos tinham uma presença muito forte na América Latina.

WF - Não, a presença tem até hoje, né? Eles...

CF - Mas nessa época...

WF - O problema deles é que eles tavam muito vulneráveis aqui na América Latina. E o Brasil capitaneava esse movimento. Porque nós com a bandeira das reformas que não interessavam a eles criar uma China aqui no continente, não é? Como até hoje eles impedem o desenvolvimento dos mísseis nacionais, o desenvolvimento da energia nuclear no Brasil... Eles se opõem a tudo isso. E criam dificuldades é... de fato, abertamente. Eles não... fazem cerimônia. Então eles também na, naquela ocasião, eles eram contra as reformas e queriam derrubar o Jango. Era a maneira de... a democracia da época não lhes convinha, porque era uma democracia popular, com apoio popular e com objetivos reformistas pra desenvolver o país, coisa que não lhes convinha. Então eles se opunham abertamente a isso. Como também, por outro lado, eles sempre tiraram proveito da situação existente (campainha) é, inclusive do ponto de vista farmacêutica, que a gente vai contar daqui a pouco, entendeu? E nós é... começamos a mexer com esses assuntos que eram do seu interesse, das suas empresas, etc, eles realmente faziam uma pressão muito grande a nós e tinham presença muito forte. Pra dizer uma coisa a você, na eleição de 62, na qual nós fizemos 1/3 da Câmara dos Deputados, a Embaixada Americana financiou 120 deputados brasileiros candidatos.

CF - 120!

WF - É, 120. Veja você, né? Um negócio terrível, né? Há... isso... há documentos a respeito que são os livros sobre o embate. Daquele rapaz foi vice-governador da Guanabara, Eloi Dutra. Houve uma Comissão de Inquérito na Câmara dos Deputados que apurou isso. E o presidente mandou arquivar a Comissão de Inquérito. Porque o Exército começou a exigir o fechamento do Congresso. Porque um Congresso onde tem 120 deputados financiados por uma embaixada estrangeira, não pode permanecer de pé. Mas como nós tínhamos ganho a eleição e a perspectiva era ganhar outra mais ainda, compreendeu, não tínhamos nenhum interesse nisso. Então o presidente mandou arquivar o inquérito, despachou, arquivou o inquérito. Mas o (Lincoln Borba?) dá uma entrevista no Cruzeiro ou na Manchete, eu não me recordo bem, é... perguntado sobre se tinham financiado deputado no Brasil, disse: "Sim". E perguntado sobre qual era a quantia que tinha gasto, ele respondeu: "Não me lembro, mas foram mais de 5 milhões de dólares." Isto está escrito! Quer dizer, eu não tô... eu tô falando aqui, gravando, por que tá escrito. Eu não vou fazer pesquisa na manchete nem na Cruzeiro pra verificar a entrevista dele, do Lincoln Borba. Foi...

CF - Em que partido (??)?

WF - Olha, em geral os partidos conservadores. O ... o Instituto Brasileiro de Ação Democrática, o IBADE, era presidido por um senhor até muito educado, um deputado João Mendes da Bahia, sabe? Homônimo desse João Mendes daqui, mas era louro, claro, não tinha nada... E o João Mendes era o presidente do IBADE. E o IBADE tinha lá seus 80, 100 deputados. E ele ofereceu recursos. Eu soube na ocasião que na ocasião tinha deputados recebendo recursos da Embaixada Americana. Inclusive em Mato Grosso, deputado financiado pela Embaixada Americana. E o Lincoln Borba confirmou depois e o inquérito do IBADE confirmou e o livro do Elói Dutra pública... nos anais da Comissão Parlamentar de Inquérito que apurou esse negócio. Então, a influência deles era uma influência terrível. Pra dar uma idéia a você, agora está se discutindo

um problema importante para o Brasil que é a Vale do Rio Doce, né, que no momento não tem nada a ver com a nossa, aparentemente não tem nada a ver com a nossa conversa aqui. Mas a Light foi concessionária do Brasil por 90 anos e tinha o monopólio do fornecimento de energia no eixo Rio-São Paulo que é o mais industrializado do Brasil, o que é que a Light tem, o que é que ela construiu no Brasil de... de usina produtora de energia elétrica? Uma tá fechada, que é a da Ilha dos Pombos, que não produz nada e aqui em Ribeirão das Lajes e a de (?) em São Paulo. Mais nenhuma! Porque aqui no Piraí, pra justificar o empréstimo que o Brasil pagou, o Tesouro Nacional pagou, ela desviou o Rio Piraí e jogou pra cima do Ribeirão das Lajes. A poder de quê? De energia elétrica tem umas bombas que jogaram um rio inteiro...! Quando cortava o Piraí, você saía da Dutra e entrava, você vê uma barragem igual a essa, é... do lado esquerdo tá o Rio Piraí, é a barragem, a estrada passa em cima. E tem uma barragem, a Barragem do Vigário, chamada, que aliás, um nome até bastante sugestivo. E o Rio Piraí que desembocava em Barra do Piraí é jogado nessa, é... pra reforçar Ribeirão das Lajes, compreendeu? E o Rio Piraí desapareceu, ele não existe mais! Ele chega ali, morre o Rio Piraí e Barra do Piraí não é mais Barra do Piraí porque não tem mais Piraí em Barra do Piraí. (risos) Isso foi o projeto que a Light fez, 90 anos! E a Light fez, o Presidente da República, depois do Presidente da República é... os grandes nomes da República passaram pelo escritório da Light do Rio de Janeiro: Rui Barbosa, Eptácio Pessoa... eram todos advogados da Light. E não tinha nenhuma força! Imagina você, o instrumento como é a Vale do Rio Doce, um instrumento de poder que é a Vale do Rio Doce. Você dar isso por 30 anos! Que é a maior mineradora do mundo, com minas cativas, portos cativos, estrada de ferro ligando a mina ao porto... – que é o sonho de toda mineradora – montado na maior província mineral do mundo que é a Amazônia, compreendeu? Você vai privatizar isso por quê? Porque... o governo acabou de comprar a Light há uns anos atrás, porque a Light não dava, não dava conta da coisa. Tudo que há de energia elétrica no Brasil foi feito pelo Estado. Furnas, Urubupungá, Itaipú, Tucuruí, é... Paulo Afonso, tudo foi feito com dinheiro público! A Light não fez um nada! Em 90 anos se dependesse da Light nós estávamos usando lampião de querosene aqui no Rio de Janeiro. Quer dizer, governo comprou a Light antes que terminasse o contrato, o patrimônio passaria pro governo, pro governo, poder público. Comprou 10 anos antes o ..., alguns anos antes de vencer o contrato. E agora vendeu de novo.

CF - Pra um grupo chileno, né?

WF - Parece uma brincadeira, né? Parece uma brincadeira. O grupo chileno comprou a Light, como se a Light... – não sei se foi um grupo chileno – comprou agora, essa semana foi... não sei se foi vendido, todo dia vendem alguma coisa... (risos). Foi alguma coisa, eu sei que comprou agora. A Light, não sei que grupo foi, acho que é um grupo de eletricidade europeu, eu acho. Parece, e por aí fora. Então, esse é um problema que a gente hoje não discute mais, porque isso jamais aconteceria há 30 anos atrás, sem o povo ir pra rua, discutir isso e tal. Existia também um organismo chamado “Partidão”. O Partido Comunista era muito bem organizado, manipulava muitas, muito no meio intelectual. Então, ele mobilizava a massa, através de terceiros, né, mobilizava. Botava mesinhas nas esquinas pra assinar manifestos e o diabo a quatro. E conseguiu milhões de assinaturas pra paz e outras coisas mais, né? Isso ele conseguia fazer, hoje não existe nada.

CF - A participação popular era muito maior.

WF - Era muito maior a participação. (campanha) Falam hoje em participação, se falou numa coisa importante que era o controle social dos gastos, isso surgiu depois de toda essa, esse debate. Foi a partir da 8ª Conferência, a grande contribuição da 8ª Conferência, foi justamente

o controle social e o controle da comunidade sobre os dispêndios, não só na área da saúde, mas de um modo geral no... nos... no uso dos recursos públicos de um modo geral. Esse controle social feito através dos Conselhos Estaduais e Conselhos Municipais de Saúde. O Conselho Federal tinha outras funções. Mas, sobretudo, no Conselho municipal e o Conselho Estadual. Um Conselho Municipal de Saúde, metade designado pelo órgão público, metade eleito pela comunidade, pode exercer uma função muito severa, muito rígida, muito... muito eficaz, na defesa do interesse público, na aplicação dessas verbas. Isso realmente nós não tínhamos discutido, isso não tínhamos apresentado e surgiu depois da ditadura, quando se... começou a se discutir a redemocratização do país, a democratização do poder no país, inclusive no âmbito das estruturas regionalizadas. Isso foi uma contribuição importante. E eu acho que o caminho deve ser por aí. Quer dizer, a comunidade fica responsável também pelos recursos despendidos na área da saúde. Porque ela vai participar, controlar e participar, vai... vai...

AB - Dar prioridade...

WF - ...vai alocar recursos, prioridades, etc. Vai definir prioridades e alocar recursos. Eu acho que isso foi uma conquista importante, deve ser mantida e ela deve ser implementada. Porque ainda não tá funcionando isso. Tem muitos municípios que não instalaram seus... seus conselhos e... sem esses conselhos °... o poder de fiscalização se reduz muito. Porque um conselho desse tipo não tem segredo. Então, tudo mundo fica sabendo de tudo. E isso é muito importante. Eu acho que isso é um negócio importante. Agora a esperança no caso, que nós prevíamos, era a fiscalização via determinadas normas, que o Ministério ia ... Mas a auditoria, porque a auditoria sempre existiu. Ninguém gastava o dinheiro público botava no bolso e saía correndo por aí. Nunca, sem ser, sem ser comigo nunca houve disso. Aliás antigamente era mais cedo do que hoje, porque a casta dominante dos cafeicultores, fazendeiros de café, eles dominavam o poder e usavam o poder em benefício da classe. Mas nenhum cafeicultor ia lá pegava o dinheiro, botava no bolso e ia embora não. Não acontecia isso. Mas classe era favorecida pelas medidas políticas e administrativas tomadas pelo poder público. Porque todo mundo era fazendeiro de café. Desde o presidente até o delegado de polícia. Então, era uma estrutura vertical, baseada na produção de um produto como o café. Que coisa impressionante, né? A situação se cria em função disso. Isso... isso... sempre houve auditorias capazes de verificar desvios e finalidades e etc. Então não se preocupou com esse problema. Esse problema surgiu agora porque é uma... é um avanço na democratização do poder. Então é importante a participação da comunidade na definição de prioridades, na aplicação e na fiscalização da aplicação das verbas no município e no Estado. Isso é fundamental. Eu acho que só falta falar sobre a indústria farmacêutica, né? Mas vocês têm alguma pergunta a mais? (interrupção da fita)

Fita 9 - Lado A

CF - Bom, Dr. Fadul, vamos continuar então. A gente queria que o sr. falasse um pouquinho sobre todas as divergências, os problemas que surgiram enquanto o sr. era Ministro da Saúde, com relação à indústria farmacêutica.

WF - É. Esse é um problema muito importante. Na época teve uma repercussão nacional, eu acho que foi o assunto de maior repercussão nacional na época afora a reforma agrária, que eram medidas que o governo estava tomando na área de reforma da estrutura econômica do país. Eu tinha recebido uma série de informações, primeiro eu tinha verificado que os preços dos medicamentos oscilavam muito de local pra local, de um Estado pra outro.

AB - Quer dizer, essa questão apareceu pro sr. como fonte de uma pesquisa ou teve algum nível de indicações, pessoas...

WF - Não, eu tava preocupado com o custo dos medicamentos que subiam muito. Subia acima do custo de vida. Muito. E a disparidade de preços de medicamentos de uma farmácia pra outra. Não era nem de uma cidade pra outra, de uma farmácia pra outra. Na esquina se comprava por 10, na outra custava 20. Não havia a menor disciplina no comércio de medicamentos. Eu comecei a investigar e comecei a receber é... documentos desse tipo aqui, né? Eram documentos da (CACEX?): informação... tem um documento da CACEX para importação, não tá nem assinado. São informes internos. Aqui tem uma mais visível aqui. Esse aqui ainda coloquei na base. A ...

CF - O sr. que solicitava essas informações que o sr. tem.

WF - É. Eu comecei a discutir o assunto e começou a me chegar isso, né? Aqui então, tem por exemplo, tem aqui: adifenil e dantoína sódica. Os preços variam de 36 dólares...

CF - O quilo.

WF - É, por quilo... pra 4 e 10; 6 e 62. Uma disparidade desse tipo. Nos Estados Unidos o preço era em 36, na Alemanha era de 20 e 10; na Alemanha Ocidental era de 4 e 10; na Inglaterra era de 6 e 72. Países do mesmo grupo econômico, né? Bom. Porque esse documento aqui é o documento oficial, tá vendo, da CACEX. Pra mostrar...

CF - De outubro de 63.

WF - É. Guardada a proporção apurada na Alemanha, a Parke Davis não poderia adquirir a adifenil e dantoína em sua matriz por mais de 11 dólares e, no entanto, o seu preço declarado na importação – não sei explicar a cobertura cambial – é de 36 dólares e 50 centavos. Ou seja, três vezes mais. 300% de diferença. Isso é um documento oficial da CACEX, assinado e publicado, tá aqui. E datado de 15 de outubro de 63. Já tava em plena luta quando comecei a receber (ruído) essas informações. E consultei, aqui é a cloroquina base. Tava sendo importada por 2 mil e 400 dólares o quilo..., não é, e foi depois que a Comissão de Inquérito Parlamentar da Câmara se instalou, um ano antes, ela começou a baixar e chegou a 540. Me chamou a atenção, por que baixou de 2 mil e 400 dólares o quilo pra 540 dólares?...

CF - Depois que a Comissão de Inquérito se instalou...

WF - Se instalou na Câmara. E de repente subiu pra 900 dólares! Outra vez. Quer dizer, uma tentativa de voltar ao lucro antigo. Agora, eu fui ao Banco do Brasil e lá me informaram que o documento que eles tinham de referência de preço era da Alemanha Ocidental de 69, é... a preço de 70 dólares a tonelada... o quilo mais ou menos. E isso me chamou atenção. De acordo... de acordo não mais autorizaríamos a importação a preços superiores ao da concorrência, considerando como tal, base nunca superior ao preço da Bayer de 58 que é 65 dólares e 80. Tava sendo importado por 2 mil e 400 dólares. A Bayer fornecia a 65 dólares, a última lista dela de 58. Quer dizer, era um negócio tão escandaloso! E todos os produtos eram, todos estavam super faturados. De todos países, compreende? De todos países. Eu não quis discutir esse assunto assim de maneira muito vaga. Então solicitei à CACEX que me desse, me informasse oficialmente, os preços pelos quais estavam sendo importados dois produtos: a

cloroquina base e o líbrio. A cloroquina base era da Sidney Ross e o líbrio era da Roch suíça. Não tinha nenhum problema com os Estados Unidos. E... a princípio eles ficaram um pouco... intransigentes, não queriam fornecer... declaravam que era negócio do... Eu fui mandei dizer a ele que tinha 24 horas pra entregar o documento ou se demitir da CACEX. Isso eu conversei com o presidente antes, ele concedeu isso. Então disse solicito isso. O sujeito manda dizer, que por questão de sigilo comercial não pode fornecer isso pro ministro. Então o presidente mandou o chefe da Casa Militar, o subchefe da Casa militar, ir lá na CACEX buscar (aquilo?). Então, ele foi, me mandou no dia 19 de novembro, com um atraso de um mês, ele me mandou esta carta. Que é uma carta do diretor da CACEX em resposta a um ofício meu, so... Olha aqui. Tá assinado, Banco do Brasil S.A. e tal, não sei quê... Nessa, eu solicitava informações sobre o certificado de cobertura cambial, data, quantidade de importação e preço. E o preço da concorrência internacional. Então ele leva 5 páginas se justificando... quer dizer, nada disso é possível sem a conivência de funcionários bem situados nos postos chave da administração, não é verdade? Então, ele leva 5 páginas justificando por que não tinha tomado providências antes. Mas que já estavam estudando isso e tal, alertando sobre o problema... Quer dizer, re... “A propósito quero informar que desde a criação até agosto de 57, vinha a CACEX realizando controle dos preços daquelas importações com a imitações próprias da (?) organização.” E vai por aí se justificando. “Durante os anos de 58 e 59 houve uma adaptação ao novo sistema de trabalho e tal...” Aquela conversa toda e depois... ele aí me dá a quantidade importada de cloroquina base a favor da Sidney Ross. Foi um... em 61 importamos: 66 mil dólares, em 62: 138 mil e 50, em 63: 40 mil – já tava no meu governo – só 40 mil dólares. Bom. Essas quantias, como se referiam a toda indústria químico-farmacêutica, isso aqui era... era paradigmática. Eram só exemplos de vários outros que eu tirei, eu tinha centenas de certificados de cobertura cambial, mas escolhi essas duas porque eram assim muito gritantes e mostravam. Mas nada tava super faturado abaixo de 100%. Tudo era 100% mais caro. Se eu comprava na Inglaterra por 100, eu podia comprar na Itália por 50. Se eu comprasse nos Estados Unidos por 30, eu comprava na Inglaterra por 11. E assim. Aqui tá o do líbrio. O líbrio nós gastamos em 61, 62, 63: 800 mil dólares de líbrio. E aqui, em seguida, juntou oficialmente a quantidade de cloroquina base importada ao preço de 2 mil e 400 dólares, o certificado de cobertura cambial: o nome, o preço, o peso em quilos, o preço e a data, no certificado de cobertura cambial. Então ele vai de 2 mil e 400, quando se instala a Comissão de Inquérito ele passa pra mil e 500 e depois fica mil e 500 até 3, março de ..., até março... – acho que é de 61 – aí vem pra 900 e depois... não, tá aqui: 900. 1.500 em 27 do 1 de 63 e 900 dólares em 4 de abril de 63. Aí vai até 540 dólares em 5 do 8. Eu já tava discutindo o problema, baixou pra 540 dólares. Aí há uma importação aqui que não tem nada, tem uma interrogação, de 1.500 dólares. E aqui tá do líbrio que é fixo: 1.140 dólares. Durante todo o período de importação. 1.140 dólares. Então, aí ele diz aqui na carta que o preço da Alemanha Ocidental era aquele de 58 dólares, na lista de 58. E o preço do líbrio na Itália, da matéria prima era, 70 dólares o quilo. E a Roch tava importando por 1.140 da sua matriz. Então o que se configurava? Era um mercado fechado entre a matriz estrangeira e a filial. Como a marca do produto é individualizada, é a patente, é propriedade da empresa, quer dizer, a Sidney Ross importava cloroquina base da matriz. Só que o preço internacional era 60 dólares na Alemanha e ela importava por 2.500. Era um comércio fechado entre matriz e filial. A Roch importava da sua matriz na Suíça, a matéria prima do líbrio a 1.140 dólares e a Itália podia fornecer a 70. Então não havia nenhum, esse negócio de concorrência, que baixa preço, essa coisa que tá por aí sendo discutida (ri) é muito, muito discutível! Porque a minha experiência não é bem essa. Se você abrir os canais de comunicação e deixar por conta (da Sidney Ross?) ela faz isso. Em vez de comprar da Alemanha por 600, ela compra dos Estados Unidos a 2.500. Porque isso é uma transferência de renda, ilegal, porque você tá transferindo renda pra lá. Porque se eu comprasse na Alemanha por 50 dólares, por 60, isso me custava tantos mil dólares. Se eu vou comprar a 2.500, eu tô transferindo 2.400 dólares! Fora

de qualquer controle de legislação, pagamento de imposto e tal! Uma transferência fraudulenta de recurso, de divisas. Isso é que é. Era um comércio portanto, todo ele, caracteristicamente fraudulento. Então, baseado nisso aqui, eu baixei um decreto, ao qual eu faço referência aqui no meu discurso – eu posso até citar o número do decreto...

CF - Quando a 3ª Conferência Nacional de Saúde foi instalada (?)...

WF - Ah, já tinha, essa briga já tinha acabado. Essa briga já tinha acabado. (barulho de papel) ... O decreto... ... “Grupo Executivo da Indústria Farmacêutica, criado pelo decreto número 52.471 de 13 de setembro de 63.” Já em plena atividade. Porque eu faço uma referência no meu discurso na... na 3ª Conferência. Esse decreto ele não só proíbe a importação de matéria prima pra indústria farmacêutica, 10% acima do preço da concorrência internacional ou 10% abaixo pra evitar o *dumping*, não é? Como também ele prepara as bases da indústria química no Brasil.

AB - Mas de que forma ele prepara?

WF - Porque nós criávamos incentivos... fiscais em créditos para empresas de capital nacional, pelo menos por 51% de capital nacional, que quisessem investir no setor. Então, os juros eram menores, os créditos eram de longo prazo, etc, etc. Havia umas... e havia isenção fiscal. Isso a critério do grupo executivo! Que resolvia isso de acordo com o decreto e dispensava de pagamento de imposto, qualquer coisa, desde que houvesse essa... esse investimento. Porque era impossível você pensar em controlar um comércio desse tipo sem pensar na fabricação de insumos pra indústria farmacêutica. E assim os insumos eram necessariamente, os insumos produzidos pela petroquímica. Então a indústria química era fundamental para complementar todo esse projeto. Então o decreto faz referência a isso. Quando a ditadura assumiu, o Roberto Campos assumiu a Pasta de Planejamento, ele modificou esse decreto. Modificou o nome; em vez de “Grupo Executivo da Indústria Farmacêutica” ele botou “Grupo Executivo da Indústria Química”. O que eu acho que tá até melhor, muito bem. Mas tira o privilégio do capital nacional de 51%, porque era inconstitucional você discriminar o capital estrangeiro segundo ele, e retira esse item. O resto ficou como estava. Portanto esse decreto pode ser considerado o primeiro passo realmente... vamos dizer assim, concreto para a criação desse setor no Brasil que não existia, que é da petroquímica ou da fabricação de insumos a fármacos pra exploração disso. Bom, o decreto, uma vez publicado o decreto, eu fui e apresentei esses dois casos que eram... eu tinha o documento na mão, eu tinha outros, mas esse eu mostrei como exemplo. Aí desencadeou-se uma luta terrível e eu fui obrigado a ir pra televisão, pro rádio, pros jornais... e me empenhei um mês indo à Conferência, me dei um mês na luta nesse troço. E a imprensa se dividiu no Brasil. Eu tenho um monte de recortes aí em casa. Desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul. Aqui no Rio de Janeiro, no Diário Carioca mesmo, o Diário de Notícias me apoiou... Ficou contra mim que eu me lembro: o Globo e o jornal do Chateaubriand, etc. Que era natural que ficasse, e tal? Mas a discussão terminou com o decreto e acabou e ficou assim, regulamentado. Ficou combinado assim, que não importava mais, acima de 10%, não mais. A Roch me escreveu uma carta dizendo que não fabricaria mais o líbrio porque o líbrio... a empresa tinha investido em pesquisa e então tinha que recuperar esse dinheiro e tal. Eu disse a ela que muito bem, o Brasil não obriga ninguém a produzir nada. Não quer produzir, não produza. Ainda brinquei sobre o negócio das (emoções?) e tal. Aí, ficou por isso mesmo. Nessa ocasião, já tava a coisa mais ou menos serenada, eu (pigarro) também fui o autor do decreto de lei que fixou o preço da embalagem... indelével, nas embalagens de medicamentos. O decreto é de fevereiro de 64. O decreto é de fevereiro de 64. Porque...

CF - Pra não haver aumento de preço (??)...

WF - Não, pra não haver aquela coisa, porque era terrível aquela bagunça nos preços. Você compra aqui por 10, ali por 20... Pra uniformizar os preços no país inteiro. Mas eu exigi uma planilha de custos! Quer dizer, o laboratório podia fixar o preço que ele quisesse. Ele apresentava a planilha de custos ao ministério assim: “Isso custa 10, eu vou vender por 30.” Tá ótimo! O Ministério aceitava. Mas daí por diante ele não podia aumentar mais a não ser nos limites do aumento.

AB - Quer dizer, essa análise de custos ia servir como referência pros preços futuros, né?

WF - Futuros. Porque eu não ia fixar preço, quer dizer, ele ia fixar o preço... ele é obrigado a fixar o preço pelo qual ele ia vender na embalagem. De maneira indelével. Agora, ele ia apresentar uma análise de custo e aí que eles não queriam apresentar. Porque eles não queriam apresentar a margem de lucro. Devia ser uma margem muito alta. Eu não me incomodava se fixasse, mas eu queria saber. Porque no futuro não podia aumentar mais, fora dos preços... da inflação, fora dos níveis da inflação. E aí houve uma briga muito grande, os laboratórios ameaçaram com nocaute, fechar o laboratório e tal... Mas foi em fevereiro isso e foi sanado. Foi resolvido. Porque o Castelo assumiu, manteve o decreto, mas aboliu a planilha de custos! Vê que é um negócio que a gente sente a diferença de orientação, né? Claro, não tem planilha de custo ele não pode fixar o preço que ele quiser! É o que tá acontecendo hoje. E além disso há outra fraude que eles cometem que é reduzir o conteúdo do... Você tem um vidro com 20 pílulas, você vai diminuindo: bota 18, 17, 15 e tal... Aí depois aumenta o preço, torna a voltar a 20. Quer dizer, é uma maneira de manter uma margem de lucro elevada. E sobre o qual não há nenhuma fiscalização até hoje, diga-se de passagem, né? Não há como você ir eliminando, o vidro desse tamanho, tá com um pouquinho de pílula embaixo. Aquilo ali é a diminuição que resulta de quando vai caindo a margem de lucro, eles vão...

CF - Compensando com outras coisas.

WF - ...compensando com essas... com essas medidas assim inteligentes, né? (risos) Porque realmente é um negócio terrível isso. Mas a inteligência é cruel às vezes. Ela quando se aplica ao mal...

CF - Ao mal. (ri)

WF - ...porque eu digo que não há instrumento... instrumento mau ou bom. Há o uso mau do instrumento ou bom do instrumento. Qualquer faca serve pra muitas coisas boas e serve também pra coisas más. Aí... isso depende do agente, não depende do instrumento. Inteligência também se aplica a isso, como se aplica essas coisas também. Nessa ocasião, no final de 63, eu recebo... eu peço, recebo um pedido de audiência do Lincoln Gordon, que era o ...

CF - Embaixador americano.

WF - Embaixador americano. E eu... marquei a audiência. Na hora que lhe convinha e etc, com toda a gentileza, marcou no dia tal às tantas horas... No dia eu tava lá, ele chegou, mandei entrar, ele sentou-se no sofá e tal e aí trocamos duas palavras, mandei servir um café e tal e coisa. E ele então, puxa do bolso uma documentação... pra me entregar, dizendo que eram documentos que lhe tinham chegado à mão, é... provenientes da Indústria Farma... a Indústria... Americ...

AB - Com a associação, né?

WF - ...Indústria Farmacêutica Americana de São Paulo. Ele dizendo exatamente assim. E me mostrou aquele maço de papel, que até tá aqui. Mas... e que eu me (?). Aí eu disse a ele: “Olha... embaixador, eu lhe recebo aqui com a maior simpatia, mas eu quero lhe dizer que o sr. está enganado de endereço, eu não recebo papéis da Embaixada Americana. Se o sr. quiser tentar no Itamarati que é o órgão apropriado com o qual o sr. deve se comunicar, o sr. se comunique com o Itamarati. Aqui, eu lhe posso apenas oferecer... o que o brasileiro nunca nega a ninguém: é a cortesia de um café, é uma recepção amável... e é com todo prazer que eu lhe recebo, mas não trato de negócios com o senhor.” Assim mesmo. Aí ele tava acompanhado pelo Jaques Kubish que era o diretor da (?) no Brasil. Ele se levantou e eu acompanhei-o até o elevador, me despedi dele com toda a cortesia, ele desceu as escadas com os papéis dele. (pigarro) Meses depois eu recebo, eu recebo... Ele não foi ao Itamarati que ele não era maluco, né? (tosse) Até pegava mal porque o pessoal (?) aqui era muito chegado a eles lá. Eu recebo essa carta do Ministro do Exterior. Tá aqui assinada. Ministro do Exterior. “Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, em anexo, documentos que foram submetidos à Embaixada do Brasil em Washington...” – porque ele não entregou aqui, ele mandou pra Washington – “...por representantes da Indústria Farmacêutica Norte-Americana e que dizem respeito à instalação no Brasil do Grupo Executivo de Indústria Farmacêutica.” O primeiro desses documentos... “(Edney Moir?) Concerning American Pharmaceutic Industry in Brazil”. Assim mesmo que eles tratam do assunto. A indústria é americana. “Preparado para o embaixador Lincoln Gordon, datado de 1º de março último, analisa a situação da indústria farmacêutica... – a carta é de 17 de fevereiro – o Brasil apontando o grau de participação do capital e tecnologias estrangeiras, bem como (estorir?) trabalho do Comitê que examinou a matéria em 61 por determinação do presidente Jânio Quadros e aponta as conseqüências da intervenção estatal nessa indústria.” Não havia intervenção nenhuma! Havia uma regulamentação do comércio fraudulento que eles praticavam! Isso é que é a verdade. O segundo memorando: “O grupo executante (?), 23 de dezembro, indica vários aspectos considerados inadequados do decreto... – veja só que atrevimento! – e estabelece o (?), aproveita a oportunidade.” E me encaminha então os documentos que eu recusei a receber do Lincoln Borba, tão aqui: “Grupo Executivo para Indústria Químico-Farmacêutica (?) no Brasil.” Memorando e aqui relatório concernente à indústria farmacêutica americana no Brasil. Então, isso me veio encaminhado, porque eles entregaram ao embaixador Roberto Campos que era o nosso embaixador em Washington e o Roberto Campos que é um patriota conhecido, ele recebeu muito bem e encaminhou ao Itamarati como era da sua obrigação. O Itamarati então me manda esse ofício confidencial. E eu achei vergonhoso demais o episódio, pra deixar esse documento confidencial nos arquivos do Ministério. Tirei e guardei comigo até hoje. Tá aqui. Assinado. Bom, a propósito desse mesmo caso, em 77 o Barbosa Lima tomou conhecimento disso e publicou esse artigo, no dia... Jornal do Brasil de 13 de fevereiro de 77: “Um embaixador se engana de endereço.”

CF - Aí ele conta...

WF - Aí ele conta o caso, tá aqui. Conta o caso...

CF - O sr. resistiu bem às pressões, né?

WF - Ora, pressões terríveis, né! Porque isso aí era uma coisa terrível! Numa hora eu tava na televisão falando e o Gilberto Ribeiro de Castro que era da UDN, entrou lá no auditório pra me cumprimentar: “Porque realmente isso é um desafio e tal...” (risos) Verdade! Eu criei um caso enorme, não é? E foi por aí fora. Bom, ...

CF - E essas medidas, quer dizer, não houve nenhum retrocesso nesse sentido. A partir daí...

WF - Não, é impossível, né? Porque é tão fraudulento isso que eu tô mostrando a vocês, com a documentação existente. É tão fraudulento isso que era impossível depois de denunciado que se continuasse. Apenas houve... contra a indústria farmacêutica foi mantido o decreto. Eu não sei, hoje eles não podem importar acima do preço de concorrência. Quanto ao problema do preço das embalagens, eles fixaram, mas realmente o controle sobre a margem de lucro, oscilação durante essa época de inflação alta, eu não tenho idéia de quanto isso deve ter custado. Mas deve ter sido um grande negócio. Bom.

CF - Quer dizer, de qualquer maneira o sr. conseguiu, foi lá...

WF - É, isso aí foi uma luta terrível, não é, que redundou no estudo dessa matéria e... (barulho de papel) Isso aqui é sobre a cloroquina. No caso particular do clorofenicol, por exemplo, que é um antibiótico você conhece, é... clorofenicol é específico do tipo, né? Por exemplo, vemos que a Le Petit paulistana adquiriu por 92 e 50 o produto que na própria Itália é vendido por outros fabricantes a 54. Ele comprava por 92. Ao passo que a Parke Davis deixa de adquirir o produto americano de outras firmas, cotado a 54 dólares, o clorofenicol, para receber da sua sede ou matriz por 380. Isso é um documento da CACEX, olha, assinado! Entendeu? (ficam falando ao mesmo tempo) Não tem nada de invenção nesse troço. Agora, os jornais populares vêm cobrir: “Olha a canoa vermelha, não sei quê... O partido comunista vai tomar conta do Brasil...” Essas coisas assim. Não tem nada disso. (ri) Quem tava tomando conta realmente, eram os negociantes, como um pouco de certa maneira, tá me parecendo que ocorre hoje também um pouco. Mas aqui, tem outro aqui... é... – esse aqui é sobre?... Carteira do Comércio Exterior. Laboratórios farmacêuticos estrangeiros e tal. A primeira dúvida foi levantada pela agência de São Paulo em correspondência de tal data, avisando haver conservado em suspenso vários pedidos de importação de clorofenicol. Já importados antes, a 55 e 92 de procedência norte-americana e italiana, respectivamente, para o qual conhecidos os preços desde de 48 a 145 dólares. E para melhor apreciação do assunto, nesta série, na mesma data, encaminhou-nos com um memorando tal assim, assim, da CACEX, cartas que cada uma das firmas interessadas, isto é: (Amauri Cupy... Dex?) e Companhia Limitada e Laboratórios Le Petit, pra justificar tão disparatada diferença de preço. A primeira, Amauri Pupy, declara-se surpresa com a cotação de 92 dólares do produto italiano, indicando três representantes e fabricantes no exterior, assegura que os preços do mercado mundial já há mais de 6 meses são da ordem de 54 dólares. Metade do preço. E vai por aí.

AB - Essa associação que reunia, que agrupava...

WF - Aqui tem (??) é... a Merck, cloridrato de efedrina. Tudo não tem menos de 100%!

AB - Tava tudo super faturado.

WF - Acima de 100%.

AB - E tinha uma associação que buscava juntar todas essas indústrias farmacêuticas. Uma Associação Brasileira de Indústrias Farmacêuticas.

WF - Ah, naquela ocasião chamava-se...

AB - Não é? Não tinha um apelido? ABIF?

WF - ...Agora... ABIF. Agora é DEFARMA. Agora é DEFARMA.

AB - Né? E a pressão deles era...

WF - A pressão era muito grande.

AB - Mas era explícita, indireta? Como é que era?

WF - Explícita! Eu recebia, recebia não só correspondência como recebi a Associação uma vez pra discutir esse problema.

AB - E com relação a outros produtos que eram fundamentais também pro Ministério, pra controle de campanhas ou pra alguma coisa. Existia alguma pressão mais...?

WF - Não. Porque a gente fazia aquelas concorrências e usava pouco como um grupo aí que... o problema básico é o seguinte, a gente fazia as concorrências e usava pouco medicamento, realmente usava muito pouco, só medicamentos específicos de doenças é... transmissíveis. No... no caso da tuberculose era feito pelo Serviço Nacional de Tuberculose, que era dirigido por um pessoal de muita confiança, então era um problema da... e eles prestavam conta desse, desse... contabilidade do Ministério. Isso era encaminhado ao Tribunal de Contas. Quer dizer, esse serviço, da criança por exemplo, Departamento da Criança tinha um serviço próprio. O DNERu usava muitos produtos para as doenças é... filariose, lá no Pará... essas coisas assim. Bolba e leishmaniose, essas coisas. Agora, como a criação do plano de radicação da Malária é que criou-se um serviço próprio chamado “Campanha de Erradicação da Malária”. E... que usava o DDT como... pra borrifar casa e etc. Pra evitar o transmissor, doméstico. O mosquito é doméstico e o ... Pinotte bolou o sal cloroquinado pra atingir as populações marginais dos rios amazônicos. Porque era impossível chegar com essas dedetizações no Amazonas, então ele usou o sal cloroquinado com resultados que até hoje eu... não conheço as avaliações precisas. Mas que teria dado algum resultado. Mas depois verificou-se que havia fraude, (ri) o sal cloroquinado não era tão cloroquinado assim. De modo que, vendiam o sal de qualquer maneira como vendiam o sal iodetado pro bócio endêmico, que acabava não tendo iodeto. Então era um negócio complicado. Esse negócio de misturar o serviço público com interesses particulares é um negócio muito complicado. E sempre o interesse público paga as contas, (ri) porque o sujeito fraudava e... havendo possibilidade...

Fita 9 - Lado B

WF - Mas como eu dizia, a Campanha Nacional da Malária tomou um vulto muito grande. Porque erradicar a malária num país como o Brasil é um negócio muito complicado. Primeiro porque tem fronteira com todos os países da América Latina exceto dois. Não é? Exceto dois, acho que é isso. Se a geografia não me engana, é isso. Bom, e os custos dessa... dessa erradicação eram muito altos. O Brasil tinha montado com o Pinotte uma estrutura de controle da malária, que tava operando muito razoavelmente. Tinha descido bastante o nível de incidência da malária e com o sal cloroquinado na Amazônia... o fato é que a malária tinha se reduzido muito no Brasil. Ela tinha desaparecido praticamente aqui da Baixada Fluminense já. Isso por efeito do saneamento desde a época do Vargas, quando ele criou a comissão de Saneamento da Baixada Fluminense, isso foi diminuindo e acabou sob controle. Ao ponto que

na Baixada toda, nos anos 60, houve 9 casos de malária. Não havia praticamente malária. A malária era coisa absolutamente controlada. Então essa estrutura de controle tinha que ser substituída por uma estrutura de erradicação! Com jipe, carro, pessoal, não sei o quê, DDT, borrifação...! Esses...

CF - Tinha verba especial pra isso?

WF - ...Bom, isso só se discutiu numa reunião em Bogotá, se eu não me engano no final da década de 50. Aí é que entra um problema engraçado. O Brasil se recusava terminantemente, pelos seus técnicos, a desmontar uma estrutura que funcionava razoavelmente dentro dos padrões... é, aceitáveis pro nosso nível de desenvolvimento, compreendeu, e substituiu por uma parafernália daquele tipo que pegou o país inteiro, a borrifar casas pelo interior... Ter que educar pessoal, aquilo é tóxico... Uma série de problemas. Mas os americanos, pela Organização Pan-americana de Saúde que se reuniu em Bogotá – não sei se foi em 58 ou 57, mas foi por aí – eles propuseram a erradicação da malária do continente. Não sei se havia pessoas bem informadas na época. Possivelmente não. Mas os técnicos se recusaram muito e houve um debate muito prolongado em torno disso e o Brasil acabou aceitando mudar tudo isso, toda essa estrutura de controle por outra de erradicação, porque os americanos se comprometeram a fornecer gratuitamente o DDT pra campanha, tá certo? Ora, o que nós sabíamos era que o DDT tinha sido, havia 4 fábricas de DDT nos Estados Unidos. E essas fábricas foram fechadas porque o produto é altamente tóxico. Mesmo usado na agricultura como defensivo agrícola, ele... criou-se nos Estados Unidos um problema sério, segundo consta aí... – eu não posso fazer afirmações definitivas a respeito disso, fica essa coisa pra ser verificada, né, e agora *a posteriori* talvez fosse mais fácil – que a águia americana que é o símbolo da nação americana, ela põe ovos de casca mole, né, e tendia, portanto, ao desaparecimento. E os estudos feitos, porque ela se alimenta de peixes, né? Os estudos feitos verificaram que os peixes estavam contaminados com DDT dessas fábricas por causa dos defensivos agrícolas. A mesma coisa que acontece no Pantanal quando aparece: “Morreu tanto peixe no Pantanal...!” A mesma coisa. O problema não é diferente. Os defensivos agrícolas são sempre muito tóxicos. Então, o americano proibiu o uso do DDT e águia aí começou a recuperar (ri)... e essa coisa toda. Então o que ele ia fazer com 4 fábricas de DDT fechadas? “Vamos empurrar isso na América Latina porque a América Latina tem malária, aí resolve o problema da malária deles.” Houve uma certa resistência, então se prontificaram a doar esse DDT e manter as fábricas funcionando lá. Tirarem proveito de outra maneira através de mecanismos como esse e do fornecimento de automóveis, de veículos pra campanha da malária e mais isso, mais aquilo e bombas especiais, uma série de coisas. Havia umas compensações, eles queriam manter as fábricas funcionando porque a crise era grande, eles estavam ainda na fase de transformação daquela indústria de guerra em indústria de paz, relativa, né? Porque a guerra fria foi o sintoma mais claro de que eles não conseguiam transformar a economia de guerra em economia de paz, porque aí o desemprego ia ser muito grande. Eles mantiveram a fabricação dessas coisas. E então aconteceu esse fato do Brasil passando a receber o DDT. Montou, mas era uma estrutura imensa! Eu convivi com ela porque ela tava no apogeu quando eu cheguei ao Ministério. Eu discuti isso com o pessoal no Ministério: “Mas como é que se faz um troço desses no país...?” Aí é que eu fui tomar conhecimento dessas lendas. Que eu chamo de lenda porque eu não posso configurar como uma realidade definitiva. Mas tem muitos foros de verdade, muitos foros de verdade. E aí... é... quando eu recebi o Lincoln Gordon ele tava acompanhado com o Jaques Kubish da UZEIT, no dia seguinte da minha entrevista com o Lincoln Gordon, eu recebi uma carta do Jaques Kubish que até pouco tempo eu... deve ter até ficado no Ministério, porque eu até me lembro bem da carta. Ele não fazia referência à nossa conversa, mas dizia o seguinte: “Em face das dificuldades orçamentárias dos Estados Unidos, de agora em diante, o governo americano

não pode mais continuar fornecendo o DDT gratuitamente à Campanha de Erradicação da Malária. Mas está disposto a fornecer a preços de mercado, o mercado internacional.” Assim mesmo! Essa era a carta do Jaques Kubish. O nome dele eu não me esqueci, era o diretor da (UZEIT?). Deve tá nos... porque dos americanos tem, não se pode conspirar com eles porque de (???) às vezes publicam tudo (ri), sabe? Ele deve ter publicado essa carta em algum lugar. Aí eu achei aquilo um desaforo, aí que eu chamei o pessoal e disse: “O que é que nós vamos fazer agora com esse troço, com essa parafernália toda aí? Nós temos que comprar DDT pra continuar isso, porque até montar outra estrutura de controle a malária vai dar um pique lá em cima, é ou não é?” E ficamos discutindo esse assunto e aí eu resolvi propor ao Ministério das Relações Exteriores a compra do DDT na Alemanha Oriental, né? Sem prejuízo da compra do DDT americano também. Porque o que eu não podia era parar, porque o que ele fez foi parar com a campanha, cortar a campanha na hora. Quer dizer, suspendeu a campanha! Um ato unilateral e com esses precedentes, que eu tô lhe contando sobre as fábricas de DDT nos estados Unidos! Ele liquidava a campanha na hora. Olha, tinha 9 mil funcionários nessa campanha, veja você! Só na malária. Borrifando casa, tinham borrifado... tinham borrifado 2 milhões e 400 mil casas, um negócio desses. Eram números estratosféricos. Um país dessa dimensão, né! E sabendo que isso nunca seria conseguido porque o Peru não tava fazendo, a ... a Bolívia não faz, quer dizer, você nunca vai erradicar a malária com esses países todos limítrofes e com a Amazônia que é uma província fluvial onde o mosquito é o dono do espaço, faz o que quer e acabou. Então, eu recebi essa carta e tava comprando o DDT dos Estados Unidos pagando a um preço, enquanto tava negociando com a ... havia uma Comissão do Comércio com o Leste Europeu no Itamarati. O Evandro Lins ainda era o ministro das Relações Exteriores, não, era esse... é, o Evandro Lins era Ministro das Relações Exteriores... É, depois é que foi o Araújo Jorge... Araújo de Castro. Aí eu peguei o Evandro e fui fazer uma consulta à Hungria se ela fornecia DDT e ela realmente fornecia. Nós íamos começar a comprar da Hungria quando é... veio o golpe de 64. Porque o golpe de 64 e a malária, acabou a Campanha da Malária, acabou com tudo!

CF - Foi tudo interrompido, né?

WF - Foi. Porque hoje não tem mais campanhas da malária, a malária no Brasil hoje é endêmica, né? E tem um outro problema grave aí, que eu reputo da maior gravidade, e é uma história de saúde pública, principalmente. Tem a ver com o Instituto Oswaldo Cruz. Desde de 1902, quando o Oswaldo Cruz foi chamado pra debelar o problema da febre amarela, que ele iniciou uma política de eliminação dos focos do transmissor da febre amarela. Essa campanha durou... 40... mais, é 50 e poucos anos, meio século. Porque o mosquito foi eliminado do território nacional na década de 50. E foi festejado até pela Organização Pan-americana de Saúde veio aqui, fez uma festa, “Que formidável! No Brasil não tem mais transmissor da febre amarela...” E nós exercíamos um controle nos portos e aeroportos do país, visando exclusivamente quase... porque as outras doenças praticamente não tinham mais importância, não eram mais transportáveis dessa maneira. Mas, a febre amarela era um mosquito cujo avião pousado em Gana vinha pra cá e assim e assim por diante. Então nós, mantivemos uma polícia de aeroportos e de portos no Brasil, que durante muitos, uma década ou mais, não permitiu nunca que um novo foco de mosquito se instalasse no país. Na altura da década, no final da década de 60, apareceu um foco em Belém do Pará que não foi combatido. E hoje, o Brasil, tá muito mais do que no tempo do Oswaldo Cruz infestado pelo mosquito. Só que não há febre amarela na cidade por causa da vacina. Hoje tem uma vacina anti-amarílica que tem eficácia por 10 anos, você pode então dar vacina pra população e tá encerrado, não há como transmitir. O mosquito não, transmite porque a vacina. Mas transmite a dengue! É o mesmo mosquito transmissor da dengue! Compreendeu? E a dengue hemorrágica você tem algumas das características da febre

amarela, você sabe? Ela é mais grave do que a dengue comum e além disso ela tem umas características clínicas. Eu não tô avançando numa hipótese porque eu não sou pesquisador. Apenas uma imagem que eu formo do problema, na minha ignorância do assunto. Hoje a dengue é transmitida pelo mosquito que transmitia a febre amarela no tempo de Oswaldo Cruz. (sirene). Que tinha sido erradicado. Levou 50 anos de luta pra erradicar! E que num descuido da saúde pública, que não tá... ficou inoperante porque foi entregue, terceirizada, né? (ri) “Ah, O particular quer lá saber de matar mosquito da malária...!” E que hoje infesta o território do Rio Grande do Sul até o Amazonas. Cheio de transmissor de febre amarela. De modo que se não houvesse a vacina, você ia ver reeditado aqui em vez da dengue a febre amarela do tempo do Oswaldo Cruz. Essa é que é a verdade. Isso é uma verdade...

CF - É um retrocesso.

WF - e uma história do quadro, vamos dizer, de 1902 pra agora é quase 100 anos de história da febre amarela no Brasil e do seu transmissor. Agora você, acho que... agora você (ficam falando ao fundo) acho que com isso nós chegamos ao final da nossa, do que eu podia dar a vocês... o resto seria uma conversa agradável, porém (risos) não tinha nenhuma referência com esse assunto, que se refere a esse problema. E vocês... os documentos que eu, querem cópia. Porque esses documentos aqui, eu também não faço nenhuma questão de dar hoje, é confidencial, mas... depois de 20 anos a gente considera como de domínio público. E eu acho que o público deve tomar conhecimento das coisas, sabe? Não sou, tirei isso de lá porque iam destruir esse negócio, aí eu: não, vou mostrar como operava a diplomacia brasileira. Negócio...

AB - E agora de uma forma ou de outra está... sendo democrático.

WF - Isso é o Roberto de Campos que pontifica aqui, pontifica aqui na imprensa, como talvez o sujeito mais coerente em matéria de conservadorismo no Brasil, né? Ele é competente, ele é inteligente, foi seminarista, fala talvez um latim, um pouco de grego... Mas é um cara muito inteligente o Roberto Campos. Eu o conheço pessoalmente, posso dizer isso. Mas também copia muito as frases. Numa ocasião jantando com ele e o Santiago Dantas, ele...

AA - Não, eu posso tirar. Não tem problema...

Data: 12/12/1996

Fita 10 - Lado A

CF - Bom, hoje é dia 12 de dezembro de 1996. Vamos começar nossa 6ª entrevista, né?...

AB - Não. A 4ª entrevista.

CF - ...tá, com o dr. Fadul. É... a gente vai retomar só um pontozinho do início da entrevista, dr. Fadul, por problemas na fita. A gente queria que o sr. falasse um pouquinho da sua infância, onde sr. nasceu, do período que o sr. ficou internado em Leopoldina... Só pra nós recuperarmos um pouquinho do seu ambiente familiar, como é que era o seu pai, sua mãe, isso... Uma coisa rápida.

WF - Pois não. Eu, na verdade nasci em Conservatória. Município então de Marquês de Valença. E... mas meu pai, tinha se mudado recentemente pra cá e a minha mãe era de Leopoldina, era do município de Leopoldina, onde ele se casou e onde teve uma filha. E logo depois do nascimento dessa filha ele se mudou pra... pra... Conservatória, distrito de Valença, onde eu nasci, em 1920. Mas as nossas relações com a família de minha mãe em Minas Gerais eram muito intensas, porque era família antiga, que tinha emigrado daqui da região do Piraí pra a região Zona da Mata no final do século XVIII. Na altura de 1.800 e poucos. E era uma família numerosa que ia desde de Providência até quase (?), lá no extremo, quase na fronteira da Bahia. Então nós tínhamos muitas relações com todos esses parentes da minha mãe, todos eles dessa região. E... porque com os outros antigos parentes aqui de... de Piraí, os Duarte, da minha bisavó Amélia Pinto Duarte, que era parente do governador do Estado do Rio, Manoel Duarte que veio a ser deposto em 1930. Na revolução de 1930, é. Com esses nós não tínhamos relações muito estreitas, porque... eram muito distantes das nossas relações. E... mas e por isso mesmo eu fui interno muito cedo. Fui interno com 8 anos num colégio, pra fazer o curso primário em... em Providência, município de Leopoldina que era um colégio antigo, um internato. E depois desse internato passei é... ao interno do ginásio de Leopoldina, de 1930, justamente no ano da Revolução.

CF - O sr. tem uma irmã.

WF - Tinha. Essa irmã já faleceu. Faleceu há uns 10 anos atrás.

CF - Ela não foi pro internato não.

WF - Não, não. Ela ficou aqui, ela ficou aqui com os primos e fez o curso de professora como era comum na época. Era moça fazer o curso de professora, quer dizer, havia restrições... ou privilégios, não sei. (ri) De modo que ela fez pra professora do Estado do Rio, funcionou a vida inteira como professora. Tava aposentada quando morreu. Meu pai era um homem muito tranqüilo, muito sereno. Muito amável com as pessoas e muito quieto. Era um homem extremamente educado, embora não fosse um homem de grande cultura. Ele se interessava muito pela política. E aprendeu rapidamente a história do Brasil. Conviveu com alguns grandes políticos mineiros, dos quais ele de vez em quando recordava alguns fatos.

CF - Ele teve alguma atuação política assim...

WF - Não. Era só amizade pessoal. Só amizade pessoal. Ele admirava certos políticos mineiros, que naquele tempo eram homens sóbrios, homens de palavras, de caráter, que ele admirava. E ele às vezes comentava algum fato em casa. E sabia, portanto, a história dessas pessoas, a influência que tinham tido na República e etc. Ele, meu pai era um homem que não gostava de comentar sobre a vida das pessoas, a não ser num bom sentido. Mesmo na hora do almoço ele não gostava que se comentasse sobre terceiros. Era muito quieto, mas ele não gostava desse tipo de coisa e às vezes ele demonstrava o seu desgosto quando acontecia algum fato desse tipo. E dele eu recebi uma grande influência. A maneira de tratar as pessoas. A maneira de encarar os problemas alheios com uma certa generosidade, uma certa... um certo interesse, digamos assim. Uma espécie de solidariedade. Ele era de tal modo solidário que acho que ele foi responsável pelo encaminhamento de todos os irmãos da minha mãe. De todos irmãos da minha mãe.

CF - Como assim, dr. Fadul?

WF - Ele... ele... a família do meu bisavô, o meu tataravô portanto, era uma família cujo ascensão, quando se casou com a minha mãe, assumiu a responsabilidade de, sem nenhum ramo a que eu pertencia estava em decadência. Como aliás, a grande parte dos fazendeiros da região. E então, esta decadência era muito visível na família e o meu pai que estava em compromisso né, de encaminhar um por um dos irmãos da minha mãe, montando um negócio pra um, encaminhando outro pra uma atividade qualquer. Todos eles passaram pela casa de meu pai, compreendeu? Todos eles. Meu pai fazia isso como se fosse uma coisa muito natural, como se fosse até uma obrigação dele. Essa generosidade de meu pai sempre despertou uma grande curiosidade e ele foi assim, até o fim da vida. Ele morreu assim. Quer dizer, e isso eu acho que teve uma influência na minha formação, no meu é... desprendimento em relação a terceiros e a minha luta que eu sempre tive pra resolver problema dos outros. (ri) Sem nenhum intuito imediato, mas que muitos desses problemas tinham conseqüência no futuro, até favoráveis, você compreendeu? Porque são coisas que acontecem. O meu pai não, porque ele não fazia atividade política, ele não... exerceu certa vez um papel importante quando o dr. Pedro Aleixo estava indisposto com alguns setores da UDN mineira, em 62, é... eu achei dado a minha amizade com o dr. Pedro e porque ele era um homem, embora adversário meu, ele era um homem de caráter muito... sério, eu achei que era uma injustiça afastá-lo da vida pública. Então pedi a meu pai que fizesse uma campanha pelo Pedro Aleixo junto à família lá em Minas Gerais. O meu pai fez essa campanha e o Pedro que não conhecia meu pai, endereçou uma carta que eu tenho em meu poder até hoje, que eu tenho em meu poder até hoje, uma carta agradecendo a ação do meu pai que pode não ter sido excessiva, mas foi de boa vontade e espontânea, né? A ação que o meu pai desenvolveu naquela região da Zona da Mata de Minas Gerais em favor da candidatura dele. E ele se elegeu deputado, se reelegeu em 62 e endereçou essa carta a meu pai. Que não teve oportunidade de conhecer. Ele era, meu pai era um homem assim, ele fazia as coisas...

CF - Ele trabalhava com o quê, que o sr. falou?

WF - O meu pai, ele era um libanês, quando chegou era um imigrante, né? Chegou no Brasil em 1910. E... todo libanês, “turco” entre aspas, né, é um comerciante nato porque ele é um fenício. Ele é... o povo libanês é o povo fenício. É remanescente do... não é árabe propriamente dito, ele é fenício, né? Portanto, homens muito propensos ao comércio. Mas o meu pai – não sei por que razão – o meu pai tinha uma tendência a ser fazendeiro. Ele gostava da agricultura, da terra. Eu não sei se foi admiração pelos fazendeiros da época, quando chegou ao Brasil, que

tinham uma grande influência na vida nacional. Ou ser fazendeiro era importante e você... isso que ele buscava quando emigrou, né? O fato é que ele, logo logo, ele abandonou a atividade mercantil, pra se dedicar a problemas agrários, fazendas, essas coisas... Mas ele, até se deu bem, relativamente. Chegou a ser proprietário daquela fazenda que eu mostrei a vocês.

CF - Como era o nome mesmo?

WF - A da Bela Aliança.

CF - Bela Aliança.

WF - Fazenda da Bela Aliança aqui no município de Piraí, é.

CF - Quer dizer, quando o sr. nasceu em Conservatória, o sr. nasceu já numa fazenda.

WF - Nasci numa... numa... numa, meu pai tinha uma venda dentro de uma fazenda, na beira da estrada de ferro. A estrada de ferro era a rede Sul Mineira que não existe mais. Ela fazia, saía aqui de Piraí ou... Passa Três e ia... e ia pelo oeste de Minas... pelo sul de Minas. Ia até Santa Rita de Jacutinga, entrava nessa região do sul de Minas.

CF - E sua mãe, dr. Fadul?

WF - A minha mãe era filha de um português, o seu Pedrosa, né, que era um homem de Santa (Comba Dão?), que era a mesma terra de Salazar. Que era um português comerciante, um português importante, um português de... negociava vinho e azeite, essas coisas importadas, né? Porque tudo no Brasil era importado na época. Tinha loja muito grande e a minha avó era descendente desse pessoal que tinha vindo daqui, do Piraí para criar as primeiras fazendas na Zona da Mata de Minas Gerais. E ela chamava-se Rita de Cássia Ferreira de Menezes. E ela... era uma pessoa muito boa. Ela morreu com 86 anos de idade. Em 1956, eu acho, porque ela nasceu em 1870. Ela morreu em 56. Eu já estava exercendo o meu 1º mandato de deputado. Mas ela era muito minha amiga e não gostava que ela bebesse e eu às vezes abria uma garrafa de vinho, trancava o quarto e a gente tomava um copo de vinho. Ela me contava histórias da família, né? Contava histórias da família e ela que me pôs a par da história do meu bisavô com a escrava, né, a Flora. Foi ela quem me contou esse detalhe. Me contou coisas da intimidade dela. Ela gostava de um farmacêutico, sabe? Que era o tal sr. Godói. Que eu conheci ainda. Velhinho, mas eu conheci. É... o seu Godói mandava pra ela umas violetas, umas coisas. E ela gostava do Godói, ela era muito menina, quando ela ficou mocinha, aos 13 anos, o meu... meu bisavô chegou pra ela e disse: “Rita, você se prepare que você daqui a 6 meses você vai se casar com o sr. Pedrosa.” (risos) O casamento foi imposto a ela. Ela disse que chegou, chorou a noite inteira e no dia seguinte começou a bordar o enxoval pra casar com o sr. Pedrosa que era um rico importador de vinhos e tal. Posteriormente o sr. Pedrosa ficou tuberculoso, o meu avô, e foi embora pra Portugal, pra se tratar. Deixou os negócios dele aqui e evidentemente houve uma deterioração do negócio dele. Mas de qualquer maneira, o meu pai...

CF - E ela foi junto com ele pra Portugal?

WF - Não. Ela ficou aqui porque tinha muitos filhos, né, muitos negócios a tratar, muitas coisas. Embora ela fosse muito ingênua, muito incapaz de mexer com essas coisas – como eram as mulheres daquele tempo, sobretudo do interior – ela se deixou... não se deixou... não teve condições de cuidar dos negócios realmente. Porque era um negócio muito grande, com um

correspondente aqui no Rio de Janeiro, essas coisas, ela não tinha a menor condição de fazer e ela foi sendo passada pra trás um pouco. Certamente perdeu muitas coisas. Mas são coisas da família, mas ela nunca se importou muito com essas coisas. A minha avó era loura de olhos azuis e... e muito simpática. E contava essas coisas e dançava a valsa dela, quando tava no 2º copo de vinho, ela dançava a valsa dela. (risos) Aí me contava essas coisas dela e eu achava graça porque não sabia da importância sociológica que havia nesse problema. Eu era garoto, não conhecia a importância sociológica disso, porque os fazendeiros tinham muitos filhos, dentro e fora da família. Porque era uma questão de sobrevivência. Eram grandes extensões de terras. No caso do meu bisavô, eram extensões de terra muito grande. E... e de pouca densidade de população. Alguns vizinhos também poderosos, as lutas entre famílias por causa de propriedades, disputas de toda a natureza, eram constantes. Então, os fazendeiros se cercavam de homens de confiança. E famílias numerosas. Então era comum, o problema da mestiçagem no Brasil tem origens sociológicas importantes que foram postas em evidência de certa maneira. E um dos melhores livros de sociologia que se conhece, que é do Gilberto Freire, “Casa grande e Senzala”, né, e que agora o Darcy de certa maneira, teorizou, no sentido da formação de uma raça morena no Brasil. Mas as origens estão aí, na defesa do patrimônio. E todo mundo vinha com: “Ah, fulano é afilhado do coronel!” Afilhado quer dizer filho com uma escrava, filho com outra pessoa fora da família. Porque afilhado era o nome que se dava pra mascarar supostamente uma realidade que gerou essa raça morena que tá agora se desenvolvendo e se consolidando no Brasil. (ri) Isso é um pouco ... pelos fundamentos da sociologia... O Getúlio conta uma história muito engraçada que não custa nada figurar aqui nessa... Certa vez, abordado por um jornalista que queria por que queria, levantar a sua árvore genealógica. O pai já tinha sido general lá no Rio Grande, era um homem importante, o Getúlio olhava pro jornalista e sorria, terminou dizendo a ele, entre uma baforada e outra de charuto: “Meu filho, deixa isso pra lá. Isso no Brasil ou acaba na senzala ou acaba na cozinha.” (risos) E encerrou a conversa com o jornalista. Ele sintetizou em duas palavras, aquilo que o Gilberto escreveu em 3 volumes, em 2 volumes e que o Darcy já escreveu mais de (??). (risos)

CF - Mas é isso mesmo.

WF - Bom.

CF - (ri) Vamos voltar um pouquinho, né, então vamos dar um pulo aí no tempo. (ri) Voltar agora, dr. Fadul, ao período que o sr. estava no Ministério da Saúde. A gente falou muito sobre a indústria farmacêutica, a 3ª Conferência Nacional de Saúde... todas foram marcas assim fundamentais da sua gestão, ao longo desses meses no Ministério, né? O sr. não chegou a ficar nem um ano à frente do Ministério, né? E foi uma gestão importante com...

WF - Poderosa, né? Foi muitas coisas, né? Mexemos em muitas coisas.

CF - Com decisões, né, marcantes, né?

WF - É. Nós, algumas coisas que estavam, vamos dizer, amortecidas porque não se discutiam, foram postas em execução. Só no que diz respeito à formulação de um plano nacional de saúde, em função da reorganização da saúde no Brasil, que seria o dado mais importante eu acho, como também no que diz respeito às relações que o Brasil mantinha é... com o estrangeiro no que diz respeito à indústria farmacêutica, que era uma indústria no Brasil de transformação. Importava-se a matéria prima e ela aqui era pura e simplesmente embalada. Isso era a indústria farmacêutica no Brasil. Mas nesse processo existia um canal fechado de comércio, da matriz pra filial nacional. Ela vendia a matéria prima pra essa filial, fora da concorrência internacional.

Isso é que gerou um grande conflito e que existiu durante aqueles meses a indústria farmacêutica, da qual eu vou lhe entregar os documentos hoje.

CF - Mas vamos falar um pouquinho então, dr. Fadul, de como é que foi esse processo da sua cassação no Ministério... como é que foram esses... esses...

WF - Porque na verdade nós estávamos vivendo um clima de intensa liberdade e de grande inquietação. O Brasil tava propondo, que o governo tava propondo reformas substanciais na estrutura administrativa, política, econômica e social do país. Quer dizer, eram reformas de profundidade. Eram verdadeiras reformas. A começar pela reforma agrária. 80% da população existia no campo e 20 % na cidade, mas essa população do campo eram os remanescentes da escravatura que foram largados por aí, ao longo desses 60 e 70 anos sem nenhuma assistência do poder público. E que continuaram sem terra e sem trabalho normalmente, trabalho normal, trabalho de certa maneira vamos dizer assim, sistematizado, organizado e protegido. É... a reforma agrária visava isto, visava pôr ordem nesse quadro gerado pela libertação dos escravos neste solo. Quer dizer, e que até hoje ainda não foi, depois de mais de 100 anos, isso não foi resolvido. É... naquele tempo as reformas tinham uma grande repercussão, porque eram: a reforma agrária, a reforma bancária, a reforma tributária que era inseparável da reforma agrária, porque o fazendeiro não pagava tributo. Aí era... a área do país, era um país era essencialmente agrícola. E mesmo depois que o Getúlio formulou todo projeto de industrialização e o levou à prática, isso em vários setores de atividade, mesmo depois disso o Brasil continuava sendo um país essencialmente agrícola, exportador de matéria prima e etc. Como ainda é até hoje em grande parte. Isso de certa maneira, provocou um grande debate nacional. Era comum reformar, lançar reformas de base, eram essas reformas. Essas reformas... elas suscitavam um grande debate nacional nas universidades, nos sindicatos, nas Forças Armadas, na igreja... quer dizer, em todos setores, nos meios estudantis, em toda parte se debatia a reforma. Havia uma agitação nacional em torno das reformas. O que é perfeitamente compreensível e até louvável. Porque havia uma ampla liberdade de discussão do problema. Do outro lado se organizavam as forças pra se impedir as reformas. E aí é... essas forças se organizavam com outros propósitos também, de tomar o poder... você vê, era uma aspiração desde 46 que não tinham conseguido. Sistemáticamente, batendo nas portas dos quartéis. A oposição, a política dominante no Brasil não conseguia nem dos quartéis um apoio decisivo, porque como eu disse, as Forças Armadas tinham setores diferenciados de pensamento e também porque... é, havia uma Constituição que satisfazia de um modo geral a Nação, de um modo geral. O fato é que..., mas era insistente, os vários episódios que aconteceram a partir de 1950, com a posse do Getúlio, depois 54, 55... depois (Jacarecá?) – era a garça, né, em Jacarecanga. – todos esses levantes eram tentativas políticas de tentar nos quartéis apoio para um golpe de Estado. Tanto que o Tancredo definiu muito bem o golpe... o regime militar com o estado novo da UDN. Era uma frase do Tancredo essa, ficou famosa e tal. Na verdade, era um pouco isso. Mas eles se organizavam pra tomar o poder, mas nós nos preocupávamos era com as reformas. Não tanto em realizá-las propriamente, mas criar as condições para que o assunto debatido fosse é... depois implementado. Nós falávamos em abrir uma janela na Constituição, pra permitir as reformas estruturais. Porque a Constituição era uma Constituição liberal, mas havia dificuldades em resolver alguns problemas estruturais do país, como no caso da reforma agrária, porque ela exigia o pagamento prévio em dinheiro, indenização prévia em dinheiro, do bem desapropriado. E não havia recurso pra desapropriar a terra nas... nas proporções necessárias. O que nós queríamos é criar, modificar o artigo contra a Constituição, pra permitir que esses bens, esses bens desapropriados, fossem pagos em títulos da dívida agrária mesmo que esses títulos tivessem que ser, vamos dizer, corrigidos ao longo do tempo. Mas o problema do poder na terra é possuir a terra, era o poder, era o exercício do próprio poder. Isso suscitou muitas, muitas incompreensões e aí inseriu-se

também um problema sério. É que o PTB vinha crescendo muito, já tendo elegido mais de 30% da Câmara dos Deputados. Mais de 30% da Câmara em 62. Ainda agora eu tava no Senado assistindo à sessão solene do... do Congresso em homenagem ao Jango, que os jornais não publicaram eu acho. Não sei porquê.

AB - É. Eu não li nada sobre isso.

WF - (??) pois é, houve uma sessão bonita, na qual falaram: o deputado (Almino?) Afonso, o deputado (Mateus?) Smith, o senador Pedro Simon, o presidente José Sarney que é o presidente do Congresso e eu assisti à sessão. Foi uma sessão bonita, e dá impressão de (?), pra mostrar como há uma certa ligação entre esses fatos de hoje e os do passado. O ... o ... o que amedrontava os interesses estrangeiros e aqueles que, aqui no Brasil, de certa maneira os representava, era que é... o Partido Trabalhista que vinha crescendo dentro de uma doutrina nacionalista, de proteção aos interesses nacionais, em defesa do patrimônio nacional, da criação das estatais estratégicas, etc e tal... toda uma política nacionalista, digamos assim, ela estava em vias de ser vitoriosa e majoritária no Congresso. Nós já tínhamos 116 deputados em 300 e poucos. E começando com 2 ou 3 isso tinha, a cada eleição se viu diminuir, unir deputado do PSD e da UDN, em favor da bancada do PTB, que eram os 3 grandes partidos, na época, entendeu? E isso de certa maneira, que tá naquele livro ali do (Luís?) Pernambuco, que eu recebi há algum tempo atrás, aqui tem um quadro dessa... o quadro (ruído) (?) tribunais, pelo... pelo Superior Tribunal (ruído) Eleitoral, da composição do Congresso ao longo desses anos de, desses 20 anos, de 46 a 64. Aqui tem isso. Eu não... sei...

CF - Como é o nome do livro, dr. Fadul?

WF - O livro chama-se “Enigmas da História”. “Os Grandes Enigmas da Nossa História”.

CF - Quem é o autor?

WF - O autor... .. A redação de...

CF - Nilson Lages e Ivan Alves.

WF - ...Ivan Alves. Ele mostra aqui num quadro, exatamente esse crescimento naqueles deputados federais e deputados estaduais, desde de 46.

CF - Certo.

WF - (muito ruído) (???) em 1900 e...

CF - 62.

WF - 62. O PTB tinha...

CF - 33%...

WF - ...33% da Câmara dos Deputados. 1/3 da Câmara era trabalhista. É justamente isso um dado do Tribunal Regional... (ruído). Isso aí é... amedrontava muito os interesses estrangeiros no Brasil, porque havia uma tendência em defender o patrimônio nacional contra a colonização estrangeira. Porque na verdade, é... o que existiu no mundo nesses séculos todos foi um sistema

de exploração dos países colonizados. O Brasil era uma colônia até pouco tempo. Era uma colônia portuguesa suavizando, mas ele era uma sub-colônia inglesa, essa é que é a verdade. Porque Portugal era de certo modo também, uma colônia da Inglaterra. O fato é que o que se discute no Brasil, no mundo hoje, é a maneira de substituir. A guerra mostrou que a ocupação territorial ela já era ineficiente, então mudou-se o sistema de colonização. Continua a mesma coisa só sob outro nome. Fizeram países independentes, do ponto de vista político, mas do ponto de vista econômico inteiramente dependente da metrópole. Isso foi a partir de 45. E agora o que se tenta com a globalização e com o chamado neo-liberalismo, que é uma múmia de 300 anos vestida de hipocrisia da cabeça aos pés, (risos) na verdade, e o que se pretende com isto é prolongar essa fase de exploração com outro nome. É continuar colonizando o país com outro nome. Então, nós tínhamos uma política anticolonialista por defesa. E com dificuldade de pôr em prática porque nós éramos minoritários. Nós fazíamos acordos aqui e ali e fomos crescendo. E o crescimento tava de tal ordem – como se vê por aquele quadro – que põe em risco aquilo que estava estruturado como uma coisa definitiva e da qual uma pequena elite nacional tirava um grande proveito. Eu acho que isso aí acelerou o processo da derrubada do poder em 64, isso aí mais do que qualquer outra coisa. Foi o problema das reformas e sobretudo desse crescimento, porque...

AB - O crescimento do PTB.

WF - ...na sessão lá da Câmara, (???), os inquéritos feitos pelos órgãos... da ocasião de 64, onde a política do governo tinha o apoio maciço da população. O que havia realmente era um processo de... subversão dentro das Forças Armadas, comandada de fora, apoiada de fora. Mesmo nessa eleição na qual nós fizemos 33% da Câmara, havia 120 deputados financiados pela Embaixada Americana. Isso dito pelo embaixador Lincoln Gordon em reportagem publicada, acho que na Manchete – mas não posso afirmar com certeza – mas é na Manchete ou no Cruzeiro, mas acredito que foi na Manchete se não me falha...

CF - 127?

WF - 120 deputados financiados pela Embaixada Americana. E perguntado ao Lincoln Gordon quanto ele tinha gasto nesse financiamento, ele disse: “Não me recordo, mas foram mais de 5 milhões de dólares.” Ele disse. Pois bem, abriu-se um Inquérito pra apurar isso porque havia um Instituto das (?) Democráticas, presidida pelo deputado João Mendes, que... oferecia esses recursos e lutava pra impedir que essas reformas fossem levadas adiante. E... feito o Inquérito, verificou-se realmente que houve esse... esse... esse apoio financeiro conduzido abertamente pela Embaixada Americana, não era nem por empresas estrangeiras no Brasil, era a Embaixada. Pelo Próprio Lincoln Gordon. E... tanto que houve na ocasião, um Inquérito e nesse inquérito apurado isso, houve uma pressão militar pra que se fechasse o Congresso. Um Congresso que tem 120 deputados financiados pelo governo americano, tem que fechar. A lógica era essa. Mas como tínhamos ganho a eleição e a tendência era que em 66 nós fizessemos a maioria do Congresso, na Câmara dos Deputados sobretudo e que as reformas tivessem uma oportunidade de... de serem implementadas, porque era isso que o Jango pedia, ele lutava com o Congresso que era reacionário e conservador. Havia um conflito entre o Executivo e o Legislativo...

Fita 10 - Lado B

WF - A tal ponto que o comício de 13 de março de 64, era um comício pra chamar atenção do

Congresso para a mensagem que o presidente tava enviando através do chefe da Casa Civil, que era o professor Darcy Ribeiro, ao Congresso sobre isso. Colocando a responsabilidade da realização das reformas sobre os ombros do Congresso. Porque depois de 2 anos de conflito, tava na hora do Congresso assumir suas responsabilidades perante à história. Era como se colocava a mensagem do presidente. O comício foi só pra isso. Teve aquela demonstração toda de força, mas na verdade ele visava, e foi isso que o presidente disse e foi isso que ele escreveu na própria mensagem, da disposição das pessoas em... é... E isso foi deformado pela mídia e transformado num caso..., mas nós não estávamos preocupados, porque nós tínhamos força popular e tínhamos força militar também. Aconteceu uma série de... de... circunstâncias que se casaram no sentido de propiciar aqueles acontecimentos de 64. Eles aconteceram, o governo foi deposto, tudo isso foi paralisado. E o governo adotou uma política inteiramente diferente daquela que nós preconizávamos. Mas é preciso esclarecer que, embora as Forças Armadas fossem expurgadas, é muito difícil é, impedir que as forças Armadas sejam nacionalistas e que use a mesma linguagem portanto, quer esteja à direita, quer esteja à esquerda do (?). Quer dizer, não há nada tão parecido com a defesa que um oficial de esquerda faz do nacionalismo como um oficial de direita. São exatamente as mesmas palavras, é a mesma postura, compreendeu? Não há diferença nenhuma. A questão se refere ao problema dos privilégios e das desigualdades. Quer dizer, a esquerda defende que essa defesa do patrimônio nacional não contribui pra aumentar a desigualdade, mas ao contrário pra diminuí-las e a direita em geral, ela defende ao lado disso privilégios internos, que nós como (?) não concordávamos. Então, as nossas divergências eram claras e absolutamente nítidas, não havia como escamoteá-las. É... havia nas Forças Armadas esse sentimento nacionalista, mesmo na direita! A tal ponto que o Castelo foi praticamente obrigado a aceitar a candidatura do Costa e Silva, imposto pelas forças nacionalistas de direita. Ele teve que... o sistema desandou... ele tava realmente abrindo as portas do país à intervenção estrangeira. É... aconteceu tudo o oposto, retomou-se o problema da política, da (?) das importações e do Brasil grande... aquelas coisas, num estilo... muito difícil de ser levado a cabo porque o apoio popular foi escasseando cada vez mais e ao final, o Figueiredo teve que reconhecer que tinha que abrir, porque era o Exército de um lado e a Nação do outro. Não havia como continuar nessa situação, ele então... Foi a declaração final do governo dele. É...

CF - Como é que o sr. viveu esse período, como é que ficou o Ministério nessa época de transição?

WF - Olha eu... eu fui a Porto Alegre com o presidente. Eu fui um dos ministros é... eu, o Oswaldo Lima Silva e o Amauri Silva, fomos os três ministros que fomos a Porto Alegre com o presidente. E chegamos lá na madrugada do dia... do dia... 2 de abril. Na madrugada do dia 2 de abril. E... lá numa reunião que se prolongou até o meio-dia, verificamos que não havia condições de, normalmente, de resistir, mas não por problemas internos, mas problemas externos. Que havia realmente uma ameaça de intervenção no país. O negócio do documento de (Austin?), a (operação Travessão?), os navios americanos já navegando em direção ao porto de Santos. A ameaça de... de declarar, reconhecer a beligerância de Minas e São Paulo. Tudo isso foi pesado nas condições. A divisão interna, porque nós nos encontrávamos (?) inclusive nas Forças Armadas, isso pesou muito na decisão do governo de evitar um derramamento de sangue que seria fatalmente desastroso pra nós. O ... o governo seria derrotado no último reduto comunista do país, que não era o nosso propósito entregar essa carta histórica à mão deles. Não era nada disso, porque não havia comunista no governo. Havia um governo propondo reformas estruturais que hoje estão na moda aí, só que não despertam o entusiasmo que despertavam em 64! Não se vê ninguém discutindo na universidade, nem na igreja, nem no Exército, nem no botequim, nem na rua, em parte alguma! Por quê? Porque o momento de reforma era aquele!

Hoje não é momento de reforma nenhuma. Hoje 80% da população que tava no campo pedindo reforma agrária tá na cidade! Inverteram-se os números, inverteram-se as situações. Então ninguém discute... (alguém entra) (pausa na gravação) ... Inverteram-se as posições e (telefone) as reformas não chegam a despertar o grande entusiasmo que despertou, que despertavam naquela ocasião, compreendeu? Então, uma das coisas que a gente nota é que o Fernando Henrique... não trata de reformas, ele tá cuidando de reformar a Constituição pra se reeleger, que é a coisa mais importante que tem no país hoje. E sem discutir o assunto, como eu falei. Ele não discute o problema, ele quer saber se quantos deputados vão votar a favor, quantos vão votar contra... e basta fazer, induzir a opinião pública e fazer uma enquete nacional como estão fazendo, aí não precisa fazer reeleição, não precisa fazer nada! Entrega logo o poder a ele. Porque hoje em dia não se... esta... a mídia tem um tal poder e esses institutos de pesquisa de opinião pública exercem uma tal influência, que se pesquisa a opinião pública, entrega o poder, não precisa de gastar com a Justiça Eleitoral porque, já que ele quer fazer economia, quer equilibrar o orçamento, pode acabar com a Justiça Eleitoral e etc. Porque não precisa, basta o ibope do (Montenegro?) e acaba com isso. É ou, não é? Resolve o problema. É uma caricatura de uma democracia, mas como nós já estamos habituados a isso há muitos anos, não há nenhuma dificuldade em aceitar mais um pouco disso, né? Até que aconteça alguma coisa de novo realmente no país. Bom, mas de qualquer modo...

CF - Vamos voltar um pouquinho, dr. Fadul. A gente tava falando de Porto Alegre, que o sr. foi a Porto Alegre com...

WF - É. Lá fizemos uma reunião. O general Ladário... era o ...

CF - Fizeram uma avaliação que não teriam condições...

WF - De resistir com... encontrando a paz dividida e sob ameaça de intervenção estrangeira sobre negócios internos, seria impatriótico tentar, atentando por uma questão de... de, por uma questão de vaidade ou de agarrar-se ao poder ou desconhecimento da realidade, tentasse, até de amor próprio, coisas sérias ou descartáveis ou não. O fato é que seria um desastre a resistência. O que eu quero ressaltar é que o único... que opinou pela resistência foi o governador Brizola. E... secundado pelo Ladário, mas com uma ressalva de que o Ladário não tinha condições de manter unidade no Exército do Rio Grande do Sul, ele dizia, mas que como militar ele preferia morrer no seu comando. Eu acho que é muito digna a posição dele, mas do ponto de vista político, ela não levava realmente a lugar nenhum. Embora a gente tenha que elogiar a posição digna do comandante do 3º Exército, a decência, o civismo dele, a bravura com que ele se portou na reunião, ele declarava abertamente que preferia morrer no comando do que aceitar a situação tal como ela estava. O presidente diante disso tomou a deliberação, nesse Conselho, tomou a deliberação de... de não resistir. E eu voltei... voltei pra... parece... aí houve uns incidentes, tive um incidente em São Paulo, ao meio-dia, quando o presidente tomou a decisão, me ofereci pra acompanhá-lo até o exílio. Ele foi e disse: “Não, eu aqui estou em casa. Vou ficar mais uma semana aqui depois é que eu vou pro exílio. (??) porque ninguém tem condições de mexer naquilo ali.” Eu falei então: “Bem, sr. presidente, eu queria então que o sr. me liberasse pra voltar.” Ele disse: “Você vai voltar?” Eu digo: “Vou voltar. Eu acho que, eu que não tenho os seus problemas, não tenho o cargo de presidente que é um impedimento para que eu fique no Brasil, tenho obrigação de responder pelos meus atos à frente do Ministério.” Porque senão fica fácil denegrir a reputação das pessoas... sem uma defesa, né? E peguei o avião da FAB, especial, eu e o deputado Paulo (Mincarone?) que é o ... tá vivo ainda... (??). O Amauri Silva. Amauri Silva. E eu acho que o deputado Oswaldo de Lima Filho também. Não me recordo bem do deputado Oswaldo, mas acho que sim. Mas num avião que ia direto de Porto Alegre pra Brasília

e foi pra isso que eu contratei o avião. Mas o avião pousou em São Paulo. Quando o avião pousou em São Paulo, eu percebi que havia qualquer coisa desagradável. Mas tudo bem, o piloto me disse que recebeu uma ordem pra pousar em São Paulo, ia reabastecer pra continuar pra Brasília. E eu desço do avião pra tomar um café com o Amauri. E quando eu chego no balcão, um (alcagüete?) da polícia de São Paulo, visivelmente um alcagüete, disse: “Ministro, (?) naquele cara ali porque aquele tenente – tinha um tenente do Exército com uns 5 soldados lá – veio pra prender o senhor.” E eu já estava algum tempo sem dormir, né, naquela confusão e me portei até um pouco grosseiramente, era justificável, né, o cidadão... E... e o Amauri ainda ficou meio assim e tal. Eu digo: “Não Amauri, nós voltamos de Porto Alegre pra ir pra dar uma, pra ir Brasília, não tem nenhum sentido fugir em São Paulo, nenhum sentido. E nem temos por que fazer isso.” Aí eu vi o sujeito dirigir-se ao tenente, o tenente deve ter respondido a ele que não tava ali pra prender ministro nenhum e tal. E eu me dirigi ao avião e aí, na porta do avião, esse mesmo sujeito que tinha me abordado no café, me disse que o avião estava interdito e não podia se decolar de São Paulo. Eu fui e disse a ele: “Então você diz ... ao seu patrão – que no caso era (Aldério de Moura?) – olha, diz ao general Aldério que eu não vou ser preso por uma polícia de bicheiro, vagabunda, como a do Adhemar de Barros.” Disse assim mesmo! “Se não aconteceu nada nessa Revolução pode tá certo que vai acontecer. Eu vou incendiar esse avião no aeroporto de São Paulo.” E bati a porta na cara dele, tranquei o avião por dentro e fiquei sentado dentro do avião. E lá fiquei até 9 horas da noite.

CF - E isso que horas eram?

WF - Eram 5 da tarde. (CF fala algo) Isso aí... aí cercaram o avião, tropa e tal, mas muita gente também, muita gente, deputados que eu vi lá e... lá de dentro do avião. E aquele mundo de pessoas acenavam pra mim. E foi televisionado inclusive, quer dizer, eu não conheço, mas vocês podem na época, até passou na televisão aí e tal. Então deve ter algum...

CF - Deve estar registrado.

WF - ...deve ter alguma coisa. Os jornais publicaram. Houve esse incidente, eles diminuiram o incidente porque (ri) era o primeiro grande incidente que ia acontecer, né, era esse. E eu me tranquei no avião e fiquei lá dentro. Acendi um cigarro, coisa que é proibida, porque o avião tava já reabastecido, fiquei fumando lá dentro. Bom, quando foi lá pelas 7 e meia da noite, bateram no avião, eu olhei era o general Krueel, que comandava o 2º Exército em São Paulo. E o Krueel era muito meu amigo, pessoal, com quem eu mantinha relações e continuei mantendo, mesmo depois de 64. Relações bastantes cordiais e ele sempre foi muito cordial comigo, nunca... Tivemos bastante... em alguns momentos, uma certa influência em certos problemas, nós divergíamos em certos casos, mas quanto à forma de fazer e aos objetivos em si – alguns que eu vou até contar porque... mostram bem o caráter do Jango como presidente democrata, que jamais permitiu que se fechasse o Congresso – Então o Amauri bateu, eu abri a porta pro Amauri, o Amauri entrou, disse: “Pôxa, o que é que tá acontecendo aqui? Tô chegando do Rio de Janeiro e encontrei a minha mesa em polvorosa lá localizei, porque o (Aldério?) me telefonando que tinha um deputado aqui...”. Conteí a história a ele, né? E falei: “Qual seria o seu procedimento nesse caso?” Ele falou: “Mas isso é uma bobagem. Você... (??) que é isso e tal...”. Aí entrou o secretário do Aldério pra me pedir desculpas. E eu fui e recusei, não aceitei. E dei um recado que não era um recado de uma pessoa delicada, mas dei. E na frente do Krueel. (ri) E o Krueel então entrou no avião, eu me despedi dele. Aí o pessoal, os... os que não estavam no avião entraram e nós viajamos pra Brasília e chegamos em Brasília às 2 horas da madrugada do dia 3. Havia uma pessoa esperando no aeroporto. Era o deputado José Aparecido (??). Por isso é que eu guardo José Aparecido sempre. Não por essa razão tão somente, mas por esse fato

significativo eu guardo dele assim uma impressão muito favorável. Tenho sido amigo dele há longo tempo. Nós não temos nos encontrado ultimamente, mas houve uma época em que toda semana eu almoçava na casa dele, trocando idéias e tal. É... e lá eu li a bordo do avião, enquanto esperava, aguardava os acontecimentos, eu li um discurso do Carlos Lacerda na televisão, no qual ele dizia que eu e o João Goulart éramos sócios numas terras compradas com dinheiro do Banco do Brasil, lá em Mato Grosso. Eu fui, antes de fazer qualquer coisa, sentei na minha mesa e redigi um telegrama ao Carlos Lacerda, nesse termo. Tá publicado nos jornais do dia 4 de abril de 64. Quer dizer, isso é de 4 de abril, três dias depois do golpe! Quer dizer, não é de hoje. Hoje é muito fácil falar do golpe, o diabo a quatro. Mas naquela ocasião não era tão fácil assim. Então, passei o telegrama: “Sr. Carlos Lacerda, Palácio da Guanabara, Rio de Janeiro. Li no Correio da manhã de ontem... é... suas declarações na televisão no Rio de Janeiro. Não devo, nunca devi, um centavo ao Banco do Brasil com o qual jamais transacionei. Você não dirá a mesma coisa a respeito dos seus negócios. – Ele devia 35 milhões ao Banco do Brasil da Tribuna da Imprensa e nunca pagou até hoje. – (risos) Você não dirá a mesma coisa a respeito dos seus negócios. Proíbo-lhe de se meter na minha vida particular.” E assinei embaixo e mandei. E distribuí as cópias no dia seguinte pra todos os jornais do país. Todos os jornais publicaram o meu telegrama. Aí é que eu percebi que o Carlos Lacerda tava morto. Porque o primeiro telefonema que eu recebi foi do Pedro Aleixo. Dizendo assim: “Dr. Fadul, vou lhe dizer uma coisa, eu sempre tive pelo sr. uma boa, uma grande impressão, sempre fomos amigos e tal, mas o seu telegrama é uma coisa definitiva. Quero lhe dar o meu abraço.” Ele era o líder do Castelo, ia ser o líder porque ainda não era. O Castelo foi eleito alguns dias depois. Ele ia ser o líder do Castelo Branco na (Câmara dos Deputados?). Vindo do Pedro Aleixo esse telefonema, me pareceu... me pareceu, já na hora, que o Carlos Lacerda era uma carta fora do baralho no quadro de 64. Esse episódio é apenas pra...

CF - Não, é interessante!

WF - ...pra.... São coisas que eu faria nas minhas memórias, mas que fica aqui um pouco na memória...

CF - Depois o sr. vai contar nas suas memórias.

WF - (falam todos ao mesmo tempo) (???) ...São fatos que também tão nos jornais, vocês podem... são fontes que vocês podem consultar. Eu não tenho cópia disso aqui, mas tô citando a data porque me lembro que os jornais, eu li nos jornais dia 4, dia 4 de abril. Eu no jornal do dia 4 um telegrama, um telegrama que eu tinha passado pros Carlos Lacerda. Como tinha lido no dia 2... é 2 à tarde, né?

CF - E como é que foi, dr. Fadul, esses outros dias que se seguiram...?

WF - Bom, eu aí me desinteressei muito pela coisa porque eu vi logo que... Aí houve um episódio engraçado. Eu tinha conversado com o Jango que se houvesse uma eleição no Congresso, nós iríamos eleger o general Kruel. Porque não só ele tinha sido ministro do Jango como tinha sido chefe da Casa Militar do Jango, como o Kruel era um general... polêmico no Exército e que não tinha o apoio do Exército totalmente, tinha grandes áreas de apoio, mas não tinha o apoio da maioria do Exército. E essa divisão, ele eleito pelo Congresso, se fosse o caso, isto aí – como estava se dizendo que ia acontecer – isso aí permitia que o poder civil se engajasse de tal modo, a administrar de uma maneira ou de outra, o processo político. Era esse o objetivo. E com esse objetivo, o Juscelino foi consultado, concordou, desde que o Amauri tivesse força pra tomar posse. E consultado o Amauri, o Amauri tomaria posse com o apoio do Adhemar de

Barros em São Paulo e ninguém ia querer outra guerra entre as forças vitoriosas nessa altura, ninguém. E eles iam aceitar, a eleição pelo Congresso. Mas é porque a ditadura no Brasil sempre teve vergonha de dizer o próprio nome, né? E ele queria o (??) do Congresso Nacional pra dizer que era a ditadura legalizada. Essa é que é a verdade. Então, não queriam fechar o Congresso. Sempre tiveram pavor. Até porque é da tradição militar é... ser legalista. Sempre, sempre foi legalista. Muito... muito... Na história do Brasil, a legalidade sempre teve uma grande importância. Como foi o caso de 61. A chave da campanha de 61, que o Brizola desencadeou no Sul era a campanha da legalidade. Todo oficial é legalista por definição. Ele defende as instituições e o poder constituinte. Então, é... o Juscelino, de repente o Juscelino chega em Brasília apoiando o Castelo Branco. E aí eu tive realmente o dissabor de ter o único atrito na minha vida com o Juscelino, do qual resultou o fato de eu nunca mais ter falado com ele. Fiz uma visita a ele quando ele estava... foi intimado a depor aqui na T.E. Eu fui lá com o Edmundo Muniz e o brigadeiro Teixeira, até pra demonstrar a ele que o que tinha acontecido não tinha a menor importância. Fui levar a minha solidariedade a ele e ouvi-lo sobre o que tinha acontecido, se tinha alguma coisa que a gente pudesse fazer, esse tipo de coisa era muito difícil. Ele chegou apoiando o Castelo e eu disse a ele: “Presidente, eu estou... o Kruel está vitorioso, tava vitorioso, como apoio do PSD evidentemente... E não tô entendendo porque o sr. de repente apoia o Castelo. O Kruel lhe permitiria muito melhor espaço pra manobrar politicamente.” Ele foi e disse: “Não, você está um pouco apaixonado.” Eu fui e disse a ele: “Presidente, eu não estou apaixonado. Vou lhe fazer uma profecia. O meu mandato de deputado federal eu vendo a hora que eu quiser. Tenho até comprador já. Mas o seu mandato, mesmo o sr. querendo vender, o sr. não consegue. Porque o seu mandato é de presidente da República. O sr. é uma pedra, é um obstáculo no caminho dessa ditadura que está sendo no país. O sr. será removido antes de mim.” Eu não... não tenho nenhum orgulho de ter acertado, viu? Porque ele foi cassado um mês antes de mim, em maio de 64.

CF - E como é que o sr. explica essa atitude dele? O que o sr. acha?

WF - Só tem uma explicação que não tá na história. Eu sou das poucas pessoas sobreviventes que conhece isso. O caso... – vou tomar tempo de vocês – eu...

CF - Não, (?), né?

AB - O sr. vai dar tempo pra história, é diferente. (ri)

WF - O ... o Castelo Branco era um homem muito ligado ao Negrão de Lima, porque a dona Argentina, a esposa do general Castelo Branco, era afilhada do Negrão. E o castelo sempre foi um general legalista, um homem com um certo preparo no meio de oficiais que não se preocupavam tanto com a cultura. Ele não era lá essas coisas de importante, mas era, no meio dele, uma pessoa de certo nível intelectual. E o Castelo não tinha um bom nome entre alguns oficiais do Exército. Inclusive com o Kruel, com quem ele brigou lá na guerra. Lá na Itália. E ele tinha, ele era olhado com um certo, um pouco maquiavélico e um homem de atitudes dúbias. Tô falando de história. Mas a ligação dele com o Negrão e o Negrão muito ligado ao Juscelino, aproximou o Castelo do Juscelino quando o Juscelino tava no poder. E aconteceu então um fato – pra demonstrar isso – aconteceu um fato interessante. Quando o general Lott levou a lista de generais de brigada que podiam ser promovidos a general de Divisão, ele apresentou a lista ao Juscelino e disse: “Presidente, (campanha) aqui tá a lista de generais que podem ser promovidos. O sr. promove... pode promover qualquer um. Todos estão em condições de serem promovidos. Eu lhe aconselho apenas a não promover esse que tá aqui.” E apontou o nome do general Humberto de Alencar Castelo Branco. O Juscelino disse assim... – Vamos tomar café,

né? – aí o Juscelino disse assim: “Mas ele apoiou a minha posse.” Querendo justificar. E o Lott disse a ele: “Não, sr. presidente, ele não apoiou a sua posse.” Aí o Juscelino meio assim... desconfortável, né? Disse assim: “Mas ele é meu amigo.” Ele foi e disse: “Presidente, também ele não é seu amigo. Ele é um mau caráter.” Assim mesmo.

CF - Falou diretamente com ele.

WF - “Ele é um mau caráter. Agora, o sr. é o presidente da República e promove quem o sr. quiser.” Bateu continência e se retirou. Se retirou e o Juscelino promoveu o general Humberto de Alencar Castelo Branco. Lá pelo dia 4 ou 5 de abril, que eu tava chegando lá de fora, depois de ter acertado o apoio ao Krueel, o Juscelino desembarca dia 8, então entre o dia 4 e 8 houve uma reunião da qual me contou os detalhes o... o Renato (Archer?). A reunião foi na casa do deputado Joaquim Ramos, irmão do senador Nireu Ramos, já falecido e que foi presidente da República no intervalo entre a admissão do Carlos Luz e a posse do Juscelino. Ele era o presidente do Senado e ele portanto assumiu o governo. E era um homem muito sério e respeitado. E o Joaquim era um deputado também muito querido na Câmara, um homem de muitas qualidades pessoais. E fez uma reunião na casa dele a pedido, a qual compareceram o... o Amaral Peixoto, é... alguns próceres do PSD, cujos nomes eu não tenho... – mas o Renato citava todos – e o Negrão de Lima e o Castelo Branco. E o Juscelino chega na reunião, a reunião era pra ouvir o Juscelino. E quando ele chega, o Castelo levanta-se – isso o Renato me contou nos detalhes – abriu os braços e disse: “Meu presidente, eu lhe devo ainda o estar na ativa.” Referindo-se à promoção, senão ele tinha ido pra reserva na ocasião. E o Juscelino... o que devia estar mais ou menos combinado, né, o Negrão já tinha certamente acertado as coisas e aí o Juscelino se senta e o Castelo Branco diz o seguinte, que ele não gostaria, não queria ser presidente, mas os seus colegas de farda queriam fazê-lo presidente da República, mas ele só aceitaria o cargo se o Juscelino o apoiasse. Aí é um pouco de esperteza porque sem o apoio do Juscelino do PSD não se elegia, tinha que tomar pela força e pela força ele não podia porque havia certos compromissos no Exército que nenhum general pleitearia a presidência da República. E o Juscelino foi e fez duas perguntas a ele: se ele respeitaria o calendário eleitoral e daria posse aos eleitos. O Juscelino só pensava na reeleição dele também. (risos) Aí o... – nesse momento pelo menos, né? – aí ele foi e disse assim, levantou-se, abriu os braços teatralmente e disse assim: “Ponto de honra do meu governo.” Textual. Aí o Juscelino se deu por satisfeito e chegou em Brasília... “Tendo um amigo na presidência da república, amigo do é... cuja mulher – já falecida – era afilhada do Negrão, que é meu contraparente, é... ligado por parentesco...”, eu acho. Ele chegou lá todo satisfeito que era o presidente... já tinha sido lançado candidato pelo PSD e o Lacerda pela UDN, ia se bater com o Lacerda, ia ganhar as eleições. Chegou lá, por isso que ele fez! Eu não conhecia, quando eu falei com ele na minha... quando eu profetizei a cassação do mandato dele, eu não conhecia esse episódio. Não conhecia! Porque se passou entre o dia 4 e o dia 8 de abril essa reunião. Mas eu tô contando só pra mostrar o caráter do Castelo. Mas pra completar tudo isso, pra não dizer que é apenas... seja maledicência, uma leviandade... de um homem que tá morto, que não pode se defender, não é, eu gostaria de citar um encontro na casa do Negrão de Lima, posteriormente, quando o Negrão se candidatou a governador da Guanabara.

Fita 11 - Lado A

CF - Pronto, pode falar.

WF - Aí quando houve a sucessão aqui na Guanabara em 65, o nosso candidato era o Lott que foi vetado pelas Forças Armadas porque inclusive baseado no fato de que ele tinha transferido o título pra Teresópolis. Até aí tudo bem. Então nós quisemos indicar o Hélio de Almeida, também não conseguimos. E então, como nós sabíamos que o Castelo não vetaria o nome do Negrão, e o nosso objetivo era derrotar o Carlos Lacerda aqui na Guanabara, que era o pivô de toda aquela confusão, nós propusemos o nome do Negrão. E houve, não por mim, mas certamente por algumas forças que atuavam nos dois lados, um acordo. O Negrão foi apoiado por nós da oposição e pelo governo Castelo Branco. Então foi uma facilidade fazer o comício, embora no cais do porto o (talarismo?) gritasse: “Abaixo a ditadura!...” O pessoal do SNI não dizia nada, (risos) ficava quieto, engolia em seco e as coisas continuaram e o Negrão... Mas o Negrão tinha uma explicação a nos dar ou achou que tinha, por que o Castelo cassou o Juscelino em maio porque foi, a minha conversa com o Juscelino foi... na 1ª década de abril, em maio ele é cassado... não é, alguma coisa de estranho tinha ocorrido e o Negrão tinha que explicar isso. Então o Negrão reuniu na casa dele que é... aquele edifício “Garça Branca” que tem ali na esquina da Saturnino de Brito...

CF - É, na Lagoa.

WF - ...com a Lagoa. Era uma casa, casa cor-de-rosa que era a casa do Negrão. Naquela casa – ainda não havia o edifício – ele reuniu as pessoas mais graduadas do PTB, entre as quais ele me incluiu não sei por que razão, o Doutel de Andrade, o Talarico – que tá vivo, vocês podem até perguntar a ele – tava a Ivete Vargas, eu me lembro e tava também o Reinaldo esse que é... Reinaldo Santana, que é do Tribunal de Contas. Ou foi ministro ou é ainda se não tá aposentado. Não sei se Braga... É, um ministro do Tribunal de Contas. Tinha umas 15 pessoas. E no meio dessas 15 pessoas ele conta a seguinte história: “É, o Castelo não ficou muito bem no episódio da cassação do Juscelino...” Não se referiu aos compromissos anteriores. “Mas ele não ficou muito bem. Porque quando correu o boato que o Juscelino seria cassado e o Juscelino correu pra fazer um discurso no Senado é... de despedida e tal, eu fui ao Castelo. Eu fui ao Castelo e disse: “Castelo, você não pode cassar o Juscelino. Você vai ficar muito mal perante à história se o fizer.” E o Castelo me disse o seguinte: “Ora Negrão, não existe nada contra o Juscelino. Se houvesse você seria a primeira pessoa a saber.” (ri) Isso o Negrão dizendo na minha frente que eu ouvi! Isso aí ninguém me contou! “Aí eu me retirei do Palácio certo de que realmente não haveria nada, ele me disse que se houvesse alguma coisa eu seria a primeira pessoa a saber. Alguns dias depois o telefone tocou na minha casa. Às 5 horas da tarde e a Ema – a senhora dele, dona Ema – atendeu o telefone, então era o Castelo Branco – Eu não tô... o...o...o... ele Negrão, contando, eu tô entre aspas. Eu tô (só contando?) entre aspas. – “O Negrão está?” “Está no jardim vou chamá-lo.” Ele disse: “Não precisa. Diga a ele apenas que eu telefonei.” E desligou o telefone. E às 6 horas da tarde, uma hora depois, a Rádio Nacional deu a cassação do mandato do Juscelino.” Isso foi o que o Negrão contou. Que a história combina, da cabeça aos pés, do princípio ao fim. Não há a menor...

CF - Coerência. Tá totalmente diferente.

WF - ...coerência. Por isso que eu tô contando a história toda, senão ninguém vai entender nada. Se eu disser uma coisa e não disser outra... Acho que eu sou um dos poucos detentores dessa, desse episódio. É... o Renato morreu recentemente, o...o... o Edmundo que conhece esse assunto tá praticamente em coma... acho que ainda fala, mas tá muito mal. O Teixeira que conhecia bem, o brigadeiro Teixeira já morreu e não sei se o Joaquim Ramos... acho que tá vivo ainda. O Joaquim tá vivo.

CF - E o sr. chegou a encontrar com o Juscelino depois disso, não?

WF - Só uma vez. Depois do episódio, o Juscelino ficou com raiva de mim depois daquela profecia, né, evidente. Ele nunca mais falou comigo. Quando ele foi preso aqui, que ele teve que depor na polícia, depois de cassado e tudo, eu, o Teixeira e o Edmundo fomos na casa dele, ainda na Vieira Souto. E na biblioteca dele eu me encontrei com ele pela última vez. Ele me recebeu de certa maneira, muito protocolarmente, o que era perfeitamente compreensível e justificável e o Teixeira falou por nós todos que estávamos ali prestando solidariedade a ele naquele episódio e tal. E aí em seguida trocamos duas palavras sobre a realidade nacional, ele falou um pouco, nós falamos também um pouco, nos despedimos e eu nunca mais o vi.

CF - O sr. não chegou nem a conversar com ele sobre esse episódio, nem chegou a falar nada, soube disso depois, né?

WF - Não, não. Não porque, nem ele falaria...

CF - Aí é uma situação...

WF - ...nem ele falaria, nem esse episódio ficou público. Porque... esse episódio é ruim pra todo mundo. Não é um episódio...

CF - Não, eu falei no sentido do Juscelino discutir com o sr. sobre a cassação dele, já que o sr. já tinha, né, falado...

WF - Não, aí ele realmente, o Juscelino já tava preparando a *rentrée* dele, é... através do Magalhães Pinto, já nessa altura ou agora no final da vida, às vésperas dele morrer, ele estava envolvido em grandes atividades políticas e tinha feito um filme pra lançar o Magalhães presidente da República. Filme que eu assisti. Ele abre o filme – eu assisti no Banco Nacional. É convidado pelo José Aparecido, fui lá eu, o Franco de Oliveira, o José Aparecido, os dois filhos do Magalhães estavam presentes. Só nós. E aí num salão lá no Banco Nacional exibiram o filme, em que o Juscelino abre elogiando o Magalhães e fecha elogiando o Magalhães. É a vida do Magalhães. E aí, um dos rapazes, esse, o Marcos ou o outro, não sei acho que foi o Marcos, disse pra mim: “Nós estamos fazendo aqui porque o velho, sabe como é, teve uma vida muito intensa e nós estamos aqui, de certa maneira, comprovando a biografia dele através dessa...” Era uma maneira de me dizer: “Tamos preparando a candidatura do Magalhães Pinto em plena ditadura...” ficava difícil, né? Mas de qualquer modo eu entendi que era uma preparatória. Porque o Juscelino abrir e fechar o filme, o filme existe, deve estar no Banco Nacional, mas o Aparecido tá aí pra testemunhar isso. O Franco eu acho que já morreu. O Franco, ele era uma belíssima pessoa. Mas esse filme deve existir porque eu o vi. Não sei como desapareceu. Então até o Juscelino estava envolvido nessas questões, ele não ia nunca dizer pra mim que eu tive razão naquele episódio. Ele deve ter se arrependido amargamente. Mas se ele não falou, falou o Negrão por ele nessa reunião na casa dele... (CF fala ao mesmo tempo)

CF - Sim, (?) uma satisfação, deve ter ...

WF - Ele foi ter que dar uma satisfação de como é que foi a cassação do mandato do Juscelino. Na suposição de que nós todos não conhecêssemos o episódio é... da casa do Joaquim Ramos. Na verdade, não só eu conhecia como o Ulisses conhecia, eu acho que o Ulisses tava presente também, como o Renato tinha detalhes que lhe tinham sido passados pelo Pacheco Chaves que eu acho que também estava na reunião, ele passou ainda os detalhes inclusive dos gestos do

Castelo, etc e tal. E o Kruel que tinha com o Castelo profundas divergências e o próprio Costa e Silva que fez o Castelo engolir a candidatura dele num episódio muito... muito trêmido... muito pitoresco, né? Que tá em parte narrado no livro do Chateau do Nelson. Em parte, porque a outra parte o Nelson ou não conhece ou não tinha porque narrar no... no... na biografia do Chateau, um episódio que envolvia terceiros e outras pessoas. Ele narrou parte do episódio. Ele narrou o Costa e Silva naquele episódio, foi que impôs a candidatura – isso ele não diz lá – impôs a candidatura dele ao Castelo e o Castelo (telefone) teve que reverter todo o processo. Afastando o pilar (???) Oswaldo Cordeiro de Faria, que eram contra a candidatura do Costa. E ele não pôde... ou ele ia ser deposto naquela ocasião, naquele episódio do Chateau, tá narrado no livro do Chateau ou ele aceitava a candidatura do Costa. Ele aceitou a candidatura do Costa, teve que aceitar. Como aliás um... um aspecto interessante dessa ditadura militar, é que eu sempre disse que em política você não deve expurgar os adversários do partido. Porque a coisa mais confortável pro político é ter 51% das assembleias. Quando ele tem 80, 90%, ele tá em véspera de cisão. (ri) É impossível comandar todo mundo naquele barco, então... o melhor é 51% porque você ganha tudo e não perde nada e não tá ameaçado de nada. (risos) Então, esse... esse... essa coisa de unanimidade é terrível! Não é só burra não, é além de burra ela é inconveniente. Ela é politicamente um desastre! Eu sempre fui a favor de 51%, nada de mais do que isso, porque 51% é o suficiente pra ganhar e não põe em risco a unidade desse grupo. Porque se o sujeito passar perde as condições... Ao passo que com 90% você pode ficar com uma coisa do mesmo tamanho que a outra, pra disputar o poder. Então quando ele passa de 60% já tá preocupado porque já tá crescendo demais, não deve tá bom, né? São coisas que a política me ensinou e de certa maneira eu comprovei isso... a vida inteira. No caso do Exército, quando ele expurgou o pessoal, ele criou a outra divisão lá dentro, do (trupier?) que era o Costa e Silva e dos intelectuais, generais datilógrafos como o Castelo e o Golbery, etc. Eles se chamavam de generais datilógrafos pra se distinguir como generais intelectuais do resto da tropa, que estavam acostumados a andar a cavalo como o Figueiredo e outros mais. Mas esse pessoal trupier era muito sensível ao nacionalismo. No caso do Costa, até por habilidade e por esperteza, o Costa começou a levantar o Exército contra a política do Roberto Campos que era uma política entreguista. Do Roberto Campos. E isso persistiu até o fim da ditadura. A unanimidade gerou a luta dos ministros da guerra contra os presidentes da República, que veio culminar com a deposição do... do (?) no episódio do gás. E que só não se prolongou no governo do Figueiredo porque o Figueiredo quando se recusou a... ele recuou no episódio do Riocentro e outros episódios também. Justamente porque se ele insistisse ele corria o risco de que essa cisão eh... de novo se tornasse uma ameaça à estabilidade do próprio poder. Isso é uma observação minha do quadro que eu acompanhei de perto ao longo desses (50 anos, 40?) anos, sei lá, perdi até... (risos)

CF - Dr. Fadul, como é que foram esses meses que o sr. tava cassado...?

WF - (ao mesmo tempo) Não, na Câmara eu não fiz nada. Eu fiquei na Câmara o seguinte, muito constrangido porque qualquer tenente que chegava na Câmara fardado, a Câmara parava de funcionar pra perguntar o que é que havia. Era uma situação inteiramente anormal, né? É... tinham cassado cerca de, logo de saída, 70 deputados do partido, do PTB. Que era um partido que eram nacionalistas como o (Almir?), figuras muito importantes da política nacional. Que foram cassadas porque tinham convicções, ideologia, não era por... estar envolvendo tudo em negócio de corrupção, não sei quê... (?)... Havia, os corruptos ficaram lá. Todos! Negociaram os mandatos, ficaram. Os outros não, os que eram na sua imensa maioria, pessoas como (Almir?) Afonso, um deputado respeitável, operoso, decente. Foi líder da bancada, foi ministro do trabalho. Mesmo que ele se opusesse às vezes ao Jango, divergiam, o Jango era um sujeito muito generoso. Aceitavam as divergências com facilidade. E... ele era um sujeito muito

correto, o (Almir?). Fez um discurso agora (de saudação ao Jango?) lá no Senado.

CF - Foram 60 deputados...

WF - Foram do partido, foram 70 deputados do partido cassados. Porque era a grande bancada de esquerda mesmo na Câmara que operava na área de esquerda do parlamento, era a bancada do PTB. Em torno dela girava a Frente Parlamentar Nacionalista, que era muito... tudo girava em torno disso. O programa de reformas girava em torno desse grupo. Eu não fui cassado porque eu tinha uma grande implementação, você vê, com o próprio Pedro Aleixo, na UDN. Eu não era um homem de plenário, orador não. Raramente ocupava a tribuna. Fazia coisas! O dia inteiro cuidava de política. Sabia de tudo que se passava no parlamento. E era muito discreto e me dava com todos os deputados da oposição. Alguns eram meus amigos muito chegados, como o próprio Pedro, né? Como o próprio Pedro Aleixo. E...

CF - E isso permitiu que o sr. pudesse ficar... (???)

WF - Não. Eles tinham um grande respeito. Porque minha luta tinha sido muito árdua. Negócio da indústria farmacêutica, esse negócio da... teve uma grande repercussão. As reportagens do final do ano de 63 me davam como o melhor ministro da Saúde que tinha passado pela saúde, em todos os tempos! Compreendeu? Todas as reportagens... coisa que eu nunca me interessei, nem guardei, nem nada. Eu me lembro de manchetes e fotografias em jornal e laudas e tal e coisa, que eu nem me lembro quem fez, nem nada. Me davam, e eu tinha uma grande posição e tinha um bom conceito como deputado. Conceito muito forte, sabe? Muito... e me honrou sempre muito isso. Até hoje sou muito respeitado. O José Fragelli que foi governador, foi meu colega na Câmara, foi governador do estado durante a ditadura, em Mato Grosso, ele sempre diz que o melhor deputado da bancada era eu. Dizer isso de um adversário, que ainda por cima participou da revolução de 64, quer dizer, é insuspeito, compreende, insuspeito, né? Mas eu era um deputado que era operoso, eu trabalhava, eu agia. E quando precisava falar eu falava. Mas nada daquela coisa do exibicionismo que é muito comum na Câmara, né? E que é a exposição na televisão, na Câmara é a mesma coisa. O cara vai pra tribuna da Câmara tá exposto... como uma vedete, digamos assim, (são apenas as qualidades e as vedetes exibem as que têm?). E o deputado também, alguns deputados são brilhantes realmente, né, mas são poucos. Uns na oratória, outros são combativos na solução de problemas e talvez até mais úteis, não é? Mas de qualquer maneira a Câmara é um conjunto de personalidades diferentes, que sobressaem uma num setor, outra no outro setor. Eu tinha essa capacidade de, de repente me assenhorear de um problema da maior importância nacional, sabia a posição de todo mundo. O Tancredo gostava de me receber, à noite, pra eu contar o negócio, e eu não tinha muito tempo, nesse tempo eu era muito jovem e tinha meus... meus deslizes, digamos assim, (risos) que... de rapaz, embora já estivesse casado... E o Tancredo mandava me chamar pra saber como é que andava... Quando ele era 1º Ministro, o Mauro Sales que tá vivo, me contou outro dia, um episódio engraçado. Ele chegou lá... eu cheguei na... Chegou um deputado lá e ele se anunciou e ele mandou subir porque lá na Granja do Ipê, né, onde morava o 1º Ministro, era a residência oficial do 1º Ministro, Tancredo 1º Ministro, chegou o deputado, telefonou lá pra cima e o Mauro que era o secretário particular do Tancredo, mandou subir. E quando o deputado saiu uma hora depois, o Tancredo ficou zangado com o Mauro: “Já falei com você, não deixa ninguém subir, não quero falar com ninguém! Eu tô ocupado...!” E o Mauro ficou chateado com a história. Aí chegou eu, 8 e meia. (??). Cheguei e disse pro Mauro: “Mauro, avisa pro Tancredo que eu tô aqui pra dar uma palavrinha com ele.” Aí o Tancredo... o Tancredo... mandou subir... Não! Aí foi mandou subir. Ele disse: (risos) “Vou levar outra espinafração por causa disso.” Aí eu cheguei e sentei e, eu tava com pressa porque tinha um encontro às 9 e pouco, 10 horas. Eu tinha que jantar,

porque eu fazia um pequeno cerimonial, né? (risos) Aí disse assim pro Tancredo: “Tancredo, o negócio é o seguinte...” Aí expliquei a situação como é que estava. Um assunto que ele tinha me pedido pra ver no governo. Eu trabalhava nesse sentido, quer dizer, fazia isso, era muito amigo do Santiago, (???) a carta do Santiago. Tinha essa capacidade de ação, né, e de mobilizar pessoas e de fazer o meu discurso na hora certa sobre um tema... que não atritasse, digamos assim, né? Não gosto de ter atrito. Aí é que me pai tem uma influência sobre mim muito grande. Aí, o Tancredo chegou, me recebeu e falou: “Não, vamos tomar um whisky e tal...” Mandou trazer um whisky. (ri) E eu falei: “Não, mas eu não quero demorar...” “Não! Vamos conversar um pouco...”. Sabe a que horas terminou? Uma hora da manhã! (risos) Ele me contou isso outro dia. Perdi o meu negócio, perdi meu encontro, perdi tudo pra ficar com o Tancredo até uma hora da manhã, porque ele queria saber de outras coisas. A... a propósito, desliga um pouquinho pra não perder a sua fita. (pausa na gravação)

CF - Bom, dr. Fadul, então o sr. tava falando desses meses enquanto o sr. estava como deputado, antes da sua cassação, né/

WF - É, exato. Eu fiquei lá na Câmara e me irritava ir à Câmara porque eu... me habituei a ver num Congresso assim, uma escola de grandes homens públicos, né? Tanto na oposição quanto no governo, de pessoas, havia talvez uns poucos lá, que não merecessem consideração, mas a maioria era de pessoas de muito boa formação política, moral etc. Na oposição mesmo eu não faço nenhuma restrição, tem grandes nomes. E eu fiquei um pouco... olhando o Congresso assim, deprimido sabe. Deixei de ir. Acho que a minha cassação se deve a muitas coisas. Eu era um candidato imbatível pra algumas coisas. E era um candidato problemático pra eles porque... independente, fazia questão de colocar isso como uma qualidade ou defeito pessoal meu. E isso era um problema. Mas até isso eles tolerariam, era um meio de controlar a situação. Eu um dia, no Hotel nacional, tive uma... uma... acho que uma provocação (do general Meira Matos?). Um deputado estadual de Mato Grosso chamado (Espinelli?). Esse deputado me perguntou: “Você não está cassado?” Eu tava tomando um whisky com uma moça aqui do lado, né? E ele sentado com o general, aqueles bares muito apertadinhos, era assim...

CF - A distância mínima, né?

WF - Não sei por que eu virei assim aí... O Espinelli era um deputado de Mato grosso que se elegia de maneira bastante confusa, pra não dizer outra coisa. (risos) Mas aí perguntou pra mim assim: “Você não tá cassado?” Eu fui e disse a ele: “Ô Espinelli, você me conhece? Você sabe como é que eu me elegi no estado, ou não sabe? Quanto custou a minha eleição? De que forma eu me elegi durante esses três mandatos que eu tive? Você sabe, né? Por aí você vê... – (ri) aí eu disse uma frase – por aí você vê o juízo que eu faço do mandato do Castelo Branco.” Não tinha nada a ver com a história! (risos) Aí ele... o Meira Matos fingiu que ia levantar da mesa, eu disse: “Ele vai levantar e vem tomar as dores do Castelo...” Então vai ser hoje porque não tem outra solução. Mas aí ele sentou-se. Eu não sei por que, eu não conheço bem o general Meira Matos, mas eu tenho – sempre tive – uma péssima impressão dele. Ele é metido a intelectual, geo-político, escreve umas bobagens nos jornais de vez em quando... E eu não tenho boa impressão dele desde o tempo que ele era adido militar na Bolívia. E ele passava por Campo Grande, ele passava lá uma noite em Campo grande. Eu conheci ele major, né? Depois quando ele comandou o batalhão em Cuiabá, eu fui lá como ministro e o governador me ofereceu um jantar e ele compareceu ao jantar, nós tivemos uma conversa... cordial, quer dizer, longa, mas cordial e tal. Mas sempre tive uma impressão assim, uma reserva em relação a ele. Não sei dizer bem por quê. O fato é que no dia seguinte eu recebi um telegrama do Palácio, dizendo: “Pôxa, o que foi que você falou lá ontem no Hotel Nacional, que o Meira Matos teve aqui às 6 horas

da manhã e contou pro Castelo, fez não sei quê...” Fez aquela intriga normal que as pessoas fazem. Normal pra alguns, né? E aí eu acho que isso teve uma pequena influência na minha cassação, demonstrou realmente o meu estado de espírito, não é? Eu já não ia muito à Câmara e achava que pra continuar o mandato era difícil, se eu fosse eleito governador tinha que aderir ao governo, entendeu? Isso tudo tava pesando na minha...

CF - Um conjunto de coisas.

WF - (??) de circunstâncias. Eu aprendi uma coisa a respeito dos adversários, alguns eram meus amigos, alguns almoçavam comigo quase todo dia. Outros bebiam comigo até de madrugada como o Pedro Aleixo, muitas vezes eu levei-o em casa de madrugada. Ele não era jovem, já era um homem idoso, eu levava... levava em casa, batia na porta, a dona Mariquinhas que era a senhora dele, eu dizia: “D. Mariquinhas, eu trouxe o Pedro inteirinho pra senhora.” (risos) Gostava de beber na esquina também e tal e coisa. É... e... não sei se... o Tancredo ia todo dia almoçar comigo e tava com medo de ser cassado. Eu falei: “Tancredo, você não vai ser cassado. Você promoveu esses caras todos, assinou a promoção desses caras. Telefona pro... – disse assim – telefona pro Castelo, fala com ele que ele deve a promoção a vocês.” E... “Não, porque não sei o quê... e tal”. Mas ele ia todo dia almoçar na minha casa. Depois de 64. Até o dia em que passou a fase do (?). O episódio mais engraçado que ocorreu, foi o do Djalma Marinho, que era muito meu amigo. Também era um deputado muito conceituado, era um homem, um advogado... de muito boas qualidades profissionais e como homem, ele era um homem extremamente decente. E no dia da minha cassação, que foi na madrugada do dia 16... e eu tava na casa de um deputado lá do Ceará, cujo nome eu não me recordo. E ele foi e chegou lá, e chorando, chorou e me abraçou e disse..., eu tava pensando que era por minha causa realmente. Era em parte, né? Quer dizer, o Djalma era um sujeito muito bom, me abraçou e disse assim: “Mas como cassar um sujeito como você, que coisa terrível!” E aí, aí ele estragou um pouco essa emoção que eu tava sentindo já, disse: “Não, não se incomode, vamos tomar um whisky, isso faz parte da vida!” Disse assim: “E deixar aquele...” e aí disse um palavrão. “(???) (Aloísio Alves. (ri) Deixar aquele Aloísio Alves de fora!” Ele tava chorando não era por causa da minha cassação não, era porque o Aloísio Alves não tinha sido! Quer dizer, isso eu brinco, porque na verdade ele era muito meu amigo e era um sujeito muito bom. Mas ele foi lá me abraçar e no desabafo ele... ele fez uma comparação, o Aloísio não era uma pessoa muito ruim também... Era adversário político dele, agressivo, lá do Rio Grande do Norte. Inimigos mortais, digamos assim. Porque lá no Nordeste não tinha esse negócio de ser adversário não, tem inimigo mortal. (ri) Era um negócio que passava por esse episódio pitoresco da minha cassação. Foi o último episódio, no dia seguinte eu peguei um avião, vim pro Rio...

CF - Isso foi 16 de junho?

WF - 16 de junho. No dia seguinte eu peguei o avião, vim pro Rio de Janeiro, não voltei mais a Brasília. Só vou tornar agora. Eu sempre encaro fácil essas coisas porque nunca fui profissional desse negócio de politicagem, que isso é bobagem. Podia ter feito uma carreira era um governador nomeado do estado de Mato Grosso podia continuar na política até hoje. Mas isso... isso são fatos ocasionais, fortuitos na vida das pessoas. Você não pode fazer disso profissão. De repente você pode ser obrigado, como aconteceu em 64, em escolher entre aderir, entre aderir ou abandonar. Eu acho que às vezes o político nunca se deve pôr num ângulo agudo desses. Mas desde que ocorra, ele não tem alternativa, tem que seguir assim mesmo. A pior coisa que pode acontecer com um homem público é esse ângulo agudo. Não pode, não tem saída. A saída é sempre desastrosa, digamos assim. Foi o caso de 64. Era ministro do Jango. Podia pura e simplesmente negociar. Podia, muita gente fez. Mas pra mim não, eu não podia

fazer. Não tinha saída. Acho que isso (??).

CF - Mas dr. Fadul, logo depois... o sr. chegou a acompanhar a trajetória do Ministério da Saúde depois da sua saída? O sr. chegou a participar...?

WF - Sim, eu cheguei a acompanhar...

CF - Algumas pessoas continuaram no Ministério, né, pessoas que trabalharam com o sr. continuaram lá.

WF - É. O único que continuou foi o Limaverde, que voltou pra Saúde dos Portos, onde ele sempre quis ficar, não é? E... e outros, eu não me recordo bem, acho que a maioria se aposentou... O Lima ficou lá e eu acompanhei. E de fato eu fui observando uma coisa engraçada, à medida que o Ministério da Previdência ia assumindo o papel de financiador da saúde no Brasil, que foi o papel que ele assumiu... chegando a gastar 30% dos seus recursos orçamentários, que era um dinheiro provindo da contribuição obrigatória dos trabalhadores. No Ministério da Saúde havia convênios com as entidades privadas, à medida que o Ministério ia assumindo essa importância e o Ministério da Saúde ia perdendo significação, o Ministério da Saúde foi retornando, recuperando a sua capacidade de... de racionalizar o problema da saúde. Até que na 5ª conferência, que foi presidida pelo Aníbal Machado – Aníbal Machado, né? – é... eu já notei no documento da 5ª Conferência, sobretudo nos anais que ele me enviou com o cartão... O Aníbal Machado foi indicado e esse ministro mandou um cartão, eu fui ler e encontrei ali vários trechos... que de certa maneira consolidavam as conquistas da 3ª Conferência. Inclusive o problema da descentralização, havia vários discursos nessa linha, oficiais...

Fita 11 - Lado B

WF - ...vários discursos oficiais nessa linha, sabe?

CF - Mas isso o sr. acha que isso tem uma relação direta com o fato do ministro na época ser...

WF - Eu acho que tem relação direta primeiro com o fato do Ministério ter perdido importância. O Ministério da Previdência que tinha dinheiro, portanto o Ministério da Saúde ninguém procurava, o Ministério da Saúde pra nada.

CF - O sr. acha que enfraqueceu politicamente o Ministério.

WF - Enfraqueceu. Então nesse... nessa reavaliação dos problemas é que o Ministério foi realmente tomando consciência de que alguma coisa de errado existia no setor e eles passaram a olhar a necessidade de criar um Sistema Nacional de Saúde. Que foi realmente... é... nessa 5ª Conferência. E esse sistema era um sistema descentralizado, se lembra?

CF - As bases já estavam dadas pela 3ª Conferência, né?

WF - Pela 3ª. Mas já tinham esquecido isso durante muito tempo. Tinham esquecido. Mas é que o meu discurso na 17ª Assembléia Mundial de Saúde, era no sentido contra a... a política antidemográfica, etc e tal. Era aquela política de em vez dos recursos gastos na corrida

armamentista era destinado ao desenvolvimento dos países, de maneira que eles pudessem alcançar um nível de saúde... Sempre ligado ao problema da saúde, porque a Assembléia era de saúde, né? O Raimundo na Conferência seguinte, no ano seguinte, foi lá e fez um discurso inteiramente oposto. Inteiramente oposto.

CF - Raimundo de Brito.

WF - Raimundo de Brito. Inteiramente oposto. Porque o Raimundo de Brito não entendia rigorosamente nada. Isso eu posso dizer porque o Rafael de Almeida Magalhães é que me disse isso. É que quando ele era secretário do Lacerda, eu não discrimina ele e tal, porque o Raimundo fazia umas loucuras lá e eu que resolvia porque o Rafael se dava muito comigo, hoje nós estamos... não temos briga, mas não nos falamos há muito tempo. O Rafael foi lá um dia dizendo que o Raimundo tinha criado o Ano da Saúde, em 63. E... tinha programado o dia, vamos dizer, dia... – hoje é dia 12, né? – dia 15, pra... o dia da vacinação. Anti... contra poliomielite. E só que ele não tinha uma dose de vacina. Três dias antes não tinha uma dose de vacina. Então o Lacerda pediu ao Rafael que fosse lá no Ministério pra ver se eu conseguia. Eu tinha as vacinas, eu tinha 500 e poucas mil doses de vacina pro Brasil inteiro. Mas, eu fiquei numa situação delicada, primeiro porque eu não fazia mesmo discriminação, se ele tivesse me pedido antes eu teria até... projetado isso, planejado essa coisa. Mas eu fui e disse... e se eu negasse, o Lacerda que eu conheço bem, ia dizer: “Pôxa, tá discriminando contra o estado do Rio de Janeiro e tal...!” Aquela...

CF - Tá punindo a população...

WF - É. Punindo a população. (risos) Então eu falei: “Então, tudo bem. Quantas doses?” “500 mil doses.” “Mas 500 mil? Eu só tenho 520 mil doses na mão.” E dei as doses de vacina pra vacinar. O Raimundo era isso. Quer dizer, era um cara incapaz, se eu não desse, ele não vacinava ninguém. E ainda ia jogar a culpa em cima de mim! Então, nunca tive nenhum apreço pelo Raimundo de Brito. Eu sou uma pessoa muito franca. Não quer dizer que eu o conheça, que eu tenha coisas contra porque ele não fez nada contra mim, nada disso. Eu não tinha apreço pela pessoa dele como administrador de saúde. Eu não tinha nada... na secretaria foi um desastre (??) segundo eu pude comprovar através desses detalhes e depois quando ele foi ministro então... Tudo aquilo que a gente... tudo aquilo ele arquivou, ele destruiu, ele combateu. Ele foi o responsável... aquilo podia ter uma continuidade, mesmo precária, podia ter tido. Mas ele era tão incapaz e tão, acho que, envolvido, tão envolvido... E eu acho que a mulher tinha sobre ele uma ascendência muito grande. Me diz o Rafael que, (ri) a influência da mulher sobre ele era muito grande. Ele envolvia-se em política, né, ascendência a mulher que sempre tem sobre o homem, mas no caso da política ele não tomava decisão nenhuma. O Rafael chegou lá à uma hora da manhã pra discutir a sucessão do Lacerda. Ele queria ser sucessor do Lacerda. Ele já... já tinha havido a revolução, ele era ministro e tal. Então, uma hora da manhã, Rafael mandou cheio de precauções, tocou a campanha, o Raimundo o recebeu de pijama, de roupão e tal, um chambre lá, qualquer coisa e disse: “Vou chamar a Inês.” (risos) Chamou a Inês. A Inês entrou na sala, acordar a mulher a uma hora da manhã... pra participar de uma conversa de político. É como se a mulher falasse: “Vou chamar o meu marido...” a mesma coisa... Que besteira! Aí diz que quando ele terminou a exposição que era pro Raimundo desistir da candidatura, porque a eleição tá, tá, tá e tal... Interessava ao Lacerda fazer um candidato determinado e aí a d. Inês bateu na mão na mesa e falou: “O meu marido é candidato é está resolvido o problema!” (risos)

CF - Acabou. Era ela que falava por ele.

WF - Ela decidiu. Isso o Rafael me contou. Isso é verdade. (??) pitoresco, né? Anedotas, é do folclore da política local. Mas o Raimundo foi um homem muito prejudicial na pasta. Porque se fosse um homem como o Aníbal Machado por exemplo, eu tenho a impressão que seria diferente. Não é? Seria diferente. Havia o Roberto Campos no Planejamento que era muito contra a política que eu seguia no Ministério, porque era uma política anti-americana, e ele era americano não é brasileiro, (ri) não é, então ele que cria esse problema. Criava esse problema. Eu acho que ficava na mente dele essa coisa rodando. Mas se fosse um ministro com certa... certa... certo conhecimento de causa e engajado na solução nos problemas realmente, teria examinado o que tinha ocorrido com o pouco que serviu a repercussão que teve a Conferência, todos os jornais do país, que dizer, discurso meu publicado na íntegra, coisa que não acontece nunca hoje, ainda mais naquele tempo, né? E o Diário publicou na íntegra meu discurso e outros jornais também. Quer dizer, ele podia, se fosse um sujeito bem intencionado ou bem informado: “Não, vamos ver o que é que tem aqui que sirva e tal...” e daria pelo menos...

CF - Uma certa continuidade, né, dentro de uma certa...

WF - ... certa continuidade. (?) daquilo que ele considerasse exagero ou que fosse nocivo aos interesses da saúde, tudo bem, eu até admito que houvesse, pouco importa, isso depende da cabeça de cada um. Mas ele seguiria a orientação dos técnicos do Ministério. Porque não era um problema meu! Era dos técnicos do Ministério. Porque eu digo e repito, né, na apresentação daquele negócio. (falamos ao mesmo tempo ao fundo) É. Aquilo era um problema técnico, não era um problema meu. Eu não sou um técnico, eu sou político. A única coisa que eu fiz ali foi tomar a decisão de fazer aquilo. Depois de bem informado, eu tomei a decisão política de fazer. E me empenhei a fundo, participei e tal e fiz. Mas aquilo era um pensamento dominante entre os técnicos de Saúde Pública no Brasil. Como é hoje também, porque há essas divergências quanto à execução desse negócio que vai muito mal, por força da intromissão da Previdência nesse processo de contratar, de terceirizar a prestação de saúde às pessoas de baixa renda. Isso...

CF - Por que o sr. acha que o Ministério, quer dizer, que o Ministério da Saúde perdeu a força política?

WF - Na ocasião?

CF - É. Está vinculado diretamente ao orçamento, só por isso?

WF - Porque não tinha dinheiro. Qual é o prefeito que vai a um ministro... sabendo que é num outro ministério que o cara dispõe de dinheiro pra dar pra ele? Ninguém vai. Eu disse isso, eu disse (ia ser suspeito?), eu disse aqui em Curicica numa... eu fui chamado pra fazer uma Conferência aí, um curso, tinha uns custos de abertura de tuberculose, né, e eu fui chamado pelo Germano. Germano até me deu... me deu, tem um diploma do Germano. Tava revendo esse negócio, o diploma do germano: (ri) “Palestrou não sei que e tal...” Aquelas coisas assim. Eu disse lá: “Se fecharem o Ministério da Saúde... Falo com uma profunda mágoa, se fecharem o Ministério da Saúde hoje, não ocorre absolutamente nada no país. Porque todos os recursos disponíveis estão na mão do Ministério da Previdência. Também o Ministério pagou caro por isso. Porque faliu e com isso, desgrazadamente... a Previdência hoje está nesse estado (??)...

CF - É. Mas se... se depois desse período dr. Fadul, se tivesse, se a gente tivesse tido algum ministro com uma força política maior...

WF - Ah, sim!

CF - ... que pudesse reivindicar um aumento de orçamento, porque as coisas são muito ligadas, né? Ele enfraquece politicamente porque tem menos orçamento, mas o fato de ter menos orçamento é consequência de uma decisão política também, né? (ri)

WF - É, a decisão é política. Mas a decisão política foi engraçada porque o Ministério da Previdência não podia usar os recursos que não eram destinados à saúde na saúde pública.

CF - Não podia.

WF - Não podia. Isso é, os antigos recursos, eram dos previdenciários. Aquilo era Instituto de Aposentadoria e não de Saúde. Não tinha nada a ver com saúde. O Ministério tinha, sempre teve o seu orçamento próprio. O que ocorreu foi que com o Ministério da Previdência na ânsia de fazer... uma política que pode não ter sido preconcebida, mas foi um desastre, ela foi retrain, fazer retrain os estados, os municípios e a própria União, das despesas que tem de realizar com saúde. Você vê Minas Gerais chegou a gastar nesses últimos anos 0.9% do orçamento...

CF - Com saúde.

WF - ... com saúde, quando sempre tradicionalmente gastou 7, 8%. Porque se tem um trouxa pra pagar por que é que eu vou fazer isto? E isso foi um desastre total, porque envolveu a saúde, envolveu a Previdência e envolveu os gastos dos municípios e dos estados. Porque tradicionalmente o governo federal gastava 12%, os estados 7% e os municípios 4%. E ninguém gastava mais nada porque o dinheiro do contribuinte da Previdência que tinha um destino certo e determinado a longo prazo, passou a financiar a saúde, a terceirizar a saúde e a criar a indústria da internação no país. Isso foi criado a partir daí, a partir daí. Então, deu-se um rumo à saúde desastroso e não houve um ministro que resolvesse o problema, porque era um problema de governo, era do ministro. O ministro ficava de braço cruzado lá sem fazer nada. Fazia uma campanha de vacinação aqui, uma campanha de vacinação ali, mas a política de saúde ficava na mão da Previdência, porque ela que despendia os recursos. É... com que ela que mantinha todos os hospitais que foram se criando aí aos montes (???) ...

CF - Cresceu absurdamente.

WF - ... não sei se 4 ou 5 mil hospitais conveniados. Ainda ontem eu tava vendo isso. 40% das verbas (?) das verbas se destina... Hoje, os hospitais (?) já têm, porque antes era 70%. E o problema da internação se criou aquela... aquela síndrome da internação. O sujeito não procura o posto de saúde, não tem... era diretamente o hospital. Ele não... se criou um sistema de entrada, que tanto se falou na 5ª Conferência, o sistema de entrada, o sistema de saúde, via... a periferia do sistema. O sujeito já entrava no centro do sistema! É... tumultuando todo o processo. Compreendeu? Como acontece hoje. Os hospitais fazem fila por toda parte. (Como fala o ?) ministro aí, quer acabar com as filas nos hospitais. Pra ele acabar com as filas dos hospitais tem de virar de cabeça pra baixo a execução do SUS. Ele tem que partir da periferia pro centro e não do centro pra periferia. Que é o que tá pressuposto na conferência, né? Na 3ª Conferência. Mas ele disse isso, tudo bem, se ele quer acabar com as filas, ele não disse como, mas eu suponho que seja e só pode ser através da (reforma?).

CF - Dr. Fadul, vamos falar mais um pouquinho então, só pra gente fechar, a gente queria que o sr. falasse um pouquinho do Santiago Dantas. Até porque a gente queria fechar com aquela carta que ele mandou pro senhor..., né? Como ele foi uma pessoa, né, dentro do PTB, né, além

das relações pessoais que o sr. teve com ele... Eu acho que seria interessante pra gente recuperar um pouco, né?

WF - O professor Santiago Dantas... era um homem excepcional, desde jovem. Ele, num momento determinado da sua vida, ele resolveu fazer política. Política partidária com o objetivo certamente de alcançar uma posição proeminente na política nacional. Eu acho que ele aspirava ser presidente e acho que ele tinha direito de aspirar isso. (???) dos partidos, e isso aí demonstra esse quadro do crescimento do partido que o Partido trabalhista tinha uma flexibilidade suficientemente necessária pra crescer em todos os setores da sociedade. Quer na classe empresarial, quer na classe trabalhadora... nos meios nacionalistas que eram as Forças Armadas, em toda parte. A campanha era muito grande contra o partido por isso, porque ele era uma ameaça a todos esses interesses. O Santiago escolheu o PTB, eu tava no PTB. Escolheu e a primeira reação do partido foi muito ruim à entrada dele. Ele era... ele foi jovem ainda, formado e... muito culto, ele foi membro da Câmara dos Quarenta. Era um dos homens que integrava a grande Câmara dos Quarenta. E era um homem sempre, uma banca de advogados muito bem sucedida, na qual as questões mais bem pagas são aquelas que envolvem capital estrangeiro, essas coisas. Na defesa de grandes grupos, de grandes empresas, multinacionais e tal. Quer dizer, um homem de cultura, conhecendo profundamente bem direito civil, ele foi o catedrático mais jovem de direito civil no Brasil, né? Ele... ele tirou proveito dessa situação privilegiada, evidentemente enriqueceu e tal. E... mas o partido fazia uma oposição por essas duas razões. No fundo, no fundo, essa coisa de você mudar de posição é uma coisa muito importante e séria, mas você pode fazer, desde que você explique por que tá fazendo. Quer dizer, não sou obrigado a pensar da mesma maneira a vida inteira, se eu chegar à conclusão que tô errado. Isso não tem sentido.

CF - (?) de inteligência, né?

WF - ... Mas eu devo uma satisfação às pessoas com quem eu convivo. Eu tenho que explicar por quê. Não é? Tem que ser honesto nisso e transparente na decisão. O Santiago, então era... o pessoal fez uma campanha contra a entrada dele porque, mas não era por essas razões. Isso aí era um pretexto porque ele era um homem extremamente culto. E extremamente competente. Um homem excepcional, que é uma ameaça aos interesses cristalizados dentro do partido. Essa é que é a verdade. E eu logo me pus a serviço da entrada dele. Não o conhecia, fui conhecê-lo e achei que... eu lutava muito pra que o partido crescesse à base de gente dessa categoria, né? Levava todos os jovens que estudavam aqui no Rio, levava pro partido lá em Mato Grosso. Meu partido crescia em função de toda a juventude que se formava. Porque não encontravam espaço nos partidos conservadores que já tinham donos, mas encontravam no PTB uma liberdade total pra agir e se virar como quisesse e aparecer, compreendeu? Então o meu partido crescia muito em função disso. Aí arrastava a família, os pais e tal, era uma coisa engraçada o processo de crescimento do partido lá no estado. Nós saímos de 3% pra... 27% na eleição de 62. E, então o pessoal cristalizado dentro do partido – não era o caso do Jango porque o Jango gostava muito do Santiago – começou a fazer aquela campanha contra e tal, e o Jango não, insistia na entrada do Santiago e eu estive com ele e passei a defender a entrada dele e ele acabou entrando no partido. Eu era secretário, eu e o Doutel éramos secretários do partido. Então, insistimos (???) criamos o ambiente, ajudamos a criar um ambiente favorável ao Santiago. Mas o ambiente não era tão fácil, tanto que quando o Santiago subiu à tribuna pela primeira vez, já como deputado do PTB por Minas Gerais e foi pronunciar o seu primeiro discurso, ele subiu à tribuna sob vaia do PTB.

CF - Do PTB!

WF - Do PTB! Mas chegou lá, depois de 5 minutos, né, tava sendo aplaudido porque é a vantagem da pessoa ter um certo mérito, uma certa... certa, ter feito um sacrifício na vida e ter aberto um livro, né? Ter se educado convenientemente. O Santiago ficou muito meu amigo. Não era uma intimidade que a gente pudesse dizer assim: “Vou entrar na casa dele a qualquer hora.” Mas nós nos falávamos diariamente quase. Toda a reunião era imprescindível que eu estivesse e o Santiago também. Porque todo mundo discutia e o Santiago após a discussão pegava uma folha de papel e resumia aquilo, daquela maneira que ele resumiu naquela vez. (??) Era uma pessoa excepcionalmente capaz. O Santiago...

CF - Como é que o sr. vê a atuação do Santiago dentro do PTB? Ele foi uma pessoa muito importante, né? Em determinado período.

WF - Não, ele não foi presidente do PTB não.

CF - Não, não. Como presidente não. Dentro do PTB.

WF - Ah! Pois é, ele...ele... logo ele aglutinou... as pessoas, os mesmos que não gostariam de tê-lo no partido, passaram a ver nele a grande figura do partido. Quer dizer, um dos nomes, vamos dizer assim, da elite partidária. Porque ele realmente era, era isto. Não era favor nenhum. E ele passou a ter uma influência muito grande no partido. Mas ele era um cara muito bom. Muito bom. Numa ocasião eu tava lá em Cuiabá fazendo um comício em 60, o Santiago desembarca lá pra participar do meu comício. Foi e participou do meu comício lá. Ele era meu amigo mesmo. O que ele diz na carta, não tem nenhuma hipocrisia nisso. Embora nossas relações fossem muito... eram cordiais, eram amigas, mas não era aquela intimidade frouxa das pessoas que: “Não, deixa pra amanhã...” Não, era uma coisa que ele levava a sério. Ele escrevia, eu respondia. Tivemos alguns episódios muito interessantes nessa vida em comum dentro do partido. Aí ele acabou entrando pro partido e passou a ser visto, na ausência do Jango, na impossibilidade do Jango, de ser o candidato do partido à presidência da República. E era isso também que influenciou muito no espírito do Juscelino a não se empenhar na defesa do Jango. Porque o Juscelino temia a candidatura do Santiago, não temia o Lacerda, mas temia a candidatura do Santiago. Porque levaria ou à vitória do Santiago ou à vitória do Lacerda, mas não à dele. Compreendeu? Isso tudo é a importância do Santiago nesse jogo de carta e tal. A nossa grande... enfim, tristeza, foi quando o Santiago teve um tumor no seio. Foi em dezembro de 61. Foi dezembro de 61. É. O Jango tinha tomado posse há pouco tempo, tinha tomado posse em setembro... e ele operou. Encontrei com ele num natal na casa do ministro da Aeronáutica. Houve uma festa na casa do ministro e nós nos encontramos lá e ele tava ainda enfaixado, disse: “Ah, acabei de operar é... um... fiz uma operação, coisa sem importância, coisa ligeira...” E não comentamos mais. Mas depois eu soube que o assunto era um pouco mais grave. Houve muitos episódios nas minhas relações com o Santiago, (alguns ângulos da política?) importante. Uma vez ele me disse, em dezembro de 63, num almoço – ele só almoçava comigo lá no Bife de Ouro, ele tinha um remédio dele lá. O *maitre* vinha trazer o remédio e tal. E eu peguei um copo de vinho, ele era muito... conhecia muito bem culinária, sabia disso? Ele tem um livro publicado sobre culinária (?) e conhecia vinhos muito bem, mas não bebia. – e aí ele me disse: “Fadul, eu tô achando presidente João Goulart muito... muito rápido, muito ligeiro, com muita velocidade nesse processo.” Eu disse a ele... eu ouvi as ponderações dele, quando ele terminou, eu disse: “Santiago, eu vou lhe dizer uma coisa, eu não acho o presidente veloz nisso, eu acho que o sistema político tá numa velocidade tão grande que se o presidente não acompanhar, ele sai na tangente desse processo. Tá sendo forçado, forças diversas, contraditórias. Uma vez olha pra um lado, acerta no outro, nos dois extremos. A caminhar e ele... esse projeto tá adquirindo uma

tal velocidade que ele tem que fazer o sistema com esse processo, sob pena de ser cuspidado pra tangente dele. Você que é talvez a maior figura do partido e que sempre foi o maior conselheiro do presidente, você não vai ao Palácio há mais de 6 meses. Por que você não telefona pro Jango e conversa com ele? Porque não se trata mais de defender o Jango ou o Juscelino em dezembro, se trata de defender as instituições! O Jango agora não tem mais importância, ele foi presidente e o presidente se vai fazer reforma ou não vai fazer reforma é um outro assunto! Agora, o sistema é que tá correndo risco por causa dessa velocidade, não é o presidente. E você precisa dar uma palavra sobre isso. Por que é que a gente não promove uma defesa das instituições? Não a defesa do Jango, não a defesa do PTB! Porque a coisa é maior do que isso, é a defesa do próprio sistema democrático. Que tá em risco, você sabe que tá. Gravemente em risco.” Ele parou, falou: “Você tem razão.” E marcou ali mesmo uma entrevista com o Jango. Foi ao palácio, conversou com o Jango. Foi pra Petrópolis e de lá me mandou um bilhete, o esboço de uma Frente Nacional em Defesa das Instituições. (???) o homem tava doente, veja você. Ele morreu em 65. Em 63. Mandou um bilhete assim: “Eis o resultado da digestão da nossa conversa!” E me mandou essa... (risos) “Passe aqui em casa pra gente conversar.” Eu passei depois do almoço na casa dele, ele me contou que tinha estado com o Prestes. Tinha estado com o Prestes em Petrópolis e tinha estado com o Amaral Peixoto e que o próprio Lacerda estaria disposto, não é, a compor isso, quer dizer, a assinar um documento comprometido com as defesas das instituições. Agora, lamentavelmente, e eu não posso deixar de lhe dizer, nesse meio tempo quando os jornais publicaram toda essa matéria e o Santiago envolvido nessas composições que eu tinha bastante imaginação, quem podia executar era ele. Tinha acesso a tudo isso, compreendeu, pelo telefone. O que eu disse que era uma coisa ainda informe, ele transformou num projeto, compreendeu, num fim de semana em Petrópolis e pôs em execução! Isso tava pronto e talvez fosse a defesa, fosse a nossa salvação, quando o Brizola no Rio Grande do Sul torpedeou a Frente declarando que não se sentaria à mesma mesa que o Amaral Peixoto. Porque evidentemente que a Frente criando as condições de uma sucessão tranqüila, podia fazer o Santiago candidato, mas não o Brizola, compreendeu? Podia até ser o grande candidato da República. Se ele ainda tivesse vivo, ele morreu logo depois das eleições de 65, que devia ser em 65, o... isso tem um episódio pra você, mas o episódio...

CF - Essa aí é a frente, essa proposta dessa aliança acabou.

WF - Ele morreu em dezembro. Em dezembro, você pode ver nos jornais, dezembro de 63. Em consequência, em princípio de janeiro você vai encontrar uma história dessa Frente aí. Não vai encontrar o meu nome certamente porque esse assunto foi... também não tinha nenhuma importância. Eu quis usar o Santiago pra isso já que ele tinha feito a crítica ao presidente. O presidente não tinha culpa não. O Jango era uma das pessoas, eu fui convidado hoje pra falar lá na Assembléia Legislativa no dia, na quinta-feira que vem. Eu não vou estar lá porque eu vou pra Brasília. Eu vou levar a minha filha que é doente...

CF - Assembléia Legislativa aqui do Rio.

WF - Aqui do Rio, é. Fui convidado pra ser o orador oficial da solenidade em homenagem aos 20 anos da morte do Jango.

CF - Mas o sr. não vai poder ir.

WF - É, na quinta-feira eu marquei, o Campos da Paz marcou. Minha filha precisa fazer uma operação grande e ela é incapaz, é excepcional. Então eu não posso deixar de ir.

CF - Tem que estar junto lá.

WF - E tá marcado há 15 dias isso. Então marquei a minha viagem de terça-feira pra voltar quinta. Mas eu vou chegar aqui às 9 horas da noite, a sessão é às 7 horas, quer dizer... fazer, então eu lamentavelmente eu tive que dizer que se há uma pessoa que eu admiro é o Jango, sob todos os aspectos: quanto à educação, quanto à generosidade, quanto ao patriotismo dele em relação às reformas, é... persistência na luta política das reformas. E sou eu um dos sobreviventes do governo dele. Um dos poucos: eu, Darcy e outros 2 ou 3. E eu gostaria imensamente de estar presente e testemunhar isto. Até pra desfazer certa imagem negativa que a imprensa durante esses 20 anos construiu ou tentou construir a respeito do Jango. Tão negativa que nós fizemos agora uma sessão em Brasília no Congresso Nacional, os jornais não publicaram uma linha sobre isso.

CF - É, isso é um absurdo.

WF - Uma linha sobre isso. O que é a ligação do passado com o presente é um pouco através dessas coisas. E com as mesmas forças que continuam empenhadas em... em calar uma voz que já está muda há 20 anos, compreendeu, mas que foi a voz que ressoou pelo país como eco das aspirações maiores que a Nação teve durante esses últimos 30 ou 40 anos. Por aí você vê o ódio... e eu gostaria de falar nessa Assembléia até pra dar a minha pequena contribuição à mudança desse pensamento de uma geração que não participou disso, não acompanhou. Porque não conheceu Jango, eles chamavam de uma pessoa até humilde, não era humilde não. Ele era um sujeito acessível, generoso, fácil de dialogar. Ele ouvia você, embora às vezes não concordasse, ele procurava uma forma de encaixar o que ele achava, de construir alguma coisa de útil com a sua conversa. Ele era um homem assim. Então, era um homem preparado, falava muito bem. Ninguém chega a presidente da República sendo um analfabeto e imbecil como eles fazem crer que o Jango fosse. É ou não é verdade? Ninguém chega lá nessas condições. Isso é uma balela pro povo ignorante que mal saiu da escravidão como o nosso. Essa é que é a verdade. Bom, então eu gostaria de dizer isso em público, mas não sei se vou poder fazer. Mas o Santiago era então essa figura. Mas o fato que pessoalmente me deu do Santiago a dimensão enorme dele... (interrupção da fita)

Fita 12 – Lado A

WF - ... um fato que não tem significação política, na medida em que é um fato pessoal, estritamente pessoal, íntimo. Nós estávamos numa reunião na casa do deputado Bocaúva Cunha, discutindo o ministério que ia ser formado a partir de 20, de 27 de junho.

CF - Em que ano?

WF - De 63. O ministério do qual Santiago era o super-ministro, tinha acabado...tava renunciando, e se ia constituir um novo ministério, e tava na casa do Bocaúva se discutindo isso, uns 15 ou 20 parlamentares, o Santiago já doente, ...doente avançado. Ele, ...ele, de repente eu senti, tava sentado numa cadeira, e de repente encostou assim na cadeira, eu senti que tava muito desconfortável, foi um gesto muito rápido assim na fisionomia dele, eu notei que ele estava sentindo dor, até porque como médico a gente percebe mais facilmente essas coisas. Mas ele ficou ali e nós ficamos até uma hora da madrugada, discutindo aqui, conversando ali e tal, nós estávamos pensando as linhas do ministério, as linhas da política que o ministério tinha que

seguir dali para frente. Quando chegou na hora de nos despedirmos, ele me disse: “você pode me levar até o hotel.?” e eu fui respondi: “Mas com prazer, o meu carro tá aí na porta, nós vamos juntos”. Eu mesmo dirigia meu carro, e ele entrou no carro, nós fomos até o hotel nacional, onde ele tinha um apartamento. Ele falou: “sobe comigo até o meu apartamento”. Subi com ele até o apartamento e ele virou-se para mim e disse assim: “eu pedi para você vir até aqui, porque eu preciso tomar uma injeção. Vou me preparar e quero que você me dê a injeção, e depois você sai e bate à porta”. Eu falei: “pois não”. Ele foi lá dentro se arrumou e tal. Veio de pijama, abriu uma pequena bolsa, tava seringa, tava injeção. Eu pego a injeção, era uma injeção de morfina.

A.B. - De tanta dor que ele tava.

WF - Mas sem trocar uma palavra. Eu peguei a injeção, preparei, ele deitou-se e eu apliquei a injeção, e eu esperei dois ou três minutos, quando ele começou a adormecer, eu fui até a porta, bati a porta do quarto e sai. No dia seguinte, ao meio dia, eu liguei para ele, não por curiosidade nenhuma, mas porque sentia ali aquele gesto estóico do Santiago, de não se queixar, de não dizer uma palavra, de nunca ter comentado comigo a doença dele, ter dito nada sobre nada, até aquele momento. Eu perguntei...eu telefonei no dia seguinte para saber como ele estava: “Santiago, como você vai, dormiu bem, passou bem?” ele disse: “Fui ao raio x agora, e infelizmente eu fraturei uma costela”. Ele teve uma fratura espontânea de costela, nós chamamos espontânea porque sem uma causa evidente que justifique a fratura, que é geralmente uma metástase cancerosa que produz. Aí ele disse isso: “eu tive uma fratura”, fratura de costela é um troço extremamente doloroso.

CF - Eu imagino.

WF - Quando ele encostou na cadeira na hora que...ele fraturou a costela, depois ele ficou até uma hora da manhã, discutindo esses problemas, sem trocar uma palavra, sem se queixar de nada, me levou lá, me fez dar a injeção, tudo sem trocar uma palavra sobre a doença dele. Quer dizer...olhando assim ao longo da minha vida, vivendo coisas e lendo coisas desde o princípio desta civilização, a única coisa que eu poderia comparar o Santiago, seria com àqueles melhores estóicos, já na decadência da filosofia grega, aqueles estóicos que tinham esse tipo de comportamento. O Santiago...acho que esse episódio, define o Santiago como ser humano, e aí incluí política, incluí tudo o mais que você possa imaginar. Eu não poderia...esse episódio eu nunca contei a ninguém, porque...é um negócio que me calou muito fundo, poucas vezes vi as pessoas, poucas vezes., acho que não vi nenhum igual, com um comportamento desse tipo diante daquilo que era... a morte em si, porque é ao que ele estava condenado, à morte. Nunca se queixava, nunca dizia uma palavra. Lembro que eu tinha almoçado com ele uma semana antes dele morrer, aqui no Copacabana Palace, nunca deixou...nunca se deixou dominar pela coisa. Meu último encontro com ele foi no Copacabana, ele me telefonou, queria almoçar comigo. Chegando no Copacabana, almoçamos, conversamos durante duas horas, e depois ficamos passeando ali em frente ao Copacabana, de braço comigo ele me disse: “Fadul chamei você para almoçar, porque eu acho que essa ditadura militar ameaça permanecer e marcamos para discutir um assunto que é da maior importância, que é a dissolução dos partidos políticos, (?) para ver se a gente consegue,(?), eu não quero pensar isto só, então pediria a você para dar uma olhada nisso pra gente voltar a conversar. Eu vou a Belo Horizonte fazer uma palestra e na minha volta, eu te telefono para a gente continuar essa conversa, mas queria que você pensasse nisso, sondasse alguns companheiros, (?) os meios aqui, tem uma saída por aí”. Ele foi a Belo Horizonte e fez. A palestra que ele se referiu, porque na Última Hora deu tanto assim, não se eu tenho por aí, que é sobre as causas da derrocada do governo João Goulart. Ele cita umas três

ou quatro, cita várias, a perda de eficiência, uma delas era essa perda da eficiência da atividade governamental por força daquele ambiente de conflito político. “Embora...embora alguns ministros como Sr. Wilson Fadul” ... aí ele cita meu nome, vê que coisa, “tenha dado...tenha dado uma grande demonstração de competência, fez um elogio...”, tá num recorte da Última Hora, não sei se de que data, mas foi na véspera dele morrer, ele morreu em setembro, eu acho de 65, as eleições já tinham ocorrido ou estavam para ocorrer. Mas quando Castelo dissolveu os partidos políticos, eu fiquei sempre com a impressão de que evidentemente Santiago deve ter conversado outras pessoas, e isso deve ter gerado, na cabeça do Castelo a idéia, com outros intuitos de dissolver os partidos políticos. Foi o último encontro que eu tive com Santiago, porque eu ainda estava em Macaé, na casa de meu pai descansando, na semana seguinte, quando meu pai entrou em casa e disse: “sabe quem acaba de morrer?” eu falei: “não”, “o Santiago Dantas”.

CF - Alguns dias depois.

WF - Na semana seguinte ele falou em Belo Horizonte, e naqueles dias seguintes ele morreu. Dois ou três dias depois. Eu tava me preparando para terminar o fim de semana vir para o Rio, pra me encontrar com ele, pra gente examinar esse quadro melhor e tal. Era muito confusa a proposta, não tinha ainda nitidez nenhuma, mas ele estava com expectativa de que a ditadura tivesse uma solução, uma saída. Era uma impressão ilusória evidentemente, porque havia muitas complicações. As ambições já tinha sido (?) no seio do exército, das forças armadas, todo mundo queria ser Presidente da República, qualquer imbecil se considerava com títulos suficientes para exercer a função, aí ficou um problema difícil. Mas sobre o Santiago, realmente o que me fica dele é essa figura que realmente, num conjunto de qualidades que dificilmente você encontra num ser humano, dificilmente...deve existir, evidentemente que existe, mas eu não tive convivência com ninguém melhor que o Santiago; sobre esse aspecto, condições intelectuais, contudo e sobretudo uma capacidade de enfrentar diversidade tal como ele enfrentou ali, isso realmente não.

CF - A gente podia pegar, o senhor não queria ler pra gente, a carta que ele lhe mandou...

WF - Das condecorações que eu recebi na minha vida como eu disse a você, e que eu não guardei, por que eu acho que as condecorações não tem importância... (barulho do papel). Está aqui a carta com a letra dele, original.

AB - Essa condecoração que o senhor guarda?

WF - É essa aqui. Agora você vê que coisa. Ele me escreveu, no dia 15 de junho de 64 de Viena, onde ele estava em tratamento. No dia da minha cassação, ele escreveu: “Meu caro Fadul, chegou-me hoje a notícia da cassação dos seus direitos, e não lhe preciso dizer com que sentimento de revolta a recebi. Desde o início do nosso convívio aprendi a estimar seu equilíbrio e seu espírito público, e foi com orgulho de amigo que acompanhei ainda que de longe a sua gestão no Ministério da Saúde. Você deu em poucos meses a medida de sua capacidade, e nenhuma sanção política lhe tirará os direitos que tem ao reconhecimento do nosso partido e do nosso povo. Receba o meu afetuoso abraço. Santiago Dantas, Viena, 15 de junho de 1964.”

CF - Essa é uma notícia que saiu no...?

WF - Esse aqui é o Última Hora, eu não sei a data, mas foi logo depois que ele, Santiago, falou em Belo Horizonte.

CF - Na palestra em Belo Horizonte.

WF - “Durante reunião de PTB mineiro, aqui compareceu juntamente com o Senador Camilo Nogueira da Gama, o deputado Santiago Dantas explicou ontem os quatro pontos, que na sua opinião determinaram a queda do senhor João Goulart, são eles: radicalização para esquerda, contra a qual tentou opor o esquema da frente ampla...”. É a frente de dezembro-lembra?

A.B.- Da resistência do Brizola.

WF - Ta registrado né. “... queda global da eficiência administrativa, apesar de alguns ministros como o senhor Wilson Fadul terem apresentado alto rendimento; os episódios de indisciplina militar tratados com indulgência pelo governo e a pressão exterior que não apelou para a intervenção direta, criou condições para deposição do então presidente”. Esse é o resumo da palestra em Belo Horizonte a que ele se referiu, por acaso tava junto com a carta eu nem sabia, botei aqui (?) porque eu tirei uma fotocópia da carta e botei num quadro, como única condecoração que eu realmente respeito. Tudo o mais para mim não vale nada, é fantasia. Coisas das vaidades humanas, você... (voz no fundo).